



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - DEHIS
DISCIPLINA: PESQUISA HISTÓRICA II /2013.1

JÔNATAS FERREIRA DE LIMA

**JERUSALÉM: A ÚLTIMA FRONTEIRA NO ORIENTE –
A CONQUISTA DA JUDEIA (70 E.C.) NAS *HISTÓRIAS* (LIVRO V) DE
TÁCITO**

**NATAL/RN
2013**

JÔNATAS FERREIRA DE LIMA

**JERUSALÉM: A ÚLTIMA FRONTEIRA NO ORIENTE –
A CONQUISTA DA JUDEIA (70 E.C.) NAS *HISTÓRIAS (LIVRO V)* DE
TÁCITO**

Monografia submetida ao Departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador(a): Dr^a Márcia Severina Vasques

NATAL/RN
2013

JÔNATAS FERREIRA DE LIMA

**JERUSALÉM: A ÚLTIMA FRONTEIRA NO ORIENTE –
A CONQUISTA DA JUDEIA (70 E.C.) NAS *HISTÓRIAS* (LIVRO V) DE
TÁCITO**

Monografia submetida ao Departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Dr^a Márcia Severina Vasques.

Aprovada em ____/____/2013.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a Márcia Severina Vasques (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Professora Dr^a Lyvia Vasconcelos Baptista (DEHIS)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Professor Dr Roberto Airon Silva (DEHIS)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

DEDICATÓRIA

À minha família, aos colegas e aos honoráveis leitores.

AGRADECIMENTOS

À minha Orientadora, a profa. Dr^a Macia Severina Vasques, pela compreensão e disponibilidade para me ajudar nesta pesquisa. Também pela ajuda com as referências, estudos direcionados, dicas, correções e pela simpatia;

Aos meus professores do curso de História, pela teoria, metodologia, bibliografia e competência;

À profa. Margaria Dias, por ter me inserido no mundo acadêmico no meu primeiro ano de curso;

Ao prof. Sebastião Vargas, pelo apoio ao estudo dos temas incomuns;

Ao prof. Wicliffe Andrade, pela teoria e disciplina;

Ao prof. Raimundo Nonato, por me instigar a questionar e a discutir;

À profa. Fátima Lopes, por me ajudar no tempo em que trabalhei com documentos antigos;

Ao prof. Mariano Azevedo, por me apresentar à Nova História;

À profa. Crislane Barbosa, pela didática.

À profa. Aurinete, pela mãe que ela é para este curso de História;

Ao prof. Alex Degan, pela incrível ajuda me enviando muitas bibliografias, para o presente e para o futuro;

Aos colegas que fiz durante meus estágios e durante o curso;

Aos meus companheiros de Biblioteca do TRE-RN – Carlos, Teresa, Fátima, Francisca, Francly e Ana Paula, pela simpatia de todos e pela disponibilidade daquela super impressora!

À minha turma 2008.1;

À minha família;

À família “CEFET”;

Aos *chaverim*!

Legis uirtus haec est: imperare, uetare, permittere, punire
(Este é o poder da lei: ordenar, proibir, permitir e punir)

Imperador Justiniano

ב"ה

*Ul'fi shechatánu lefanêcha anáchnu vaavotênu, charva irênu, veshamen Bêt Micdashênu,
vegalá iecarênu, venutál cavod miBêt chayiênu*
(Mas como nós e nossos pais pecamos contra Ti, nossa Cidade foi destruída, nosso Santuário
foi devastado, nossa glória foi desterrada, e a honra retirada da Casa de nossa vida)

Sidur – livro de ritos judaicos

RESUMO

A fonte mais conhecida e estudada sobre a Primeira Guerra entre judeus e romanos, certamente é *Bellum Iudaicum* de Flávio Josefo. Esta se trata da obra mais consultada quando queremos estudar as relações estabelecidas entre os judeus e os romanos no século I E.C., principalmente, quando objetivamos lidar com Identidades e Alteridades no Mundo Antigo. No entanto, outro autor dedicou um espaço em uma de suas coletâneas de livros. Falamos de Tácito. Este autor viveu entre 55-120 E.C., mas só passou a produzir obras a partir de 98 E.C., com sua *Germânia* e *Vida de Agrícola*. Mas foi em sua obra *Histórias* (105 E.C.), no seu quinto livro, que encontramos a narrativa desse conflito, cujas devidas atenções daremos nesta produção monográfica. Para o esclarecimento dessas relações judaico-romanas, segundo a ótica de um autor necessariamente romano, optamos por discutir temas como *Imperialismo*, *Romanização* e *Identidade* na Roma Antiga. Além destes, buscamos situar os romanos (os gregos) e os judeus no contexto que precedeu essa primeira guerra em 70 E.C., isto é, como se deram as negociações entre esses grupos humanos nesse período. As culturas judaica, romana e a de alguns outros povos, terão espaço célebre neste trabalho. Isto seria importante para buscarmos entender os alicerces por trás da eventualidade do conflito. Apresentaremos e analisaremos a fonte (o *Livro V*), em seus treze primeiros capítulos, incluindo uma tradução em língua portuguesa, objetivando o acesso dos falantes desta, à leitura na íntegra dessa fonte latina.

Palavras-chave: Tácito; imperialismo romano; Josefo; primeira guerra judaico-romana; Identidades no mundo romano.

ABSTRACT

The most notorious and studied source about the First War between the Jews and Romans is the *Bellum Iudaicum* of Flavius Josephus. It is the most consulted work when we want to study the relations between Jews and Romans on the 1st century AD, especially when we aim to deal with identity and alterity in the Ancient World. However, another author has dedicated a space in one of his books' productions. We are speaking about Tacitus. This author lived between 55-120 AD, but he only began to produce his works since 98 AD, with *Life of Agricola* and *Germania*. But it was on *Histories* (105 AD), in the 5th book, we find the story of this War, which we will to give the necessary attention in this monograph. To explain these Jewish-Roman relations, from the viewpoint of a Roman writer, we chose to discuss *Imperialism*, *Romanization* and *Identity* terms in the Ancient Rome. In addition, we seek to situate the Romans (also Greeks) and Jews in the context that preceded this War in 70 AD, *i.e.*, how they gave the negotiations among these human groups through this period. The Jews, the Romans and some other groups have a celebrated space in this work. This would be important to seek to understand the foundations behind this conflict's event. We present and analyze the source (*Book V*), in his first thirteen chapters, including a translation into Portuguese, aiming to access the speakers to reading in the entirety of this Latin source.

Keywords: Tacitus; Roman imperialism; Josephus; the First Jewish-Roman War; Identities in the Roman world.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Judeia no período Helênico (328 – 63 A.E.C.)	85
Figura 02 – Judeia no período do século I E.C.....	86
Figura 03 – Principais construções da Judeia no período de 37 A.E.C. à 70 E.C.	87
Figura 04 – Império Romano sob Trajano (em 117 E.C.)	129
Figura 05 – Império Romano no tempo dos quatro imperadores (68-69 E.C.).....	134
Figura 06 – Primeira rebelião da Judeia (66-73 E.C.).....	171
Figura 07 – Arco do Triunfo de Tito (81 E.C.)	196
Figura 08 – Detalhe do relevo no Arco	196

ABREVIACÕES

a.C. – antes de Cristo

A.E.C. – Antes da Era Comum

AJ – Antiguidades Judaicas

apud – citado por

AT – Antigo Testamento

BH – Biblioteca Histórica de Diodoro Sículo

BJ – Bellum Iudaicum (Guerra dos Judeus)

CA – Contra Apionem (Contra Ápio)

cap. – capítulo

cf. – confira em

d.C. – depois de Cristo

Dic. – Dicionário

E.C. – Era Comum

e.g. – exempli gratia (por exemplo)

Hist. – História

i.e. – id est (isto é)

ibid – na mesma obra

idem – mesmo autor

loc. cit. – no lugar citado

NT – Novo Testamento

ONU – Organização das Nações Unidas

op. cit. – obra citada

SPQR – Império Romano

Tanach – Torá (Lei), Neviim (Exortadores), K'tuvim (Escrituras) – *ch* lê-se como “j” do espanhol

OBSERVAÇÃO: os textos hebraicos e gregos foram todos transliterados para o nosso alfabeto (representação fonética).

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	08
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – TEORIA E CONCEITOS: OS ALICERCES DO CONHECIMENTO HISTÓRICO.....	26
1.1 UM BREVE ENSAIO: <i>HISTÓRIA</i> E “HISTORIADORES” NA ANTIGUIDADE	27
1.2 A HISTORIOGRAFIA DAS HISTÓRIAS	31
1.3 A HISTÓRIA SE FAZ COM DOCUMENTOS E REFERÊNCIAS	38
1.3.1 A província da Judeia e suas referências	40
1.3.2 O Império Romano e suas referências.....	42
1.3.3 Referências para o trabalho com a fonte.....	44
1.4 SOMOS RECHEADOS DE CONCEITOS.....	47
1.4.1 Por que não utilizamos o conceito de <i>Romanização</i> ?	47
1.4.2 David Mattingly e seu conceito de <i>Imperialismo</i>	52
1.4.3 Como é complexo esse conceito de <i>Identidade</i>	58
1.5 O QUE TEREMOS PELA FRENTE?	63
CAPÍTULO II – OS JUDEUS E A JUDEIA NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA – UMA BREVE BIOGRAFIA DO ROMANO TÁCITO	65
2.1 JUDEIA E JUDEUS ENTRE HELENOS E CRISTÃOS: CASOS DE IDENTIDADE E ALTERIDADE.....	66
2.1.1 Concepções de “Novo” e “Velho”: identidade e alteridade entre cristãos e judeus.....	67
2.1.2 Judeus no mundo heleno e romano: uma breve explanação	71
2.1.3 O problema dos conceitos anacrônicos: <i>religio</i> x religião; <i>galut</i> x exílio	73
2.1.4 Casos de discrepância e respeito entre judeus e helenos.....	76
2.1.5 Breve etimologia da palavra “Judeia”	81
2.2 TERRITÓRIO DA JUDEIA SOB DOMÍNIO ROMANO NO SÉCULO I E.C.	83
2.2.1 Mapas da Judeia sob domínio Heleno e do Império Romano (até o século I E.C.).....	85

2.2.2 A Judeia entre judeus e romanos: casos de identidade e alteridade em Flávio Josefo.....	88
2.2.3 Estruturas do poder romano na Judeia: província, <i>imperium</i> e evergetismo.....	93
2.3 BREVE BIOGRAFIA DO ROMANO TÁCITO (55-56 à 117-120 E.C.).....	104
2.3.1 Tabela cronológica: Roma, Judeia, Tácito e outras províncias	111
2.4 O QUE TEREMOS NO PRÓXIMO CAPÍTULO?.....	118
CAPÍTULO III – OS JUDEUS NAS <i>HISTÓRIAS</i> DE TÁCITO: UMA VISÃO ROMANA DOS COSTUMES E DA GUERRA DA JUDÉIA (70 E.C.)	120
3.1 UMA HISTORIOGRAFIA TACITEANA	121
3.1.1 As <i>Histórias</i> de Tácito.....	126
3.1.2 Os judeus na ótica de alguns autores anteriores a Tácito.....	137
3.2 A CONQUISTA DA JUDEIA NAS <i>HISTÓRIAS</i> DE TÁCITO.....	154
3.2.1 O <i>Livro V</i> das <i>Histórias</i> de Tácito: capítulos 1 ao 13.....	156
3.3 JERUSALÉM: A ÚLTIMA FRONTEIRA NO ORIENTE	168
3.3.1 A história da Guerra da Judeia: capítulos 1; 11 ao 13.....	169
3.3.2 A história política da Judeia: capítulos 8 ao 10	175
3.3.3 Geografia e Recursos da Judeia: capítulos 6 e 7.....	178
3.3.4 As origens dos judeus e seus costumes: capítulos 2 ao 5.....	180
3.4 A OBSERVAÇÃO DO “OUTRO” NA “RETÓRICA DA ALTERIDADE”	190
3.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO III	193
CONCLUSÃO.....	197
BIBLIOGRAFIA	201
ANEXO A – FYFE (1912).....	215
ANEXO B – RAMSAY (1915).....	234
ANEXO C – MOORE (1931).....	256
ANEXO D – VER. ITALIANA	271
ANEXO E – CAP. 2-5 PORTUGUÊS.....	287

INTRODUÇÃO

A Guerra dos Judeus (contra os romanos) ocorrida entre 66-73 do calendário comum (ou Era Comum – E.C.) consagrou seu principal intérprete: Flávio Josefo.¹ Este autor descreveu a Guerra com olhares judaicos, ou melhor, de um judeu que servia ao imperador Vespasiano. Tal situação, de certa forma, tornou nebuloso qualquer outro ponto de vista acerca deste fato. Não é que outros autores entre o final do século I e todo o século II não tenham dedicado alguma produção sobre o ocorrido, pois, notemos que não identificamos subitamente outro, senão o próprio Josefo. Se pararmos para pensar um pouco mais, remetemos exatamente ao romano Tácito, que produziu vastas obras que abarcam temas da República e do Império Romano e seus respectivos governantes. Quando identificamos Tácito, nos referimos a sua obra *Historiarum*, uma coletânea de 12 a 15 livros dentre os quais chegaram até nossos dias os cinco primeiros. A posterior, no decorrer deste trabalho monográfico, será feito um comentário geral sobre esta obra. Contudo, o foco desta pesquisa será exatamente o quinto desses cinco livros. Trata-se de um pequeno livro identificado como *Liber V*. Neste, Tácito dedica os 13 primeiros capítulos (na forma de parágrafos) para contar a história da Guerra. Além desse conto, podemos encontrar um resumo do que Tácito entendia como as origens desse povo e de sua principal cidade: Jerusalém.

Estudar a História Antiga, segundo as novas perspectivas históricas, tem sido um grande desafio para o historiador contemporâneo. Desde o século XIX, quando a História entrou para o campo das ciências humanas e elaborou seu primeiro método com os positivistas, esse passado da humanidade tem atraído os olhares de estudiosos das mais variadas áreas científicas, principalmente, quando estava em jogo questões de identidade e origem. Mesmo antes do século XIX, muitos autores dedicaram algumas produções que lhes davam características semelhantes às que seriam defendidas e definidas como História científica. Isso quer dizer que elas se tornaram base para as primeiras ideias de método histórico, pois, se estava rompendo, então, com a ideia de que todos (letrados, eruditos, intelectuais, naturalistas e qualquer humanista) eram capazes de produzir conhecimento histórico, uma vez que a mesma não possuía um “método científico” (até então). Com a regularização do “ofício” de historiador (no século XIX), este se tornaria o encarregado de fazer História com documentos, rompendo com a narrativa literária, isto é, dita sem

¹ JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

compromisso com a *verdade* dos fatos. Ou seja, para que uma obra anterior ao século XIX fosse indicada como “histórica” ela precisaria, necessariamente, estar comprometida com o “fato”, com o acontecimento, mas não somente isso, pois precisava também estar vinculada a alguma instituição autorizada de governo, para dar-lhe o caráter de verdade oficial, tornando seu conteúdo absolutamente confiável para a história do passado humano.² Entendemos, dessa forma, que os documentos oficiais continham a verdade.

Nesta perspectiva, o tradicional “pai” da História, o heleno (ou grego) Heródoto³ (século V A.E.C.), sai temporariamente de cena, para a entrada de outro heleno: Tucídides⁴ (século V A.E.C.). Tal esquema foi embasado na nova perspectiva da História como ciência. Tucídides “venceu” Heródoto, para os positivistas, pois aquele, além de ter vivido (segundo o próprio) os fatos que relata em sua obra⁵, buscou documentos por toda região, para afirmar seu comprometimento com a veracidade dos ocorridos e assim deixar um testemunho confiável e oficial acerca dos fatos, para a posteridade helena (grega). Já Heródoto, foi “rebaixado” à categoria de “narrativa literária”.⁶

Toda essa forma de ler o passado da humanidade foi questionada pelas gerações de historiadores do século XX, principalmente na França, cerne da Escola Positivista. A questão deles é que seria quase inviável tornar o historiador apenas um reprodutor de fontes/documentos oficiais, ou mesmo um professor que cria verdades absolutas em sala de aula. Logo, pensamentos contrários afloraram nas universidades e desses surgiram novas concepções de História científica. Apesar de algumas vertentes do *materialismo histórico* marxista terem contribuído para ampliação da concepção do que seria fonte/documento para o historiador, a Escola dos *Annales* foi aquela que mais influenciou o ofício de historiador no século XX, principalmente na França de 1930 e no Brasil, após a década de 1980-90. As fontes (os textos escritos) que até então, sendo endossadas pelo método positivista como verdadeira e oficial, jamais eram questionadas.

Com a proposta promovida pelos historiadores dos *Annales*, a fonte – além dos textos escritos em geral e não mais somente os oficiais, a produção imaterial também se torna objeto de pesquisa –, passa a ser questionada. Uma novidade para a categoria. A fonte foi *construída*

² O conceito de *verdade* sofreu várias ressignificações ao longo da história humana, segundo seu contexto inserido no cotidiano dos povos.

³ Nascido em Halicarnasso (atual Bodrum na Turquia). Sua grande obra foi *Histórias*. O termo *história* vem do grego e significa algo como: “investigação”, “escrutar”, ou mesmo “conhecer a partir de uma pesquisa”.

⁴ Era ateniense.

⁵ A *História da Guerra do Peloponeso* (entre Atenas e Esparta).

⁶ Informamos ao leitor que, essa curiosa disputa entre os escritos de Heródoto e os de Tucídides já ocorriam desde suas épocas nos séculos V-IV A.E.C.. Ou seja, *exaltar* Tucídides e *rebaixar* Heródoto, já era uma prática de alguns escritores bem anteriores ao século XIX, época dos positivistas.

por alguém e esse alguém, geralmente, serve aos interesses de algo maior que “patrocina” sua produção. Essa fonte possui um *lugar de fala*. O fato contido na *fonte oficial*, na verdade, é apenas uma versão e não mais *A versão*. A *negação do fato* também passa a ser entendida como mais “uma das versões” e passiva de ser estudada por esse “novo” historiador. O que queremos dizer é que, da mesma forma, a leitura e a compreensão das ações do homem no tempo, tornam-se subjetivas e passivas de ressignificações e reconstruções dessas *verdades* formuladas pelos positivistas. Ao longo deste trabalho, retomaremos estas discussões, especificando-as.

Assim, o estudo da História tornou-se mais complexo. O que com os positivistas resumia-se na reprodução da fonte oficial (ou oficializada), como por exemplo, a da nossa pesquisa, as *Histórias*⁷ de Tácito, autor romano “consagrado” do início do século II E.C., destacando somente seu conteúdo, sem uma análise questionadora, apenas identificando sua veracidade, com o âmbito dessa *Nova História*, as informações do texto dito *oficial* devem ser analisadas e dialogadas com outras fontes para que haja um diálogo documental, possibilitando a reconstrução de um cenário, segundo versões variadas. O objetivo de nossa pesquisa é contribuir, principalmente, para a inserção da História Antiga nessa nova leitura historiográfica.

Como já dissemos, nossa fonte foi produzida por um autor romano. Dela, especificamente de seu *Livro V*, nos 13 primeiros capítulos, pretendemos analisar seu conteúdo nas perspectivas anteriormente mencionadas acerca do ofício do historiador, dessa *Nova História*. Nosso foco está na leitura (entendimento, compreensão) que este autor romano faz da Guerra Judaica (*Bellum Iudaicum*) de 70 E.C., esta, a primeira de três que sucederam durante o domínio romano sobre a província da Judeia (*Iudaea*). Esse nosso olhar, está direcionado para os estudos da *Identidade* e da *Alteridade* no Mundo Antigo.

Entendemos que, o fenômeno das *identidades* é algo corrente em nossos dias, pois as pessoas buscam por suas genealogias, pelas tradições dos familiares mais antigos, bem como se adéquam, muitas vezes voluntariamente, às “novas”⁸ culturas, das quais não fazem parte de seu contexto de vida inicial. Todavia, compreendemos que nosso conceito de identidade não se aplica em termos semelhantes, aos dos homens da Antiguidade. Portanto, a partir de nossa fonte, delimitamos o nosso espaço a ser pesquisado – o Império Romano e a Judeia, a princípio –, o nosso contexto e recorte temporal – segunda metade do século I e início do século II, que seria o recorte tanto do autor, quanto da fonte, e a nossa problemática – a

⁷ TÁCITO. *Histórias*, Livro V, 1-13. (Tradução nossa).

⁸ “Novas” no sentido de “novidade”, não, necessariamente, significando ser “nova”.

narrativa da Guerra contra os judeus e da cultura destes na perspectiva de um não-judeu. Esta problemática surgiu pelo fato da narrativa mais famosa e quase única desta referida Guerra, principalmente, ser de um judeu: Flávio Josefo. Tal narrativa, que segundo o próprio autor pretende ser “a mais fiel dentre todas”, pode ser encontrada em vernáculo português, na Internet, ou em publicações de editoras como a CPAD⁹. Realmente a narrativa da Guerra dos judeus contra os romanos de Josefo é mais detalhada, se comparada a de Tácito, que dedicou apenas 13 pequenos capítulos sobre o acontecimento. Mas, como dissemos, nessa narrativa de um não-judeu, rara por si, independente de ser curta ou densa, houve um propósito para se fazê-la. Buscaremos analisá-la de forma suficiente para compreendermos, segundo Tácito, a visão romana sobre os judeus e que tipo de trocas foram experienciadas entre esses dois povos tão distintos. No decorrer dos elementos que constituem este trabalho, discorreremos mais detalhadamente sobre essas questões.

O interesse pelos judeus, pelos romanos e pela História Antiga (no geral), surgiu de uma mescla de personalidade com aprendizado acadêmico. Filho de judeus brasileiros e cristãos católicos brasileiros, ao ingressar na faculdade de História tendo cursado o componente História Antiga, junto às leituras orientadas complementares sobre a questão, a relação entre a experiência histórica judaica junto à de outros povos, principalmente com os romanos, ressignificou, grosso modo, meu olhar para o presente e por consequência, para com o passado também. Dessa ressignificância, horizontes temáticos surgiram. Estudar, pesquisar e produzir conhecimento acerca dessas relações históricas, das quais, hoje, levantou (e ainda levanta) preconceitos (pejorativos ou não) ao “ser judeu” no mundo moderno, pode ser entendida como uma continuidade, esta forjada (de formas diversas) ao longo dessa referida experiência histórica de judeus com os povos aos quais eles estabeleceram contatos, muitas vezes, acalorados, por assim dizer. A Guerra da Judeia de 70 E.C. foi uma dessas experiências que ofereceu aos ocidentais uma base para se pensar a cultura judaica em seus territórios.

Essa perspectiva da *Longa Duração*, proposta que acompanhou a primeira e segunda fase da Escola dos *Annales*, com Marc Bloch, Fernand Braudel, Jacques Le Goff e outros, quando remetemos à continuidade de elementos dessa relação judaico-ocidental, a nível nacional, destaco o historiador Sergio Alberto Feldman que produziu muitos artigos e alguns minicursos sobre essa questão. Não optamos por um trabalho que vislumbra essa Longa Duração (não diretamente), mas sim contribuir com elementos que possam acrescentar aos estudos históricos através de recortes temporais.

⁹ Casa Publicadora das Assembléias de Deus – CPAD. Utilizamos esta.

As obras de Tácito, em especial a que utilizaremos: Histórias (*Historiae*, *Historiarum* ou *Histories*), podem ser encontradas em sites especializados ou não, na *Internet*. Estas obras estão disponíveis para pesquisa e em alguns sites para *download*. No caso de *Historiarum*, tivemos acesso à obra em latim através do site *archive.org* que se apresenta como uma biblioteca digital na Internet e disponibiliza livros e outras mídias para pesquisa e *download*. Tanto a obra em latim, quanto as traduções em inglês foram deste site. A consulta a uma tradução italiana foi feita por meio de outro site¹⁰ que inclui uma versão latina também.

Outro elemento importante para destacarmos são os tradutores e os anos das traduções. A obra em latim que estamos utilizando para a pesquisa data de uma publicação de 1890¹¹ por Alfred Denis Godley (1856-1925). Não buscamos o acesso a uma publicação latina mais recente, pois, comparando esta com as de alguns sites que disponibilizam obras em latim¹² (inclusive as de Tácito), pudemos observar que não houve alterações na escrita. Quanto às traduções para o inglês, utilizamos a de William Hamilton Fyfe (1878-1965) publicada em 1912¹³; a de George Gilbert Ramsay (1839-1921) publicada em 1915¹⁴; e a de Clifford Herschel Moore (1866-1931) publicada em 1931¹⁵. Além destas conhecemos a de Alfred John Church (1829-1912) publicada na década de 1880 e a mais recente versão em inglês de Kenneth Wellesley de 1995 com nova edição publicada em 2009.

Todas as traduções citadas acima, incluindo a versão latina, foram utilizadas para a construção da nossa versão para o vernáculo português (Cap. III). A tradução da fonte tem por objetivo tornar acessível o conteúdo dessa aos leitores de fala portuguesa. Durante a pesquisa, identificamos uma tradução para português dos capítulos 2 ao 5 como anexo da Dissertação de Gilberto Angelozzi.¹⁶ A versão italiana, referida acima, também deu sua contribuição para nossa tradução. Essa tradução foi feita com o auxílio de tradutores na Internet e de dicionários gramaticais – além de uma revisão especializada que buscou aproximar a tradução do original

¹⁰ Disponível em: <http://www.liceofranchetti.it/insegnanti/materiali/millino/tacito_ebrei.pdf>. Acesso em: 8 out. 2012.; Disponível em: <<http://ospitiweb.indire.it/~copc0001/ebraismo/vlibro.htm>>. Acesso em: 5 out. 2012.

¹¹ GODLEY, A. D. *The Histories of Tacitus* – Books III, IV, and V. London: Macmillan, 1890. 296 f. (Latin version). Segundo este autor, ele seguiu as cópias latinas de Johann Georg Baiter (1801-1877) e Johann Kaspar von Orelli (1787-1849), que foram revisados por Meiser.

¹² Disponível em: <http://www.romansonline.com/Src_Frame.asp?Lat=L&DocID=His_Bk05_01>. Acesso em: 5 out. 2012.; Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/cla/tac/h05000.htm>>. Acesso em: 5 out. 2012.

¹³ FYFE, W. Hamilton. *Tacitus: The Histories* – In two volumes: translated with introduction and notes. London: Oxford, 1912. 2 v. 245 f. (volume II – Books III-V).

¹⁴ RAMSAY, George Gilbert. *The Histories of Tacitus: an english translation*. London: John Murray, 1915. 463f.

¹⁵ TACITUS. *The Histories* 5.1-13 (on Judeans). In: MOORE, Clifford H. *Tacitus: The Histories*. London: Heinemann, v. 2, 1931. p. 177-199.

¹⁶ ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. *A Águia e a Cruz: Identificação Cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C.* 2003. 222 f. Dissertação – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2003.

latino. A tradução de obras estrangeiras (e artigos) em sites oferecidos na *web* é um bom recurso para aproximar o conteúdo (de interesse, mas criptografado pelo idioma do “outro”) do leitor nacional, possibilitando essa troca de conhecimentos e instigando o gosto pela leitura.

Na carência de obras de referência que nos servissem de base para o desenvolvimento, especificamente, da temática de nossa pesquisa – a Guerra dos Judeus nas *Histórias* de Tácito –, as *notas explicativas* dos autores (referenciados acima) das versões traduzidas do latim para o inglês e para o italiano, acabaram, mesmo se tratando, em grande parte, de *notas* desenvolvidas segundo os estudos latino-judaicos da primeira metade do século XX, se tornando essa base que pretendemos utilizar para desenvolver nossos estudos acerca dessa atenção bastante específica da historiografia/literatura romana, isto é, da relação judaico-romana na ótica de um autor romano.

No cenário nacional, de forma geral, identificamos até o momento, duas produções que abordam a proposta deste trabalho: a) na Dissertação publicada em 2003 de Gilberto Angelozzi ao programa de Pós-Graduação em História da UFF, orientado pela professora Dr.^a Sonia Regina Rebel de Araújo; b) no Trabalho de Conclusão de Curso em História da UFPR de David Rodrigues da Silva¹⁷ publicado em 2008, sob orientação do professor Dr. Renan Frighetto. Com objetivos distintos, esses dois autores acrescentam em suas produções, comentários acerca do *Livro V* de Tácito, cuja seleção evoca a Guerra dos Judeus. No geral ambos os autores fazem um apanhado superficial dos 13 primeiros capítulos do *Livro V* de *Histórias* que, como já mencionamos, são curtos, dialogando com outras fontes, como no caso de David Silva, com Flávio Josefo, dando mais destaque a este ou fazendo parte de uma proposta biográfica de Tácito, como no caso de Angelozzi – além do anexo com a tradução dos capítulos mencionados. O objetivo dos dois autores pode ser percebido nos títulos de cada obra, portanto o foco deles não correspondeu a uma análise mais detalhada do *Livro V* de Tácito, mas, não deixam de ser de boa ajuda por conter comentários prévios sobre a obra (em língua portuguesa) bem como pelas indicações bibliográficas presentes em seus estudos.

No caso dos estudos acerca da Judeia nos tempos de Roma, algumas produções do final do século XIX e primeira metade do século XX podem ser destacadas: Elizabeth Wormeley Latimer (1822-1904) em sua obra que estuda boa parte da história da Judeia desde

¹⁷ SILVA, David Rodrigues da. *Flávio Josefo e a Apologia Romana – análise sobre a postura ideológica no conteúdo da obra Guerras Judaicas de Flávio Josefo com relação ao cerco de Jerusalém em 70 d.C.* 2008. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de História, Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, 2008.

os tempos do domínio Persa até a Guerra de 70 E.C. publicada em 1899¹⁸; Thomas Nelson, autor que viveu no século XIX também dedicou uma produção sobre a queda de Jerusalém diante da legião romana, esta publicada em 1885¹⁹; George Rawlinson (1812-1902) produziu uma obra geral sobre Antiguidade e nela contém uma seção sobre a Judeia sob domínio romano, publicada em 1888²⁰; o autor John Russell também produziu uma obra geral sobre a história de Grécia e Roma para escolas inglesas, publicada em 1854²¹; Edmond Stapfer (1844-1908) escreveu sobre a Judeia no tempo dos primeiros cristãos, publicado em 1885²². A maioria desses autores do século XIX são ingleses. A Inglaterra, desde o século XVIII, vem influenciando a cultura da humanidade com suas *Revoluções Industriais* e intelectuais. Lembramos que, boa parte dessas obras desses autores ingleses eram de cunho cristão e isso gerava o interesse pelo território do Israel Antigo, principalmente nos tempos da Judeia sob domínio do Império Romano, este, também bastante estudado por ter sido o antecessor da ideia de *império* Inglês, tanto quanto era entendido como espaço das primeiras manifestações da crença cristã.

Estudar a Judeia e estudar Flávio Josefo, muitas vezes, tratava-se de coisas muito semelhantes e que até confundiam-se, pois é o principal autor antigo que relata a Guerra da Judeia (*Bellum Iudaicum*) de 70 E.C.. No início do século XX, principalmente com o desfecho da Primeira Guerra em 1914, as atenções da Inglaterra voltam-se para o Oriente e no início da década de 1920 estabeleceu o Mandato Britânico da Palestina (*The British Mandate for Palestine* ou *Mandate for Palestine*), território este dominado até então pelos turco-otomanos desde o século XVI. Esse Mandato Britânico correspondia, em nossos dias, aos territórios da Jordânia, Cisjordânia (antiga Transjordânia), Israel, sul do Líbano e norte do Sinai (atualmente território egípcio). Esse espaço tornou-se bastante frequentado por arqueólogos e exploradores (tanto no Egito, que também era domínio inglês, quanto no Mandato Britânico). O autor Norman De Mattos Bentwich (1883-1971) ficou bastante conhecido nesse período por ter sido um dos primeiros administradores do Mandato Britânico até o início da década de 1930. Com o fim do Mandato Britânico e a criação dos Estados de

¹⁸ LATIMER, Elizabeth Wormeley. *Judea: from Cyrus to Titus – 537 B.C. – 70 A.D.* Chicago: A.C. McClurg and Company, 1899.

¹⁹ NELSON, T. *The Fall of Jerusalem and The Roman Conquest of Judaea.* London: T. Nelson & Sons, Paternoster Row, 1885.

²⁰ RAWLINSON, George. *A Manual of Ancient History: from the earliest times to the fall of the Western Empire.* New York: Harper & Brothers Publishers, 1888.

²¹ RUSSELL, John. *History of Greece and Rome, including Judea, Egypt, and Carthage* (arranged for the use of schools). Philadelphia: Lindsay & Blakiston. 1854.

²² STAPFER, Edmond. *Palestine in the Time of Christ.* Translated by Annie Harwood Holmden. ed. 3. New York: A.C. Armstrong and Son, 1885.

Israel e Cisjordânia após a Segunda Guerra, tornou-se presidente da *Jewish Historical Society*²³. Bentwich é um dos primeiros biógrafos de Josefo²⁴ e Fílon de Alexandria²⁵ nessa primeira metade do século XX.

Atualmente, os autores ingleses continuam a se debruçar nos estudos sobre Judeia e Império Romano. Podemos destacar alguns trabalhos: Judith Lieu, John North e Tessa Rajak que estudam a presença judaica junto aos cristãos no período do Império Romano, publicado em 1994²⁶; o autor Fergus Graham Millar (1935-) também escreve um capítulo sobre a experiência judaica nos tempos do Império Romano, publicado em 2001²⁷; As publicações da *The Cambridge History of Judaism*²⁸ em quatro volumes, apresentam estudos arqueológicos, sociais, políticos e religiosos da história da Judeia e dos judeus; paralela a esta obra temos outra coleção de 14 volumes chamada de *The Cambridge Ancient History*, dentre as quais destacamos o volume X e XI que tratam da era imperial de Roma (27 A.E.C. a 192 E.C.). Enfim, foram essas obras que escolhemos para apresentar. Notemos mais uma vez que os estudos sobre Judeia aparecem geralmente atrelados à história cristã, e no mesmo sentido, Josefo quase sempre aparecerá nesses estudos, devido a sua ligação direta com o distrito judeu, com o Império e com as questões judaicas da época.

No cenário nacional, destacamos alguns autores que tem a Guerra da Judeia de 70 E.C. como foco de suas pesquisas, mesmo que em sua maioria seja Josefo (e suas produções) a principal fonte utilizada por esses. Vamos a eles: Jorwan Gama e Vagner Carvalheiro Porto que estudam as moedas judaicas como elemento de resistência ideológica contra os romanos; Alex Degan, Vicente Dobroruka e Samuel Martins, que trabalham com a Guerra Judaica na perspectiva de Flávio Josefo e sua identidade judaico-romana-helenística; Rosana Martins dos Santos, que estuda a presença romana na Judeia e suas implicações; Luis Lobianco também dedica uma Dissertação²⁹ acerca dos atritos entre judeus e romanos que culminaram em guerras/guerrilhas nos tempos imperiais.

²³ Disponível em: <<http://www.sant.ox.ac.uk/mec/MEChandlists/GB165-0025-Norman-Bentwich-Collection.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2012.

²⁴ BENTWICH, Norman. *Josephus*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1914.

²⁵ BENTWICH, Norman. *Philo-Judaeus of Alexandria*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1910.

²⁶ LIEU, Judith; NORTH, John; RAJAK, Tessa. *The jews among pagans and christians: in the Roman Empire*. London; New York: Routledge, 1994.

²⁷ MILLAR, Fergus. From Judaea to Syria Palaestina. In: _____. *The Roman Near East*. London: Harvard University, Cambridge, Massachusetts, 2001. p. 337-386.

²⁸ As edições mais novas foram publicadas entre 1999 e 2007.

²⁹ LOBIANCO, Luís Eduardo. *O Outono da Judéia (séculos I a.C. – I d.C.): resistência e guerras judaicas sob o domínio romano – Flávio Josefo e sua narrativa*. 1999. 209 f. Dissertação – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 1999.

Relembramos que, os trabalhos que lidam diretamente com nossa proposta, primeiramente, são as observações feitas (as notas explicativas) das traduções utilizadas em inglês e italiano. Logo em seguida, temos as obras que tradicionalmente tinham como foco de pesquisa a relação da Judeia com o Império Romano, ou mesmo, somente sobre a Judeia, sejam antigas (século XIX e anteriores) ou modernas (séculos XX-XXI), de autores estrangeiros, que em sua maioria são ingleses, ou nacionais. Lembramos também que os autores, principalmente os nacionais, especialistas em Império Romano e literatura/historiografia latina, como Norberto Guarinello, Fabio Duarte Joly, Juliana Bastos Marques e Regina Maria da Cunha Bustamante, dentre outros, darão sua contribuição para enriquecer o nosso estudo. As obras listadas nesta Introdução serão rerepresentadas durante o nosso capítulo I, além de inclusas na *lista de referências* servidas para esta pesquisa.

Em nosso trabalho monográfico discutiremos três conceitos históricos que fundamentaram as bases da pesquisa: o primeiro deles, diretamente relacionado ao Império Romano é o de *Imperialismo*, pois trata-se de um conceito de sistema de dominação aceito por muitos historiadores da Antiguidade Clássica, por possibilitar o vislumbre das relações entre dominador e dominado, ou seja, o jogo de trocas (culturais, econômicas, políticas e religiosas) estabelecido entre os romanos e suas províncias conquistadas. Admitimos desde já nossa preferência por tal conceito aplicado à experiência dos romanos, principalmente para a época dos flavianos – dinastia de príncipes que governou Roma a partir do período da Guerra Judaica; o segundo é o conceito de *Romanização*. Este é dotado de alguns problemas quando queremos lidar com as relações entre lados. Este conceito nos limita a compreender a ação de apenas um dos lados e claramente, o lado romano da experiência.

A questão é que, mesmo nossa fonte sendo essencialmente romana e recheada de elementos da visão de mundo do autor Tácito sobre os judeus, é possível identificarmos a “voz” do judeu, desse “outro”, em meio à escrita de um romano, esse “eu”. A própria escrita do autor é capaz de nos oferecer elementos que nos permita ver, tanto o judeu que é descrito segundo os “dicionários” de Tácito, quanto o judeu que se apresenta ao autor. Assim o termo *Romanização* restringir-nos-ia apenas à primeira, no qual o entendimento do “ser judeu” é passivo à opinião do autor, mas como entendemos que a voz do judeu também é capaz de ser audível na fala de Tácito, estabelecendo exatamente essa relação romano-judaico-romano, que *Imperialismo*, será privilegiado como norteador conceitual, diante de *Romanização*; o terceiro se trata do mais complexo dentre eles. Do conceito de *Identidade*, inferem-se vários outros: *alteridade*, *etnicidade*, *fronteira*, *religio* e *religião*, como exemplos. Compreendemos que, por ser um conceito mais amplo, assim como *Imperialismo*, o conceito de *Identidade* será

destacado, sem negar sua complexidade de abordagem, principalmente para o Mundo Antigo, que não contava com tal termo para se expressar.

Nesta perspectiva, lembramos que todos os conceitos norteadores, são elaborados segundo o dicionário do cotidiano do historiador, para que se possa, cuidadosamente, fazer a ponte entre o pretérito e o presente, e dessa forma tornar legível ao leitor esse passado, muitas vezes entendido como distante e nebuloso. Todos esses três conceitos serão ligeiramente aprofundados no nosso capítulo I.

O conceito de *Imperialismo* utilizado será aquele atualmente defendido pelo professor de Arqueologia Romana e História Antiga da Universidade de Leicester na Inglaterra, David Mattingly. Digo “atualmente”, pois Mattingly já aplicou o conceito de *Romanização* em obras anteriores³⁰ à sua publicação mais recente, lançada no ano de 2011, na qual o mesmo desfaz seu antigo entendimento. Refiro-me ao seu trabalho intitulado: *Imperialism, power, and identity. Experiencing the Roman Empire (Imperialismo, poder e identidade. Experienciando o Império Romano)*. Nesta obra esse autor posiciona-se a favor do termo *Imperialismo* mediante aquelas “vantagens” anteriormente comentadas, diante do uso do termo *Romanização*.

Como já dissemos, o conceito de *Identidade* é o mais complexo, por este abarcar uma gama de compreensões promovidas por diversos autores das mais variadas áreas científicas, sejam de Humanas, Biomédica e até Tecnológica.

A autora Juliana Marques, em sua Tese de Doutorado³¹ que discute identidade romana nas obras de Tito Lívio e Tácito, nos lembrando da relevância deste conceito nos estudos acadêmicos e na sua inserção no cotidiano do cidadão comum, alerta para os efeitos que podem causar a sua aplicação num espaço que não compreendia tal lógica, como nós a concebemos. Foi com a Escola dos *Annales* que o estudo da *Identidade* ganhou força na historiografia, como já comentamos. Mas antes de tal fato tornar-se comum aos historiadores, foi o psicólogo Erik Erikson – um dos teóricos da *Psicologia do Desenvolvimento* – quem, segundo Marques, “respondendo às demandas culturais da sociedade multi-étnica norte-

³⁰ MATTINGLY, D. J. Introduction. In: MATTINGLY, D. (Ed.) Dialogues in Roman Imperialism. Power, discourse, and discrepant experience in the Roman Empire. *Journal of Roman Archaeology*, Portsmouth, R.I., suppl. 23, p. 7-24, 1997.; MATTINGLY, D. J. Being Roman: expressing identity in a provincial setting. *Journal of Roman Archaeology*, Portsmouth, 17, p. 5-25, 2004. Estes dois textos de Mattingly mostram como uso do termo *Romanização* está passivo a muitas críticas. No entanto, o autor ainda o utilizava. Em sua obra mais recente, como já comentamos, o autor rompe com esse conceito.

³¹ MARQUES, Juliana Bastos. *Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito*. 2007. 258 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2007.

americana”, trabalhou de forma multidisciplinar o conceito de identidade com outros psicólogos, mas sem haver uma norma científica a ser aplicada na questão.³²

No caso dos historiadores, e em nosso caso, dos historiadores da Antiguidade, havia ainda o problema de se estudar o Mundo Antigo aos moldes do século XIX. Esse efeito reformador da Nova História incidiu primeiramente na História da França, ou seja, a partir do estudo dos Francos até a Segunda Guerra. Era uma busca pela problematização da identidade francesa. Para os estudos de Roma, do século XVIII com Edward Gibbon (1737-1794)³³, até meados do século XX era pensada no modelo colonialista. Muitos autores inseridos nesse recorte temporal, baseavam-se no modelo inglês de governo para construir a história do Império Romano, e isso implica no fato de que a maioria dos que estudam os romanos e o tema “imperialismo” são de origem inglesa, sejam das Ilhas Britânicas ou de suas ex-colônias. Também devido à política imperialista germânica, muitos autores de origem austro-alemã se debruçaram nos estudos imperialistas. Tudo isso implica em um modelo de *identidade*. No modelo positivista da História, a identidade do dominado era suprimida em prol da civilização para que esta seja inserida na marcha pelo progresso tecnocultural da humanidade, aos moldes europeus. Da mesma forma, segundo esses, os romanos “romanizavam” suas províncias para que elas fossem inseridas num futuro melhor. Suas identidades (ou superstições) eram substituídas pela moral grega e romana.³⁴

Mesmo mudando a forma de ler a história, agora com os olhos das vertentes marxistas, os autores continuam sendo os ingleses (ainda no século XIX), principalmente. A concepção de *identidade* agora está um pouco mais submissa às relações entre plebeus e principados, proletariados e burgueses, empregados e empregadores, escravos e senhores. Nesta perspectiva mais social do marxismo surgiram estudos que privilegiavam as camadas populares e nesse caso, estudos acerca das províncias romanas ganharam espaço, como a da Judeia. Mas a maioria desses estudos ainda privilegiava as ações políticas dos imperadores romanos, forjando heróis e vilões segundo a leitura das fontes gregas e latinas. Os romanos também eram encaixados nos estudos sobre progresso *Técnico Arquitetônico*, sendo os continuadores da tradição grega, e esta, rompida pela medievalidade, segundo alguns historiadores (até finais do século XX), principalmente nos Estados Unidos. A *aculturação* era um conceito bastante aceito nestas discussões que envolviam as concepções de “ideal” e “abominável”.

³² MARQUES, 2007, p. 17.

³³ GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

³⁴ MARQUES, *op. cit.* p. 18-19.

No caso da Arquitetura, aplicavam-se as concepções de “belo” e “feio”. No Mundo Antigo lembramo-nos da cidade de Alexandria, que foi construída no Egito, no Delta do Nilo, às margens do mar Mediterrâneo, segundo os moldes arquitetônicos gregos. Um modo grego de “helenizar” os egípcios da região? Neste caso, entendemos da mesma forma (de *Romanização*) e no mesmo contexto de aplicação do conceito de *colonização* vivenciado entre os séculos XVI e XX e aplicado de diversas formas. Parafraseando Márcia Severina Vasques³⁵, dizemos que os conceitos que permeiam a história da humanidade foram/são forjados pelos historiadores e uma vez construídos, são passíveis de desconstrução, o que tornaria esses termos/conceitos, presos a estas concepções limitadoras, destinados ao descrédito (como é o caso de *Romanização*). A identidade dos dominados era, no geral, até os estudos modernos sobre este conceito, lida, na maioria das vezes, de forma pejorativa nas fontes antigas produzidas pelos autores a serviço do dominador. Isso acarretava na ideia de sobrevivência do mais adequado ao ambiente ou mesmo das novas formas de jogo impostas pelo dominador, o que daria ao dominado a única opção de aceitar esses termos para sobreviver, assimilando-se ao modelo geral aceito pelo sistema – clara relação proposta pelos *darwinistas sociais* no século XX.³⁶

Para adequar os estudos do Mundo Antigo às propostas modernas de pesquisas em história, parte do trabalho do historiador foi reformular o trabalho filológico tradicional praticado pela categoria nos séculos passados. Tal reformulação entrava no campo da crítica e análise textual das fontes.³⁷ A filologia não saiu de cena nas pesquisas, ela apenas foi readaptada para torná-la adequada às propostas da *Kulturgeschichte* (História Cultural). Portanto, as fontes romanas devem ser entendidas como expressões de caráter cultural de autores que manifestavam suas concepções do “ser romano” e no caso de nossa fonte também o “ser judeu”. Dentro dessa perspectiva é que nossa pesquisa pretende contribuir para esse campo das identidades nos estudos da História Antiga, neste caso, da história dos romanos e dos judeus, inserindo os leitores nos embates gerados a partir de tais elementos. No decorrer do trabalho, destacaremos de forma mais especial, as concepções de identidade presente em Tácito e como elas se materializaram em sua *Historiarum*, nos 13 primeiros capítulos do *Livro V*, ou seja, nossa principal fonte (nos capítulos II e III). Contudo, não descartamos a utilização de outros subconceitos que possam vir a nos servir no decorrer deste trabalho, como

³⁵ VASQUES, Márcia Severina. *Crenças funerárias e identidade cultural no Egito romano: máscaras de múmia*. 2005. 161 f. Tese (Tomo I) – Faculdade de Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2005. p. 05.

³⁶ MARQUES, 2007, p. 19-20.

³⁷ *Idem, Ibid.* p. 20.

por exemplo: religião, exílio, alteridade, superstição, ateísmo, estoicismo, dentre outros. Além desses, os próprios conceitos romanos do autor Tácito apresentados na sua escrita e pelo seu contexto latino (bem como os judaicos em seu contexto) terão espaço célebre para o estudo e análise textual da fonte.

O nosso capítulo I consistirá em uma seção que tanto retoma a discussão dos conceitos, quanto da historiografia e bibliografia preexistentes à nossa pesquisa. Os termos: *Imperialismo*, *Romanização* e *Identidade*, serão rediscutidos com pouco mais de profundidade, bem como a nossa teoria e a metodologia. O capítulo II versará acerca do contexto da Guerra Judaica de 70 E.C.. Esse capítulo apresentará as relações estabelecidas entre esse mundo romano (e grego, se podemos dizer assim) com os judeus (e com o mundo oriental em si). Uma “biografia” do autor Tácito constará nessa seção. No capítulo III pretendemos focar-nos essencialmente em nossa fonte romana (*Histórias*, V, 1-13) taciteana. Em suma, será neste capítulo que analisaremos a fonte, seu autor, seus objetivos e sua compreensão sobre a Guerra judaica e sobre os judeus, e que diálogos podemos inferir dessa relação judaico-romana. Com isso, pretendemos atingir os seguintes objetivos: a) analisar a Guerra dos Judeus de 70 E.C. escrita por Tácito, isto é, que elementos o autor privilegiou para descrever as ações romanas na Guerra; b) compreender a imagem do judeu na obra *Histórias-Livro V* de Tácito, ou seja, que mecanismos culturais romanos do autor são acionados para apresentar esse “outro” para a sociedade; c) entender o motivo de Tácito ter dedicado parte de sua obra para relatar e descrever tais relações com o “outro”, bem como que tipo de fontes esse autor utilizou para produzir tal conhecimento – situar Tácito no contexto de autores que fizeram “etnografia”. A etnografia romana da Judeia.

Devemos lembrar que, a *identidade*, como foco da Antropologia Social, principalmente, e de historiadores, durante o século XIX, quando os Estados nacionais prezavam por um patriotismo, foi usada como arma para fomentar a eugenia e as discriminações raciais na primeira metade do século XX, e que claramente deixou sequelas no imaginário popular. Os conhecimentos históricos a serviço do “eu”, por exemplo, foram uma das principais armas do partido alemão nazista para pregar o terror naqueles “outros” europeus, isto é, aqueles que não eram *arianos* ou nazistas. Situação semelhante ocorreu em algumas localidades do continente africano, quando países neocolonialistas europeus (Inglaterra, França, Itália, Bélgica, dentre outros), desconsiderando as rivalidades tribais no continente, colocaram (final do século XIX e século XX) os problemas do “eu” e do “outro” em um mesmo território. No século XVI, o sistema inquisitorial da Igreja católica condenou aqueles que ela mesma considerava como hereges e, mesmo tornando-os cristãos (ou cristãos-

novos) em muitos casos, tal condição não evitou que fossem entendidos ainda assim como os “outros”, passíveis de punição. Destarte, entendemos que as relações proporcionadas pelos choques culturais (favoráveis ou não para os envolvidos) estão inclusas nos estudos dos historiadores que trabalham com etnicidade (algo complexo) e com identidade.³⁸

Portanto, nessa temática da *História e Identidades*, pretendemos analisar a nossa fonte buscando esses mecanismos que caracterizam o olhar do autor (o “eu”), este que carrega em si as marcas de sua terra, mas também as experiências adquiridas ao longo de sua vida e da mesma forma, o “outro” (o judeu), na qual nosso autor deseja destacar, através de sua obra *Historiarum*, nos 13 primeiros capítulos do quinto livro.

³⁸ FERREIRA NETO, Edgard. História e Etnia. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. (cap. 14).

CAPÍTULO I – TEORIA E CONCEITOS: OS ALICERCES DO CONHECIMENTO HISTÓRICO


A concepção que formulamos do ‘outro’ nos permite verificar elementos de identidade cultural que fazem com que nos reconhecemos como ‘nós’. Na realidade, quando construímos a explicação do ‘outro’, produzimos a nossa própria identidade. O processo de formação, as representações e as relações do ‘eu’ e do ‘outro’ são portanto objetos de pesquisa pertinentes e relevantes [...]. (THEML, 2001, p. 18).³⁹

Neste capítulo trataremos das bases que uma pesquisa necessita para que seja considerada uma produção em História, segundo as orientações da Nova História. Para que isso proceda de forma aceitável, discutiremos os principais conceitos que previamente apresentamos na nossa Introdução: *Identidade, Imperialismo e Romanização*. Além disso, retomaremos algumas das mais relevantes referências que utilizamos em prol deste trabalho, com seus autores citados de forma direta (como está acima) ou indireta (compondo as informações do corpo textual). A linguagem deste texto buscará aproximar também, o leitor não-especializado de todos esses embates da História. Avisamos ao leitor que, desde o título deste capítulo, iniciamos o nosso trabalho monográfico, portanto, leia-o refletindo em suas simples palavras para em seguida, buscar compreender como a citação feita acima, nas palavras da autora Neyde Theml, se relaciona com o nosso cotidiano, o nosso dia-a-dia. Aconselhamos também o uso de dicionários da língua portuguesa e de termos históricos.

³⁹ THEML, Neyde. Este “admirável mundo novo”. *Phoenix*, Rio de Janeiro, 7: 11-20, 2001.

1.1 UM BREVE ENSAIO: HISTÓRIA E “HISTORIADORES” NA ANTIGUIDADE

Vamos observar atentamente, dois modelos (ou sistemas) de registros vigentes na Antiguidade:

a)  : segundo Cíntia Gama⁴⁰, este hieróglifo lê-se “nis” e o conjunto de enigmas representados, quando combinados, significam: “chamar”, “requerer”, “informar”;⁴¹

b) בני ישראל : palavra hebraica que lê-se “*b’nei Yisrael*” e se traduz por “filhos de Israel”. Cada representação fonética também pode ser uma representação numérica.⁴²

O Mundo Antigo teve seus historiadores. Ser historiador na Antiguidade era no sentido da palavra (etimologia): pesquisar, investigar, narrar, relatar, escrever. E em uma sociedade politicamente organizada, havia, costumeiramente, aqueles encarregados de registrar as memórias do reinado. Esse registro, obviamente, poderia ser feito em ambos os morfossistemas apresentados acima: para o “a”, como foram os hieróglifos para os egípcios antigos, e para o “b”, como foi para os hebreus, por exemplo.⁴³ Estamos nos referindo aqui, aos vários modelos gráficos em que a fonética poderia ser representada. O fonograma, lido através de desenhos/símbolos pictográficos, formando combinações sonoras e o ideograma, que designa, por um único símbolo, uma ideia completa, como nos *kanji*'s chineses, por exemplo.

⁴⁰ GAMA, Cíntia Alfieri. *Os servidores funerários da coleção egípcia do Museu Nacional: catálogo e interpretação*. 2008. 524 f. Dissertação – Faculdade de Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008. p. 425.

⁴¹ Os hieróglifos podem ser compreendidos por três modelos básicos: 1) como no português, ou seja, cada desenho pode indicar um fonema; 2) como nos *kanji*'s do mandarim chinês, quando um desenho quer transmitir uma ideia, não um fonema; 3) como um símbolo determinativo, que pode designar uma pista, um enigma, para a sequência cognitiva da leitura. Para saber mais cf.: KAMRIN, Janice. *Ancient Egyptian hieroglyphs: a practical guide*. New York: Harry N. Abrams, Inc., Publishers, 2004. p. 13-24.

⁴² O hebraico antigo (*lashom hakodesh*) se assemelhava, primitivamente, aos *kanji*'s e, na sua forma bíblica, ao português, mas, ainda existe uma atribuição *cabalística* (medieval) para cada letra do alfabeto hebraico. Mesmo morfologicamente distintas, ambas as línguas (egípcia e hebraica), assim como a acadiana e babilônica, pertencem ao mesmo ramo, chamados atualmente de “línguas afro-asiáticas” (ainda ligeiramente conhecidas como “hamita-semitas”); por sua vez, o sânscrito, o grego e o latim, são do ramo das “línguas indo-europeias”.

⁴³ Para se registrar não se requeria um método, mas apenas agilidade e obediência para escrever assim como era ditado. Nesta perspectiva, não podemos chamar, ainda, esta “função” de historiador, mas de escriba ou escrivão. O historiador aparece quando o escriba ou escrivão tem a liberdade de escrever sem a necessidade de fazer cópias, como já mencionamos, mas de elaborar narrativas. Segundo François Hartog, (2001 *apud* ROIZ, 2008, p. 155) “os gregos não inventaram a história, que já era praticada no Egito, por meio da emissão de listas reais e dos anais que registravam as ações dos reis. A originalidade dos gregos estaria, antes, em pensar a figura do historiador, pois, ‘é sem dúvida com eles’ diz o autor ‘que surgiu o historiador como figura ‘subjativa’”. Cf: HARTOG, F (org.). *A História de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

Para o leitor menos especializado, vamos exemplificar as diferenças morfológicas (de uma língua) através do chinês moderno e do nosso português. Lembramos ao leitor que *morfologia* significa “estudo da forma”, isto é, da aparência visual da palavra; já a *fonética*, acionamos quando queremos nos remeter ao som que se emite ao falar. Logo, uma *grafia* (um desenho, ou um código), busca “materializar” essa fonética, esse som, tornando-o simbolicamente visível, mas também pode buscar “solidificar” uma noção concretizada. No geral, *língua* seria o conjunto de tudo que gira entorno desse complexo que conecta significados gráficos ao som, ou à ideia, emitidos ou transmitidos pelo ser humano, – estudados na *grammatica* (do latim: “arte de ler e escrever”).

Entendido dessa forma, vamos diferenciar essa ideográfica da simples gráfica: no chinês (mandarim) e nas épocas remotas da escrita, um desenho significa uma noção geral; no português, o som, antes de sua noção, é representado em porções gráficas fonéticas combinadas para só assim formar uma ideia.⁴⁴ No mandarim esses “desenhos” são chamados de *kanji*'s. Nestes, desenhos combinados formam novas noções, por exemplo: 父 (lê-se *Fù*) e significa “pai” + 巴 (lê-se *Ba*), formam, combinados, a noção de “papai” grafado dessa forma: 爸 (lê-se *bà*). Vejamos mais exemplos no mandarim: “shu” 鼠 (rato), “niou” 牛 (boi), “hu” 虎 (tigre), “tu” 兔 (coelho), “long” 龍 (dragão), “she” 蛇 (serpente), “ma” 馬 (cavalo), “yang” 羊 (carneiro), “hou” 猴 (macaco), “ji” 雞 (galo), “gou” 狗 (cão), “zhu” 豬 (porco).⁴⁵ A letra א (lê-se *álef*), que no hebraico moderno representa um som gutural, antigamente, na época dos fenícios, simbolizava um animal bovino (geralmente um touro), tanto quanto o moderno número “01”, chamado “arábico”, isto, em voga ainda em nossos dias – e isso significa que o hebraico já se comportou como os *kanji*'s, no qual uma ideia é transmitida inteiramente por um pictograma. Já o português não procede como no mandarim (ou até mesmo como no hebraico ou como no hieróglifo), uma vez que as letras isoladas não possuem noção alguma até serem combinadas para formar uma ideia que transmita comunicação/informação – exemplo: *bct* não transmite nenhuma noção no português (e é até quase impronunciável), mas se tornarmos-na *abacate*, temos a noção de que se trata de uma fruta.⁴⁶

⁴⁴ O leitor pode observar que essa *fonografia* também pode ocorrer nos modelos hieróglifo e hebraico de escritas. Bem como o modelo *kanji* (ideograma), também pode incidir em ambas.

⁴⁵ Para saber mais no que se refere à escrita mandarim chinesa cf.: HIGONET, Charles. A escrita chinesa. In: _____. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003. p. 48-54.

⁴⁶ Ou seja, a letra “a” de nosso alfabeto, por exemplo, representa necessariamente a fonética vocálica “á” de nossa fala, não recebendo atributos extras (semelhante ao ideograma), como numérico ou substantivo. Somente no âmbito gramatical, a letra “a”, recebe outros usos, como quando “artigo” e/ou “preposição”, e quiçá uma “abreviação”. Há também quem convencie noções de importância, como: classe A, B, C., no qual, essas letras representam níveis estatísticos diversos.

Objetivamos, com toda essa breve explicação, que o leitor compreenda que, a complexidade das relações humanas, já se inicia nos sistemas linguísticos. Entender que nem mesmo o nosso alfabeto surge de forma natural, mas sim elaborado, estudado e estruturado, a partir da experiência humana no tempo, é importante para desmistificar conceitos, romper preconceitos, e se conscientizar de que o ser humano é o sujeito da História: perspectiva atual da historiografia fomentada pela Escola dos *Annales*.

Relatar, narrar e contar **através da escrita** foi a atividade especial que desvinculou o historiador do escrivão. Entre os séculos VIII e V A.E.C. (Antes da Era Comum) temos um surto de “historiadores” entre a Hélade (Grécia) e o Oriente, que escreveram epopéias, histórias, filosofias e desenvolveram a matemática e a astronomia. Para citar exemplos temos: Homero (século VIII), Heródoto (485-425 A.E.C.), Tucídides (460-400 A.E.C.), Pitágoras (570-495 A.E.C.), Sócrates (470-399 A.E.C.), Sun Tzu (ou Wu) na China (545-455 A.E.C.), Yirmiyahu no Reino de Judá (497-439 A.E.C.), enfim, pessoas que ganharam sua fama por causa das produções textuais deles mesmos ou de terceiros.⁴⁷ O termo historiador é muito abrangente e pode ser aplicado para aqueles que se encaixavam naquelas categorias etimológicas citadas no parágrafo anterior. Mas algumas características acabaram por pesar mais do que outras, e, por exemplo, o narrar/relatar deveria vir após o pesquisar/investigar, isto é, que para ser uma produção escrita chamada de “história” dever-se-ia investigar antes de narrar ou relatar. Dessa forma o texto de caráter histórico no Mundo Antigo, seria como uma narrativa, e tendo como objetivo: a história da nação, de uma guerra, de um evento, possuindo, principalmente, a comprovação de suas informações, mencionando pessoas especiais que presenciaram o evento ou que tinham algum vínculo com o mesmo, bem como autores anteriores que já escreveram sobre o assunto e documentos “oficiais” que tornam o gênero literário História – que só então, se tornará uma Ciência no século XIX – aquele dotado de uma função (pragmatismo): a “história” revive o passado; a “história” alerta e ensina sobre o futuro, como diria o orador/advogado romano, Cícero (106-43 A.E.C.).

Lembramos que todos esses processos não ocorreram no mesmo dia ou do dia para a noite. Vale salientar que, na verdade, nos remetemos apenas às experiências do termo *história* na Grécia e na Roma Antiga. Por mais que escrever História em nossos dias tenha um sentido mais universalizado, no Mundo Antigo isso poderia variar. Vamos exemplificar: Para os hebreus (e judeus) o termo *midrash* significava “investigação” ou “estudo”. Contudo, *midrash* não seria um sinônimo funcional de “história” nem para gregos e nem para romanos. No

⁴⁷ Lembramos que todas estas datas, de nascimento e morte, são estimativas. Nenhuma delas é fixa na historiografia.

entanto, visualmente, o *midrash* se assemelhava a uma história, mas seu objetivo foi outro: *narrar* pequenas histórias que complementem o entendimento da Lei contida nos escritos sagrados hebraicos. Esse gênero literário era difundido na oralidade, possuindo poucos trabalhos escritos de forma sistematizada. Foi somente no século I de nossa era que alguns grupos de estudo (de filosofia farisaica) pensaram na hipótese de se compilar tudo o que fosse possível acerca da oralidade do povo judeu. Essa obra, que visava ser monumental e de extrema importância para a sobrevivência da identidade daquele grupo de estudo, ficou pronta cinco séculos depois, sendo conhecida como *Talmud* (instrução/ensinamento).

Então, não haveria um gênero equivalente ao de “história” dos gregos e dos romanos entre os judeus? Como já dissemos o termo *história* (que vem do grego) existe sim no mundo hebraico, mas apenas na semântica (sentido). Quanto ao gênero literário *história* em si, o mais próximo que poderíamos identificar, foram aqueles que receberam o nome de *k'tuvim* (escritos). Certas “histórias” estariam incluídas nesta categoria literária hebraica. Mas mesmo assim não possuíam a mesma função de *história* que conhecemos hoje. Talvez a palavra *divrei hayamim* (“crônicas” ou “histórias”) seja a mais próxima daquilo que pensamos ser “história” para gregos e romanos.

De toda forma, estamos mostrando ao leitor um breve ensaio acerca das etimologias contextuais da palavra *história*, esta que é título da obra que contém a nossa fonte principal: o *Livro V de Historiarum* (Histórias) do autor romano Tácito. Através dessas informações, que foram conseguidas após as leituras de dicionários da língua portuguesa⁴⁸, de hebraico⁴⁹ e para o hieróglifo egípcio (do grego, “escrita sagrada”) mostrado acima, retirado da Dissertação da autora Cíntia Gama – e das referências nas notas complementares –, construímos e sistematizamos as informações anteriormente expostas. Vamos então tornar mais específica, em qual “história” a nossa pesquisa esta pretendendo se debruçar. Isto é, o que tornaria a nossa obra monográfica uma produção Científica em História, definindo os elementos necessários para tal objetivo.

⁴⁸ INSTITUTO Antônio Houaiss. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

⁴⁹ HATZAMRI, Abraham; HATZAMRI, Shoshana. *Dicionário: português-hebraico*. São Paulo: Sêfer, 2000.

1.2 A HISTORIOGRAFIA DAS HISTÓRIAS

Quando estudamos sobre a forma de se escrever História – objetivos, metodologia, desenvolvimento do tema – chamamos de *Historiografia*. O modelo de escrita dos gregos e dos romanos tornou-se a base principal para a criação da Ciência Histórica no século XIX. A diferença entre o que antes do século XIX era chamado de “história” e o que passou a ser chamado após, foi a profissionalização do historiador, que oficializou institucionalmente a produção textual chamada *História* – rompendo com o gênero literário e assumindo uma postura científica. Para ser uma Ciência, os primeiros profissionais da História elaboraram um método que combinava a área de conhecimento das Ciências Humanas – Antropologia, Sociologia e Filosofia – com as das Ciências Exatas/Naturais. Algo na História precisaria ser “exato” para receber os louros do título de Ciência. Sabia-se que o ser humano não é exato como uma soma matemática básica; a subjetividade acompanha a humanidade. Mas um elemento na história humana, na perspectiva dos pesquisadores do século XIX, parecia repetir-se como um crescente progresso: o fato. Os fatos ou os eventos ou mesmo, os acontecimentos da história, foram tornados pelos primeiros profissionais da História, essa exatidão necessária para creditar “Ciência” a uma área de conhecimento tão subjetiva. Sabendo disso, os historiadores do século XIX, chamados “positivistas” (pois os eventos, segundo estes, seguiam uma ordem evolutiva para o progresso, como uma marcha), devido a Escola Positivista francesa, principalmente, elaboraram um método de trabalho para com o documento escrito. Vejamos o que o autor José Carlos Reis⁵⁰ comenta acerca desta questão:

Para a escola Positivista, o historiador, através dos documentos, reconstituiria descritivamente, ‘tal como se passou’, o fato do passado, que, uma vez reconstituído, se tornaria uma ‘coisa-aí’, que ‘fala por si’. Ao historiador não competia o trabalho da problematização, da construção de hipóteses, da reabertura do passado e da releitura de seus fatos. Ele reconstituiria o passado minuciosamente, por uma descrição definitiva (REIS, 2004, p. 29).

Isso significa que os primeiros historiadores objetivavam encontrar a “verdade” do fato. Se for verdade, é por que é exato. Outro elemento bastante complicado era a neutralidade

⁵⁰ REIS, José Carlos. *A História, entre a filosofia e a ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Renomado Historiador e Filósofo brasileiro.

do profissional diante de seu objeto de trabalho: é como se o jogador de futebol somente olhasse para a bola, sem interagir com ela, esperando que a mesma chegue até a meta só por ser esta a sua função em um jogo. Para muitos desses historiadores do século XIX, a fonte (o documento) não precisava do historiador para falar; era-lhe atribuída autoridade suficiente para isso. Tal autoridade vinha do método positivista de análise. Em suma, o documento deveria passar por uma provação e caso fosse satisfatória a “crítica”, este estaria apto a contribuir para o conhecimento dos fatos passados da humanidade. Esse documento precisaria ser original e seu conteúdo verdadeiro. Qualquer problema com algum desses termos de avaliação, acarretaria no descrédito da fonte. Para ser verdadeira, sua origem deveria ser “oficial”. Documentos ditos “oficiais” eram encontrados nos gabinetes dos governantes das nações. Confirmada esta origem oficial (crítica externa), o seu conteúdo precisava ser verdadeiro (crítica interna), para que o fato seja então legitimado e escrito nos Manuais de História, para serem ensinados nas universidades e nas escolas básicas (historiografia positivista). Sancionada a veracidade do conteúdo a partir de investigações minuciosas e “competentes”, que tornava o historiador um profissional que adquiria um alto grau de erudição, esse documento estava apto e oficializado para pesquisas.

Na prática, esse documento oficial não precisaria ser questionado. O acontecimento passado legitimado era a exatidão que a Ciência exigia da História. Os métodos para se analisar o documento eram os mais próximos das ciências laboratoriais, quando se objetiva provar uma teoria química, física ou matemática. Mas a subjetividade humana era/é uma barreira para a compreensão do passado. A Antropologia, a Sociologia e a Geografia eram as outras ciências que, junto com a Filosofia, preenchiam o quadro básico das Ciências Humanas. Com o passar dos anos do século XIX, os historiadores desenvolveram conexões práticas com essas outras áreas e logo esse modelo positivista estaria fadado ao declínio.

A partir dos estudos antropológicos, sociológicos e filosóficos, os historiadores tiveram que se envolver com temas e discussões que não cabiam no modelo positivista tais como: memória, identidade, costumes, ideias que são termos oriundos da subjetividade humana. Alguns sociólogos como Halbwachs, judeu-francês assassinado pelos nazistas em 1945, faziam duras críticas aos historiadores de sua época (final do século XIX e primeira metade do XX) e dentre algumas delas temas:

[...] acontecimentos históricos desempenham o mesmo papel que as divisões do tempo marcadas sobre um relógio ou determinadas pelo calendário [...] a

história só começa no ponto em que a tradição termina, no momento em que se apaga ou se decompõe a memória social [...]. No desenvolvimento contínuo da memória coletiva não há linhas de separação nitidamente traçadas, como na história [...] A história é uma e só se pode dizer que só existe uma história [...]. Não se pode reunir, num único quadro, a totalidade dos acontecimentos passados com a condição de destacá-los da memória dos grupos que guardam sua lembrança (HALBWACHS *apud* DOSSE, 2003, p. 280-282).⁵¹

Essa falta de elementos subjetivos, como a *memória*, nos estudos históricos, abalou o sistema metódico dos positivistas. Em pouco tempo outras áreas das Ciências Humanas se aventuraram na escrita da história e produziram conhecimento histórico ainda na segunda metade do século XIX. As primeiras vertentes marxistas – que tinham sua base nas Ciências Econômicas –, passaram a produzir conhecimentos históricos (como o *materialismo histórico*) e alguns de seus dizeres são bem conhecidos do leitor: a História é guiada por conflitos entre as *classes sociais*; o *Modo de Produção Asiático*⁵² foi comum no Oriente Antigo; os *burgueses* são os opressores dos direitos dos *proletariados*. Esses termos – Classes Sociais, Modos de Produção e Burgueses x Proletários –, são típicos das primeiras historiografias marxistas (os termos: socialismo, capitalismo e comunismo, também são).

A Escola histórica francesa dos *Annales* (que iniciou como uma revista), na década de 1920 e 1930, formou uma das vertentes que mais contribuiu nos estudos e no diálogo com as outras disciplinas das áreas de Humanas. Mas esta reformulação do pensamento, do conhecimento e da produção histórica, não se limitou apenas ao diálogo com as áreas humanísticas, e estabeleceu trocas de saberes com a Biologia, Química, Arqueologia, Geografia, Psicologia, Música, elevando, dessa forma, o grau de complexidade dos estudos de História. Por consequência, a fonte, elemento essencial e primordial da profissão de historiador, não poderia se limitar apenas aos documentos oficiais. O trabalho de Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956) por meio da Escola dos *Annales* foi um marco para a historiografia, pois ressignificou o olhar do historiador para com a fonte. E qual seria essa diferença entre os historiadores positivistas e os historiadores dos *Annales*?

⁵¹ DOSSE, François. *A História*. Bauru: EDUSC, 2003.

⁵² Expressão usada por Marx uma única vez, mas que se tornou usual entre os marxistas para designar determinado tipo de sociedade em que uma ‘comunidade superior’, mais ou menos confundida com o Estado e que se encarna num governante ‘divino’, explora mediante tributos e trabalhos forçados as comunidades aldeãs – caracterizadas pela ausência de propriedade privada e pela auto-suficiência, permitida pela união do artesanato e da agricultura (CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Sociedades do antigo Oriente próximo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005, p. 82).

Não é tão simples a explicação, mas basicamente foram em dois ambientes: na fonte e na abordagem. Aquele documento oficial inquestionável que era apenas reproduzido como um conhecimento pronto em si, para tornar o fato uma verdade absoluta, recebe agora, um novo tratamento: a) não há a preocupação se a fonte é ou não oficial – cartas, diários, receitas, são exemplos de fontes escritas não oficiais que são objetos do historiador dessa Nova História; b) os documentos escritos não são a única fonte do historiador para suas pesquisas – oralidades, memórias, folclore, retratos, pinturas, músicas (o som), também são objetos desse novo historiador. Na questão da abordagem, os temas de estudo não mais se limitariam apenas as biografias, as histórias políticas e de conquistas da nação ou de um governante, mas agora, esse novo historiador estaria livre para estudar todos os temas do qual ele conseguisse fontes e referências para se construir esse novo conhecimento – História das mulheres, das crianças, dos pobres, dos conceitos, podem ser alguns exemplos. No caso da historiografia marxista ainda temos a História Social, que é bastante abrangente.

Uma produção histórica segundo as orientações dos *Annales*, não deixa a fonte falar sozinha, ela agora interage com o historiador e este a insere em uma problematização.⁵³ Problematizar, em suma, é trazer a fonte aos nossos problemas para que ela possa nos ajudar nas respostas daquelas perguntas cotidianas. No caso desta pesquisa, por exemplo, que pergunta cotidiana fizemos ao passado? Foi basicamente esta: os judeus são um povo que por tradição herdaram a memória dos hebreus e tinham o costume de escreverem muitas informações sobre si mesmos dentro dos mais variados gêneros literários. Sob domínio romano, os judeus guerrearam algumas vezes com estes, sendo que aquela mais “traumatizante”, a que culminou na destruição do Templo (em 70 de nossa era), foi relatada com muitos detalhes pelo historiador judeu de tradição historiográfica grega e a serviço do imperador romano, Flávio Josefo (37-100 E.C. – Era Comum). Apesar do serviço prestado aos romanos, ainda sim seria um judeu relatando sobre a sua própria história e a de seu povo. A pergunta é: existe algum outro relato (oficial ou não) acerca dessa mesma guerra, escrito por um não-judeu? Orientando-nos por esta questão, chegamos até o autor romano Tácito. Estamos apenas exemplificando como se procede, basicamente, segundo as orientações da Nova História.

No Brasil, essa reforma nos estudos históricos custou a ser implantada. O reflexo dessa “demora” encontra-se nos Livros Didáticos que foram publicados e utilizados nas escolas básicas até os primeiros anos do século XXI. A Nova História (*Nouvelle Histoire*) na

⁵³ E em certos trabalhos, a voz do historiador sobrepõe a da própria fonte, quase que inteiramente.

década de 1970, já conquistara grande visibilidade na França, enquanto que no Brasil os modelos positivistas e marxistas eram ensinados nas escolas. Os modelos marxistas nas universidades e o positivista nas escolas básicas. Essa confusão seguiu por quase todo o século XX até que em finais da década de 1980 o modelo francês da Nova História é timidamente implantado nas universidades. Então durante a década de 1990 houve essa implantação do modelo francês. Nos últimos anos da década de 1990 e nos primeiros anos do século XXI, já apareciam as primeiras produções acadêmicas que seguiam esse modelo da Nova História. Contudo, nas escolas básicas, a transição do modelo positivista para o marxista tornava mais distante essa relação entre universidade e ensino básico. Podemos de dizer que, quem estudou História no ano de 2002 no ensino médio, irá lembrar com mais facilidade daquelas palavras comuns aos modelos marxistas, do que aquele que estudou em 1995, por exemplo, cujos elementos que apresentamos acerca da história positivista, estarão mais fixados. Isso é o que notamos também nos jornais televisivos que, ainda em nossos dias, utilizam concepções históricas ora marxistas, ora positivistas.

Somente com a supervisão das universidades no PNLD⁵⁴, que o modelo de estudo proposto pela Nova História foi integralizado aos manuais didáticos. Mas infelizmente a maioria dos professores desse nível de ensino ainda não estão preparados de forma satisfatória para essa educação crítica e problematizadora dos conhecimentos históricos.

Notemos que o processo de aprendizagem do conhecimento é demorado e envolvido com questões burocráticas e até políticas. Os conceitos e as concepções históricas não são estáticos, parados, mas sofrem constantes ressignificações e adaptações. Como pudemos exemplificar com o caso brasileiro, sua aceitação e aprendizado podem custar mais algumas gerações, pois as mudanças sempre trazem perdas e transtornos para grupos mais conservadores. E dentre as disciplinas, a História é uma das que mais sofre com mudanças de concepções e conceitos. E é por isso que o *anacronismo* é o termo que mais complica os estudos sobre o passado (e o futuro também). A ocorrência de anacronismos é bastante frequente entre os meios de divulgação de informações em massa, como telejornais, Internet e revistas que visam entreter o cidadão desavisado. Um exemplo básico de anacronismo é afirmar a existência de homossexualismo masculino na Antiga Hélade, por exemplo. O termo homossexualismo foi cunhado em finais do século XIX. Mesmo que um tipo de prática

⁵⁴ Programa Nacional do Livro Didático. Este Programa nacional passou a receber grandes investimentos a partir de 2005. Para conferir o histórico do PNLD acesse: <http://migre.me/dE6fg>.

“homoerótica”⁵⁵ houvesse entre alguns homens na Grécia Antiga, o termo *homossexual* não existia, portanto não podemos aplicá-lo fora de contexto e isso chamamos de *anacronismo*. Outro anacronismo curioso é quando se diz que uma pessoa realizou proezas que estavam “à frente de seu tempo”. Essa afirmativa é bastante comum na concepção histórica positivista, pois, esta buscava os heróis da nação, aqueles gênios que serviriam para marcar uma época ou mesmo um sentimento nacional, típica busca dos pesquisadores do século XIX: elementos da marcha pelo progresso.

Nas faculdades de História, buscamos nos libertar desses anacronismos que aprendemos dos professores e dos manuais didáticos nas escolas básicas. Não é simples, mas é preciso. Essa é mais uma barreira que há entre o que se estuda nas universidades e o que se lê nas ruas sobre as informações históricas. No Brasil, se prestarmos atenção, são os jornalistas (talvez com alguma especialização em História) quem mais escrevem artigos e livros de História que acabam por se tornarem populares pela sua linguagem “didática”, ou seja, simples e simples significa que, para falar de tempos longínquos, se fazem do uso de conceitos, termos, palavras do cotidiano atual. Por exemplo: a classe dos escravos em Roma, sempre estava à mercê das vontades de seus senhores; imaginando que encontramos esta afirmativa em uma revista histórica voltada para um público não-especializado, faremos uma rápida análise: primeiro, ela está historicamente correta, pois realmente, segundo autores romanos, os escravos (*servus*) estavam sim, totalmente passivos às vontades dos seus senhores (*dominus*); o problema está na aplicação do conceito de “classe dos escravos”: não havia uma “classe” de escravos em Roma e em nenhum povo da antiguidade. Ser “escravo” não era uma profissão! O “ser escravo” também era bastante heterogêneo para se considerar algum pertencimento grupal – estamos questionando o uso do termo *classe* para o contexto romano.

Também passaríamos, certamente, mais algumas laudas discutindo a aplicabilidade dessa palavra “escravo” no contexto do Império Romano, mas isso não vem ao caso. Quantos de nós já havíamos lido frases semelhantes? Porém, para o leitor menos interessado nessa complexidade dos conceitos em seu contexto original, a informação foi válida, pois estava essencialmente correta.

Essa falta de interesse pela crítica (refletir, meditar, estudar sobre as implicações conceituais na vida humana) dos acontecimentos e dos conhecimentos consolidados pela história positivista, é reflexo da nossa educação que já durava mais de dois séculos. Não será

⁵⁵ Sentir prazer por estar próximo de outra pessoa do mesmo sexo ou mesmo praticar relações eróticas, mas não necessariamente sexuais, com indivíduos do mesmo sexo.

agora, com essas reformas, que o povo brasileiro irá se interessar por estudar História problematizadora, mas, assim como a antiga História “decoreba”⁵⁶ ganhou espaço e naturalizou-se na mentalidade do cidadão pelo meio escolar, este mesmo recurso deve ser utilizado para se reverter o quadro.

Toda essa fala sobre conceitos e contextos, será de suma importância para esta pesquisa. Como já dissemos, estamos tentando compreender a visão de um romano acerca da guerra judaica de 70 E.C. e dos costumes judeus. Nada melhor do que estudarmos os conceitos em seu contexto para compreendermos a postura de um autor em sua obra. Avisamos, desde já, que isso é bastante complexo de se fazer e que talvez cometamos falhas, devido à distância temporal, pois nossa fonte tem aproximadamente 1900 anos. Conceitos, práticas e pensamentos caminham entrelaçados e nunca permanecem estáticos. Para facilitar nossa vida, segundo a Nova História, como historiadores, não precisamos mais colocar em um único livro uma história universal como faziam os positivistas. Hoje dividimos por temas (História Temática) e por recortes temporais. É como se as faculdades nos ensinassem a fragmentar o conhecimento maior para que os estudos se tornem bem detalhados – e com certeza, geraria um *boom* de informações sobre um único tema. Isso funciona da seguinte forma: a) Nossa pesquisa pretende colaborar para os conhecimentos da História Antiga; b) da História Antiga podemos reduzir o tema para Império Romano e províncias; c) deste, reduzimos para o contexto da fonte e do autor (séculos I e II de nossa era); d) os eventos que o autor Tácito relata são entre os anos 69 e 70 E.C.; e) mas não seria tudo sobre estes anos, somente a guerra contra os judeus. E nesse caso, além dos romanos, não podemos deixar os judeus de fora deste trabalho. Observemos que, não pretendemos uma pesquisa ampla sobre o Império Romano e nem sobre a Judeia, mas a coleta de informações pontuais acerca de ambos, serão de grande ajuda para a montagem do contexto básico da nossa fonte taciteana.

Os conceitos oriundos da vida do autor também são utilizados para a compreensão do porquê da fonte existir, ter sido publicada. Aqui entra a clara diferença da pesquisa positivista e da *Nouvelle Histoire*: como historiadores, não queremos nem decorar datas, nem simplesmente publicar a fonte sem um mínimo de análise, ou seja, nossa fonte não pode chegar ao leitor sem comentários (e comentários problematizadores e explicativos). Nosso autor não foi um “herói” ou “um homem à frente de seu tempo”, por possuir uma, na verdade algumas obras publicadas em sua época oficialmente no Império Romano, prática esta,

⁵⁶ Palavra popular de extrema importância para a compreensão do que estamos apresentando em nossa pesquisa. Segundo o dicionário Houaiss (2009) temos a seguinte explicação: (substantivo feminino) ação de decorar dados, geralmente para prestar exames escolares, mas sem a preocupação de entendê-los ou relacioná-los.

somente feita por homens de “boa fortuna” (patrícios, cidadãos romanos). Neste sentido, assim comenta o judeu-francês Marc Bloch, fundador da revista dos *Annales*, assassinado pelos nazistas alemães em 1944, na Segunda Guerra Mundial, sobre o diferencial do alvo do historiador atual:

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que a criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali esta sua caça (BLOCH, 2001, p. 54).⁵⁷

Mesmo que a obra (a fonte) esteja superficialmente vestida com uma capa de oficialidade, por baixo, encontramos o homem Tácito, instigado por conceitos que aprendeu ao longo da vida e que responde aos interesses de sua própria época. Em suma, isso ocorre, por que o homem, esse “sujeito”, produto de suas próprias ações, é o foco dessa Nova História. Nos próximos capítulos desta monografia trabalharemos melhor esse contexto, o autor e sua fonte.

1.3 A HISTÓRIA SE FAZ COM DOCUMENTOS E REFERÊNCIAS

Caso as discussões realizadas até este ponto ainda não tenham ficado claras para o leitor, sobre o trabalho do historiador segundo a ótica da Nova História, no decorrer deste estudo, vamos esclarecendo mais alguns pontos. Um destes, que é a necessidade de referências, será apresentado agora neste capítulo.

As referências são necessárias quando queremos estudar qualquer tema na História. Sua existência se dá pela afirmação de que: sempre teremos algum (ou alguns) outro(s) pesquisador(es) que já escreveu(ram) sobre o mesmo assunto, alguns com mais abundância e outros mais minguados. Mas as referências, quando eram utilizadas pelos romanos, por exemplo, serviam também para legitimar sua produção. Vamos utilizar uma referência (uma

⁵⁷ BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

autoridade) agora: a autora Juliana Bastos Marques, pós-doutora, que atualmente é professora adjunta II de História Antiga da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, já havia escrito sobre esta última afirmativa que fizemos sobre o uso de referências no período romano. Assim ela comenta em sua Tese de doutoramento de 2007⁵⁸:

O aspecto da legitimidade é fundamental na tradição historiográfica antiga, e no mundo latino também reflete o que acontece na historiografia grega. Um autor só justifica seu esforço de pesquisa (no próprio sentido de *historêin* – relato) e a relevância e importância de sua obra se ele se apresentar como herdeiro digno de seu ou seus antecessores. Se Heródoto – ou ainda mais, Homero – foi grande e cumpriu com maestria o seu intento, cada autor seguinte deverá alegar que sua obra é tão ou principalmente *mais* importante, grandiosa, completa, verdadeira, bem escrita, etc. para justificar sua autoridade. Muitas vezes o historiador precisa depreciar explicitamente seus antecessores para justificar sua escolha de tema e período e assim se impor [...] (MARQUES, 2007, p. 5, grifo da autora).

Essa referência feita a um autor precedente no mundo grego e romano, como nos mostrou a autora Juliana Marques, contribuiria para que o autor que se consagrasse a escrever, fosse aceito ou como um continuador da tradição ou mesmo como alguém que superou essa tradição. Caso se comportasse como inferior, sua obra não teria a mesma credibilidade.

Para nós, hoje, as referências comportam-se de forma diferente. No lugar de buscarmos superar o autor de nossa consulta, o utilizamos para dar credibilidade ao que afirmamos durante a pesquisa. O sentido é bem semelhante, a princípio, mas fazemos isso por considerar que há alguém mais experiente, que possui mais autoridade que nós para argumentar um assunto. De forma mais complexa, todo o conteúdo desta pesquisa, significa uma enorme referência a vários autores, que podem aparecer em citações (textos recuados) ou contribuindo para um ensaio argumentativo, como fazemos quando escrevemos sem mencionar autores pesquisados. Mas no fim deste trabalho, na Bibliografia, todos os pesquisadores consultados para a construção do corpo textual, estarão devidamente referenciados, desde aqueles cujos nomes são revelados, como os que já mencionamos até este momento da leitura, incluindo aqueles que nos ajudaram com o contexto, dos quais seus nomes não aparecem.

⁵⁸ MARQUES, J. B. *Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito*.

1.3.1 A província da Judeia e suas referências

Vamos agora comentar acerca de algumas obras de referência⁵⁹ que utilizamos para as informações sobre a Província da Judeia, no geral, desde o contexto em si, até a Judeia dos tempos taciteanos no século II de nossa era.

Com um caráter mais enciclopédico e geral, temos a coleção de quatro volumes da Universidade inglesa de Cambridge intitulada: *The Cambridge History of Judaism*⁶⁰, que aborda por temas, questões políticas, culturais, religiosas, econômicas, geográficas e arqueológicas. Dessa mesma coleção ainda temos: *The Cambridge Ancient History*, que possui 14 volumes, mas para esta pesquisa, somente nos referiremos aos volumes X e XI que discutem essas mesmas temáticas sobre o Império Romano (que inclui um capítulo sobre a relação judaico-romana).

Ainda em língua inglesa temos o autor Sir Fergus Millar (1935-), renomado historiador britânico que produziu um capítulo sobre a relação dos romanos com a Judeia em seu livro *The Roman Near East*⁶¹; No livro *The Jews Among Pagans and Christians: In the Roman Empire*⁶², organizado por John North, Judith Lieu e Tessa Rajak, teremos alguns capítulos que relacionarão o mundo judaico com o cristão e o romano; No Brasil também encontramos alguns trabalhos pertinentes: para uma época anterior ao domínio romano, temos a influência helênica no mundo judaico, e autores como André Chevitaese e Monica Selvatici, estudam essa questão; Sobre a relação da Judeia, dos judeus com o Império Romano temos: Jorwan Gama, Rosana Martins, Alex Degan, Andréia Cristina Frazão, Ivan Esperança Rocha, Vicente Dobroruka, Luís Eduardo Lobianco, dentre outros.

Durante os próximos capítulos, outros autores aparecerão, tanto para contribuir com a construção do corpo textual, quanto para citações diretas. As referências sobre a Judeia são importantes para nos mostrar em que ambiente os judeus se envolveram e como estabeleceram essa troca de experiências, principalmente com o mundo romano. Ainda sobre isso, destaquemos o principal autor contemporâneo da guerra de 70 E.C.: Flávio Josefo, que

⁵⁹ No Projeto de pesquisa desta monografia, poderemos encontrar mais referências sobre essa questão. Além disso, outras discussões relevantes para a compreensão desta pesquisa se encontram lá também.

⁶⁰ As edições mais novas foram publicadas entre 1999 e 2007. O volume que remete aos tempos romanos é este: DAVIES, W. D.; HORBURY, W.; STURDY, J. (orgs.). *The Cambridge History of Judaism*: volume three – The Early Roman Period. Cambridge: University Press, 1999.

⁶¹ MILLAR, Fergus. From Judaea to Syria Palaestina. In: _____. *The Roman Near East*. London: Harvard University; Cambridge, Massachusetts, 2001. p. 337-386.

⁶² LIEU, Judith; NORTH, John; RAJAK, Tessa. *The jews among pagans and christians: in the Roman Empire*. London; New York: Routledge, 1994.

escrevia segundo a tradição historiográfica grega. Para o autor Vicente Dobroruka, que estuda Josefo,

Em termos de método, Josefo segue o modelo consagrado no mundo antigo que foi Tucídides. Isto significa dizer que, como Tucídides, Josefo também busca as causas ‘verdadeiras’ por trás da superficialidade dos eventos. O caráter de autópsia da investigação de Josefo, no entanto, é menos manifesto do que em Tucídides. [...] Na perspectiva grega, e ainda seguindo o modelo hipocrático para o entendimento da história, a falência do tecido político da cidade tal como descrita em Tucídides é consequência de um desequilíbrio interno, semelhante às doenças que afligem o corpo. Inversamente, o entendimento judaico da dissensão civil assemelha-se ao de sua correspondente noção de medicina, sendo as afecções da sociedade e do corpo vistas como punição divina dos pecados (DOBRORUKA, 2007, p. 3).⁶³

Apesar das ressignificações conceituais que Josefo possa ter feito na sua tradição grega, ele continua dentro dos padrões de “historiador” do mundo grego e romano. Uma escola como esta, não é facilmente detectada na tradição judaica. Algumas comunidades judaicas entendiam o trabalho do *Navii Yirmiyahu* (profeta Jeremias), autor de dois livros do Canon Judaico de Escrituras Sagradas⁶⁴, também como obras de caráter histórico. Seria Yirmiyahu um historiador judeu? Alguns pesquisadores nacionais como David Rodrigues e Monica Caroline Veloso, estabelecem um paralelo entre Josefo e Yirmiyahu. Ambos os pesquisadores citados, defendem a existência de elementos que aproximavam Josefo de seu antepassado por meio do estilo de escrita, objetivo e argumento apocalíptico. Isto é, para Dobroruka, como mostramos acima, Josefo busca compreender as tribulações da Judeia como consequência dos pecados de seus habitantes, uma vez que, já para Tucídides, os colapsos ocorrem semelhantemente a uma infecção no corpo, quando os elementos que o compõem estão debilitados, gerando instabilidade. Nessa lógica, de acordo com David Rodrigues⁶⁵,

⁶³ DOBRORUKA, Vicente. Historiografia helenística em roupagem judaica: Flávio Josefo, história e teologia. In: JOLY, Fábio (org.). *História e retórica*. Ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda/FAPESP, 2007. Disponível em: <http://www.pej-unb.org/downloads/cap_josefo_hist_teol.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2013.

⁶⁴ Livro profético de Jeremias e *Eichá* (Lamentações) – século V A.E.C. segundo o calendário judaico.

⁶⁵ SILVA, David Rodrigues da. *Flávio Josefo e a Apologia Romana – análise sobre a postura ideológica no conteúdo da obra Guerras Judaicas de Flávio Josefo com relação ao cerco de Jerusalém em 70 d.C.*

Flávio Josefo possui um paralelo na tradição judaica, tanto na sua escrita quanto no seu posicionamento ideológico. [...] Enquanto Jeremias escreve para culpar os líderes por se revoltarem contra os Babilônicos e justificar a atuação da Babilônia sobre toda a região da Palestina, Josefo escreve para legitimar a atuação de Roma sobre a Judéia e, também, para culpar os líderes ‘tirânicos’ pela revolta contra Roma. Tanto Josefo como Jeremias se consideram profetas enviados por Deus [...] Enfrentam oposição, tanto do povo como dos sacerdotes e profetas, por seu posicionamento ao lado do ‘inimigo’. Nas duas obras há referências à miséria que o povo judeu foi reduzido e, sendo isto, um castigo enviado pelo próprio Deus (RODRIGUES, 2008, p. 16-17).

Na verdade ainda não conhecemos um estudo especificamente voltado para a historiografia judaica, que possua uma característica mais científica do que teológica, ou melhor, que se equilibrem os dois elementos. Nesta perspectiva, não queremos nos aprofundar nessas discussões neste trabalho monográfico, mas precisamos entender como os escritos de Josefo estão tão ligados ao período que estamos estudando, o século I (e segundo) de nossa era, que pesquisas sobre a Judeia, se confundem com estudos sobre Josefo, os tornando intrinsecamente ligados na essência. O mesmo não ocorre com o autor de nossa principal fonte: Tácito. Tácito não tem vínculos claros com a região da Judeia, a não ser com o assunto que o mesmo destinou aos judeus nos 13 primeiros capítulos de seu *Livro V* da obra *Histórias*.

1.3.2 O Império Romano e suas referências

O principal vínculo que Tácito nos oferece é com o mundo latino, isto é, aquele vivido pelos homens da elite romana de seu tempo. Ainda não vamos nos aprofundar nessa questão. Isto fica para os capítulos que seguem. No mesmo ritmo das discussões acima, vamos apresentar algumas obras de referência que utilizamos para nos inserir no contexto do Império Romano, entre os séculos I e II.

O Império Romano é bastante estudado no mundo ocidental. Os principais historiadores que se debruçaram sobre as questões romanas, foram ingleses. No século XVIII, temos o britânico Edward Gibbon (1737-1794) e seu clássico *A História do Declínio e Queda do Império Romano*; como já vimos, nos tempos de Gibbon ainda não havia uma ciência chamada História, mas a prática já existia, e existia desde os tempos de Tucídides e Heródoto (no que se refere ao mundo ocidental). Tanto os romanos, quanto os helenos, foram separados nos estudos históricos, dos outros povos mais conhecidos: egípcios, babilônicos e persas.

Estes eram localizados em uma área de conhecimento chamada de Antiguidade Oriental, e, por sua vez, helenos e romanos em uma Antiguidade Clássica. Por que foram chamados de “clássicos”? De forma geral, aqueles humanistas que manifestavam seus interesses nas ciências, bem mais que na teologia cristã entre os séculos XIV e XV, desenvolveram a ideia de “Era das Trevas”, ou “Idade Medieval”. Isso foi uma dura crítica à Igreja que, segundo esses humanistas, havia ofuscado, ocultado e combatido, qualquer avanço técnico, científico e artístico dos estudiosos na Europa. Desejando reformar esse pensamento teocentrista da Igreja, os humanistas focaram suas atenções nos autores helenos e romanos, os chamando de *clássicos*⁶⁶. Ser ou não ser clássico, ou mesmo, ser ou não ser medieval, são analogias conceituais forjadas pelos antropocentristas entre os séculos XIV e XVIII, que ainda assim, para o cidadão comum na Europa, não ficava tão clara essa relação, do que era para ser entendido como assunto da Igreja e assunto da Ciência.

Os ingleses que, do século XVIII até a Primeira Guerra Mundial em 1914-1918, possuíam colônias em todos os continentes conhecidos hoje pela humanidade, estudavam os romanos como se esses fossem herdeiros de seu poderio militar, econômico, cultural e tecnológico destes. Os romanos não eram entendidos por menos que “virtuosos” nesses estudos. Autores ingleses como Gibbon, transportavam os valores conceituais ingleses, forjados, assim como quaisquer outros, aos romanos. À posterior, discutiremos mais acerca desses conceitos, destacando essencialmente três: *Romanização, Identidade e Imperialismo*.

Seguindo com as referências, assim como foi para a Judeia, a coleção de livros de 14 volumes da Cambridge (*The Ancient History*⁶⁷), especificamente os volumes 10 e 11 que tratam da era Imperial de Roma, até o século II, foram de importância célebre para a contextualização do nosso recorte de pesquisa; Temos também o primeiro volume da coleção *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano Mil*⁶⁸, esta dirigida por dois renomados representantes da Nova História na França: Philippe Ariès e Georges Duby; a obra organizada

⁶⁶ De acordo com o Dicionário Houaiss (2009) temos: (adjetivo) relativo à literatura, às artes ou à cultura da Antiguidade greco-latina; que é fiel à tradição da Antiguidade greco-latina ou a seus autores; que serve como modelo ou referência; exemplar. (substantivo masculino) obra ou escritor da Antiguidade grega ou latina; o que, nas letras, nas artes e na cultura, segue os padrões estéticos dos antigos gregos e romanos; obra ou autor que, por sua qualidade, tem valor reconhecido, constitui um modelo, uma referência.

⁶⁷ BOWMAN, A.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. *The Cambridge Ancient History – volume X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69*. Cambridge: University Press, 2006. Ver também: BOWMAN, A.; GARNSEY, P.; RATHBONE, D. *The Cambridge Ancient History – volume XI: The High Empire, A.D. 70 – 192*. Cambridge: University Press, 2007.

⁶⁸ VEYNE, Paul (org.). *História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

pelos pesquisadores: Mary Beard, John North e Simon Price, intitulada *Religions of Rome*⁶⁹, principalmente em seus capítulos 5, 6 e 7, que discutem acerca da variedade de crenças religiosas do Império, será de bastante ajuda para se buscar entender essa complexa relação entre judeus, cristãos e romanos nos séculos I/II, principalmente; no cenário nacional temos alguns importantes nomes, e dentre eles destacamos: Norberto Luiz Guarinello, pesquisador que é referência para os trabalhos sobre o Império Romano nas academias brasileiras; Fábio Duarte Joly, que estuda sobre a escravidão romana nas obras de autores como Tácito, principalmente; Juliana Bastos Marques, que lida com a historiografia romana, com destaque para Tito Lívio e Tácito. As autoras Norma Musco Mendes, Maria Regina da Cunha Bustamante e Maria Regina Candido, da mesma forma, são importantes pesquisadoras nacionais das questões do mundo romano. Existem outras referências que aparecerão nesta pesquisa, mas apenas optamos por mencionar essas.

1.3.3 Referências para o trabalho com a fonte

Para não nos tornarmos reprodutores do trabalho positivista, citando a fonte apenas como uma autoridade inquestionável em defesa de nossos objetivos, necessitamos de referências que nos ajudem a explicar e a analisar criticamente o seu conteúdo e o seu autor. Relembrando nossa pergunta: haveria uma fonte (oficial ou não) relatada por um não-judeu acerca dos eventos dessa mesma guerra (de 70 E.C.)? Se fossemos historiadores do século XIX, diríamos: *Heureka! Voici la preuve de nos études!* Ou seja, a fonte (uma coisa por si) comprovaria a verdade que buscávamos, pois a Escola Positivista, segundo José Carlos Reis (2004)⁷⁰, não é exatamente pertencente àquela ideologia positiva de Auguste Comte, na qual a busca pelas leis que regem a sociedade era o objetivo principal, mas essa Escola buscava nas fontes a real descrição de um fato passado, tratando a História como uma Ciência que estuda as questões da sociedade em separado, isto é, cada questão social seria vista, não considerando a sociedade como um todo, mas em suas especificações, de forma diferenciada, não havendo generalizações. A História seria tratada racionalmente, documentada e demonstrada e só seria alterada no caso de se encontrar novas documentações que a tornassem mais verdadeira. As fontes não eram questionadas; eram postas como relato fiel do

⁶⁹ BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. *Religions of Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

⁷⁰ REIS, José Carlos. *A História, entre a filosofia e a ciência*.

acontecimento. Esse historiador “positivo”⁷¹ manter-se-ia o mais próximo possível dos textos os interpretando com a máxima justeza, escrevendo e pensando segundo eles.

Por que insistimos tanto nessa questão da história positivista? Caro leitor, compreendemos que em nosso país, o entendimento que os cidadãos não-especializados têm da História, resumem-se em dois pontos: a) o passado histórico é lido por muitas pessoas sem o mínimo de suspeita, tornando-o sagrado e bem mais “verdadeiro” do que o seu próprio cotidiano; b) para alguns cidadãos que se consideram mais críticos, o passado não merece uma devida atenção por ter sido invenção de historiadores, de homens. Em suma, podemos perceber perspectivas discrepantes em uma sociedade que ora é religiosa e ora não se compromete com o “sagrado”. Aproximar-se do que é divino e distanciar-se do profano torna a concepção de História do cidadão bastante contraditória e destoante. Quando queremos tornar algum elemento do passado sagrado para nós, nos comportamos como “historiadores” positivistas: “aqui está a verdade que mantém minha fé acesa”; mas quando discordamos de alguma coisa neste mesmo passado, nos comportamos como críticos: “sinto cheiro de carne humana neste trecho que me parece suspeito”, ou seja, não parece muito “divino”. Claro que, quando nos referimos ao “sagrado” e ao “divino”, estamos fazendo alusão aos diversos cristianismos que professam suas interpretações religiosas no território brasileiro.

Portanto, para não colarmos a fonte em nossa pesquisa monográfica apenas e a deixarmos como “uma coisa aí”, utilizaremos referências que sejam as mais próximas do *Livro V* da obra *Histórias* do autor Tácito. Identificamos então, quatro referências diretas à fonte: a partir das notas explicativas das traduções do latim para o inglês, temos três autores: Alfred Denis Godley (1856-1925) – de onde conseguimos a versão latina –, William Hamilton Fyfe (1878-1965) e George Gilbert Ramsay (1839-1921); e mais uma, segundo informações *online* do *site*⁷² *ospitiweb.indire.it*, que possui uma tradução italiana e comentários, bem como um breve resumo do olhar de Tácito acerca de seu relato sobre a guerra contra os judeus em 70 de nossa era. Notemos que os três autores referenciados são ingleses. Isso remete àquela questão que havíamos comentando em laudas passadas, de que tanto os romanos, por serem considerados os “civilizadores da barbárie” em uma perspectiva tradicional, tanto as regiões da Judeia, por se acreditar ser o local dos primórdios dos cristianismos, que ambos tornam-se bastante estudados. Notemos que os três autores

⁷¹ Positivo, uma vez que tinha uma visão otimista da progressão dos fatos e das experiências históricas, sempre levando a um caminho melhor.

⁷² Disponível em: <<http://ospitiweb.indire.it/~copc0001/ebraismo/tacito.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2013. O(a) autor(a) dos comentários da tradução e dos textos sobre Tácito, não está claro. Certa Giulia Sapi parece ser a escritora dos textos sobre nosso autor romano.

escreveram suas produções em épocas próximas (1890, 1912 e 1915, respectivamente), e isso não mostra só o interesse dos ingleses para com o mundo latino de Roma, mas para com as áreas dominadas pelos otomanos (na época) que hoje correspondem a Israel, Cisjordânia, Jordânia, Sul do Líbano e norte do Sinai. A prova disso é que nos primeiros anos da década de 1920, os ingleses estabeleceram mais uma província sob seu poder: *The British Mandate for Palestine* ou *Mandate for Palestine*, nessas referidas regiões.

Além dos mencionados acima, para a revolta dos judeus contra os romanos em 70 E.C., alguns poucos autores fizeram breves comentários, tendo a nossa fonte como base. São eles: David Mattingly, Mary Beard, Juliana Marques, Gilberto Angelozzi e David Rodrigues. Sobre o pesquisador David Mattingly, falaremos mais acerca de seu trabalho mais recente ainda neste capítulo I; as obras das autoras Mary Beard (*Religions of Rome*) e Juliana Marques (sua Tese de 2007, principalmente), já foram destacadas em laudas passadas; o destaque agora fica para os autores Angelozzi e Rodrigues que dedicaram um espaço pouco maior para comentários em suas produções sobre Tácito e seu *Livro V* da obra *Histórias*. O primeiro, Gilberto Angelozzi, em 2003, publicou sua Dissertação⁷³ sob orientação da Dr.^a Sonia Regina Rebel de Araújo, ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF); O segundo, David Rodrigues, sob orientação do Dr. Renan Friguetto, publicou em 2008 seu T.C.C.⁷⁴ (Trabalho de Conclusão de Curso) em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Se observarmos ambas as produções, podemos notar destinos diferentes, pois Angelozzi estuda os cristãos e Rodrigues estuda Josefo. Então vamos às semelhanças: a) seus recortes temporais encontram-se em 70, com relação à Guerra Judaica (*Bellum Iudaicum*) e no século II ao remeterem a Tácito; b) ambos dedicam comentários à certas passagens do *Livro V* sobre a guerra; c) assuntos sobre a Judeia e o Império Romano são destacados. Mas o foco de nosso trabalho não seria o mesmo, como já mencionamos. A principal contribuição desses autores está nos comentários prévios em língua portuguesa sobre nossa fonte.

⁷³ ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. *A Águia e a Cruz: Identificação Cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C.*

⁷⁴ SILVA, David Rodrigues da. *op. cit.*, 2008.

1.4 SOMOS RECHEADOS DE CONCEITOS

Vamos agora nos aprofundar um pouco mais nos autores que nos ajudaram a compreender aqueles três principais conceitos brevemente discutidos na Introdução deste trabalho: *Imperialismo*, *Romanização* e *Identidade*.

Para o termo *Imperialismo*, nos baseamos nos estudos de David Mattingly em sua obra publicada em 2011, intitulada: *Imperialism, power, and identity. Experiencing the Roman Empire*⁷⁵ (*Imperialismo, poder e identidade. Experienciando o Império Romano*); já para o termo *Romanização*, vários autores deixaram sua contribuição e dentre eles destacamos o próprio Mattingly e a Dr.^a Márcia Severina Vasques⁷⁶; na discussão acerca do termo *Identidade*, bem mais complexo quando o deslocamos para o Mundo Antigo, as impressões de Mattingly e da Dr.^a Juliana Marques, são célebres e merecem destaque. Como pudemos observar, o professor de Arqueologia Romana e História Antiga da Universidade de Leicester na Inglaterra, David Mattingly, será o nosso principal teórico mediante as mais variadas experiências oriundas das relações do Império Romano com suas províncias, e em nosso caso, com a da Judeia.

1.4.1 Por que não utilizamos o conceito de *Romanização*?

O primeiro conceito que discutiremos neste primeiro capítulo será *Romanização*. Este termo refere-se à “ação de romanizar” ou “tornar romano”. De forma simples, é como se disséssemos que os judeus, sob domínio romano, adotaram costumes ou características institucionais, legais, estilísticas, etc., desta sociedade. Não estaríamos enganados em afirmar que isto possa realmente ter ocorrido, afinal percebemos fenômeno semelhante em nossos dias, a influência comportamental estadunidense ou intelectual francesa, por exemplo, em muitas pessoas nos países ditos economicamente emergentes, como o nosso, é evidente. Essa discussão envolve claramente as disputas por uma identidade. Mas deixemos este conceito para mais adiante. Continuando, vivemos em um sistema mundial, liderado pelas famosas potências econômicas como Alemanha, Japão, China, França, além dos Estados Unidos, que

⁷⁵ MATTINGLY, D. J. *Imperialism, power, and identity. Experiencing the Roman Empire*. Princeton: Princeton University Press, 2011.

⁷⁶ VASQUES, Márcia Severina. *Crenças funerárias e identidade cultural no Egito romano: máscaras de múmia*.

procura nos inserir no mercado, isto é, nos tornamos consumidores. Para nos tornarmos consumidores legais, devemos gozar de uma boa escolaridade, ingressar no meio universitário, nos preparar para mais de uma profissão, para só então estarmos aptos à receber um salário e girar o capital interno, fazendo com que a economia local cresça, inflando as regiões de consumidores ativos, elevando, dessa forma, o PIB nacional. Esse é o sistema, mas não significa que esses elementos são gerenciados dessa forma. A subjetividade humana corrompe qualquer regra ou conduta e isso torna as convivências partidárias, muitas vezes, conflitantes.

Vamos, de forma alegórica, chamar as potências econômicas (e militares) modernas de *Império Romano*. Já o Brasil, por ser uma economia emergente, chamaremos de *Província romana*. Então, como habitantes do mundo romano, que elementos legitimariam a confirmação de nossa inserção nesse sistema? Vamos pensar: a) as roupas que vestimos são semelhantes aquelas dos nossos vizinhos? b) temos todos os mesmos costumes alimentares? c) todos precisamos frequentar a escola básica da infância à adolescência? d) os carros que vemos circulando nas vias possuem sistema motor padrão? e) a maioria dos seus vizinhos, incluindo você, possuem uma religião semelhante? Enfim, chega de perguntas. Vamos às considerações: estamos buscando, com esta atividade, compreender o conceito de *Romanização*, sabendo que este ainda é ligeiramente aplicado às províncias romanas, como foi a Judeia. Se a resposta para o ponto “a” foi “sim”, neste quesito, você foi “romanizado”; Se a resposta para o ponto “b” foi “não”, a sua subjetividade prevaleceu; Se a resposta para o ponto “c” foi “sim”, significa que você vive em mundo romanizado; Se a resposta para o ponto “d” foi “sim”, percebe-se que você sabe que está sendo romanizado; Se a resposta para o ponto “e” também foi “sim”, mostra que as normas e costumes religiosos contribuem para a sua Romanização.⁷⁷

Sendo assim, percebemos que muitos elementos do nosso cotidiano, são os mesmos dos nossos vizinhos e pensando mais além, notemos como aqueles que estão inseridos no mundo romano são semelhantes. E o que tudo isso significa, para compreendermos essa Romanização? Primeiro: mesmo vivendo no sistema mais rigoroso em normas, encontramos subjetividade e segundo: este conceito de *Romanização* é frágil o suficiente para desaparecer junto com a nossa Roma alegórica. Tornemos mais claro o nosso dizer: observemos atentamente o que a Dr^a. Márcia Vasques, menciona acerca do conceito de *Romanização*:

⁷⁷ Vale salientar que, na Antiguidade, as diferenças culturais entre os povos eram, provavelmente, bem maiores que em nossos dias.

O conceito de Romanização estava associado, nas suas origens, a uma historiografia de cunho colonial, que se desenvolveu no século XIX e início do XX, época na qual a política imperial britânica estava no auge [...]. Seguindo esta visão imperialista, os teóricos da Romanização defendiam o pressuposto de que os romanos levaram a “civilização” aos povos bárbaros, como faziam os europeus nas suas colônias africanas e asiáticas. Enquanto a Romanização era vista como uma influência direta da cultura romana sobre os povos conquistados, a aculturação era considerada como a aceitação dos povos dominados da cultura do agressor, superior e mais desenvolvida. Pelo menos, de 1920 a 1960, tanto os termos aculturação quanto Romanização foram utilizados neste sentido primeiro (VASQUES, 2005, p. 5).⁷⁸

Observemos como a autora deixa bem claro para nós que, por traz de um conceito haverá sempre seu contexto. O termo *Romanização* (romanizar, romanizado) não poderia ser cunhado em outra época senão no século XIX, pois designava as experiências colonialistas da Inglaterra, principalmente. Nos dizeres do século XIX, os europeus (brancos) deveriam civilizar os povos que viviam na barbárie, isto é, que ainda não haviam sido inseridos no contexto da industrialização e da moral ético-religiosa cristã (principalmente a protestante).

As concepções de História dominantes na Europa desde o Renascimento até o Iluminismo são conhecidas como “vertente antiga” ou “clássica” e a “vertente moderna”. A vertente *antiga* foi predominante na Europa desde o Renascimento até o século XVIII. Essa vertente estabeleceu um espaço de experiências, onde podem ser reunidos exemplos excepcionais de histórias, histórias extraordinárias, exemplares e capazes de fornecer orientação e sabedoria a todos os que delas venham a se aproximar. Ou seja, uma formulação ética e pedagógica da história. Essa é a “História, mestra da vida”. A vertente dita *moderna* tornou-se dominante em fins do século XVIII. Essa concepção baseia-se em uma construção linear e progressiva do tempo, substituindo a noção de “ética” pela noção de “verdade”. Isso levou os eruditos, a buscarem uma visão realista do passado, através da pesquisa rigorosa em documentos e testemunhos, determinando a “verdade dos fatos”. Esse era o lema desta concepção histórica.⁷⁹

Relembrada essa questão das “verdades”, entendamos que, segundo a visão desses homens no século XIX e início do XX, havia uma necessidade missionária de levar o “progresso” a todos os povos “não-civilizados”. Essa visão ou compreensão de mundo ficou

⁷⁸ VASQUES, Marcia Severina. *op. cit.*

⁷⁹ Cf.: SCHWARCZ, Lílían K. M. O nascimento dos museus brasileiros, 1870-1910. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais: IDESP, 1989. p. 20-71.

conhecida como Eurocentrista (ou europeísta). Mas não estamos falando de todo europeu, pois os países do leste na Europa não estavam bem acoplados nesse conceito de “civilização” que envolvia, quase que exclusivamente apenas, ingleses, franceses e alemães. O conceito de *civilização*, assim como o de *Romanização*, possui, como já dissemos, um contexto. Hoje se atribuí, de forma grosseira, o termo *civilizado*, para aqueles que possuem “bons costumes”. No século XIX, eram os sociólogos que estudavam estas questões.

Os historiadores eram contratados pelos governos nacionais (ou Instituições, como foi o IHGB para o Brasil), para tornar “verdadeiro” o discurso acerca da Identidade que se pretendia construir.⁸⁰ Enquanto isso, os sociólogos preocupavam-se com o comportamento das sociedades e as possíveis “regras” que a regiam. Daí temos o termo *civilização*. Um de seus principais teóricos, o judeu-alemão Norbert Elias (1897-1990), produziu uma obra clássica para essa discussão: *O Processo Civilizador*.⁸¹ Desta, obtemos a seguinte reflexão: O homem é educado desde a sua infância para ser humano e aprender a controlar suas vontades instintivas ou não passaria de um ser de atitudes primárias, como um animal selvagem. No caso de sucesso em seu *processo civilizador*, o mesmo será aceito pelos demais que participam desse mesmo jogo (a civilização); em caso de falha, por qualquer que seja o motivo, este se tornará marginalizado, será chamado de “louco”, pois não foi capaz de jogar o jogo estabelecido. Essa é uma concepção fundamentada no século XIX e início do XX, que influenciou a mentalidade de muitas nações europeias *neoimperialistas* e suas respectivas colônias.

Todas essas discussões tornam-se o alicerce para aquele rápido jogo de perguntas que realizamos para entender a *Romanização*. Dele, percebemos tanto a inclusão de pessoas em um sistema mundial – o jogo das padronizações – e a existência da subjetividade humana – quanto a uma individualidade, que também pode ser coletiva, que prevalece mediante o sistema padrão ou comum. É exatamente esta subjetividade que compromete as bases teóricas da *Romanização*, pois, não admitimos mais o conceito de *aculturação*. Falar de *aculturação* é reviver as relações entre colonos e indígenas. Aqueles que estudaram segundo o modelo positivista dirão: os indígenas foram aculturados ou mesmo, absolvidos pela cultura europeia;

⁸⁰ Cf.: GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. ‘Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História nacional’. In: *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988. Ver também: PEIXOTO, Renato Amado ‘Enformando a Nação: a construção do espaço nacional no projeto historiográfico do IHGB e seu exame por meio do estudo cartográfico’. In: _____. *Cartografias imaginárias: estudos sobre a construção do espaço nacional e a relação História & Espaço*. Natal: EDUFRRN, 2011, p. 11-48.

⁸¹ Cf.: ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: formação do Estado e Civilização*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, v.2, 1993.

ou então: os europeus têm cultura e os indígenas têm superstições; ou ainda: os indígenas são a barbárie e os europeus os civilizadores. Algumas das principais características para se atribuir barbárie aos indígenas eram, segundo esses historiadores, a falta de obras humanas como pontes, ruas, casas ao estilo europeu, roupas no melhor padrão francês e a não existência de uma estrutura social, Fé, Lei e Rei, como diria o cronista português do século XVI, Pero de Magalhães Gândavo, sobre os indígenas de sua época:

[...] A língua de que (os índios) usam, toda pela costa, é uma: ainda que em certos vocábulos difere em algumas partes; mas não de maneira que se deixem de entender. [...] Carecem de três letras, convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não tem Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente [...] (GANDAVO, 1576).⁸²

Esse pensamento que inferiorizava os dominados percorreu o imaginário europeu até a primeira metade de século XX, esta que já havia sido marcada por duas Guerras Mundiais, que abalaram as correntes progressistas e deixaram as nações sob alerta de uma outra guerra. Então se criou a ONU (Organização das Nações Unidas), para se estabelecerem diálogos mensais entre os líderes das nações mais influentes no cenário global. Durante toda a segunda metade do século XX, presenciamos as descolonizações que possibilitaram a independência de centenas de nações. A Nova História, bem como a História Social (decorrente da reforma nos marxismos), em suas novas possibilidades de interpretação, incidiram veementemente nas discussões que emergiram dessas relações sociais, principalmente, de transformações sociais ocorridas nessas ex-colônias que agora, se estruturavam como nações. Estudos sobre *memória, identidade e alteridade* crescem e continuam a crescer em decorrência dessas novas percepções da ação do sujeito como feitor da História.

O autor David Mattingly, citando o historiador Benjamin Isaac, nos mostra como seria, na essência, a aplicação do conceito de *Romanização* nos estudos sobre os romanos:

Quando os povos foram conquistados, incorporados nas províncias e, no seu devido tempo, tornaram-se parte integral do império, isto implicou num processo de desintegração ou decomposição étnica. Esta é a essência da 'Romanização.' Os nabateus, os idumeus, e os comagenas no leste, os

⁸² GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Crônicas e História da terra de Vera Cruz*. 1576.

alóbroges no oeste, todos desapareceram como entidades étnicas (ISAAC apud MATTINGLY, 2011, p. 215, grifo nosso).⁸³

O próprio Mattingly, que já pesquisou os romanos nessa ótica da Romanização, critica o uso do referido termo para se buscar compreender as diversas relações oriundas desse contato do dominador com aquele que foi dominado. Para ele, e para nós, neste trabalho monográfico, o conceito de *Imperialismo* é mais adequado. Por quê?

1.4.2 David Mattingly e seu conceito de *Imperialismo*

Primeiro, vamos inserir a palavra em seu contexto, assim como fizemos com os outros, até agora. Mais uma vez os ingleses estão envolvidos nessa questão. O termo *Imperialismo* foi aplicado para aquelas nações que possuíam expansões territoriais. Dessa forma, poderíamos nos remeter ao termo império em varias épocas da história dos povos. A questão central é que, este conceito está intrinsecamente ligado à postura inglesa de governo. Logo, aqueles que possuíam uma postura inglesa de governo, eram chamados de *imperialistas*. Mas o termo em si, é mais antigo do que essa “postura” inglesa. Portanto, não estamos nos referindo ao termo, mas à sua aplicabilidade em um contexto. Neste quesito, a essência do termo *império* vem dos portugueses: a expansão territorial e a implantação de sistemas de dominação particulares nas colônias estabelecidas. Portugal foi um império até o ano de 2002, uma vez que ainda havia uma última colônia sob seu poder: o Timor-Leste. Observe leitor, como a ideia de expansão territorial é tornada essa essência do conceito de império. Dessa forma este conceito não estaria vinculado, a princípio, a algum outro termo limitante, assim como foi com *Romanização*. Contudo, em termos de domínio e elementos (industriais) transplantados para outras culturas, o Império Inglês (*British Empire*) foi aquele mais significativa para a cultura ocidental e oriental. Instigado por estas complexidades do domínio imperial inglês, David Mattingly elenca uma importante discussão: a aplicação do termo *império* para certa época da história dos romanos:

⁸³ When peoples were conquered, incorporated into provinces and, in due course of time, became part of an integrated empire, this entailed a process of ethnic disintegration or decomposition. This is the essence of ‘Romanization.’ The Nabataeans, the Idumaeans, and the Commagemeans in the east, the Allabroges in the west, all disappeared as ethnic entities. Cf.: ISAAC, B. *The origins of racism in classical antiquity*. Princeton: Princeton University Press, 2004. p. 08.

Definições de imperialismo e de império são variadas e controversas, portanto, eu preciso me posicionar de forma clara desde o princípio. Alguns comentaristas têm argumentado que o termo *imperium Romanum* diferenciou-se bastante do termo moderno *imperialism* e, se comparado aos impérios modernos, o Império Romano foi um produto muito distinto dessas forças políticas e econômicas. Um estudo recente sugeriu que o expansionismo Romano se encaixaria com mais facilidade em um quadro analítico da construção do Estado, em vez do uso anacrônico do termo imperialismo. Contudo, isso parece ignorar, sobremaneira, a excepcionalidade romana em relação aos outros estados na antiguidade clássica – a natureza de Roma como uma Metrópole ou Cosmópolis, se torna mais legível dentro das análises de sistemas imperiais, bem mais do que outras cidades antigas (MATTINGLY, 2011, p. 5, tradução nossa, grifo do autor).⁸⁴

Mattingly nos mostra que, mesmo o termo *império*, pertencente ao próprio contexto romano, não deixaria claro para os pesquisadores, em que consistiria essa política de domínio. Logo, o conceito de *Imperialismo* (desenvolvido, baseado nos conhecimentos que se tinha acerca do mundo romano, desde o século XIII de nossa era), praticado pelos Estados-Impérios europeus modernos, ainda assim, não seria conveniente, para alguns autores, aplicá-lo ao *Imperium Romanum*. Ou seja, Mattingly critica certos autores que subestimam a experiência “excepcional” do Império Romano e temem aplicar o conceito de *Imperialismo* ao seu contexto, acreditando ser isso um anacronismo. Mas para Mattingly, seria essa excepcionalidade dos romanos, que garantiria a aplicação desse conceito.

Sobre isso, acreditamos que o leitor esteja um pouco confuso diante de algo que parecia ser tão simples, pois, afinal, quando estudamos História nas escolas básicas, todos estes termos aparecem aplicados de forma naturalizada a muitos povos, tanto da Antiguidade, quanto da Modernidade. Quem nunca estudou sobre: Império Egípcio, Império Babilônico, Império Medo-persa, Império Macedônico, Império Otomano, ou mesmo, quando estudamos os povos pré-coloniais da América: Império Asteca, Império Inca, bem como os modernos: Império Inglês, Império Francês, Império Alemão, Império Italiano, Império Russo, Império do Brasil. Claro que, em alguns livros, encontramos, ao invés de *império*, o termo *civilização*.

⁸⁴ Definitions of imperialism and of empire are varied and controversial, so I need to make my position clear at the outset. Some commentators have argued that the *imperium Romanum* was quite distinct from the modern term *imperialism* and, in comparison with modern empires, the Roman Empire was a product of very different political and economic forces. A recent study has suggested that Roman expansionism fits more readily into an analytical frame of state building rather than an anachronistic back-projection of imperialism. Yet that seems to ignore much about Rome that was exceptional in relation to other states of classical antiquity – the nature of Rome as a cosmopolis or metropolis fits more readily into analysis of imperial systems than of other ancient cities.

Todos eles são baseados nas perspectivas históricas positivistas, elaboradas desde o século XIX. Contudo, os romanos foram um povo que, para esta situação, recebem um importante ponto a mais que os outros na Antiguidade. Sobre isso Mattingly incrementa:

A palavra *empire* é derivada do termo latino *imperium*, apesar de que o seu entendimento moderno tenha se desenvolvido a partir da fusão de três linhas semânticas no pensamento europeu. A primeira delas enfatizava a ideia de soberania sobre pessoas e territórios; a segunda, a assimilação imperial com algum Estado não-subordinado; a terceira foca as atenções nos Estados expansionistas que incorporaram, com certo grau de diversidade interna, outros Estados e territórios. Isso, em parte, explica as dificuldades para se chegar, hoje, em uma definição que seja aceita de forma universal (MATTINGLY, 2011, p. 10, tradução nossa, grifo do autor).⁸⁵

O que queremos esclarecer é o seguinte: a) o termo latino *imperium*, não está semanticamente relacionado ao conceito de *Imperialismo*; b) o conceito de *Imperialismo* foi elaborado pelos *Empires* (impérios) modernos, e não pelos romanos, com o intuito de ser o sistema de domínio que estes impunham às suas colônias. Ou seja, o termo *império* é essencialmente romano, mas o conceito de *Imperialismo* que conhecemos hoje, não nos foi dado pelos romanos, mas pelas experiências colonialistas dos impérios modernos, como Portugal e Inglaterra. Vamos retomar certa discussão, semelhante àquela realizada no início do capítulo sobre a etimologia do termo *história* com a função de historiador na Antiguidade, que estabelece um vínculo semântico entre os termos latinos e os termos modernos para *Imperialismo* e *império*.

Ao ler atentamente a citação acima, notemos o vínculo que a palavra latina *imperium*, possui com o termo britânico *empire*. Muitas palavras inglesas são foneticamente semelhantes ao português (chamamos esse fenômeno de *cognatos*). Eis os países que possuem familiaridade linguística com o latim: Portugal, Espanha, Itália, Romênia e França. Note que o inglês não é da mesma família que o latim, mas existe um paralelo entre eles: tanto os bretões (atuais britânicos) quanto os saxões (germânicos) foram povos inseridos no contexto de dominação romana. Logo, não seria espantoso encontrarmos palavras de origem latina em

⁸⁵ The word *empire* itself comes from the Latin term *imperium*, though the development of the modern understanding represents the fusion of three semantic lines in European thought. The first of these emphasized the idea of sovereignty over people and territory; the second assimilated empire with any nonsubordinate state; the third focused attention on expansionist states that incorporated other states and territories, with a resulting level of internal diversity. This, in part, explains the difficulties of coming up with a universally accepted definition today.

ambos os idiomas, principalmente no inglês. Observemos as palavras: *imperium* (latim), império (português), *imperio* (espanhol), *impero* (italiano), *imperiu* (romeno), *empire* (francês), *empire* (inglês). O inglês e o francês possuem palavras morfologicamente próximas. No período romano, os bretões e os gauleses habitavam estas respectivas nações. No latim, a palavra *imperator* era aplicada no sentido de *general*, líder militar, nos tempos da República (*res publica* – coisa pública). Com a ascensão de Otávio Augusto (27 A.E.C.) como Líder Máximo (*Pontifex Maximus*) dos ritos romanos, o termo *imperator* torna-se semelhante ao que conhecemos hoje. Este período político, de bastantes campanhas militares e algumas guerras civis, recebeu em latim o nome de *imperium Romanum*. Mas este não era o nome da nação romana, uma vez que se chamavam: *Senatus Populusque Romanus* – O Senado e o povo romano (SPQR). Este “lema” poderia ser encontrado em textos oficiais e em estelas funerárias de membros da elite romana durante essa era imperial (27 A.E.C. à 476 E.C. para os romanos e até 1453 para os bizantinos).

Já o termo *imperialism* é essencialmente do Império Inglês (ou Britânico) do século XIX. E é por isso que Mattingly menciona o receio de certos pesquisadores em aplicar o referido termo ao contexto do Império Romano. Os elementos que caracterizam o referido conceito foram extraídos, principalmente, das experiências dos impérios modernos, com destaque para o britânico. A defesa do autor está nas experiências distintas que os romanos tiveram em comparação com outros povos, como helenos e persas.

‘A palavra imperialismo parece desafiar qualquer definição.’ Sua conexão com os termos violência/guerra e Estado em construção, parece razoavelmente aceitável para as fases iniciais do expansionismo romano, contudo seu entendimento parece suprimir o efeito ‘extraordinário’ de transformação sobre a sociedade romana, acarretado pelo ‘sucesso nas guerras’ (que eles admitem distinguir Roma das outras cidades-estados contemporâneas). Eu diria que este sucesso de Roma reformulou suas estruturas sociais, econômicas e políticas aproximando-a dos outros impérios, bem mais do que de outros Estados nascentes (EICH/EICH *apud* MATTINGLY, 2011, p. 5, tradução nossa).⁸⁶

⁸⁶ “The word imperialism seems to defy any easy definition.” Their linkage between violence/ warfare and state-building seems reasonable for the early stages of Roman expansionism, but their analysis seems to elide the transformative effect on Roman society of the “extraordinary success in war” (which they admit distinguishes Rome from contemporary societies). I would argue that Rome’s success did transform its social, economic, and political structures in ways that have more in common with other empires than with other nascent states.

Segundo nos apresenta Mattingly, mencionando os autores Amim e Peter Eich⁸⁷, geralmente associada, não só com a expansão territorial, mas também com a violência e a guerra, a palavra *imperialismo* é “razoavelmente aceitável” por alguns estudiosos, para esse recorte do contexto vivido pelos romanos. No entanto Mattingly não admite esta simplicidade e afirma que os romanos, em sua época dita “imperial”, foram passivos a experiências muito semelhantes àquelas vividas pelos impérios modernos, como o inglês, legitimando assim, a aplicabilidade deste conceito (sem o receio do anacronismo) aos estudos sobre esse povo. E em que consistiam exatamente essas experiências?

Para entendermos essa vasta experiência romana como afirmamos, pois, da cidade-estado de Roma até a derrota do lado oriental do Império Romano (ou Bizantino), temos mais de 1000 anos de trocas culturais com os povos dominados, logo, é necessário aceitar que, de forma alguma, houve uma constante na visão de mundo dos romanos ao longo de todo esse período. Os romanos jamais foram os mesmos ou pensaram da mesma forma durante toda essa experiência. Algumas características (visões de mundo) foram mais duradouras do que outras, mas sempre estavam passíveis de ressignificações por parte dos responsáveis pela administração do governo (reis, príncipes, imperadores, pontífices) e vividas pelos cidadãos de Roma.

Então, notemos como essas experiências expõem em um mesmo espaço de relações, o dominador (romano) e seus dominados (provincianos). O que estamos buscando é mostrar que, se para com os impérios modernos, a palavra *imperialismo*, aplicada ao seu sistema de governo, possibilitou trocas de experiências, que anteriormente, no pensamento do século XIX, privilegiava apenas o ponto de vista do dominador, e que na prática, como mostramos, não ocorria dessa forma, uma vez que, tanto o colono quanto o colonizado trocavam, discutiam e aprendiam conhecimentos uns dos outros, pelos estudos que faz, o autor Mattingly afirma que o termo moderno *Imperialismo*, é capaz de esclarecer muitos elementos dessa experiência romana com relação ao contato com outras formas de vida, ou seja, de outras culturas, estas, que compunham seu vasto território na Europa, norte da África, Anatólia, Oriente Médio e que ainda possuía relevantes relações comerciais com os extremorientais.

Nesta perspectiva, Mattingly acrescenta:

⁸⁷ EICH, Armin; EICH, Peter. War and State-Building in Roman Republican Times. *Scripta Classica Israelica*: yearbook of the Israel Society for the Promotion of Classic Studies (ISPCS), v. 24, p. 1-33, 2005.

Contudo, justamente como os impérios evoluem ao longo do tempo, o termo imperialismo não necessita ser estático ou uniforme. Quando observamos as dinâmicas do Império Romano, provavelmente, precisamos olhar para além das definições monolíticas da maioria das contas e considerar as várias fases distintas de imperialismo. Precisamos também, tomar cuidado com as tendências dos comentaristas antigos e modernos a respeito das explicações das fases anteriores, à luz da perspectiva de instituições e ideologias que se desenvolveram somente em fases posteriores. Imperialismo deve ser entendido como um processo dinâmico e maleável (MATTINGLY, 2011, p. 6, tradução nossa).⁸⁸

Destarte, observemos como o conceito de *Imperialismo* possui características que acompanham a subjetividade humana, ou seja, essa maleabilidade mencionada por Mattingly. Já o termo *Romanização* nos restringiria a esse privilégio dado ao dominador, mesmo percebendo subjetividade nesta aplicação conceitual. Esse termo, *Imperialismo*, não precisaria ser inserido (com segurança) apenas nas primeiras fases da expansão do Império Romano, mas também, por sua dinâmica, em quase todas as fases das experiências romanas no tempo. Essa defesa conceitual de Mattingly, também é a nossa defesa conceitual para se estudar os romanos em suas mais diversificadas fases imperiais. Mas e os judeus e sua Judeia? Existe algum conceito específico para estudá-los? O termo *Imperialismo* também leva em consideração o dominado, mas não no sentido de colonizado, mas sim de uma outra forma de vida nesse vasto Império Romano. Não somente os judeus, mas os egípcios, gregos, árabes, trácios, partos, etc. dificilmente perderam a essência de sua subjetividade diante desse sistema maior, que estamos chamando de imperial (*imperialismo*, para os ingleses). Mas, para alguns desses, obviamente, pois cada um possui sua peculiaridade histórica no tempo, assimilaram mais ou menos elementos da perspectiva de vida do outro, podendo até não mais se identificar, hoje, muitos rastros de um passado anterior a essa assimilação, principalmente quando se era imposta uma “ideologia” bastante agressiva e punitiva, como foi para essas províncias na fase cristã do Império Romano.

⁸⁸ However, just as empires evolve over time, imperialism need not be static or uniform. When we look at the dynamics of the Roman Empire, we perhaps need to look beyond the rather monolithic definitions of most accounts and to consider several distinctive phases of imperialism. We also need to beware of the tendency of both modern and ancient commentators to explain earlier phases in the light of institutions and ideologies that developed only in later phases. Imperialism should be seen as a dynamic and shape-shifting process.

1.4.3 Como é complexo esse conceito de *Identidade*

Agora já podemos discutir um pouco mais sobre o conceito de *Identidade*, bastante complexo quando inserido ao Mundo Antigo em geral – se possível, releia aquela citação da autora Neyde Theml no início deste capítulo. Daremos uma atenção mais específica para essa tão falada subjetividade humana, pois é nela que a identidade ganha terreno para exercer sua influência nas sociedades. Mais uma vez voltemos ao século XIX. Neste século os historiadores, a serviço das Histórias Nacionais, produziram muitas obras que buscavam provar com documentos e fontes as origens da nação. No Brasil, por exemplo, temos a criação do IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro –, que contratou pesquisadores para forjar a identidade nacional. Dentre esses historiadores temos o alemão Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) e o brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878). Mais conhecido como Von Martius, este botânico, médico e antropólogo, foi um dos primeiros a contribuir para a tentativa de se criar um sentimento nacional entre os habitantes do Império do Brasil. Em sua Dissertação publicada na década de 1840, *Como se deve escrever a História do Brasil*, fomentando elementos comuns que instigassem a identidade nacional, afirma:

Qualquer que se encarregar de escrever a História do Brasil, país que tanto promete, jamais deverá perder de vista quais os elementos que aí concorreram para o desenvolvimento do homem.

São porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular três raças, a saber: a de cor cobre ou americana, a branca ou a caucasiana, e enfim a preta ou etiópica. Do encontro, da mescla, das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história por isso mesmo tem um cunho muito particular.

Pode-se dizer que a cada uma das raças humanas compete, segundo a sua índole inata, segundo as circunstâncias debaixo das quais ela vive e se desenvolve, um movimento histórico característico e particular. Portanto, vendo nós um povo nascer e desenvolver-se da reunião e contato de tão diferentes raças humanas, podemos avançar que a sua história se deverá desenvolver segundo uma lei particular das forças diagonais.⁸⁹

⁸⁹ MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. Revista do IHGB. Rio de Janeiro 6 (24): 389 - 411. Janeiro de 1845. (Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. N. 24, janeiro de 1845). Disponível em: <http://academico.direitorio.fgv.br/wiki/Texto_Von_Martius>. Acesso em: 26 mar. 2013.

A identidade nacional, para esses pesquisadores do século XIX, estava intrinsecamente ligada às discussões raciais, e aquele que melhor posicionasse na História essas diversas raças, como em um jogo de peças, seria a nação mais bem sucedida em seu passado, seu presente e conseqüentemente, em seu futuro. Vamos questionar uma vez mais o leitor: quem estudou segundo os moldes positivistas da história deve já ter ouvido falar de “raças humanas”. Raça Negra, Branca, Indígena ou Ameríndia. Quem está atento às notícias de nossos telejornais, já ouviu algum âncora ou repórter falar em matérias jornalísticas, termos como “raças humanas” ou mesmo, *racismo*. Dividir a humanidade em *raças* não era uma atividade exclusiva dos cientistas do século XIX, mas desde o Renascimento (século XV E.C.) que se entendem os diferentes tipos fenótipos humanos como *raças*.

Assim, C. Loring Brace, da Universidade de Michigan, diz, segundo citam: ‘O conceito de raça não aparece até as viagens transatlânticas da Renascença.’ Naturalmente, nos Estados Unidos, aqueles que discutem acerca do racismo, tendem a focar na cor da pele. E o artigo continua: ‘Outra maneira de se pensar sobre a cor da pele é perguntar: quando foi que os europeus começaram a pensar em si mesmos como brancos? “Não havia brancura antes do século 17”, disse Manning Marable, diretor do Instituto de Pesquisa em Estudos Afro-Americanos da Universidade de Columbia’ (ISAAC, 2004, p. 05, tradução nossa).⁹⁰

O pesquisador Benjamin Isaac, estudando sobre a aplicação do conceito de *racismo* na Antiguidade, nos chama atenção, através da nota citada acima, que nenhum conceito surge do vazio ou de forma espontânea. Existe sempre um motivo, um propósito, um objetivo para se elaborar um conceito, uma teoria, uma hipótese. Para definirmos o “eu” se faz necessário o estudo do “outro”. Como saberei que sou “branco” se vivo em uma sociedade “branca”? Logo, não haveria a necessidade de me achar “branco”. Mas encontro um ameríndio de pele avermelhada. Já estou atribuindo “vermelhidão” à pele do outro. Em seguida olho para mim e digo: já eu sou branco, venho de uma sociedade de brancos; mas eles são avermelhados. Antes mesmo de chamarmos de raça essa distinção nos pigmentos da pele, já eram atribuídas pelos humanistas, *raças* aos povos da Antiguidade. Ao invés de *império* ou *civilização*,

⁹⁰ Thus C. Loring Brace of the University of Michigan is quoted as saying: “The concept of race does not appear until the trans-Atlantic voyages of the Renaissance.” Naturally, in the United States, those who discuss racism tend to focus on skin color. The article continues: “Another way of thinking about skin color is to ask: When did Europeans start thinking of themselves as white? ‘There was no whiteness prior to the 17th century,’ said Manning Marable, director of the Institute for Research in African-American Studies at Columbia University.” Cf.: ISAAC, B. *The origins of racism in classical antiquity*.

teríamos “raça dos egípcios”, “raça dos judeus”, “raça dos romanos”. Por acaso o leitor já ouviu algum desses termos citados? O antropólogo-historiador senegalês Cheikh Anta Diop (1923-1986) que escrevia segundo os moldes europeus da primeira metade do século XX, que chamaremos de História Tradicional⁹¹, menciona em sua obra *Origem dos antigos egípcios*, que

[...] Aristóteles, -384 a -322, cientista, filósofo e tutor de Alexandre, o Grande. Num de seus trabalhos menores, Aristóteles tenta, com surpreendente ingenuidade, estabelecer uma correlação entre a natureza física e a natureza moral dos seres vivos, e nos fornece evidências sobre a raça egípcio-etíope que confirmam o testemunho de Heródoto. Segundo Aristóteles, ‘Aqueles que são muito negros são covardes como, por exemplo, os egípcios e os etíopes. Mas os excessivamente brancos também são covardes, como podemos ver pelo exemplo das mulheres; a coloração da coragem está entre o negro e o branco’ (DIOP, 2010, p. 13).⁹²

O autor segue, com uma coletânea de citações de obras e trechos de autores clássicos, como Aristóteles e Heródoto, lidos acima. Mas o que nos importa observar nesta citação é a visão acerca desse outro.⁹³ O homem de pele negra, geralmente, não era bem visto pelos povos de pele clara desde os tempos mais antigos. Essa *Longa Duração*, como diria o historiador francês (da 2ª geração dos *Annales*) Fernand Braudel (1902-1985), caminha e seguiu caminhado até nosso presente. Isto Braudel chamaria de “história quase sem tempo”, isto é, que sua percepção de mudança ao longo do tempo é extremamente lenta. É como se disséssemos que os homens de pele negra, inseridos no contexto ocidental, por exemplo, quase sempre foram vistos de forma pejorativa.⁹⁴ Segundo Braudel ainda haveria mais dois modos de perceber a história no tempo: a história das formações estruturais das sociedades

⁹¹ Isto é ser “tradicional”: “[...] o Egito é o que possui o meio ambiente mais característico, devido ao regime do Nilo. Sem o rio, o Egito não existiria. Isso foi dito e redito mil vezes desde Heródoto: trata-se de uma verdade básica.” (MOKHTAR, G. Introdução Geral. In: ____ (ed.). *História geral da África, II: África antiga*. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. XLIV). A existência do povo egípcio não está condicionada ao rio Nilo, pois são as pessoas quem constroem os diques, as barragens e os sistemas de drenagens e isto sim, era o que tornava as margens do Nilo habitáveis.

⁹² DIOP, Cheikh Anta. *Origem dos antigos egípcios*. In: MOKHTAR, Gamal (ed.). *História geral da África, II: África antiga*. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 1-36.

⁹³ Aqui vale uma ressalva: Nem sempre os autores antigos, como os citados pelo autor senegalês, admitiam, como se fosse uma norma, certo descaso com o negro. Isso variava com o objetivo de cada autor. Por exemplo: os etíopes eram preguiçosos para Aristóteles e belos para Heródoto, este, acusado de “amigo dos bárbaros” por Plutarco.

⁹⁴ O conceito de *racismo*, cunhado no século XX, é transportado por Benjamim Isaac para Antiguidade. Cf.: ISAAC, *op. cit.* 2004. Esse é um anacronismo e deve ser cuidadosamente trabalhado fora de seu contexto.

(lento) e a história dos acontecimentos (curto). Vamos exemplificar: se neste momento estivéssemos afirmando que, os negros haviam sido vistos de forma pejorativa pelos brancos até o século I E.C., sendo que, em nossos dias, não haveria resquícios dessa “discriminação”, ou seja, que havia sido parte de uma estrutura social que já foi superada, diríamos, segundo Braudel, que fez parte uma lenta temporalidade; mas se disséssemos: No ano 390 A.E.C., registros de autores antigos mostram que houve um conflito entre homens de cor branca e cor negra. Este seria o tempo curto. No geral, a história seria vista pelos cidadãos apenas pelo tempo curto; o pesquisador, por sua vez, já enxergaria as estruturas sociais que ocasionaram o referido acontecimento; mas o historiador perceberia a *Longa Duração* dos conceitos que sustentariam o comportamento das sociedades que ocasionaria curtos acontecimentos, eventos. O tempo para Braudel era como o oceano, com suas espumas (o evento), correntes marítimas (as estruturas que carregam os eventos) e zonas de baixo fluxo (zona abissal) – a longa duração dos conceitos e costumes.

Observemos então, como a *Identidade* não trabalha sozinha, exigindo outros conceitos para que ela possa agir. O principal deles, o conceito de *alteridade*, esse conhecimento acerca do “outro”, que define o “eu” ou o “nós”, existiu na essência de todos os grupos humanos formados ao longo do tempo histórico. Romanos e judeus não seriam exceções. Vamos lembrar, mais uma vez, a pergunta que guia nosso trabalho monográfico: haveria algum relato não-judaico acerca do levante de Jerusalém contra os romanos em 70 E.C.? Já sabemos que sim: Tácito. Agora questionamos: O que Tácito relatou sobre o evento da guerra? Será que ele dedicou-se a comentar sobre as estruturas do acontecimento? Qual seria a opinião de Tácito sobre os judeus e seu estilo de vida? Vejamos quantas perguntas surgiram a partir daquela primeira, que orientou nosso Projeto de Pesquisa.

Se quisermos identificar o posicionamento do autor acerca de algo que relata, na verdade, buscamos informações sobre ele e sobre de quem ele quer falar. Devemos notar no seu próprio relato, o que o autor considera como correto e como absurdo, por exemplo. É importante, tentar identificar em quais obras contemporâneas ou anteriores, o autor se baseou para escrever sua informação. Sem ainda entrar nos comentários acerca da nossa fonte taciteana, vejamos o que o autor relata acerca da origem dos judeus:

Os judeus, refugiados da Ilha de Creta, haviam se estabelecido na Líbia, no momento em que Saturno cedeu seu reinado, pressionado pelo poder de Júpiter. A prova está no seu nome: em Creta se encontra o famoso Monte Ida

e os seus vizinhos Ideos, barbarizando esta palavra, chamaram de Iudeos (TÁCITO, *Hist.*, V, 2, tradução nossa).⁹⁵

Aquele que possui o mínimo de conhecimento acerca dos judeus, cristãos ou mesmo dos islâmicos, sabe que essa origem cretense dos judeus, mencionada por Tácito, foi bem curiosa, para não dizer, chocante. O leitor dirá: e da onde foi que ele inventou isso? Diremos que, em breve, ainda neste trabalho monográfico, comentaremos sobre essas e outras questões! Ainda sobre o conceito de *identidade*, a autora Juliana Marques acrescenta que,

[...] podemos ler a construção de uma identidade determinada em [Tácito], ainda que não necessariamente coerente, e que é fruto da sua adequação em um determinado gênero literário e uma tradição historiográfica específica, e que reflete também seus objetivos e as perspectivas de seu tempo. [...] Mas é também necessário ter em mente as limitações, ou melhor, os objetivos a que se prestam a leitura dos textos pelo viés dos recentes estudos sobre identidade (MARQUES, 2007, p. 21).

Para saber quais estudos recentes sobre a questão da identidade devemos abraçar, precisamos relembrar ao leitor que o conceito de *Identidade* respondia aos desejos de cada escola histórica, desde o século XIX. Os positivistas respondiam aos governos em sua busca pelas identidades e verdades nacionais (como vimos em Von Martius); muitas vertentes marxistas buscavam a identidade do proletariado e esta seria a primeira atenção dada às classes trabalhadoras e não às elites ou heróis nacionais; as gerações dos *Annales* inserem a própria *identidade* como estudo da História, não apenas referindo-se a um povo, mas a aplicação de seu conceito em diversos contextos; a História Social, que se preocupa com as identidades dos sujeitos que participam da história; a História Cultural, que oferece voz ao silenciado, às minorias étnicas e discriminados. São muitos os modelos que oferecem suporte ao conceito de *Identidade*, mas já afirmamos que nosso viés é o da Nova História e nela incluímos todos os recursos que nos torne capazes de não incutir verdades ou mentiras ao leitor, nem queremos que o mesmo seja instigado ao anacronismo histórico sugerido por pseudo-historiadores em textos didáticos demais. Inserindo um pouco dessa complexa discussão nos estudos sobre Roma, Mattingly acrescenta:

⁹⁵ Iudaeos Creta insula profugos novissima Libyae insedissee memorant, qua tempestate Saturnus vi Iovis pulsus cesserit regnis. Argumentum e nomine petitur: inclutum in Creta Idam montem, accolas Ideos aucto in barbarum cognomento Iudaeos vocitari. TÁCITO. *Histórias*, V, 2.

Um avanço intelectual e crítico aqui é reconhecer que a identidade deve ser estudada em termos de cultura e poder, eu acredito que é possível discernir uma significativa variabilidade entre certos grupos importantes de pessoas inseridos na sociedade romana e que essa interação, entre essas diferentes identidades, pode nos revelar coisas interessantes sobre o funcionamento do poder e das relações dentro dessas sociedades (MATTINGLY, 2011, p. 214, tradução nossa).⁹⁶

O autor mostra que a identidade romana (o dominador) e a do dominado podem ser encontradas em suas próprias relações. Ou seja, na linguagem que ambos proferem um com o outro, ao longo de suas experiências convvidas em um mesmo sistema: o imperial.

1.5 O QUE TEREMOS PELA FRENTE?

Caso todas essas discussões sobre conceitos ainda tenham ficado complicadas de se entender, nos próximos dois capítulos, retomaremos novamente com eles. Não negamos também que, conceitos ainda não discutidos, aparecerão mais adiante neste trabalho.

Neste capítulo I, vimos como a História é repleta de complexidades personificadas nos conceitos que regem as sociedades em todas as épocas. Para o cidadão comum, talvez aquilo que parecia ser simples e terreno, agora parece ter vindo de outro planeta. Mas garantimos que nada disso é além da própria subjetividade humana.

No capítulo II, através das referências, como mostramos neste capítulo, construiremos algumas informações e possíveis discussões acerca da História da Judeia, do Império Romano, e do nosso autor Tácito. Não esqueçamos que outros conceitos devem aparecer para nos ajudar a compreender as experiências desses povos tão distintos. Mas em que seriam tão distintos? Essas e outras questões serão analisadas daqui em frente.

Devemos alertar ao leitor, que releia este primeiro capítulo quantas vezes for possível, pois nele encontramos os alicerces da produção científica moderna em História. Objetivamos

⁹⁶ A critical intellectual step here is to recognize that identity must be studied in terms of both culture and power, I believe that it is possible to discern significant variability among certain important groups of people within Roman society and that the interplay among these different identities can reveal interesting things about the operation of power and reactions to it within these societies.

romper, aos poucos, com as concepções que já caíram em desuso pelos historiadores dessa Nova História como o conceito de *raças* ou mesmo de *verdades* e *falsidades*. Caro leitor, lembre que não construímos uma casa a partir do teto, este é apenas o fato, o acontecimento, o evento, a notícia. As estruturas que sustentam nosso teto, como bem sabemos, foram construídas por homens, cada um com suas próprias histórias e subjetividades, desejos e medos. Lembre também que, as estruturas foram fixadas no solo e caso este seja instável, arruinará toda a estrutura da casa e fará com que o teto desabe: estes, são os conceitos que podem ou não arruinar toda uma estrutura social; podem tanto fixar e segurar as estruturas por um bom tempo ou podem simplesmente ruir pela sua fragilidade, como foi (e ainda é), por exemplo, o conceito de *racismo*.

CAPÍTULO II – OS JUDEUS E A JUDEIA NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA – UMA BREVE BIOGRAFIA DO ROMANO TÁCITO

Sejam cuidadosos com aqueles que estão no poder, pois oferecem sua amizade à pessoa unicamente em benefício próprio; eles aparentam ser amigos quando lhes convêm, mas não se erguem ao lado de um homem em sua hora de aperto [necessidade].

Raban Gamliel (Pirke Avot, II, 3)

Os benefícios são apreciados enquanto se vê a possibilidade de retribuí-los: quando, ao contrário, superam esses limites, em vez de gratidão, geram ódio.

Tácito

Como o próprio título deste capítulo nos mostra, estudaremos o contexto experienciado pelos judeus em meio às sociedades da Antiguidade Clássica (Grécia e Roma). Para tanto, faremos uma breve apresentação dos judeus, sua cultura, seu percurso desde o tempo em que foram formados até as suas implicações quando passaram a se relacionarem veementemente com outras formas de se viver, isto é, outras culturas. Atentaremos para o conhecimento judaico transmitido na perspectiva cristã, esta que seria a mais próxima do leitor não-especializado vivente em um país majoritariamente cristão, como é o nosso. Mostraremos casos que evidenciam a construção dos conceitos que definem o “eu” segundo a compreensão do “outro”. Buscaremos enfatizar essas relações de alteridade e identidade, uma vez que este assunto que estamos promovendo é bastante rico e nos permite muitos exemplos para que essa leitura e entendimento se tornem mais claras para o leitor.

Neste capítulo haverá muitos termos que designam e caracterizam cada cultura – como o hebraico, grego e latim –, e em muitas passagens, optaremos por apresentá-las na grafia “original” (transliterada quando for hebraico e grego), junto a sua respectiva explicação. Existirão muitas notas explicativas e orientamos ao leitor que não deixe de observá-las, pois muitos esclarecimentos, desde referências bibliográficas até subtextos que complementam a informação referida, estarão nelas. Esperamos que o leitor observe, atentamente, as informações, pois nem sempre uma pergunta intertextual terá sua resposta discutida imediatamente. Ao final deste capítulo, teremos uma breve biografia do nosso autor romano Tácito, que discute previamente algumas de suas visões de mundo. Também o leitor encontrará mapas e uma tabela, que serão de suma importância didática para a lucidez do conteúdo.

2.1 JUDEIA E JUDEUS ENTRE HELENOS E CRISTÃOS: CASOS DE IDENTIDADE E ALTERIDADE

Dedicaremos, neste momento, um espaço mais específico para falarmos acerca da Judeia, e isso implicará em sabermos o que certos autores já haviam mencionado sobre esta, que foi província do Império Romano no primeiro século. Vamos lembrar o que já mencionamos, até este ponto, sobre a Judeia e os judeus desde o primeiro capítulo: a) a cidade de Jerusalém, principal da Judeia – citada no título deste trabalho monográfico; b) chamamos de judeus, aqueles nascidos na Judeia e aqueles que entendem a Lei judaica como única a ser praticada, iniciados, assim, através da circuncisão; c) a palavra *midrásh*, para os judeus, assim como *istoria*, para os helenos, significa “investigar”, “pesquisar”, mas ambas diferenciam em seu contexto objetivo e aplicativo; d) na estrutura textual narrativa, utilizando documentos e testemunhos, o gênero literário judaico *divrei hayamim* (crônicas/histórias) estaria bem próximo do mesmo *historiarum* (histórias) para os romanos; e) Flávio Josefo foi o historiador judeu-romano que mais produziu textos nos moldes da historiografia helena sobre a história dos hebreus e dos judeus até o século I, sendo este, o principal relator da revolta dos judeus contra os romanos em 69-70 E.C.; f) Tácito, historiador romano, foi um dos poucos não-judeus a dedicar alguma produção textual sobre os judeus na Antiguidade, sendo ele, talvez, aquele que mais se dedicou a relatar acerca deles. Em suma, foram estes alguns pontos selecionados para lembrarmos o que já havíamos destacado sobre os judeus e a Judeia em nosso primeiro capítulo.

Podemos dizer que, em nosso país, a Judeia se tornou mais conhecida dos cidadãos através das religiões, principalmente do cristianismo. Aqueles que se consideram ligeiramente devotos, seja através de uma missa católica ou de um culto evangélico ou protestante, já ouviram, das explanações de seus guias espirituais, o nome Judeia. Este nome aparece constantemente no livro sagrado do cristianismo: o Novo Testamento. Nele, a Judeia é mencionada como um dos espaços de origem do cristianismo, senão o principal. Relembrando o que já havíamos afirmado no primeiro capítulo, muitos pesquisadores, desde o século XVII e XVIII, principalmente, se interessavam pelos estudos do dito *Oriente Próximo*⁹⁷, instigados por questões religiosas oriundas do cristianismo. Seja para buscar uma afirmação material dos

⁹⁷ Cf.: SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Na perspectiva antropológica eurocêntrica, esse *Oriente* estava “próximo” da Europa, em contrapartida daquele que estava mais no “extremo”, isto é, mais distante do mundo europeu, como os chineses, os coreanos e os japoneses.

eventos bíblicos ou mesmo para por um fim às questões religiosas cristãs, esse homem europeu – que possuísse boas condições financeiras – buscou, nas antigas terras da Judeia, um rumo para a sequência de suas ideias científicas e/ou religiosas. Por serem bastante ligados às questões ditas espirituais dos cidadãos cristãos, os termos Jerusalém e Judeia, são tornados mais transcendentais do que elementos terrenos da humanidade. Isso dificulta, sobremaneira, o estudo científico desses dois termos mencionados. Mas não torna impossível seu estudo.

2.1.1 Concepções de “Novo” e “Velho”: identidade e alteridade entre cristãos e judeus

O livro chamado “Novo Testamento” possui um contexto de criação e ele não remonta ao tempo que propõe relatar. É importante lembrar que esse “Livro” foi composto por uma coletânea de textos independentes que, desde o século II, vêm sendo organizados pelos cristãos. A autora Monica Selvatici acrescenta:

Na realidade, um estudo mais próximo da recepção dos escritos que vieram a integrar o Novo Testamento na segunda metade do século II aliado à crítica interna da obra completa ‘evangelho de Lucas – Atos’ aponta para o fato de que esses dois textos constituíam, no início, um único livro de dois volumes que foi, no final do século I, desmembrado em duas obras diferentes e, no fim do século seguinte, incorporado ao cânon da forma como aparecem os livros do Novo Testamento: a primeira parte da obra transformada em um evangelho a dividir espaço com outros três – Mateus, Marcos e João – seguidos da segunda parte, o relato de *Atos*. A veiculação do texto de *Atos* por Ireneu de Lyon em fins do segundo século teve como objetivo principal deter a proliferação das chamadas heresias – dentre as quais ele incluía as idéias de Marcião (SELVATICI, 2006, p. 33, grifo da autora).⁹⁸

No âmbito religioso, a perspectiva positivista da história ainda é bastante vívida. Busca se atribuir verdades e mentiras aos fatos (*história positivista*, a ciência que busca exatidões); certo e errado às ações humanas (*história pragmática*, isto é, na busca de valores para uma moral ética). A citação acima, nos mostra como até os livros considerados mais sagrados, foram forjados, organizados e promovidos pelas pessoas orientadas por suas

⁹⁸ SELVATICI, Monica. *Os Judeus Helenistas e a Primeira Expansão Cristã: Questões de Narrativa, Visibilidade Histórica e Etnicidade no livro dos Atos dos Apóstolos*. 2006. 233 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2006.

ideologias, visões de mundo e perspectivas de vida. Com o NT⁹⁹ não seria diferente. Seu conteúdo, considerado transcendental pelos cristãos, foi elaborado com uma perspectiva, objetivos e para um público alvo. Da mesma forma, as ideias, as posturas políticas, o posicionamento mediante outras práticas culturais, também foram construídas segundo as subjetividades de seus autores. Christopher Mount¹⁰⁰ afirma: “o Novo Testamento ele próprio representa uma construção polêmica das origens cristãs proposta no fim do século II de maneira a conferir ordem a uma diversidade de movimentos religiosos associados a Jesus”.¹⁰¹ E Selvatici¹⁰² ainda complementa: “O título *Atos dos Apóstolos* foi dado à segunda parte da obra de Lucas em seu formato neo-testamentário pelo próprio Ireneu, que seguia, assim, os seus propósitos de construir uma história normativa das origens cristãs.” Note caro leitor, como produzimos os nossos conhecimentos, como buscamos responder aos nossos interesses individuais ou coletivos. Diante dessa humanidade textual de livros considerados divinos por grupos religiosos, muitos teólogos têm cunhado o termo *divinamente inspirado*, para garantir a sua transcendentabilidade¹⁰³. Observemos então, como a própria divindade de certos textos antigos seria atribuída pelos homens, os sujeitos da história, o que nos levaria a entender que tais textos não são divinos (escritos por uma divindade), mas foram divinizados (definido dessa forma pelo próprio homem).

Toda essa brevíssima explanação acerca do NT com algumas de suas implicações na sociedade cristã, decorrentes de estudos acadêmicos¹⁰⁴, é de suma importância para destacarmos o termo Judeia, uma vez que o NT é a fonte antiga mais próxima do cidadão brasileiro, cujo termo aparece claramente em vernáculo português. Os textos mais antigos que compõem o NT datam da segunda metade do século I E.C., apesar de não haver cópias de originais gregos tão antigos quanto.¹⁰⁵

⁹⁹ Assim abreviaremos “Novo Testamento”.

¹⁰⁰ MOUNT, 2002 *apud* SELVATICI, 2006, p. 34.

¹⁰¹ Cf.: MOUNT, Christopher. *Pauline Christianity: Luke-Acts and the Legacy of Paul*. Leiden: Brill, 2002.

¹⁰² SELVATICI, *op. cit., loc. cit.*, grifo da autora.

¹⁰³ Extraído da Bíblia de Estudos Almeida: “A palavra inspiração, não sendo bíblica, significa, normalmente, uma influência sobrenatural do Espírito de Deus sobre os autores bíblicos, garantindo que, aquilo que escreveram era precisamente o que Deus pretendia que eles escrevessem para a transmissão da verdade divina, podendo, por isso, dizer-se realmente “inspirados” ou *theopneustos*, literalmente, ‘soprados por Deus’ (2 Tm 3.16)” – Disponível em: <<http://bibliotecabiblica.blogspot.com.br/2009/11/o-significado-da-inspiracao-divina.html>>. Acesso em: 8 abr. 2013.

¹⁰⁴ Sobre estudos críticos acerca da historicidade do NT, cf.: SANTOS, Samuel Nunes dos. Criticismo neotestamentário e os evangelhos enquanto fontes histórico-biográficas para construção de uma *Vita* de Jesus. *RJHR* 1:1, 2010.

¹⁰⁵ Na pesquisa de Paulo José Benício, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, intitulada: *Identificação, descrição e datação do códice grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, mostra que, as cópias de evangelhos mais antigos da América do Sul, encontrados na referida biblioteca, datam do século XII, por exemplo.

Mas o termo “Judeia” é mais antigo que aquele apresentado no NT (que remonta ao século I). Ele encontra-se nas cópias mais antigas dos originais do Cânon Judeu de Escrituras, em hebraico, descobertas em 1946-47 nas proximidades do Mar Morto, em um sítio arqueológico que ficou conhecido como *Qumran*. A menção mais antiga que se faz, data do século II A.E.C. e encontra-se no *Sefer Torá* (Livro das Leis) na *parashat vezot haberachá* (a partir do capítulo 34: 1-4) do *Sefer hadevarim* (Deuteronômio). Vamos conferir essa seleção:

E subiu Moshe as planícies de Moav, ao monte Nevo, ao cume da colina (pisdá) que está frente à Yerecho; e HaShem o fez ver toda a terra, desde Gilad até Dan, e todo Naftali, e a terra de Efrayim e de Menasheh, e toda a terra de Yehudah, até o mar do oeste; e a terra do Negev, e a planície, e o vale de Yerecho, cidade das palmeiras, até Tzoar. E disse-lhe HaShem: esta é a terra que jurei para Avraham, para Yitschak e para Yaakov, dizendo: para tua descendência a darei. É-te permitido vê-la com teus olhos, mas não passarás ali. (Dt. 34 1-4, tradução nossa – do espanhol-hebraico).¹⁰⁶

Vamos esclarecer ao leitor o que seria este *Sefer Torá*: no vernáculo português seu significado literal seria *Livro das Leis* ou *dos Ensinamentos*. Mas quando este foi traduzido pelos próprios judeus no século III A.E.C. – e inserido na coleção de livros conhecido como Septuaginta, ou a versão dos 70 (ou 72) sábios judeus – do hebraico para o grego, em 72 versões, recebeu o nome de *Pentáteukho* (que significa algo como “Cinco questões”), dividida em: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. No original hebraico estas divisões existem da seguinte forma: *Bereshit* (no início), *Shemot* (nomes), *Vayikrá* (e chamou) *Bamidbar* (no deserto) e *Devarim* (palavras). Acreditamos que o leitor não-especializado tenha duas perguntas a nos fazer: a) esse *Sefer Torá* não seria o Pentateuco ou os cinco livros de Moisés que estão no início do Antigo Testamento da minha Bíblia? b) e onde estaria a palavra “Judeia” na citação acima?

Vamos às respostas: a) Sim. O *Sefer Torá* (ou *Chumash* – i.e. “Os cinco”) é o equivalente para os cristãos ao Pentateuco, mas as traduções feitas por instituições cristãs, seja de cunho teológico ou não, não são reconhecidas pelos judeus como ideais para compreender o sentido do texto em hebraico, por isso se utilizam, costumeiramente, do texto hebraico,

¹⁰⁶ Vaya'al Moshe me'arvot Moav el-har Nevo rosh hapisgah asher al-peney Yerecho vayar'ehu Adonay et-kol-ha'arets et-haGil'ad ad-Dan. Ve'et kol-Naftali ve'et-erets Efrayim uMenasheh ve'et kol-erets Yehudah ad hayam ha'acharon. Ve'et-haNegev ve'et-hakikar bik'at Yerecho ir hatmarim ad-Tsoar. Vayomer Adonay elav zot ha'arets asher nishbati le-Avraham le-Yitschak ule-Ya'akov lemor lezar'acha etnenah her'iticha ve'eyneycha veshamah lo ta'avov. Texto transliterado do hebraico pela comunidade judaica. Cf.: Disponível em: < <http://bible.ort.org/>>. Acesso em: 8 abr. 2013.

tanto para leituras públicas, quanto para estudos teológicos.¹⁰⁷ Já os termos “Antigo” e “Velho” Testamento, são totalmente forjados pelos cristãos que na sua primeira intenção, buscavam inferiorizar o *Tanach* – este que foi rotulado pelos apologistas cristãos com ambos os termos citados –, diante do “Novo” Testamento, propagandeado desde o século II. Dessa forma, segundo Sérgio Alberto Feldman¹⁰⁸,

A Igreja polemiza com os judeus desde seus primórdios fazendo uso das Escrituras, em especial daquelas inseridas no cânon da Bíblia Hebraica ou ‘Antigo’ Testamento (AT). Este último termo traz embutido em seu seio uma postura que pode ser denominada como ‘ideológica’: entende que há duas coletâneas de Escrituras e emite um juízo de valor. O ‘Novo’ supera, ou pelo menos complementa e encerra o ‘Velho’, superado e anacrônico, se visto isoladamente. [...] Os judeus negam a validade do ‘Novo’ e os cristãos comprovam sua Verdade demonstrando que no ‘Antigo’ existem profecias relativas aos fatos e narrativas do ‘Novo’, que o validam e geram provas à sua veracidade (FELDMAN, 2008, p. 86).

O termo *Tanach* não possui tradução para qualquer vernáculo, pois não se trata de uma palavra, mas de um acrônimo que refere-se às três principais seções literárias da cultura hebraica: *Torá* (A Lei), *Neviim* (exortações ou proféticos) e *K’tuvim* (escritos ditos históricos). Portanto, por representar o cânon judaico de textos sagrados, convencionou-se chamar de *Bíblia Hebraica* ou simplesmente de “Sagradas Escrituras”. Seja “Antigo” ou “Velho”, como nos mencionou Feldman, são atribuições dadas apenas por cristãos, mediante o que os mesmos chamam de o “Novo” – a palavra “Testamento”, para ambos os livros, também é de cunho cristão. Estas não são questões muito teológicas, mas bem mais etimológicas, ideológicas e de identidade, uma vez que as diferenças culturais, motivadas por interpretações textuais e concepções de mundo, nunca causaram tantos problemas de convivência social como foi com a experiência dos judeus com outros povos no tempo. Isso

¹⁰⁷ Além dessa questão, as traduções feitas por instituições cristãs ou por teólogos cristãos, não são muito toleradas pelas comunidades judaicas por estas admitirem que nelas se encontrem palavras ideologicamente inseridas (ou substituídas) para dar “veracidade” ao *Textus Receptus* (o NT em grego) e ao entendimento cristão dos textos israelitas. Um exemplo bem famoso seria a tradução da palavra hebraica *almah* (donzela ou jovem moça) que aparece em muitas traduções cristãs como “virgem”, embasando a ideia de “nascimento virginal”. É a palavra *betulah* que se traduz por “virgem” em hebraico. Em sua Bíblia cf.: Isaías 7: 14, e note qual das palavras aparece: jovem/donzela ou virgem?

¹⁰⁸ Doutor e professor de História Antiga e Medieval da UFES, que produziu muitos artigos acerca da experiência judaica na antiguidade e principalmente medieval. Cf.: FELDMAN, Sérgio Alberto. Agostinho de Hipona: a necessidade dos judeus na finalidade cristã da História. In: SOUBBOTNIK, Olga M. C. S.; SOUBBOTNIK, Michael. *Enlaces: psicanálise e conexões*. Vitória: GM Gráfica, 2008. p. 85-95.

decorreu, necessariamente, logo após a tradução do *Tanach* para o grego – esta que foi chamada de “versão” dos Setenta ou *Septuaginta*, palavra de origem latina.

2.1.2 Judeus no mundo heleno e romano: uma breve explanação

O autor Werner Jaeger¹⁰⁹ faz uma breve explanação a respeito de alguns autores gregos que teceram comentários sobre os judeus na cidade de Alexandria por volta do século III A.E.C.:

Com efeito, quando os gregos travaram conhecimento com a religião judaica pela primeira vez em Alexandria no século III a.C. [período de produção da Septuaginta, devemos lembrar], pouco tempo depois de Alexandre Magno, os autores gregos que nos transmitem as primeiras impressões do seu encontro com o povo judeu, como Hecateu de Abdera, Megástenes e Clearco de Soles em Chipre, aluno de Teofrasto, referem invariavelmente os judeus como uma ‘raça filosófica’. O que pretendem dizer, evidentemente, é que os judeus sempre tinham defendido certas opiniões acerca da unidade do princípio divino do mundo, que os filósofos gregos só muito recentemente perfilhavam. [...] O judeu mencionado no perdido diálogo de Clearco, que conheceu Aristóteles durante os anos em que ele ensinava em Assos na Ásia Menor, é descrito com[o] um perfeito grego não só a nível da língua mas na alma. [...] Temo que o livro sagrado judaico nunca tivesse sido traduzido, nem a Versão dos Setenta chegasse a existir, se não fosse a expectativa dos gregos de Alexandria de encontrar neles o segredo daquilo a que chamavam respeitosamente a filosofia dos bárbaros. Por detrás de tal empreendimento acha-se a nova idéia de ‘uma só humanidade’ que Alexandre propagara através de sua política, depois de ter conquistado o Império Persa (JAEGER, 1991 *apud* NASCIMENTO, 2003, p. 70-71).¹¹⁰

Vamos destacar três pontos mencionados acima por Jaeger. *Primeiro ponto*: o encontro do pensamento de alguns judeus helênicos, isto é, aqueles que também se dedicavam a compreender a filosofia grega, o modo de percepção de mundo grego e até o modo de se comportar dos gregos, foram esses, na verdade, aqueles que dialogaram com os alexandrinos.

Alexandria era uma cidade fundada nos tempos de Alexandre da Macedônia que propunha ser um centro cultural heleno em território egípcio, pois esta se localiza às margens do Mar Mediterrâneo e inserida no famoso Delta do Nilo. Um bom exemplo, bem posterior,

¹⁰⁹ Cf.: JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e paideia grega*. Lisboa: Edições 70, 1991.

¹¹⁰ NASCIMENTO, Dax Fonseca M. P. Fílon de Alexandria e a Tradição Filosófica. *Revista Eletrônica Metavóia*, São João del-Rei, n. 5, p. 55-80, jul. 2003.

desse diálogo judeu-grego, foi Fílon (ou Philo) de Alexandria. Sem buscar nos aprofundar nessas questões, Fílon foi um judeu que nasceu e viveu em Alexandria entre 25 A.E.C. e 50 E.C., sendo apenas um dentre muitos judeus que viviam fora da Judeia desde o século V A.E.C. Muitos autores acreditam que o mesmo não falasse hebraico ou aramaico, mas entendia as discussões judaicas e gregas segundo a Septuaginta, conhecendo certas palavras hebraicas comuns ao cotidiano das comunidades judaicas.¹¹¹ Fílon nos é conhecido através de Flávio Josefo, quando o mesmo relata da visita desse, ao Imperador romano Gaio Calígula (37 à 41 E.C.). Sobre esta visita, Selvatici¹¹² comenta:

Josefo narra o episódio [...] em Alexandria, no ano de 38 d.C., no qual Flaco, o prefeito do Egito, apóia os habitantes locais ao declarar que os judeus da cidade são ‘estrangeiros e alienígenas’ na medida em que não prestam o culto ao imperador. Em função do apoio dado pelo prefeito aos gregos, a tensão social é transformada em violência contra a comunidade judaica e – para utilizar um termo anacrônico – ocorre o primeiro ‘pogrom’ de que se tem registro na história. [...] Ele narra a partida de duas delegações a Roma com o objetivo de chegar a uma solução na presença do imperador. A primeira delegação representa a posição dos gregos e a outra, tendo Fílon à sua frente, segue em defesa do lado judaico. Ápion, defensor dos alexandrinos, argumenta que os judeus são o único dos povos dentro do Império que não honra o imperador com a construção de altares e que não jura em seu nome. [...] Fílon não tem a oportunidade de desenvolver o seu argumento porque Gaio o impede de fazê-lo. O imperador, muito irritado com o episódio, decide, então, erigir uma estátua sua no Templo de Jerusalém – decisão esta que leva a mais conflitos com o povo judaico (SELVATICI, 2008, p. 33-34).¹¹³

Essa dita “filosofia judaica”, que aqui tornaremos-na sinônimo de “modo de vida judaico”, foi questionada pelos alexandrinos pela clara discrepância do comportamento desses diante destes. O foco dessa discussão seria bem mais legislativo do que transcendental, ou seja, do que hoje chamaríamos de rivalidade religiosa.

¹¹¹ NASCIMENTO, 2003, p. 63. Para outra versão desta referência, ver (p. 25) e (p. 46). Ambas contêm uma discussão sobre essa questão.

¹¹² SELVATICI, Monica. A recriação da identidade judaica na cidade de Alexandria no século I d.C. *ORACULA* 4.8, 2008.

¹¹³ A palavra “*pogrom*” (погром) de origem russa (e adotada pelos judeus ashkenazim russos) é um verdadeiro anacronismo, pois está inserida no contexto da intolerância étnico-religiosa do Império Russo Czarista nas primeiras décadas do século XX, este que promovia diversos “massacres”, pilhagens e agressões às pequenas comunidades judaicas. O sentido atribuído à palavra *pogrom* é “massacre”. Ela foi tornada, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) sinônimo para qualquer violência feita às minorias étnicas ou religiosas. Talvez isso justifique o anacronismo da autora, principalmente, por ela mesma ter assumido o uso da palavra fora de seu contexto.

2.1.3 O problema dos conceitos anacrônicos: *religio* x religião; *galut* x exílio

O termo *religião*, como se concebe em nossos dias, no sentido de “religar” (*religare*), pois entende-se que *religião* é aquilo que conecta o homem com o divino, não cabe ao tempo que estamos estudando. O termo latino *religio*, originalmente, não possuía, até o advento do cristianismo, vínculo algum com o termo *religare*, mas sim com o termo *legere*. Este termo tem o sentido de “congregar” e também de “escrúpulos” para com os costumes rituais (*religiosus*). Portanto, “religião” no tempo de Roma Antiga, por exemplo, seria sinônimo de *grupos*, congregados, *observantes de ritos* ou cultos de seus *costumes locais*.¹¹⁴

As leis judaicas, registradas de forma didática nas narrativas do *Sefer Torá*, eram seguidas pela maioria dos judeus que viviam fora do espaço designado como Judeia.¹¹⁵ São os chamados, “judeus da diáspora” ou *hayehudim hagalut*. Assim como o termo moderno *religião* cairia de forma anacrônica ao período anterior à era do Império Romano cristão, como mencionou Mata (2010), o termo hebraico “*galut*” que em nosso idioma português pode significar “exílio”, não pode ser entendido da mesma maneira que concebemos hoje. Essa noção, assim como para o termo latino *religio*, está relacionada com as interpretações cristãs de mundo, principalmente do judaico. O *exílio* que entendemos hoje é de “punição pelos pecados”. Esse sentido atribuído por muitas vertentes religiosas cristãs às duas diásporas famosas da história judaica, aquela da Babilônia (século VI ou V A.E.C.) e esta, que estamos estudando, a do período romano (século I e II), também influenciou a mentalidade dos judeus “fugitivos”, mas para ser mais preciso, influenciou os líderes das comunidades pós-destruição do Templo e de Jerusalém, chamados *Ravnim* (rabinos) – de filosofia judaica farisaica inicialmente. O pesquisador e professor da Universidade de Bar-Ilan em Tel-Aviv, Chaim Milikowsky, estudando essas discrepâncias de sentido¹¹⁶, afirma que

[...] nos séculos II e III de nossa era, o termo *galut* [exílio] significava submissão política e mais do que deportação, ainda mais porque não existia correlação necessária entre os dois significados. O único exílio ao qual os textos rabínicos faziam menção era o da Babilônia, que ainda se prolongava

¹¹⁴ MATA, Sérgio da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 126.

¹¹⁵ FELDMAN, Sérgio Alberto. Introdução. In: _____. *Perspectivas da unidade político-religiosa no reino hispano visigodo de Toledo*: as obras de Isidoro de Sevilha e a questão judaica. 2004. Tese – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, 2004. p. 17-18.

¹¹⁶ Cf.: MILIKOWSKY, Chaim. Notions of exile, subjugation and return in rabbinic literature. In: SCOTT, James M. (org.). *Exile. Old Testament, jewish and Christian Conceptions*. Leiden: Brill, 1997, p. 265-296.

na perspectiva de diversos autores, mesmo depois da destruição do Segundo Templo (MILIKOVISKY *apud* SAND, 2011, p. 241-242, grifo do autor).

Então, segundo Milikowsky, a tradução mais adequada para *galut* no período que estamos estudando, até contatos mais expressivos entre cristãos e líderes comunitários judeus pós-século III, seria “submissão política”. Para aqueles judeus nascidos fora da Judeia, estar sob as leis de outro povo, seria bastante complicado pela distinção ímpar que a cultura judaica tinha das de sua época na Antiguidade. Mas por qual motivo esses judeus que formaram famílias, comunidades, sinagogas (pequenos locais de encontro para estudos da Lei) em terras distantes da Judeia, preferiam, em grande parte, ficar onde estavam? Para o leitor que queira se aprofundar mais nesta questão confira a obra do professor de História Contemporânea da Universidade de Tel-Aviv, Shlomo Sand intitulada *Comment le peuple juif fut inventé?*¹¹⁷ Ainda sobre a questão elencada acerca do termo *galut*, autores como Israel Jacob Yuval (2005)¹¹⁸ e Adia Horon (2000)¹¹⁹ defendem aquela ideia exposta neste trabalho acerca do cristianismo como principal fomentador da interpretação atual de “exílio”. Tanto Yuval como Horon atribuem aos pais da Igreja católica, como Justino, no século II, essa visão pejorativa da suposta fuga dos judeus da Judeia, da destruição de seu Templo e mais ainda, de seu principal patrimônio material (o próprio Templo), junto com a administração da cidade de Jerusalém, todas estas, oriundas, principalmente, da culpa pela crucificação da personagem Jesus, relatada no NT, e da rejeição do próprio NT como “sagrado”, “santo” e “divinamente inspirado”, e tudo isso, segundo os pais da Igreja.¹²⁰

Flávio Justino ou Justino, o Mártir (100-165 E.C.), um dos primeiros pais do cristianismo, habitante de Samaria em Flávia Neapolis (que no século II passou a ser chamada pelos romanos de Síria-palestina agregando a Judeia) e contemporâneo de Tácito (55-120 E.C.) nos anos 20 desse século, através da retórica e da história, que mesclava assuntos da filosofia helena, filosofia mística/apocalíptica de vertentes interpretativas da lei judaica e filosofia dos *notzerim* (“nazarenos”, nome dos primeiros cristãos na Judeia), buscou convencer autoridades romanas, inclusive o imperador, acerca das diferenças entre os judeus e

¹¹⁷ Em português temos: SAND, Shlomo. *A invenção do povo Judeu: da Bíblia ao sionismo*. São Paulo: Benvirá, 2011.

¹¹⁸ YUVAL, Israel Jacob. O mito do exílio da terra: tempo judaico e tempo cristão. *Alpayim*, 29, 2005, p. 9-25. Esse trabalho ainda encontra-se em hebraico.

¹¹⁹ HORON, Adia. *História de Canã e do país dos hebreus*. Tel Aviv: Dvir, 2000, p. 344. Esse trabalho ainda encontra-se em hebraico.

¹²⁰ SAND, 2011, p. 242.

os cristãos (que para ambos os grupos já era bem evidente no século em que viviam, mas não para os romanos ou mesmo para os helenos). Nas *Apologias* defendia suas ideias e doutrinas baseadas nos ditos ensinamentos de Jesus nos Evangelhos, estes que fariam parte do futuro cânon cristão de escrituras sagradas. Uma das críticas feitas por Justino às leis judaicas, por exemplo, que por sua prática os levaram a condição de “pecadores e desterrados”, foi com relação à circuncisão. Esta, para ele, não passava de uma mera “carnalidade” judaica, pois o seu significado real era “oculto”. Vejamos o que nos diz o autor Daniel Giandioso com menção a isto:

Justino relaciona os trágicos acontecimentos da Revolta de Bar Cochba (132-135 d.C.) com a circuncisão. Ela seria uma marca distintiva tendo em vista a aplicação de um castigo. Assim, a circuncisão é um sinal não apenas para a distinção dos judeus de outros povos, mas uma marca na carne para que ‘sofrais sozinhos o que agora estais sofrendo com justiça, e vossas terras fiquem desertas, vossas cidades sejam abrasadas e os estrangeiros comam vossos frutos diante de vós (Is 1,7), e ninguém de vós possa entrar em Jerusalém’ (Diál. 16,2). [...] Como os judeus mataram o Justo e antes dele seus profetas (Is 57,1), são merecedores de tais sofrimentos. O salto hermenêutico de Justino a respeito da circuncisão é imenso. Ela deixa de ser o sinal da Aliança de Deus com Israel, que confere uma eleição divina, e se torna um sinal para punição dos judeus. Justino afirma que ela não é necessária para todos os homens, mas apenas para os judeus, cujo sinal de distinção está carregado de um sentido negativo (JUSTINO *apud* GIANDIOSO, 2011, p. 161-162).¹²¹

Essa clara crítica para com as leis judaicas era um mecanismo argumentativo que buscava distanciar judeus e cristãos, não somente como filosofias distintas, mas no sentido humano e divino também. Para muitos destes, ser judeu era ser pecador e ser cristão era ser conciliado com a divindade pelos méritos de Jesus, filho único de Deus – ideia esta que seria propagada de forma universal para todos os povos pelos missionários. Justino precisava argumentar acerca do “outro” para definir o seu “eu” cristão, e assim formular suas doutrinas que futuramente orientariam os líderes da Igreja. Não somente os cristãos, mas em Alexandria, tanto os egípcios/gregos, quanto os judeus/gregos, argumentavam acerca do seu “eu”, definindo os comportamentos dos “outros”, como vimos mais acima, neste capítulo.

¹²¹ GIANDIOSO, Daniel Marques. *O Diálogo com Trifão de São Justino mártir e a relação entre judeus e cristãos (Século II)*. 2011. 231 f. Dissertação – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2011.

2.1.4 Casos de discrepância e respeito entre judeus e helenos

Retomando essa discussão acerca da discrepância entre as leis dos judeus e a dos romanos (que administravam Alexandria), por exemplo, vemos como isso ocasionou vários embates semelhantes àquele entre Fílon e Ápion, relatado por Josefo em sua obra *Contra Apionem* (ou *Apião*), mas o que mais intriga qualquer estudo de *etnicidade* é essa agressividade que um ser humano incide ao outro por qualquer diferença que essa possa significar. No caso dos alexandrinos e dos judeus, estes, que buscavam uma aceitação legislativa para se tornarem também alexandrinos, nesse tempo, ocorreram vários ataques físicos entre os envolvidos. Os egípcios/gregos alexandrinos não aceitavam a inclusão dos judeus/gregos no âmbito dos direitos de cidadania por estes infligirem, segundo esses, muitas regras como a prestação de honras à imagem do Imperador, pois uma das leis judaicas é a proibição definitiva da prestação de honras ou culto à qualquer imagem, seja humana ou animal, ou de qualquer formato.

A reação do imperador Claudio, também relatada por Josefo, exemplifica muito bem essa questão. O imperador romano Claudio, que governou entre os anos de 41 à 54 de nossa era, reafirmou os direitos dos judeus de exercerem suas práticas culturais proibindo a vinda de qualquer dupla delegação, como havia ocorrido com Fílon e Ápion em 38 E.C., como se fossem representações de duas cidades. Mas não somente isso, pois alertou aos judeus para não tentarem interferir, seja por infiltração ou por incomodo, em ambientes gregos, como em jogos de ginásios, ou em cargos de diretoria, desejando se envolver, uma vez que já possuíam suas próprias coisas e muitos usufruíam de boas condições mesmo não sendo, por direito, cidadãos.¹²²

Antes de seguirmos para o *segundo ponto*, referente à citação de Werner Jaeger sobre um primeiro olhar grego diante do povo da Judeia, vamos revisar o que já explanamos até este ponto: 1) foram os religiosos cristãos quem tornaram o termo Judeia e Jerusalém conhecidos no meio popular, bem mais que o ensino escolar e acadêmico, pois o ensino religioso chegava com mais presteza ao cidadão, uma vez que era familiar e comunitário; 2) O *Tanach* (Bíblia

¹²² SELVATICI, 2008, p. 34-35. Também cf.: TCHERIKOVER, Victor & FUKS, A. (eds.). *Corpus Papyrorum Judaicarum*. Cambridge: Harvard University Press, 1960. Eis o relato do imperador acerca do fato: “Aos judeus, por outro lado, eu ordeno que eles não almejem mais coisas do que tinham previamente e, no futuro, não enviem duas delegações como se eles vivessem em duas cidades, algo que nunca acontecera antes, e não sejam intrusos nos jogos presididos pelos *gymnasiarchoi* e pelos *kosmetai*, já que eles usufruem aquilo que é somente deles, e em uma cidade que não é deles eles possuem uma abundância de boas coisas. [...] Se desobedecerem, eu agirei contra eles de todas as formas tal como se fomentasse uma calamidade para o mundo inteiro” (CPJ II: 43, grifo e tradução dos editores citados).

Hebraica), é popularmente conhecido, no meio cristão, por Velho ou Antigo Testamento em contraposição ao Novo Testamento, este, que foi desenvolvido para afirmar a identidade cristã diante das outras interpretações (chamadas de heresias pelos mesmos) e para desvincular sua doutrina daquela judaica; 3) O Pentateuco é equivalente à *Torá* dos judeus. Mas a significância é bastante distinta entre ambos os grupos, pois a *Torá* é a Constituição Nacional dos judeus e está intimamente ligada as questões de identidade e legislação desse povo, já o Pentateuco é costumeiramente lido por muitos cristãos como uma narrativa verídica cuja interpretação é adequada ao entendimento do Novo Testamento, ou mesmo para desejos pessoais, como em um livro de “auto-ajuda”; 4) No século III A.E.C. à pedido dos governantes gregos¹²³, o *Tanach* foi traduzido em 72 versões (*Septuaginta*), por 72 sábios da Judeia, para o grego. Desde então, os povos que conhecessem o idioma grego, passariam a ler, interpretar e traduzir os textos que, até esse século, estavam “criptografados” para os outros povos em letras hebraicas; 5) Os termos “religião” e “exílio” não eram concebidos como entendemos em nossos dias. Em *religião* entendemos como “religar” ou “reconectar” com a divindade e em *exílio*, no sentido bíblico cristão, como “culpa pelos pecados”, remetendo aquela visão do “judeu errante”, sem um lugar para descansar, sempre viajante em terras estrangeiras.¹²⁴

Até o século IV, pelo menos, o termo latino *religio* deveria ser inserido no contexto das “boas observâncias das práticas culturais e rituais”, bem como o termo hebraico *galut* (exílio), inserido no contexto de “estar sob uma legislação não-judaica”; 6) A tradução dos escritos hebraicos para o grego, mostrou o interesse destes pelos textos desses. Mas também expôs as leis judaicas ao mundo conhecido e de forma curiosa, os não-judeus passaram a interpretá-las, levantando discussões que acabavam em muitos conflitos acalorados, como vimos em Justino. Vimos também como as leis do povo judeu, apesar de permitidas no governo imperial de Roma, entravam constantemente em contradição com a lei vigente que, casualmente, ocasionava conflitos bastante agressivos.

É de suma importância que o leitor tenha em mente todos esses seis pontos mostrados acima, pois nas discussões seguintes, os mesmos permanecerão como estruturas fundamentais para a compreensão das relações entre os judeus, os helenos e principalmente, os romanos.

Vamos agora retomar os outros dois pontos importantes que destacamos da citação do autor Werner Jaeger (1991). *Segundo ponto*: “raça filosófica”. O autor Jaeger (1888-1961),

¹²³ “E sucedeu que o rei Ptolomeu ajuntou 72 sábios e os confinou em 72 salas separadas sem justificar o porquê de seu chamado. Ele se dirigiu para cada um deles dizendo: ‘traduza para mim [em grego] a Torá de seu mestre Moisés’” (Talmud, Tratado *Meguilá* 9a).

¹²⁴ Cf.: FERREIRA, Jerusa Pires. O judeu errante: a materialidade da lenda. *Revista Olhar*, a. 2. n. 3. jun. 2000.

alemão, inserido nas concepções que chamamos “tradicionais” da História, utiliza o termo *raça*, como sinônimo de “povo homogêneo”. Basta lembrarmos o que discutimos no primeiro capítulo quando citamos autores como Von Martius e Cheikh Diop. Ambos utilizavam o termo *raça* para designar uma “sociedade de tons de pele”.

Mas a questão é que, essa *raça*, que remete geralmente a cor da pele humana, refletia na concepção dos autores as diferenças intelectuais e físicas entre os seres humanos. Vimos como, na concepção de Aristóteles, a *raça etíope* e *egípcia* (ambas ditas negras) eram “preguiçosas” e as mulheres gregas (brancas demais) eram “covardes”, sendo que a *raça ideal*, a da “coragem”, seria aquela entre o branco e o negro. Mas então, o que seria uma “raça filosófica”, que não refere-se necessariamente à cor? Poderíamos entender da seguinte forma: vistos desse jeito pelos gregos, os judeus estariam sendo, na verdade, elogiados pelo povo que cunhou o termo “filosofia”. Neste caso, o “eu” estaria reconhecendo o “outro”, por este possuir qualidades íntimas do próprio “eu”. Os judeus não possuíam uma cor de pele hegemônica o suficiente para se atribuir qualidades ou defeitos através desse meio, mas pelo seu comportamento oriundo da prática de sua Lei, esta sim, bem mais hegemônica e homogênea entre os judeus. A *raça dos judeus*, então, seria a raça dos seguidores da Lei judaica. Claro que essa ideia de “raça” não é mais concebível em nossos dias, pois, mesmo que o termo ainda seja aplicado de forma cotidiana nas sociedades devido ao que entendemos por *Longa Duração*, o seu sentido primeiro, de “raças humanas superiores”, na qual aquele que possuísse a cor de pele mais clara submetia suas ideologias aos outros que tivessem tons de pele mais escuros ou amarelados, está totalmente rejeitada.

O *terceiro* e último ponto que consideraremos observando a citação de Jaeger, envolve o desejo dos gregos em conhecer o outro, mas claro, um comportamento oriundo da postura política de domínio de Alexandre da Macedônia¹²⁵, aplicado por Ptolomeu no Egito. Esse interesse é mencionado pelo filósofo francês Émile Bréhier (1876-1952) quando diz que

[...] para Fílon, a Septuaginta não tinha por fim atender às necessidades dos judeus, *mas ao desejo dos gregos* em conhecer aquela Lei de que ouviam

¹²⁵ “[...] na época helenística a historiografia sobrevive, mas se transforma. Sua tendência é tornar-se universal, consequência óbvia da ampliação do mundo grego feita por Alexandre e depois unificado por Roma. O historiador desta época é um grande erudito e sua investigação torna-se cada vez menos literária e mais científica [...]” (LÉVÊQUE *apud* SILVA, Airton José da. *Quem são os Judeus? Falam Autores Gregos do Século IV a.C. ao Século I d.C.* Ayrton's Biblical Page, 2002. Disponível em: <<http://www.airtonjo.com/judeus.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2013. Para Lévéque, Cf.: LÉVÊQUE, P., *O mundo helenístico*. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 109. O autor Airton José da Silva é mestrado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e professor de História Hebraica da Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Ribeirão Preto, São Paulo.

maravilhas. Isto mostra que Fílon acreditava na origem lendária daquela tradução, sobre a qual se dizia haver sido produzida a pedido de Ptolomeu II Filadelfo, então governante do Egito (BRÉHIER *apud* NASCIMENTO, 2003, p. 46-47, grifo do autor).¹²⁶

Ainda nessa perspectiva, Flávio Josefo também menciona o interesse de certos autores gregos como Hecateu de Abdera na história do povo judeu e da sua Lei. Assim nos fala o autor:

Hecateu Abderita, que não somente era um grande filósofo, mas muito perito nos negócios de Estado e que tinha vivido junto de Alexandre, o Grande, e de Ptolomeu, rei do Egito, filho de Lago, escreveu um livro inteiro sobre o que se refere à nossa nação. [...] Jerônimo, que escreveu no mesmo tempo de Hecateu a história dos sucessores de Alexandre [...] não diz uma palavra sequer de nós, embora ele quase tenha sido educado em nosso país e Hecateu tenha disso escrito um livro inteiro. (JOSEFO, *Contra Ápion*, I, 8, pp. 1446; 1449).¹²⁷

Está claro o apreço que Josefo demonstra ao heleno Hecateu. Segundo Josefo, Hecateu foi um dos poucos que dedicaram algum espaço em suas obras¹²⁸ para falar do seu povo. Já o referido Jerônimo, que viveu na Judeia, segundo o próprio Josefo, não dedicou nenhum espaço em sua produção para falar dos judeus, o que levou Josefo a entender que alguns têm “inveja contra nós”.¹²⁹ Seja por interesse ou não, alguns escritores gregos dedicaram “comentários” desde a presença de Judeus fora da Judeia por volta do século V A.E.C.. Claramente nosso historiador Tácito teve acesso a muitos desses escritores gregos e até romanos que especularam sobre os judeus e sua história. No terceiro capítulo deste trabalho monográfico, especificaremos esse estudo junto à análise/explicação de nossa fonte taciteana.

No geral, como comentou Bréhier, havia o interesse heleno em conhecer a Lei dos judeus, que, como já mencionamos, estava escrita em um modelo narrativo que contava a história antiga dos israelitas. A tradução do hebraico para o grego possibilitou o acesso, já dos

¹²⁶ NASCIMENTO, Dax Fonseca M. P. *op. cit.* (em outra versão mais completa. *Ibid*, p. 17-52). Sobre a obra de Bréhier cf.: BRÉHIER, Émile. *Les idées philosophiques et religieuses de Philon d’Alexandrie*. Paris: J. Vrin, 1950. p. 8.

¹²⁷ JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*.

¹²⁸ No caso de Hecateu de Abdera, sua obra *Sobre os egípcios*, contém uma seção sobre os judeus. Esta é citada por Diodoro Sículo (século I A.E.C.) na obra *Bibliotheca Historica*.

¹²⁹ JOSEFO, *op. cit.*, p. 1449.

homens da Antiguidade Clássica, ao mundo judaico. Só para lembrarmos, os hieróglifos egípcios e muitos outros textos escritos da antiga Pérsia, de cidades assírias e mesopotâmicas, só conseguiram decodificações significativas a partir do século XIX com o trabalho dos orientistas e dos arqueólogos, enquanto que, desde o medievo, “professores” cristãos de história e literatura grega, latina e hebraica, atuavam na Europa. Mas vale uma ressalva aqui, pois o hebraico, idioma dito *afro-asiático*, não era utilizado no dia-a-dia dos judeus como um “idioma” oficial, pois desde o século V A.E.C. com a dispersão da maioria destes na época dos babilônicos e persas, o aramaico tornou-se o idioma básico para conversação e escrita de textos não canônicos (como o *Talmud*). O mesmo, por volta do século IV A.E.C., ocorreu com o grego.¹³⁰ Segundo o já mencionado Clearco de Soles (ou Solis) em Chipre, citado por Josefo, o judeu fictício do diálogo com Aristóteles, “não somente falava muito bem a nossa língua, mas estimava muito a nossa nação”.¹³¹ Ou seja, deveria ser respeitado, mesmo sendo um “bárbaro”, pois falava o idioma grego. E Clearco acrescenta, segundo Josefo:

[...] judeu de nascimento, oriundo da baixa Síria, da qual aqueles que a habitam agora são descendentes desses filósofos e sábios das índias que eram chamados de chalans e que os sírios chamam de judeus, porque moram na Judéia [...].¹³²

Para Clearco, era como se “ser judeu” fosse “ser filósofo”, e estes, descendentes de sábios indianos vivendo na Judeia. Mas o respeito prestado por Clearco estava mesmo na apreciação do idioma e da cultura helena por esse judeu. Enfim, o hebraico estudado pelos cristãos no medievo não seria o hebraico moderno que esteve sob influência fonética dos estudiosos judeus massoretas (*baalei hamassorá*) através do *Códice de Leningrado*. O conhecimento de muitas palavras hebraicas antes do século XX no meio cristão se deu,

¹³⁰ Para mostrar que muitos judeus admiravam os gregos por, curiosamente, “também” se preocuparem com a filosofia – no sentido da palavra, i.e. “amor do saber” –, com a educação e com o intelecto, um trecho foi destacado acerca do “apreciado” idioma grego *koiné* no *Talmud* (Tratado *Meguilá* 8b): “Rabi Shimon ben Gamliel disse: ‘mesmo os livros da escritura dos sábios não devem ser escritas em outro idioma estrangeiro, senão o grego.’” O mencionado Rabi viveu no século I de nossa era. Cf.: SPIRO, Rabbi Ken. *Greek Persecution*. Jewish Pathways, 2008. p. 2.

¹³¹ JOSEFO, *op. cit.*, p. 1446.

¹³² *Idem, loc. cit.*

provavelmente, pela conversão de muitos judeus ao cristianismo ao longo da história da Igreja.¹³³

2.1.5 Breve etimologia da palavra “Judeia”

Caro leitor. Não nos esquecemos da segunda dúvida elencada em laudas passadas acerca do termo “Judeia”. Vamos retomá-la neste momento: b) e onde estaria a palavra “Judeia” na citação de Deuteronômio 34: 1-4? Optamos por nos ater a essa resposta somente depois de termos feito uma série de breves explicações acerca da relação dos gregos e cristãos, principalmente, com os judeus e vice-versa, que, sobremaneira, estavam todas relacionadas à resposta da pergunta “a”. Um mero “sim” não seria suficiente para responder o porquê de uma coletânea de livros serem “estranhamente” divididas em “Velho” ou “Antigo” e “Novo”. Como temos afirmado, um conceito sempre carrega seu contexto. Devemos estranhar as colocações dos autores, sejam acadêmicos ou religiosos. Não há uma única resposta para uma única pergunta, mas há várias hipóteses que fomentam novas perguntas. O leitor precisa entender que as nomenclaturas: Antigo e Novo Testamentos, são puramente cristãs e nada tem haver com o contexto inicial engendrado pelos israelitas em idioma hebraico. O livro sagrado dos hebreus é tachado de “Velho” e de “Testamento” por um motivo ideológico de “outros”, com outros interesses. Em contraposição ao “Velho”, existe o “Novo”, ou seja: a novidade, a atualidade, a agilidade, a beleza, a coragem, a força para continuar, são todas estas qualidades que geralmente se atribui aos mais novos diante dos que estão envelhecidos. Mas a auto-afirmação dessa nova ideia necessita vir anexada com aquela ideia que se deseja ultrapassar. Note caro leitor, como uma simples resposta portando certo tom de “verdade absoluta”, seria inviável para os estudos históricos após a reforma dos *Annales*.

O mesmo podemos afirmar acerca do termo “Judeia”. Para se enxergar essa palavra na citação mencionada (Dt. 34: 1-4) devemos conhecer seu sentido primeiro, aplicado no contexto do idioma hebraico. O termo Judeia (grafado em português), provém do latim *Iudaea* (que pertence aos *Iudaeus* – i.e. dos “judeus” – *Iudaei*). A palavra latina *Iúda* (Judá), deriva do grego *Ióudas* (Judas) e a “terra de Judá” era chamada, também em grego, de *Ioudaía*

¹³³ Para mais informações cf.: SILVA, Marcos Antônio da. *Dicionário de Hebraico Bíblico de Brown, Driver e Briggs (BDB) como modelo de sistema lexical bilíngüe* – um estudo da lexicografia hebraica bíblica moderna. 2008. 211 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2008.

(Judeia). Logo, provavelmente, os termos gregos foram latinizados pelos escritores romanos *a posteriori*.¹³⁴ Sabendo disso, se relemos agora a citação do texto dos israelitas em português, identificamos a expressão: “terra de Yehudah” (*eretz yehudah*, em hebraico). No livro de Gênesis 26: 34 temos a seguinte personagem: *Yehudit bat-Be’eri haChiti*. Ela foi uma das esposas de Esav (ou *Edom* – de “pelos vermelhos”). Antes mesmo de Yehudah aparecer como um dos filhos de Yaakov, essa enigmática personagem feminina é destacada. A palavra *yehudit*, pode significar “de Judá” ou “judaense”. Nome bem curioso para se dar a uma moça.¹³⁵

Por sua vez, o nome Yehudah¹³⁶, expressa o *agradecimento* de sua mãe Leah por tê-lo saudável com seu marido Yaakov. Este já seria seu quarto filho. Mas a palavra *yehudah* pode ser traduzida como “Ele, *HaShem*, guia”. Então, literalmente, a palavra *Eretz Yehudah* pode significar: a terra dos guiados por *HaShem*. O Reino de Judá, só passa a existir efetivamente na história dos israelitas após a rixa partidária entre Yeravam, que lidera dez províncias do Reino de Israel¹³⁷ e Rechavam, filho de Shlomo (Salomão), que herda a capital *Yerushalayim* (Jerusalém) e mais duas províncias¹³⁸, por volta do século VIII A.E.C.¹³⁹ Essas duas províncias no sul são tornadas a “Terra dos Judeus”. O Reino de Israel mantém seu nome, mas o centro é transferido para *Shechem* (Siquém, e atual Nablus na Cisjordânia – cidade onde nasceu o apologista cristão Flávio Justino). Desde então, ambos os reinos tornaram-se rivais. Podemos dizer que a literatura judaica que conhecemos hoje, passou a ser elaborada durante esse tempo de cisão, sendo preservada pelos escribas (*soferim*) ao longo dos

¹³⁴ Façamos uma observação: caso o leitor ainda não tenha notado, algumas palavras que denotam “agressividade” na língua portuguesa são oriundas da palavra *Judá*. Vamos exemplificar com algumas delas segundo o Dic. Houaiss (2009): *judas* (sinônimo de traidor, no contexto cristão – 1873); *judiar* (sinônimo de maus-tratos – século XV); *judiaria* (sinônimo de zombaria – 1529); *judiação* (sinônimo de escárnio e maus-tratos – 1913). Essas palavras não são semelhantes ao termo “Judá” por mera coincidência. Todas elas são decorrentes da imagem pejorativa forjada pelo cristianismo na Europa, sobre os judeus inseridos nesse cotidiano declaradamente hostil por cerca de 1950 anos.

¹³⁵ Existe uma hipótese que atribui a compilação mais antiga dos escritos judaicos entre os séculos VII e V A.E.C. durante o Reinado de Yoshiyahu (Josias), principalmente (século V A.E.C. segundo o calendário judaico), relatado no livro *Melachim bet* (II Reis) 22: 8 - 23: 24, quando o Sacerdote Maior (*kohen hagadol*) encontra o livro das leis (*haTorah*). O arqueólogo israelense Israel Finkelstein é um dos que defendem a ideia de que os relatos (escritos) ditos bíblicos estariam entre esses períodos mencionados, dos quais estão baseados linguística e legislativamente ao livro *hadevarim* (Deuteronômio). Para mais informações cf.: FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003. p. 26-29. Com relação ao nome da moça Yehudit (Judite) significar “de Judá”, pode estar relacionado ao conhecimento do nome Yehudah (já como um reino, com um espaço definido) entre os séculos VII e V A.E.C. como defendem esses estudos mencionados.

¹³⁶ Gênesis 29: 35.

¹³⁷ As tribos de Israel: Reuven, Shimon, Dan, Naftali, Gad, Asher, Yisashchar, Zevulun, Menasheh e Efrayim.

¹³⁸ As tribos de Judá: Yehudah, Levi (casta de sacerdotes) e Benyamin.

¹³⁹ Baseando-se pelo calendário judaico, isso ocorreu em 797 A.E.C. e em datações tradicionais, no século X, entre 930 e 915 A.E.C.

séculos.¹⁴⁰ Já o Reino de Israel parece não ter feito muita coisa para preservar alguma identidade antes de ter sido anexado ao Império Assírio (*Ashur*, em hebraico). Bem, de acordo com essa hipótese, compreendemos que toda essa literatura hebraica esteve sob a ideologia do Reino de Judá e posteriormente, dos escribas judeus. Afinal, a *Torá*, conhecida como a “Lei dos judeus”, foi encontrada, segundo a narrativa¹⁴¹, durante o reinado de Josias, em Judá, cujo reino, em seu governo, foi submetido a uma dura reforma ideológica e comportamental. Mas essa seria uma questão para outro estudo.

Acreditamos que essas brevíssimas explicações acerca da etimologia da palavra “Judeia” ajudem o leitor a entender a importância de se estudar o contexto histórico das palavras. Só lembramos que, o termo *judeu* (*yehudi*) surge quando os “conquistadores” passam a atribuir uma localidade aos “exilados” da Terra de Judá. A *Meguilat Ester* é o livro que discute, dentro da literatura judaica, essa questão do “outro” e do “eu” judeu na Antiguidade, aplicado em uma situação de *galut*, isto é, de “submissão política estrangeira”.

2.2 TERRITÓRIO DA JUDEIA SOB DOMÍNIO ROMANO NO SÉCULO I E.C.

Pretendemos agora apresentar e descrever brevemente a área geográfica atribuída aos judeus durante o domínio romano da Judeia.

Na tradição historiográfica, foi em 597-586 A.E.C. (e 439-423 A.E.C. pelo calendário judaico) que os babilônicos findaram com a independência política dos judeus na Terra de Judá.¹⁴² Guedália ben Achikam foi o primeiro governador da província babilônica da Judeia¹⁴³, mas logo foi assassinado. O *navii Yirmiyahu*, que permaneceu na Judeia após a destruição do Templo pelos babilônicos, relata, entre os capítulos 39 e 41, pouco mais acerca da história de Guedália. Após 70-75 anos, os persas, que haviam subjugoado os babilônicos, sob o governo de Ciro (*Koresh melech pâras*, em hebraico), permitem a emigração de judeus para a “desjudaizada” Judeia – e, após todos esses anos, já havia na Pérsia uma geração de pessoas que se identificavam como *judeus*, pois desenvolveram seus costumes em terras estrangeiras, ou seja, afloraram suas alteridades para fixarem suas identidades – essa narrativa

¹⁴⁰ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 26.

¹⁴¹ II Reis cap. 22-23.

¹⁴² Reiteramos em afirmar que essas datas são estimativas e não verdades absolutas, mas que, no entanto, variam de autor para autor e até de calendário para calendário.

¹⁴³ II Reis 25: 23-25.

é encontrada no Livro de Ezra *hasofer*, de meados do século IV A.E.C.. Cerca de 20-25 anos antes da caravana liderada por Ezra (Esdras) – entre 364-348 A.E.C., que culminou na reestruturação de uma vida social sob os moldes de uma cultura judaica na Judeia, Zerubavel, comandou uma primeira tentativa de retorno em massa de judeus que viviam em territórios medos-persas e babilônicos, preparando o espaço para a construção do Segundo Templo. Essa primeira tentativa foi embargada pela tensão que existiu junto aos *kutim* (samaritanos), apesar de Zerubavel ter sido nomeado governador da província – esse relato pode ser encontrado nos livros de Ezra, Chagai (Ageu), Zacharyia e Nechemya.

Passados esses 20-25 anos, o Templo já havia sido reconstruído quando Ezra chegara a Jerusalém. Aproximadamente 10 anos depois, Nechemya é nomeado governador de uma Judeia com bastante autonomia dentro do Império Persa. Essa autonomia, mesmo com as constantes tensões com os *kutim*, era garantida pela criação do *Anshei Knesset Hagdola* – *Sanhedrin* (Sinédrio) composto por 71 sábios da Lei, este, sendo um órgão público para resolução de questões jurídicas e legislativas da província; o Cânon judaico de Escrituras Sagradas (o *Tanach*) foi estabelecido previamente à Septuaginta (século III A.E.C.), e isso, encerrou legalmente a possibilidade de se existirem *neviim* (exortadores) pelas terras da Judeia – não significando seu total desaparecimento, pois, como já comentamos, a subjetividade humana prevalece mediante os dogmas; e por “último”, as muralhas de Jerusalém foram reconstruídas – entre os anos 351-335 A.E.C. pelo calendário judaico – e neste tempo, também se encerra a cronologia da Bíblia Hebraica – 329 A.E.C. Qualquer relato posterior ao último de Ezra (*Malachi* – Malaquias) seria considerado não-profético ou não-canônico, podendo ser escrito em aramaico, hebraico e agora, em grego – como foram com Daniel e o *drivei hayamim*, por exemplo, inseridos na seção *K'tuvim* (escritos). A sequência narrativa da história judaica foi relatada nos *Livros dos Macabeus* (escritos em aramaico/hebraico e grego) e, principalmente, na obra de Flávio Josefo – *Antiguidades Judaicas* (AJ), *Guerra dos judeus* (BJ) e *Contra Ápion* (CA), todos escritos em grego.¹⁴⁴ No *Talmud* (escrito em aramaico), encontramos várias menções de *midrashim* (histórias) e discussões rabínicas que também remontam a história da tradição judaica, desde *Bereshit* (gênesis) até o século V E.C.

¹⁴⁴ Segundo o próprio Josefo, antes da versão grega, havia escrito em sua língua materna (aramaico/hebraico). “Foi isso que me fez decidir escrever em grego, para satisfação daqueles que estão sujeitos ao Império Romano e para informar as outras nações, o que escrevi há pouco em minha língua” (JOSEFO, prefácio AJ, p. 69).

2.2.1 Mapas da Judeia sob domínio Heleno e do Império Romano (até o século I E.C.)

Para tornar a região da Judeia mais didática, tornaremos-na visualmente compreendida. De 328-312 à 37-35 A.E.C., a Judeia esteve sob governo de dinastias sacerdotais, com destaque para os Hasmoneus (*Chashmonaim*) – de 139 à 36 A.E.C.

Informamos ao leitor que, informações acrescidas aos mapas, podem ser lidas nas notas de rodapé correspondentes. Vamos aos mapas:

Judeia no período Helênico (328 – 63 A.E.C.)

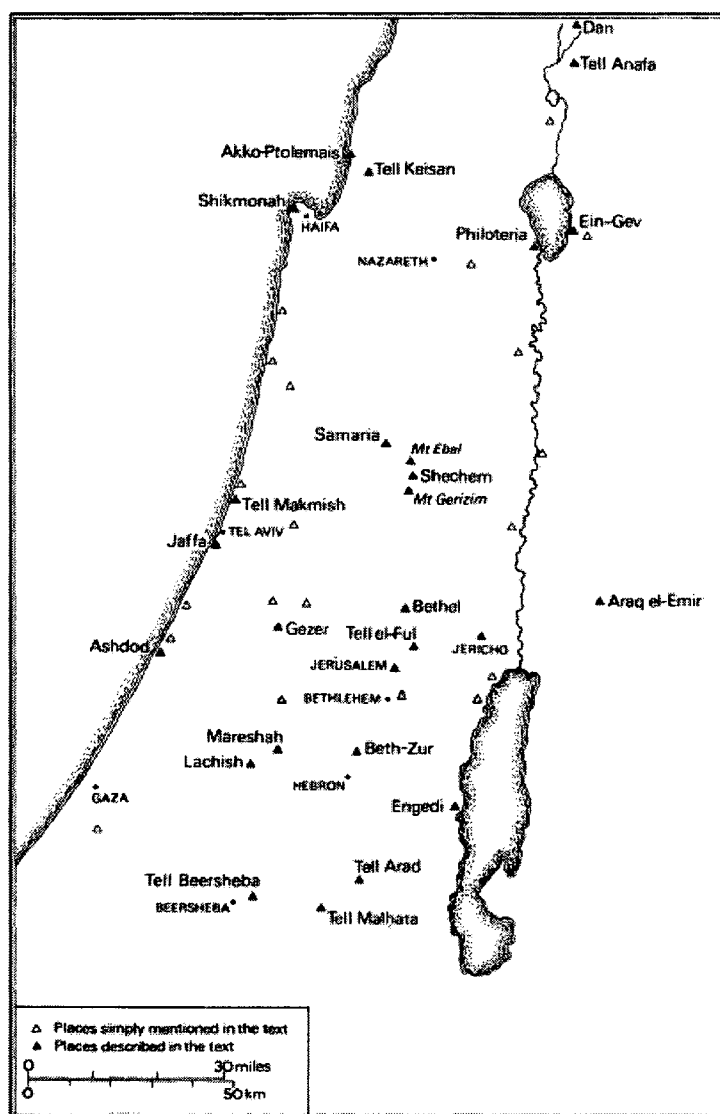


Fig. 01 – Mapa extraído de HALPERN-ZILBERSTEIN, 2007, p. 2.¹⁴⁵

¹⁴⁵ HALPERN-ZILBERSTEIN, Marie-Christine. The archeology of Hellenistic Palestine. In: DAVIES, W. D.; FINKELSTEIN, Louis. (orgs.). *The Cambridge History of Judaism: volume two – The Hellenistic Age*. Cambridge: University Press, 2007. p. 1-34. Este mapa busca destacar as cidades mencionadas nos textos antigos até a época dos helenos. Os triângulos brancos destacam as cidades judaicas e samaritanas que são apenas citadas em textos (judaicos ou helenos); os triângulos negros correspondem às cidades (ou vilas) que, além de

Judeia no período do século I E.C.

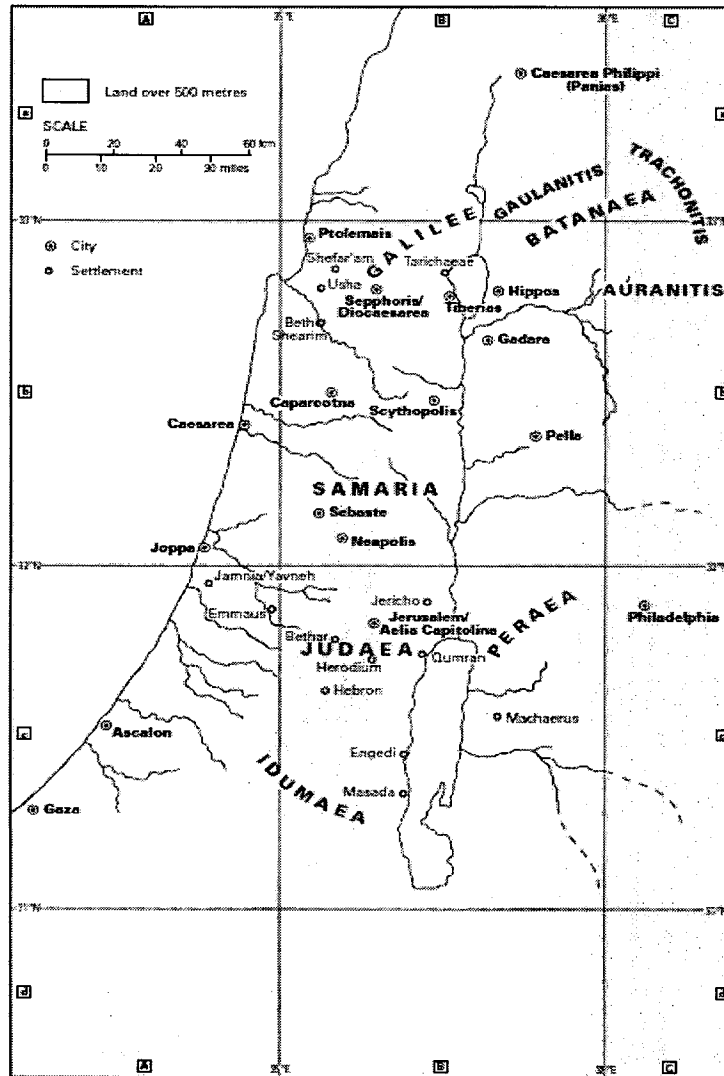


Fig. 02 – Mapa extraído de GOODMAN, 2007, p. 666.¹⁴⁶

citadas, também são descritas com mais detalhes nesses textos antigos. Dessa forma, acrescenta a autora Marie-Christine: “A respeito de alguns aspectos culturais, a vida em Israel não rompia com essa continuidade entre o período persa e a era helenística. Foi justamente isso que, antes, era apenas uma incipiente influência que, agora, viria a se tornar uma força maior. Desse tempo em diante, novas formas de vida introduzidas pelos gregos, abateram-se sobre o Oriente. [...] Por meio de todos os tipos de contatos e, em particular graças ao desenvolvimento do comércio, o helenismo infiltrou-se por todos os lados em vários setores da sociedade. De um ponto de vista arqueológico, a penetração do helenismo poderia ser evidenciada em todos os lugares. Primeiro em instalações militares: a imensa superioridade das técnicas marciais greco-macedônias, exigiu o aperfeiçoamento e a ampliação do sistema defensivo. Da mesma forma ocorre nas habitações: os assentamentos de colonos gregos, dos quais trouxeram níveis de conforto e sabores refinados das classes dominantes que tinham conhecimento da ostentação de Alexandria e das capitais orientais, estava na raiz do desenvolvimento da arquitetura doméstica e da expansão de refinamentos decorativos. Estes, utilizando temas artísticos do grego helenístico *koiné*, assim como aqueles que são encontrados em monumentos funerários. Foi na religiosidade que a situação se tornou mais complexa; ao redor da Judeia, os deuses gregos foram sobrepostos nas velhas divindades semíticas, enquanto que na própria Judeia, forças estranhas que fazem a descentralização foram evidentes durante todo o período pré-macabeu. Finalmente, no campo da cerâmica, a produção local pouco se diferenciou daquela do resto do mundo grego” (HALPERN-ZILBERSTEIN, 2007, p. 1, grifo da autora, tradução nossa).

¹⁴⁶ GOODMAN, Martin. Judaea. In: BOWMAN, A.; GARNSEY, P.; RATHBONE, D. *The Cambridge Ancient History* – volume XI: The High Empire, A.D. 70 – 192. Cambridge: University Press, 2007. p. 664-678. Cneu

Principais construções da Judeia no período de 37 A.E.C. à 70 E.C.

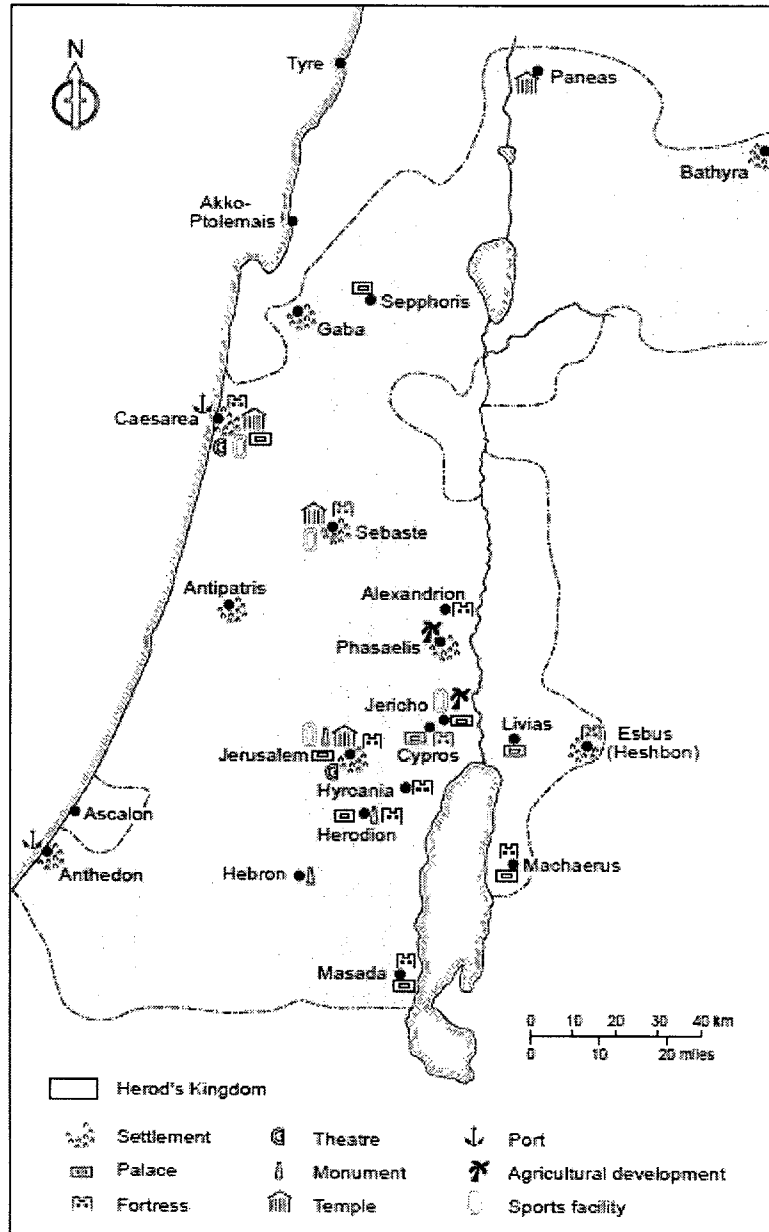


Fig. 03 – Mapa extraído de BROSHI, 1999, p. 2.¹⁴⁷

Pompeu foi o general que conquistou e anexou a Judeia aos territórios do Império Romano em 63 A.E.C.. Desde então a Judeia se tornou uma província de Roma. No mapa podemos observar, além das principais cidades e vilas da Judeia, outras províncias próximas que formavam a região sírio-arábica do Império. Também podemos observar a hidrografia da região: pequenos rios que deságuam no Mar Mediterrâneo e algumas ramificações que afluem do rio Jordão. As áreas mais escuras se referem às porções mais montanhosas da região – acima de 500 metros do nível do mar. O autor Goodman complementa: “a prosperidade e a paz do Império Romano, como um todo, não foram compartilhadas pelos judeus, cujas riquezas decaíram ao fundo do poço durante estes anos. Três guerras desastrosas e a perda de sua terra natal na Judeia foram de um profundo efeito sobre todos os aspectos da vida nacional e religiosa judaica, tanto nesse tempo, quanto nos séculos seguintes” (GOODMAN, 2007, p. 664, tradução nossa). Sobre estas questões discutiremos mais adiante neste capítulo.

¹⁴⁷ BROSHI, Magen. The Archaeology of Palestine – 63 A.E.C.-70 E.C. In: DAVIES, W. D.; HORBURY, W.; STURDY, J. (orgs.). *The Cambridge History of Judaism: volume three – The Early Roman Period*. Cambridge: University Press, 1999. p. 1-37. Este mapa é bastante interessante por apresentar, segundo os estudos arqueológicos modernos (1970- século XXI) em Israel e Cisjordânia, as principais construções do período de Herodes (Hordus, em hebraico) – 37-36 A.E.C à 4 E.C. Observando os outros mapas, atentando para a

2.2.2 A Judeia entre judeus e romanos: casos de identidade e alteridade em Flávio Josefo

Na sequência de nossos estudos, vamos identificar algumas relações que podem ser destacadas dessas experiências entre os romanos e os judeus. Até 63 A.E.C. quando Cneu Pompeu conquistou Jerusalém, colocando a Judeia, efetivamente, sob condição de província romana, as gerações dessa região já haviam experienciado a dominação de babilônicos, medos/persas e recentemente dos helenos/macedônios. Dentre todas essas submissões, a literatura judaica exalta a pérsica sob o governo de Ciro – o leitor pode conferir no livro de Ezra *hasofer* –, pois foi o rei que sancionou a reconstrução do Templo e a recriação de um cotidiano segundo as leis judaicas na Judeia. Parece que este seria o termômetro das relações do povo judaense com os povos estrangeiros: permissão ao culto judaico e as suas leis; a falta disso ocasionaria muitas tensões. Alguns anos depois, estava o povo da Judeia, mais uma vez, sob outro governo maior: o heleno/macedônio. O encontro entre Alexandre da Macedônia e o *Kohen hagadol* (sumo sacerdote) da época, é mencionado por Flávio Josefo, em *Antiguidades Judaicas* (AJ):

Parmênio, que desfrutava grande prestígio, perguntou-lhe como ele, que era adorado em todo mundo, adorava o sumo sacerdote dos judeus. Respondeu Alexandre: ‘Não é a ele, ao sumo sacerdote, que adoro, mas ao Deus de

localização da Judeia romana, notemos que a única construção a nível de um grande templo encontra-se somente em Jerusalém. Esta, por sinal, apresentava-se como uma cidade bastante completa, comportando palácios, fortalezas, teatros e áreas desportivas. Outra, de porte maior ou semelhante, era a cidade portuária de Cesárea, na região de Samaria. De Jerusalém para o norte temos mais alguns templos dedicados aos deuses do Império e na Judeia, somente o de Jerusalém seria relevante. Segundo os autores antigos, incluindo Tácito, este seria, realmente, o único templo da Judeia (*Beit Hamicdash*, em hebraico). A posterior trabalharemos melhor esta questão. Notemos também, no mapa, a presença de várias fortalezas por todo o território do reino de Herodes, sendo uma das mais conhecidas a de Massada (ou Masada), esta, destruída pelos romanos na primeira revolta judaica, aquela que estudaremos na ótica de Tácito no capítulo III. No entanto, o autor não se refere a esta destruição, pois relata até 70 E.C. e a queda da fortaleza foi por volta de 73 E.C. Sobre o reinado de Herodes, o arqueólogo israelense Magen Broshi acrescenta: “O período em discussão coincide aproximadamente com o dito *primeiro período romano* ou *período herodiano*. Enquanto que o primeiro termo seria bastante preciso e pouco neutro, este último seria um pouco mais apropriado. O nosso período carrega uma forte marca de Herodes e de sua dinastia de sucessores, que governou o país de 37 A.E.C. em diante. Ao contrário de muitos períodos que ostentam os nomes de um monarca, mas, na verdade, muito pouco por sua causa (e.g. *era eduardiana*), muitas das características do período de Herodes foram realmente moldadas por ele mesmo – o grande construtor da história da Palestina e um dos maiores em circulação de toda antiguidade. Herodes introduziu novos estilos e métodos de construção, coordenando uma era arquitetônica em uma escala monumental, numa medida sem precedentes para o país: cidades, fortalezas, palácios, um grande porto e o edifício mais magnífico já construído em toda Palestina, o complexo do Templo em Jerusalém. Muitos destes monumentos que foram preservados devido ao seu tamanho ou caráter sagrado (e.g. o Monte do Templo, a Gruta de Machpelá) ou devido a sua localização em áreas desérticas, onde a distância e o clima asseguraram suas sobrevivências (e.g. Masada) nos deram um melhor conhecimento do período herodiano do que qualquer outro período da história do país” (BROSHI, 1999, p. 1, grifo nosso, tradução nossa). O rei Herodes realizou uma grande reforma no Templo de Jerusalém que durou cerca de oito anos – de 19 à 10 A.E.C.

quem ele é o ministro, pois quando eu estava ainda na Macedônia e imaginava como poderia conquistar a Ásia, ele me apareceu em sonhos com essas mesmas vestes e exortou-me a nada temer. Disse-me que passasse corajosamente o estreito do Helesponto e garantiu que Deus estaria à frente de meu exército e me faria conquistar o império dos persas. Eis por que, jamais tendo visto antes alguém revestido de trajés semelhantes a esses com que ele me apareceu em sonho, não posso duvidar de que tenha sido por ordem de Deus que empreendi esta guerra, e assim vencerei Dario, destruirei o império dos persas, e todas as coisas suceder-me-ão segundo os meus desejos’.

Alexandre, depois de assim responder a Parmênio, abraçou o sumo sacerdote e os outros sacerdotes, caminhou no meio deles até Jerusalém, subiu ao Templo e ofereceu sacrifícios a Deus da maneira como o sumo sacerdote lhe disse para fazer. O sumo sacerdote mostrou-lhe em seguida o livro de Daniel, no qual estava escrito que um príncipe grego destruiria o império dos persas e disse-lhe que não duvidava de que era dele que a profecia fazia menção. Alexandre ficou muito contente (JOSEFO, AJ, XI, 8, p. 534).¹⁴⁸

Segundo suas fontes, Josefo faz mais do que afirmar o apoio que o deus dos judeus oferece ao conquistador macedônio, mas nos deixa um relato que exemplifica a tentativa de acordos entre dominadores e dominados. A questão é que com essa atitude, os judeus ganham a simpatia daqueles que estavam prontos para conquistá-los por vias militares, como até poucos dias havia acontecido com outras cidades próximas.¹⁴⁹ Também, com esse argumento, Josefo defende a relevância dos judeus para os romanos, já que esta obra foi produzida no tempo em que Josefo serviu aos príncipes flavianos do império.¹⁵⁰ Mas não somente isso, pois deixa um “testemunho” direcionado aos futuros leitores judeus de como deve ser cordial o comportamento do seu povo para com aqueles que se propõem a submetê-los politicamente e

¹⁴⁸ Para este mesmo relato, existe uma versão Talmúdica: “Os samaritanos, inimigos dos judeus, tinham convencido Alexandre de que a recusa dos judeus de colocar sua imagem no Templo era um sinal de rebelião contra sua soberania, e que o Templo Sagrado devia ser destruído. O *Kohen Gadol* (Sumo Sacerdote) da época era Shimon *HaTsadic*, o último dos ‘Homens da Grande Assembleia’ que reconstruiu o Templo Sagrado e revitalizou o Judaísmo sob Ezra. [...] Alexandre marchou para Jerusalém como chefe de seu exército; Shimon, vestido com as roupas de Sumo Sacerdote e acompanhado por uma delegação de dignitários judeus, foi cumprimentá-lo. Os dois grupos caminharam um na direção do outro durante toda a noite; encontraram-se ao romper do dia. Quando Alexandre contemplou a visão do Sumo Sacerdote, desmontou do cavalo e inclinou-se respeitosamente; explicou aos seus homens que com frequência tinha visões de um homem semelhante liderando-o em batalha. Shimon *HaTsadic* levou o imperador ao Templo Sagrado e explicou que o ‘Judaísmo proíbe que se exponha qualquer imagem’ ele ofereceu-se para dar o nome de *Alexandre* a todos os filhos meninos que nascessem aos sacerdotes naquele ano como demonstração de lealdade ao imperador [por isso Alexandre tornou-se um nome comum entre os judeus]. A trama dos samaritanos foi desmantelada, e 21 de *Kislev* declarado um feriado” (Talmud, Tratado *Yomá* 69a, tradução da comunidade judaica).

¹⁴⁹ “Alexandre [...] chegou à Síria. Tomou Damasco, apoderou-se de Sidom e sitiou Tiro. [...] Em seguida, atacou Tiro com tanta força que dela se apoderou. E, depois de haver regularizado todas as coisas, foi sitiá-la Gaza, onde Baemes governava em nome do rei da Pérsia” (JOSEFO, AJ, XI, 8, p. 532).

¹⁵⁰ “Confesso não poder compreender a imprudência deles [historiadores], quando, para fazer passar os romanos pelos primeiros de todos os homens, rebaixam os judeus” (JOSEFO, prefácio AJ, p. 70, grifo nosso).

legislativamente. Sobre os motivos da destruição do Templo em 70 E.C., Josefo alerta os judeus que

[...] o próprio imperador Tito, que teve a direção de toda a guerra e dela fez referência como testemunha, reconheceu que as divisões domésticas foram a causa de nossa derrota e que não foi voluntariamente, mas por culpa daqueles que se haviam tornado os nossos tiranos, que os romanos incendiaram o nosso Templo. Esse grande príncipe não somente teve compaixão desse pobre povo, vendo-o correr para a sua própria ruína, pela violência daqueles facciosos, como também ele mesmo muitas vezes adiou a tomada da praça para lhes dar tempo e ocasião de se arrepender (JOSEFO, prefácio AJ, p. 70).

Este argumento que coloca os próprios conflitos internos entre as lideranças judaicas, como estopim da intervenção militar romana em toda a Judeia, que ocasionou, inclusive por vontade divina, segundo Josefo¹⁵¹, a destruição do Templo, não seria distante daquele relatado por Tácito em seu *Livro V de Histórias* – como veremos no capítulo III.¹⁵² Para Josefo, o comportamento rebelde do seu povo foi a sua verdadeira desgraça. Mais uma vez, a conduta afetuosa que Josefo gostaria que os judeus de sua geração tivessem prestado aos imperadores, é enfatizada na atitude de Yehudah *haMacabi* (o macabeu)¹⁵³ quando nomeado sumo sacerdote (entre 137-133 A.E.C. segundo o calendário judaico):

O novo sumo sacerdote, constatando que o poder dos romanos era tão grande que eles haviam submetido os gaitas, os espanhóis e os cartagineses, subjugado a Grécia e vencido os reis Perseu, Filipe e Antíoco, o Grande, resolveu fazer amizade com eles, [...] com o fim de rogar aos romanos que os recebessem em aliança e em amizade, [...] O senado os recebeu muito favoravelmente, concedeu-lhes o que pediam e mandou exarar o pedido como decreto, em tábuas de cobre, que foram colocadas no Capitólio (JOSEFO, AJ, XII, 17, p. 581).¹⁵⁴

¹⁵¹ “Os romanos favorecidos com esse auxílio de Deus, voltaram com grande alegria ao seu acampamento [...]” (JOSEFO, BJ, VII, 33, p. 1412).

¹⁵² “Farei ver também a crueldade de nossos tiranos contra os de sua própria nação e a humanidade dos romanos para conosco, sendo que éramos estrangeiros com relação a eles. Mostrarei também quantas vezes Tito se esforçou para salvar a cidade e o Templo e reunir os que estavam tão obstinadamente divididos” (JOSEFO, prefácio AJ, p 73).

¹⁵³ Este é o mesmo Judas Macabeu que aparece no *Livro dos Macabeus*. O termo macabeu (*macabi*, em hebraico) é um acrônimo de “*mi camocha baelim HaShem*”, i.e. “quem é como HaShem dentre os poderosos”. Esta personagem foi um dos fundadores da dinastia Hasmoneia de sacerdotes/líderes que durou até 37-36 A.E.C.

¹⁵⁴ Eis o que constava no decreto, segundo Josefo: “Nenhum dos que estão sujeitos aos romanos fará guerra aos judeus, tampouco auxiliará os seus inimigos com trigo, navios ou dinheiro. Os romanos ajudarão os judeus com

A postura de Josefo mostra o ressentimento de ver sua terra sob os horrores da guerra, da qual, ele mesmo foi capturado pelos romanos. Mas não objetivamos nos aprofundar na vida em si de Tito Flávio Josefo – nome recebido após ter sido adotado pela dinastia dos flavianos, esta, encabeçada pelo Imperador Vespasiano; seu nome de batismo era *Yossef ben-Matitياهو haKohen*, ou seja, era filho da casta sacerdotal.

Devemos compreender essa postura defensiva de Josefo, como um modo de distanciar-se de conflitos armados. Contudo, tal narrativa promovida por ele em suas obras é procedente da sua experiência como cativo de guerra. Isso, pois, reiteramos que, o mesmo que defendeu os acordos diplomáticos em suas produções, foi aquele que lutou contra os romanos em defesa do território da Galileia. O autor Marc Augé¹⁵⁵, quando destaca a postura do “eu” diante do contato com o “outro”, menciona que

[...] a existência do ‘eu – individual’ só é permitida mediante o contato com o outro. A experiência do fato social é aquela de uma sociedade localizada no tempo e no espaço, mas também a de um indivíduo qualquer da sociedade. Entretanto tal indivíduo, apesar de não passar de uma expressão dessa sociedade, torna-se significativo porque com ela se identifica (AUGÉ *apud* LIMA, 2009, p. 3).¹⁵⁶

Esse “eu” que só se define quando identifica sua alteridade (esse “outro”), torna incerta a postura de qualquer indivíduo. Supondo que Josefo era favorável, num primeiro momento, à defesa armada da Galileia diante do exército romano,¹⁵⁷ essa postura individual é exposta à experiência inversa de contar como foi a história dos seus antepassados até o seu presente para aqueles que, outrora, haviam-no aprisionado e concedido liberdade (de *peregrini* – estrangeiro à *ciuis romanus* – cidadão). O simples fato de uma mudança de

todas as suas posses contra os que os atacarem, e os judeus auxiliarão os romanos do mesmo modo, se estes forem atacados. Se os judeus quiserem acrescentar ou diminuir alguma coisa a esta aliança que contraem com os romanos, não o poderão fazer sem o consentimento de todo o povo romano, que deverá ratificá-lo.’ [...] Esse tratado foi o primeiro que os judeus fizeram com os romanos”. (JOSEFO, AJ, *loc. cit.*, p. 581.).

¹⁵⁵ Cf.: AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus. 2007. p. 25-27.

¹⁵⁶ LIMA, Junio Cesar Rodrigues. Titus Flavius Josephus por Yossef ben Matitياهو ha-Cohen: quem escreveu “Guerra dos Judeus”? In: I ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO, *Anais...* Rio de Janeiro: NEA/UERJ, out. 2009.

¹⁵⁷ Cf.: JOSEFO, autobiografia, p. 943-982.

opinião ou de comportamento acerca de algo se torna complexo quando paramos para analisá-los. O caso de Josefo ter se submetido aos romanos influenciou a sua visão de mundo e principalmente, a visão que o mesmo tinha de seu próprio povo. A recíproca também pode ter sido verdadeira quando os judeus criticaram a postura “romana” de Josefo.¹⁵⁸ Mas para seu “eu” era possível transitar entre dois espaços distintos sem maiores problemas (o “eu” judaico e o “eu” romano). No entanto, Josefo não era romano como Tácito era romano, mas ambos eram cidadãos e isso, legalmente, os tornava iguais por direito. Queremos dizer que Tácito não transitava em duas educações/legislações como foi com Josefo.

Note caro leitor, como os estudos sobre a Judeia são tornados por nós, autores, muitas vezes intrinsecamente ligados às obras de Flávio Josefo. Em nosso caso, isso ocorreu devido a sua obra relatar com muitos detalhes essa relação judaico-romana. Mas como autor, sabemos que Josefo estava sob ordens de Roma, tanto quanto estava sob seus costumes e suas leis como judeu de origem sacerdotal. Isso afeta claramente a sua postura como relator, pois, ora defende os judeus, minimizando a soberba “estrangeira”, para que estes se comportem com mais humildade para com o seu povo e ora critica seus irmãos por incitarem revoltas ao invés de proporem acordos de convivência. Lembramos que, historiar, para Josefo, seria semelhante ao que os gregos entendiam como vimos no capítulo I, isto é, “para satisfação das pessoas que amam a verdade”.¹⁵⁹ Como já discutimos em quase todo o capítulo primeiro deste trabalho, essas concepções de *verdadeiro* e *falso* das historiografias greco-latinas (Antiguidade Clássica), hagiográficas (durante o medievo) e positivistas (no século XIX e primeira metade do século XX), foram superadas pela análise e problematização das fontes sejam escritas ou não, propostas pela Escola dos *Annales*. Mas não podemos deixar de alertar que esse “positivismo” e certo “pragmatismo” ainda sobrevivem nos discursos das religiões, principalmente, e em certos comentários ou textos ditos “históricos” apresentados por outras ciências.

¹⁵⁸ O antigo desprezo dos escritos de Josefo por certas comunidades judaicas se deu, principalmente, por eles terem ficado nas mãos dos cristãos por muitos séculos seguintes. “Orígenes (184-254 d.C.), Euzébio de Cesaréia (265-340 d.C.) e Jerônimo (342-420 d.C.) foram os grandes responsáveis pela preservação dos seus escritos na história da igreja [...]. Na Idade Média, Josefo chegou a ser um dos autores mais lidos. Seus escritos foram inúmeras vezes copiados, traduzidos e revisados. Seu relato sobre a destruição do templo e queda de Jerusalém em 70 d.C. chegou a figurar em algumas bíblias siríacas com o título de ‘Macabeus’. Durante as cruzadas seus escritos também foram utilizados como guias de viagem na Palestina [...]” (LIMA, 2009, p. 1). Também cf.: PAUL, André. *O que é intertestamento?* São Paulo: Edições Paulinas, 1981. p. 29-30.

¹⁵⁹ JOSEFO, prefácio AJ, p. 73.

2.2.3 Estruturas do poder romano na Judeia: província, *imperium* e evergetismo

Diferente de outras áreas que foram conquistadas pelos romanos, como a Gália ou a Germânia e mesmo a Bretanha, a Judeia e neste caso, não somente esta, mas muitas cidades do oriente conquistado, já haviam experienciado com certo grau intelectual, artístico, comportamental, arquitetônico e cultural, o mundo helenístico. Isso pode significar que, como os romanos também possuíam esse contato, os diálogos empreendidos com esse ocidente e esse oriente de Roma ocorreram de formas bem distintas. O autor Pierre Grimal (1912-1996) complementa que:

Foram os romanos que, nas províncias ocidentais do seu Império, fundaram as primeiras cidades. Se, no Oriente, por alturas da conquista romana, existiam desde há muito cidades florescentes ou célebres, o mesmo não acontecia na Gália, na Grã-Bretanha, nas margens do Reno, em Espanha [em Portugal] e na maior parte da África (GRIMAL *apud* GAMA, 2011, p. 75).¹⁶⁰

Nesse sentido, é como aquele professor que entra em sala de aula e nota que, do seu lado esquerdo há alunos que precisam de mais atenção por estarem atrasados na compreensão da matéria; do seu lado direito, aqueles estudantes que não estudaram mas prestam uma atenção significativa à aula; no fundo da sala de aula, aqueles que não se interessam pela disciplina; nas primeiras carteiras, os que entendem que precisam estar lá para prestar mais atenção. Ignorando a ordem da disposição dos alunos em sala de aula e prestando atenção nos tipos de interesses que podem haver em uma turma, queremos dizer que, o professor, como Roma, deseja submeter seus vizinhos (os alunos) ao sistema que lhe é característico: é necessário “aprender isso ou aquilo” para ser inserido no meio social de forma legal, isto é, aceita por todos. Podemos até acreditar que isso seria o “ideal”, mas como já alertamos, a subjetividade dos indivíduos transformam as relações. Assim, entendendo que cada professor,

¹⁶⁰ COSTA JUNIOR, Jorwan Gama da. O imperialismo romano e as especificidades da Judeia: um quadro teórico-conceitual. *Revista Eletrônica Antiguidade Clássica* 7, n. 1, p. 73-86, 2011. Para Grimal cf.: GRIMAL, Pierre. *As Cidades Romanas*. Lisboa: Edições 70, 2003. p. 9. Atualmente, a arqueologia nos apresenta a existência de cidades em ambientes celtas, não significando que havia semelhanças com as helênicas ou romanas, pois cada cultura possuía seu ideal de “centro”. Alguns autores, como Grimal, costumam dar mais ênfase ao que chamaríamos arquitetura evoluída no oriente em contraposição àquela pouco evoluída dos “bárbaros” na Europa. Esta interpretação não é condizente com a Nova História, que busca romper com essas ideias naturalizadas de verdadeiro x falso, bem como de belo x feio e evoluído x atrasado – como quando certos historiadores atribuem uma “antiguidade”, ou mesmo uma “pré-história” aos povos ameríndios, diante da era dita “moderna” na Europa ocidental, nos séculos XV-XVI.

dentro de uma perspectiva reformada, necessita ir até seu respectivo aluno e descobrir suas problemáticas, cada um deles poderá apresentá-las, ora de formas semelhantes e ora distintas. Transpassando essa situação, o próprio professor seria capaz de absorver informações elencadas pelos próprios alunos, gerando uma rede de informações dentro da sala de aula, onde o professor não seria o poder absoluto do conhecimento.

Contudo, em uma perspectiva mais negativa da sala de aula, os alunos entrariam em conflito interno com outros colegas instigados, geralmente, por intolerâncias as subjetividades, e o professor poderia perder o controle da turma; o próprio docente (que *ensina* – i.e. do latim, *docet*), está passivo aos conflitos internos da turma, podendo este intervir através de diferentes níveis de ação (da mais contundente à mais desleixada). Mas também é possível que o próprio professor seja intolerante às subjetividades de alguns de seus alunos, o que geraria mais conturbações ao sistema. Vamos entender, portanto, as relações no Império da seguinte forma: Roma é o professor e seus alunos são as províncias. Logo, haverá aquelas províncias mais exemplares, que seriam como modelo para as outras (os helenos, por exemplo), aquelas mais necessitadas de atenção (como foi com a Gália, após a submissão) e aquelas com muitas subjetividades (como Egito e, principalmente, a Judeia). O autor Norberto Guarinello, complementa da seguinte forma:

[...] é importante ressaltar que havia duas áreas de dominação romana, Oriente e Ocidente, passíveis de estratégias de dominação diferentes. No Ocidente Romano nós vemos a difusão de todo um modo de ser romano – calcado na difusão do latim e de padrões arquitetônicos e nas práticas que difundiam os ideais latinos, tais como: as vestimentas, os *fora* e o anfiteatro. Em contrapartida, no Oriente, já havia uma vida urbana pré-romana, além do helenismo, que difundiu a língua grega. Sendo assim, as estratégias romanas no Oriente visavam a reforçar características helenísticas que já haviam interagido com as culturas daquela região (GUARINELLO *apud* GAMA, 2011, p. 76, grifo do autor).¹⁶¹

Assim, um dos elementos mais importantes da convivência – em um cenário semelhante ao da sala de aula, no qual o professor seria a autoridade e os alunos aqueles que lhe prestam atenção –, seria a “negociação”, isto é, estar apto ao acordo. Isso, obviamente, quando o sistema não oferece preferência ao “conflito armado”. Negociar as ideias, os

¹⁶¹ Cf.: GUARINELLO, Norberto Luiz. Império e Imperialismo, realidades antigas e conceitos contemporâneos. In: FELDMAN, S. A.; CAMPOS, A. P.; SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (orgs.). *Os impérios e suas matrizes políticas e culturais*. 1. ed. Vitória; Paris: Flor & Cultura; Université de Paris-Est, 2008. p. 13.

comportamentos, as opiniões, os direitos, os desejos, etc., tem sido o principal meio das relações internas e internacionais entre os povos ao longo do tempo. As guerras seriam o meio mais drástico para se submeter o outro – substituiríamos o termo “guerra” por “brigas” no espaço escolar. Parece-nos que o autor Josefo, entendeu após experienciar a produção de sua obra, que a sobrevivência dos judeus em meio aos povos estaria intrinsecamente ligada ao método da negociação. A experiência do pós-guerra judaica de 70 E.C. fez com que o autor judeu-romano percebesse que o destino dos judeus estaria atrelado ao próprio comportamento interno destes, pois, observando os textos antigos de sua cultura, compreendeu que as guerras contra estrangeiros vinham, geralmente, logo após as tribulações internas. Na linguagem de Josefo isso soaria como “abandonamos as leis de Deus”, logo, “Deus nos pune”.

Outra questão que podemos reapresentar para o leitor, na lógica de toda essa discussão, é o termo *Romanização*. Vamos instigar a compreensão do leitor: se o melhor para o aluno, em sala de aula, seria que o mesmo prestasse atenção e absorvesse tudo que o professor ensinasse, e se Roma é o “professor”, por qual motivo não utilizar o termo *Romanização* para estabelecer todas essas relações? É verdade que, provavelmente, esse seria o sonho de qualquer família que prezasse pela educação de seus filhos. Mas há um porém nessa história: entendendo que existe uma educação familiar que precede a escolar, e que estas, com o tempo, caminharam juntas, e que o professor também estaria submetido as regras maiores (da escola) e que essas regras seguiriam um sistema maior ainda (do MEC, no caso nacional), logo, não podemos dizer que haveria um absolutismo docente, mas uma rede de informações que buscam envolver todos os que se inserem nela, desde os pais até o sistema maior (o MEC). Queremos dizer que, diante de toda essa complexidade que está por trás de uma aula em uma escola, é que não podemos dizer que “os romanos, romanizaram os bárbaros”. Basta lembrarmos-nos do que já havíamos comentado: os romanos também são uma construção. Mas, mais do que isso, foi a historiografia positivista e anterior a ela que forjaram tal conceito, dentro do seu próprio contexto, a saber: a *colonização* – esta atrelada ao conceito de *civilização*. O autor Vagner Carvalheiro Porto, nos ajuda a entender essa situação:

Acontece que os novos estudos sobre o mundo romano nos mostraram que o sentido da romanização estava diretamente ligado a uma leitura inflexível do mundo romano, na qual os exércitos romanos chegavam, conquistavam e Roma finalmente podia impor sua dominação e, desse modo, sua cultura. Essa leitura possui alguns problemas. Primeiro, porque as fontes textuais que chegaram a nós sempre enfatizaram o caráter vitorioso das legiões romanas. Tal leitura positivista, diria, propõe a construção de uma história do Império

Romano sob o prisma de Roma e seu poder, seja ele, militar, cultural ou religioso. Essa história enfatizou a força de Roma anulando os subjugados como objetos ativos da construção histórica. Segundo, porque os historiadores construíram uma imagem de uma Roma necessária para ‘civilizar’ o ‘bárbaro’ do mundo provincial (PORTO, 2007, p. 39).¹⁶²

Se notarmos, até mesmo o historiador Josefo, não se posiciona criticamente para com aqueles que submeteram politicamente a sua nação: os romanos. O posicionamento crítico deveria ser cuidadosamente feito. Mas, no caso de Josefo, a preferência de sua crítica está mais para com o seu próprio povo. Autores como Tácito, que escreveram obras sobre alguns imperadores, quando criticavam, faziam, baseados em filosofias como a estoica, que lidavam constantemente com o comportamento humano. A crítica entornava na postura do imperador. Seria uma comparação entre uma postura dita “virtuosa” diante de uma “viciosa”, típica de escravos. Mas no geral a historiografia sempre pendia, até meados do século XX, para exaltar os vencedores, ou seja, aqueles que submeteram os “outros”. Citando David Mattingly, o historiador Vagner Porto incrementa:

[...] acreditamos que as relações de Roma com as províncias era uma relação de mão dupla, ou seja, não podemos partir de uma posição pré-determinada promovendo a grandeza de Roma em detrimento da população ‘pouco civilizada’ das províncias; devemos sim – e a arqueologia é fundamental para essa abordagem – construir uma história que pense nas relações entre Roma e as províncias sob uma ótica multilateral. Nas palavras de Mattingly: ‘É necessário repensar as sociedades indígenas em contato com Roma – não há vítimas totalmente passivas ou agentes totalmente entusiásticos nestas relações’ (MATTINGLY *apud* PORTO, 2007, p. 40).¹⁶³

Portanto, caro leitor, as relações entre os romanos com os outros povos seria complexa o bastante para se dar atenção apenas ao lado do dominante – então, entender a postura do professor, estando inserido em um sistema, seria mais adequado do que achar que ele seria absoluto e superior aos alunos em sala de aula –, por isso reiteramos nossa opção pela aplicação do termo *Imperialismo*, como explicamos no primeiro capítulo.

¹⁶² PORTO, Vagner Carvalheiro. *Imagens monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana (séc. II a.C. e séc. II d.C.)*. 2007. 262 f. Tese (Tomo I) – Faculdade de Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2007. – Tomo II (379 f.).

¹⁶³ Para Mattingly cf.: MATTINGLY, David. Dialogues of Power in the Roman Empire. *Journal of Roman Archaeology*, suppl. 23. Portsmouth, Rhode Island, 1997. p. 7-9.

Voltando àquela questão da presença do “ser” romano na Judeia (província de nosso foco), nos perguntaríamos: o que levaria os romanos a se expandirem? E qual a necessidade de incluir a Judeia nessas conquistas?

Para a primeira resposta destacamos dois comentários feitos por dois autores. Mas antes precisamos entender que os romanos eram um povo militar. Ser soldado (*miles*, em latim), não era uma mera função, mas uma função que oferecia muito destaque na sociedade romana. Chegar ao posto de general (*imperator*, em latim) não era para qualquer indivíduo. Geralmente somente as grandes famílias romanas (os patrícios) conseguiam inserir pelo menos um ente como general de legiões. Foi o caso de Públio Cornélio Cipião Africano, Caio Júlio César, Cneu Pompeu Magno, Marco Antônio, Marco Licínio Crasso, Marco Vipsânio Agripa, dentre outro exemplos. Sabemos que eram de origem patrícia (de *pater*, no sentido de pais fundadores) por possuírem geralmente três nomes: o primeiro seria o seu nome (*praenomen*); o segundo o nome familiar (*nomen*); o terceiro o seu sobrenome (*cognomen*); ainda poderia haver o quarto que designava uma condecoração militar (*agnomen*). Logicamente que a glória atribuída a estes homens também foi uma função dos escritores e oradores da época, estes, também de origem patrícia, mas também havia escravos que foram libertos, exercendo tais práticas. No geral, bastava ser *ciuis romanus* para exercer a função de soldado ou mesmo representar os interesses de Roma.¹⁶⁴

Sabendo disso, que o exército era bastante prezado na sociedade romana, podemos entender o posicionamento dos dois autores que mencionaremos agora. O primeiro é William V. Harris, que sustenta a ideia de que a função militar era motivada pela obtenção de glória e a guerra, como o caminho mais curto para a aquisição de vantagens econômicas. O segundo é John Rich, que destaca o caráter defensivo do exército. Talvez, para o leitor, a primeira fala de Harris, seja mais familiar do que a segunda de Rich. O leitor menos especializado pode, por exemplo, até compreender um chamado para alistamento militar, neste último sentido, o de defesa da pátria. Mas no cotidiano o que se nota é justamente a primeira opção, quando os telejornais (principal meio de comunicação moderno para as *massas*), nos mostram muitas guerras contemporâneas justificadas pela obtenção de recursos econômicos (como o petróleo), junto a possibilidade de ser condecorado como “herói de guerra”. No entanto, não podemos simplesmente associar essas situações (lidas e transmitidas por esses telejornais), ao contexto que viveu o homem romano há mais de 2000 anos. Então, vamos buscar entender esse dizer

¹⁶⁴ Para entender melhor essa função do exército na sociedade romana cf.; BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. Roman religion and Roman Empire. In: _____. *Religions of Rome*. p. 313-363. De antemão, mencionamos que esses autores destacam a presença de sacerdotes em cargos militares e isso tornaria o exército mais um meio, senão o principal, de propagação de normas religiosas.

de Rich: para este autor, essa postura mais defensivo-expansiva do exército romano estava associada ao receio de uma provável invasão estrangeira, logo, isso seria oriundo de situações bem complexas, “nas quais a agressão, o medo mútuo, a confusão, acidentes, falha de comunicação, ambições pessoais e políticas e muitos outros fatores podem ser o motor propulsor que gerará as batalhas entre romanos e outros grupos”.¹⁶⁵

O estabelecimento de províncias seria esse trunfo romano para impedir que esses “outros” penetrassem irregularmente seu espaço. Isso poderia ocorrer como menciona C. R. Whittaker:

No mundo grego era necessário restaurar a disciplina e no ocidente bárbaro era preciso criar a ordem. Os instrumentos de poder utilizados para a empreitada: para a manutenção das fronteiras, o exército; para o interior, cidades com características romanas [...]. Havia a questão da ordenação dentro do espaço, podemos citar como exemplo os teatros. A distribuição dos locais regulados por leis era um reflexo das hierarquias das ordens públicas (WHITTAKER *apud* PORTO, 2007, p. 43).¹⁶⁶

Informamos ao leitor que esse sistema de províncias estava atrelado de forma contextual ao termo latino *imperium*. Segundo Richardson¹⁶⁷, o termo “província”, atualmente associado a uma proposta de administração espacial (assim como uma nação dividida administrativamente em “Estados”), na verdade era, no tempo de Roma Antiga, compreendida como uma função exercida por um “magistrado” (ou pró-magistrado) romano, eleito para exercer o *imperium*, isto é, exercer um comando executivo que poderia ser também militar em uma área particular. Com o fim do sistema republicano, esse cargo foi tornado *provinciae* e o comando dessas áreas passa a ser sustentado financeiramente pelo Senado. Uma lei (*Lex provinciae*) determinava a máxima extensão territorial do governo e sua jurisdição. Isso procurava evitar que os governadores de província (*imperium*) disputassem por mais poder. Para exercer seu poder, o governador deveria prestar algumas contas aos seus superiores e

¹⁶⁵ RICH *apud* PORTO, 2007, p. 43. Cf.: RICH, J.; SHIPLEY, G. Fear, greed and glory: the causes of roman war-making in the middle Republic. In: _____. *War and Society in the Roman World*. Londres; Nova York: Routledge, 1993. p. 42.

¹⁶⁶ Cf.: WHITTAKER, C. R. Imperialism and culture: the Roman initiative. *Journal of Roman Archaeology*, suppl. 23. 1997. p. 158.

¹⁶⁷ RICHARDSON, 2006 *apud* PORTO, 2007, p. 45. Para mais informações cf.: RICHARDSON, John. The administration of the empire. In: CROOK, J. A.; RAWSON, E.; LINTOTT, A. *The Cambridge Ancient History* – volume IX: The Last Age of the Roman Republic, 146-43 B.C. Cambridge: University Press, 2006. p. 564-598. A edição utilizada por Vagner Porto foi a de 1994.

operar em conjunto com outras funções, para que se preze por uma ideia de unidade imperial. Segundo Vagner Porto,

O governador tinha a seu serviço o questor, que lidava com as finanças. O questor era uma pessoa no início da carreira política e tinha uma relação estreita com os veteranos. Os legati eram seus conselheiros. Tanto legati quanto questores eram nomeados pelo Senado. Os apparitores tinham várias funções, por exemplo, litores, carregavam as liteiras. Os escribas que faziam os registros. Os amigos – *cohors amicorum* – assessores genéricos: faziam parte do conselho. O governador era obrigado a consultar o conselho. Prevalece, aqui, a idéia de conjunto, não existia uma pessoa soberana pura e simplesmente. Os amigos e legati eram remunerados. Havia a equipe doméstica, os serviçais: não recebiam verba oficial e os *publicani* – agiam em nome do povo romano – financiavam grandes obras e o suprimento do exército. Também eram responsáveis pelas taxas alfandegárias e dízimos nas províncias orientais [...]. Seu contrato era mais longo do que a permanência do governador (PORTO, 2007, p. 46, grifo do autor).

No caso da Judeia, os romanos, segundo Rosana Silva, estariam, provavelmente, apenas interessados em chegar, por terra, ao território egípcio.¹⁶⁸ Em 63 A.E.C. o general Pompeu, como já havíamos mencionado, incluiu a Judeia, então governada pela dinastia dos Hasmoneus (que se intitulava sacerdótica), no sistema de províncias que apresentamos acima. O apoio político de Pompeu a Hircano II, que era *kohen hagadol* na época, causou o início de muitas rixas internas que objetivavam o poder na província. Entre 61-59 A.E.C. Alexandre, com o apoio de seu pai Aristóbulo II, se proclamou governador da província, e isso foi de encontro com a vontade de Pompeu que enviou uma nova leva de soldados (e dentre eles estava Marco Antônio), colocando novamente Hircano II no poder religioso da Judeia. Contudo aquele que mais perdeu com isso foi Aristóbulo II, levado cativo para Roma pelos soldados, por apoiar seu filho. Tempos depois Aristóbulo II retorna a Judeia, reorganizando um novo levante e mais uma vez os soldados romanos, sendo algumas legiões lideradas por Marco Antônio, intervêm e vencem a batalha. O governador (*provinciae*) da Judeia agora seria Antipater, um idumeu (da Idumeia ao sul da Judeia, ver Fig. 02), incitado por Roma a aderir aos costumes judaicos, e o sumo sacerdote seria Hircano II. Essa posição política da Judeia (*imperium*), também foi apoiada pelo renomado general Caio Júlio César, que havia derrotado Pompeu em 48 A.E.C.

¹⁶⁸ Cf.: SILVA, Rosana Martins dos Santos. O fracasso do evergetismo romano na Judeia. *WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 2, n. 1, jan./jun. 2010. p. 103-104.

Entre 47-46 A.E.C. Alexandre II, também filho de Aristóbulo II, impele mais um conflito armado para retomar o poder aos seus descendentes. Hircano II, novamente ameaçado, recebe auxílio dos romanos em nome de Antipater. Com mais essa vitória, Antipater envia um pedido para as lideranças romanas a fim de que elevem os poderes de Hircano II, e, como este também era grande aliado do general Júlio César, esse pedido foi concedido. Agora, Hircano II recebe a condecoração de *etnarca* (chefe do povo judeu), e com isso a autoridade para atuar também no Tribunal Judaico (*Beit Din*) – o Sinédrio (*Sanhedrin*) perde seu espaço. No entanto, o filho de Antipater, Herodes (Hordus, em hebraico), que atuava na Galileia como líder, passa a encomendar assassinatos de judeus ditos “rebeldes”. A população exige seu julgamento, mas Hircano II permanece adiando-o e nesse tempo, Herodes consegue fugir.

Após a morte do general César (44 A.E.C.), a situação na Judeia torna-se mais acalorada. Ainda na época de Pompeu, o território sírio-arábico havia sido dividido em duas jurisdições (*Lex provinciae*): a) o poder do governador dos judeus compreendia: a Judeia (que seria o grande entorno de Jerusalém), a Idumeia ao sul, a Pereia ao leste e a Galileia ao Norte; b) as antigas *poleis* (cidades, em grego) helênicas, fora daquela jurisdição, estariam exclusivamente sob as leis romanas. O leitor pode conferir essas divisões nos mapas acima (Fig. 02 e 03, para a Judeia, obviamente). Por volta de 40 A.E.C., outro membro da família de Aristóbulo II, Antígono, consegue impor sua autoridade conquistando Jerusalém com o apoio dos partos que vinham em campanha militar desde a Pérsia. Nesse incidente, Hircano II é exilado e levado para Pérsia.

O jovem general, Caio Júlio César Otaviano, adotado pelo general César e “futuro” primeiro Imperador romano em 27 A.E.C. – que receberia o título de *Augustus*, i.e. “divino” – em 37-36 A.E.C. precisou enviar tropas para Jerusalém a fim de acabar com a presença ilegal de Antígono, que agia em nome dos partos. Desfeita a rebelião, Herodes, que havia fugido, retorna como governador da Judeia sob o apoio dos romanos. Para evitar novas rebeliões, Herodes ordena a morte de todos aqueles que pertencessem à dinastia Hasmoneia, que incluía sua própria esposa (filha de Alexandre II) e os filhos que teve com ela. Hircano II, que havia sido trazido de volta da Pérsia, também foi assassinado. Como *imperium* e depois como *provinciae* da Judeia, Herodes limita a ação da facção judaica dos saduceus¹⁶⁹, que eram maioria. No entanto, iniciou uma reforma majestosa no Templo que durou cerca de oito anos

¹⁶⁹ O termo “saduceu” provavelmente advém da casta sacerdotal descendente de Sadoc ou Zadoque (*Tsadoc*, em hebraico), que retornou da Babilônia por volta do século IV A.E.C. O *navii* Yechezkel, durante sua vida na Babilônia escreveu acerca da importância sacerdotal dos filhos de Tsadoc (Cf.: Ezequiel cap. 40 ao 48).

(de 19 à 10 A.E.C.), objetivando atrair a facção dos fariseus¹⁷⁰ – que legaram ao judaísmo a maioria dos costumes atuais e eram os mais próximos, na época, do povo, por ensinarem as leis judaicas de forma didática, através de interpretações alegóricas, que viriam a ser incluídas no *Talmud* – mas, essa investida de Herodes, não obteve muito sucesso. Decorrente disso, a Judeia agora estava dividida em dois Sinédrios: o primeiro, de maioria saduceia, era liderado pelo *kohen hagadol* que lidava com questões da província e das intervenções estrangeiras; o segundo, de maioria farisaica, chamado de *Beit Din haGadol*, era conduzido por dois “mestres” (*ravnim*, i.e. rabinos), chamados *nassi* e *av beit din*, que na época de Herodes eram Hilel e Shamaï (respectivamente), e lidavam com as interpretações e aplicações das leis judaicas na sociedade.¹⁷¹

Herodes, que já havíamos comentado mais acerca de seus feitos, nas palavras de Magen Broshi, através da nota explicativa da Fig. 03, seria entendido por muitos historiadores, como o primeiro governante que seguia, efetivamente, o modelo romano de *provinciae*. Observando a própria Fig. 03, notamos que as suas construções – fortalezas, anfiteatros, áreas desportivas, palácios e a reforma do Templo –, são estratégias romanas utilizadas para estabelecer a ordem espacial (*imperium*). O próprio Herodes era adepto dos helenistas, bem mais que dos judeus, e isso tornou “pacífica” sua relação com o Império Romano. Sua função de *provinciae* ocorreu sem maiores transtornos.¹⁷² Uma importante regalia recebida de Roma, para esses governadores, era o direito de ter sua autoridade defendida legalmente e a possibilidade de adquirir *ciuitas* (cidadania). Essa cidadania era almejada por elevar o sujeito à categoria de patrício, tornando-o apto a exercer algum cargo público de sua capacidade, como procurador (administrador imperial).¹⁷³ A autora Rosana Silva complementa, afirmando que,

¹⁷⁰ O termo “fariseu” provém do hebraico *perushim* que possui o sentido antigo de “dissidentes”. Dissidentes por não se envolverem com os *goyim* (as gentes); por não se misturarem com os saduceus; por terem se separado do grupo dos Assideus (*Chassidim*) do século II A.E.C.; por não acreditarem em um fim apocalíptico (Cf.: PORTO, 2007, p. 247). Os fariseus, no século I E.C. desenvolvem o tanaísmo (*tanaim*, em hebraico), que objetivava ensinar/registrar a tradição judaica. Por volta do século III E.C. concluíram a *Mishná* e em finais do século V E.C. concluíram a *Guemará*, que comenta a *Mishná*. Ambos constituem o Talmud. A *Guemará* foi dividida em duas versões: de Jerusalém (*yerushalmi*) tanaíta e da Babilônia (*bavli*) amonaíta.

¹⁷¹ Para mais informações cf.: EPSTEIN, Isidore. *Breve História do Judaísmo*. São Paulo: Sefer, 2009. p. 113-130. e também cf.: COSTA JUNIOR, Jorwan Gama da. O Posicionamento Farisaico e Essênio frente ao Domínio Romano na Judeia. *Mare Nostrum*, n. 2, 2011.

¹⁷² Cf.: PORTO, *op. cit.*, p. 46, em laudas passadas.

¹⁷³ Um dos mais conhecidos procuradores da Judeia foi Pôncio Pilatos (26-36 E.C.), mencionado por Tácito em seus *Anais*, XV, 44. Nesse período, o imperador romano era Tibério. Pilatos ficou conhecido, não por Tácito, mas pelas quatro narrativas dos Evangelhos da literatura cristã.

era prática romana não só de confiar em líderes locais existentes como também, e de modo igualmente importante, deixar, sempre que possível, intactas as instituições locais estabelecidas quando era criada uma província, era conhecida como *evergetismo*. No caso da Judeia, a instituição óbvia de onde se poderia esperar que proporcionasse no país a desejada impressão de paz e continuidade era o Templo e seus sacerdotes (SILVA, 2010, p. 104, grifo da autora).

Notemos então que, não somente essas estruturas físicas contribuiriam para a *pax* de Roma com a Judeia, mas possuir classes aliadas também fazia parte desse sistema. Por isso que havia um setor do Sinédrio, encabeçado pelo sumo sacerdote, que lidava com as questões mais políticas, principalmente as de ordem diplomática. Entretanto, esse sistema (o *evergetismo*) fracassaria na Judeia, pois, segundo Rosana Silva, a complexidade oferecida pela mesma foi além do esperado pelos governadores romanos.

Primeiro: o Império, que favorecia abundantemente as elites locais, criava uma onda de pobreza, de famílias que possuíam terras que foram passadas de geração em geração e que agora, para os interesses de Roma, nada significavam além de latifúndios comercializáveis. Dessa forma, muitas dessas famílias perdiam suas terras para os familiares das elites judaicas (como era a de Josefo), e passavam a agir como falidos e nômades em sua própria terra. Por sua vez, esses ricos ficavam cada vez mais ricos, pois somente com a riqueza se adquiria uma propriedade legal e fértil, na Judeia.

Por confisco, Herodes tinha se adonado de muitíssima terra [...]. Estas propriedades foram mais tarde vendidas pelos romanos [...]. Desde muito cedo o bálsamo estava nas mãos dos governantes [...]. Príncipes herodianos forneciam cereais às cidades helenísticas [...]. O azeite era exportado com bons lucros à Síria [...]. Os grandes proprietários já detinham os terrenos mais férteis (JOSEFO *apud* SILVA, 2010, p. 111).

Muitas outras tensões foram causadas por muitos desses falidos nômades em sua própria terra, por não poderem pagar os impostos exigidos pelo sistema imperial.

Segundo: os dois Sinédrios também tiveram seu papel no agravamento da crise, pois, o *kohen hagdol* exigia o pagamento da décima parte da produção ou dos bens pessoais ao Templo, além do envio dos materiais e animais necessários ao serviço levítico e sacerdotal.¹⁷⁴

¹⁷⁴ Sendo considerado por alguns especialistas o “evangelho” mais antigo dentre os canônicos cristãos, o de “Marco”, datado por volta de 70 E.C., serviu de base para a produção dos que se seguiram. Este “evangelho”

Os próprios fariseus, que eram os mais próximos do povo, admoestavam a população injuriada, com relação à observância das práticas das leis judaicas a qualquer custo. Segundo Josefo, por mais de 60 anos, desde a morte de Herodes I, a população da Judeia esteve mais sob opressão dos governadores e procuradores, do que sob tempos de paz, como nos dias de Agripa I (neto de Herodes) e do imperador Claudio.¹⁷⁵

No âmbito “religioso”, duas facções ganhavam a atenção desses falidos nômades: os zelotes¹⁷⁶ e os apocalípticos¹⁷⁷. Os zelotes, mencionados por Josefo, claramente representavam um problema para a administração romana, pois constantemente armavam emboscadas que visavam ferir soldados e aliados de Roma. Sua justificativa para tais atos, era a defesa de uma Judeia liberta dos estrangeiros e de seus sistemas, para que as leis judaicas prevalecessem. Já para os apocalípticos, esperavam por um salvador da linhagem davídica (i.e. um monarca), um homem divino, que fosse praticante exemplar das leis judaicas, que instigasse o povo a seguir essas leis, mas que, da mesma forma, oferecesse as condições necessárias para isto. No entanto, havia quem duvidasse dessas “condições”, mesmo sendo apocalíptico, pelo fato dessa realidade de submissão parecer irreversível, o que levava alguns grupos, como os cristãos (*notzerim*), a imaginarem esse ambiente ideal associado a algo sobrenatural e totalmente divino, no qual, segundo os mesmos, o homem não poderia fazer nada para impedir o triunfo final dos seguidores de *Christus*.¹⁷⁸

É necessário para a compreensão do leitor que o mesmo entenda que, toda essa relação de tensão e paz, brevemente apresentada neste capítulo II, até agora, entre os judeus e os romanos, seja na ou fora da Judeia, foi iniciada mediante as falhas nas negociações entre o dominador e o seu dominado e vice-versa – acreditamos dessa forma. Os judeus, em suas

possui uma breve menção à guerra em Jerusalém (Mc. cap. 13). Mas também possui uma curta passagem acerca dos impostos cobrados na cidade: “Enviaram-lhe, então, alguns dos fariseus e dos herodianos para enredá-lo com alguma palavra. Vindo eles, disseram-lhe: ‘Mestre, sabemos que és verdadeiro e não dás preferência a ninguém, pois não consideras os homens pelas aparências, mas ensinas, de fato, o caminho de Deus. É lícito pagar imposto a César ou não? Pagamos ou não pagamos?’ Ele, porém, conhecendo a sua hipocrisia, disse: ‘Por que me pondeis à prova? Trazei-me um denário para que eu o veja’. Eles trouxeram. E ele disse: ‘De quem é esta imagem e a inscrição?’ Responderam-lhe: ‘De César’. Então Jesus disse-lhes: “O que é de César, devolvi a César; o que é de Deus, a Deus” (Mc. 12: 13-17). Essa seria apenas uma ilustração dessas tensões na Judeia.

¹⁷⁵ JOSEFO *apud* SILVA, 2010, p. 112.

¹⁷⁶ O termo “zelotes” vem do grego *zilotas* (fervorosos ou zelosos). Mas existe um termo hebraico para defini-los: *hakenaim*, que pode significar “extremistas”. Para mais cf.: PORTO, 2007, p. 252.

¹⁷⁷ O termo “apocalíptico” vem do grego *apokaluptikos* (revelado ou descoberto). Designavam alguns grupos da Judeia como os Assídeos, Essênios e Cristãos, que diziam terem recebido a “revelação” dos céus (cada ao seu modo e em seu contexto), da qual o próprio Deus viria resolver os problemas judaicos na terra. Geralmente entendiam o mundo de forma dualística – bem x mal (Cf.: EPSTEIN, 2009, p. 117-120).

¹⁷⁸ Cf.: EPSTEIN, 2009, p. 120-124. Em seus *Anais* (XV, 44, por exemplo), Tácito refere-se a um grupo de pessoas que seriam discípulas de *Christus* (ou *Chrestos*), cujo seu líder foi julgado e condenado por Pilatos. Para mais cf.: ZARA, Erik. *The Chrestianos Issue in Tacitus Reinvestigated*. 2009. Disponível em: <<http://www.ebook-downloader.com/search/cf+50-1>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

amplas subjetividades: gostariam de seguir suas leis sem empecilhos; gostariam de negociar com as leis estrangeiras para viverem sob duas “nacionalidades”; gostariam de seguir as leis na Judeia; gostariam de seguir suas leis fora da Judeia; gostariam de possuir seu Templo; gostariam de visitar sua nação e sua cidade de Jerusalém quando bem entendessem e/ou em dias festivos¹⁷⁹; muitas, na verdade, foram as exigências judaicas aos seus conquistadores, muitas até para alguns judeus que, ao longo dessas sucessivas dominações, optaram por desistirem das leis e das festas, para formarem famílias babilônicas, assírias, persas, helênicas, romanas, etc. Dessa forma, a complexidade das relações que estão sob o modelo imperialista de Roma, deve sempre ser entendida, como nos lembra Mattingly, em uma perspectiva *multilateral e dinâmica*.

2.3 BREVE BIOGRAFIA DO ROMANO TÁCITO (55-56 à 117-120 E.C.)

O leitor não espere que agora iremos contar uma história exemplar de um homem modelo que a “história” nos deixou para aprendermos com o seu testemunho de vida. Nada disso. Essa, reiteramos, é uma perspectiva bastante positivista, e poderíamos até afirmar: bastante religiosa também. A presença, neste trabalho, de uma breve apresentação da “vida” do autor romano Tácito, nos é necessária para contextualizar sua produção histórica. Nada mais que isso. Contudo, isso não seria tão simples assim, pois nessa contextualização, devemos identificar o sujeito Tácito, que possuía uma carga de experiências que influenciaram suas escolhas ao longo de sua vida. Mas não desejamos nos aprofundar nessas questões.

Gaius (ou Publius) Cornelius Tacitus. Eis o nome do nosso autor Tácito. Sobre seu *praenomen*, muitos autores ainda divergem, mas certamente seu *nomen* de família é Cornélio e seu *cognomen* é Tácito (aquele “que se cala”, em português). Em detrimento de seu nome

¹⁷⁹ No primeiro mês judaico (*nissan*) temos: Páscoa (*Pessach*) do qual comem-se pães ázimos (*matsot*) por sete dias; 50 dias depois ocorre a Festa das sete semanas (*Shavuot*), referente as colheitas e outorga da Lei (*haTorá*); para o sétimo mês (*tishrei*) temos: a festa do toque do chifre de carneiro (*shofar*) e dez dias depois o Dia do Perdão (*iom haKippurim*); cinco dias depois de Kippur, ocorre por sete dias, a Festa das Cabanas (*Sucot*). Estas são as principais festas do povo hebreu/judeu/israelense, seguidas até nossos dias. Para mais detalhes cf.: *Sefer Vayikrá, parashat emor* (Levítico 23: 1-38). Dentre estas festas, acrescentaríamos o dia de *Shabát* (sábado) que ocorre a cada seis dias completados iniciando no pôr-do-sol do sexto dia (*iom hashishi*); da mesma forma o ano “jubileu” a cada sete anos, cujo sétimo ano era *yovel* e um, especial, que ocorria a cada 50 anos após sete vezes de sete anos jubileus. *Yovel* designava, socialmente, a libertação dos escravos domésticos (tocava-se o *shofar*) e ambientalmente, o descanso das terras plantadas, bem como o perdão de dívidas. Os judeus não observam mais o ano *Yovel*.

completo, inserimos esse autor romano como proveniente da classe patrícia romana. Mas também não existe certeza com relação ao seu lugar de nascimento: alguns autores defendem a Úmbria, ao norte de Roma e outros a Gália Narbonense ao sul da França. O seu ano de nascimento geralmente varia entre 55 e 56 E.C. e o de falecimento entre 117 e 120. Caso Tácito tenha sido realmente criado como um patrício, ele deve ter recebido uma educação baseada em filosofias helenísticas junto ao idioma grego, e uma educação latina clássica (bem pragmática) junto ao idioma latim e a retórica. Bem, não vem ao caso nos aprofundarmos nessas discussões, pois são apenas suposições. Sabemos também que em sua fase adulta tinha um amigo que, vez por outra, enviava-lhe algumas cartas, chamado Plínio, o Jovem (ou o Moço).

Este Caio Plínio, o Jovem, foi tornado importante pelos historiadores, por ter sido governador da província da Bitínia (norte da Turquia, Ásia Menor), tendo enviado cartas ao imperador Trajano e testemunhado um julgamento de cristãos, além de ter exercido os cargos de advogado, militar na Síria, questor do imperador Domiciano, tribuno da plebe em Roma, pretor em Roma, cônsul, áugure, presidente dos curadores do Tibre, ou seja, praticamente todos os cargos que um patrício poderia exercer antes dos 60 anos. Para acrescentar, foi um exímio orador, dotado de uma retórica dita comparada a de Cícero. Tácito também não ficava para trás, exercendo a função de questor, pretor, cônsul e procônsul na Ásia Menor, além de historiador, etnógrafo e orador romano.

Nas cartas¹⁸⁰ que Plínio enviava para Tácito, podemos observar algumas características atribuídas ao nosso autor: a) em sua *carta 20* lemos:

Para mim é frequente discutir com algum homem sábio e experimentado, a quem nada nas causas a defender agrada tanto quanto a brevidade. [...] Nesse ponto, meu adversário refere-me autoridades, e mostra-me, dos gregos, os discursos de Lísias, e dos latinos, os discursos dos Gracos e de Catão, cuja maior parte é concisa e breve: por meu turno a Lísias oponho Demóstenes, Ésquines, Hiperides e muitos outros, e aos Gracos e Catão oponho Polião, César, Célio e, antes de todos, Cícero, de quem se considera que o melhor discurso é o maior. E, com efeito, tal como em todas as coisas boas, assim também qualquer livro bom é tanto melhor quanto maior for. Vês como nada, mais do que a magnitude, recomenda estátuas, imagens de deuses, pinturas, representações de homens, de muitos animais e até de árvores, desde que sejam belas. Assim também ocorre com os discursos: até mesmo aos próprios livros a grandeza acrescenta certa autoridade e beleza [...] ‘Mas muitos gostam mais da fala breve.’ São, porém, preguiçosos, cuja volúpia e

¹⁸⁰ Observamos duas: *Epistolam Taciti* – Carta 20, Livro I: tradução de João Ângelo Oliva Neto; e *Epistolae*, I, 6, traduzida por Alzir Oliveira.

inércia é ridículo considerar como juízo, pois se acolheres seu conselho, não apenas será melhor falar com brevidade, mas não falar nada. Esta é até agora minha opinião, que mudarei se discordares. Mas peço que expliques claramente por que discordas, pois embora deva ceder à tua autoridade, em matéria tão importante considero mais correto ser vencido com argumentos do que pela autoridade. [...] Acaso te corrompi por ter-te imposto a obrigação de uma epístola breve se concordares comigo, e uma longuíssima, se discordares? Adeus.

Vamos buscar compreender, a partir da seleção que fizemos da referida carta de Plínio, que tipo de elementos podemos extrair sobre Tácito. Plínio, aparentemente, provoca seu amigo Tácito, quando exige que o mesmo argumente, se favorável ou contra seus argumentos (de Plínio). Se for contra, exige que abandone a brevidade (se for capaz), escrevendo um argumento mais longo para se defender e se favorável, que escreva breve, curto, como lhe seria de costume. No entanto, o autor da carta coloca Tácito sob uma condição, talvez, embaraçosa, já que, caso concorde com ele – escrevendo uma carta breve (*brevis*) –, deve aceitar que, aqueles que optam pela brevidade (*breuitas*) são preguiçosos e de argumentos tão inertes que seria melhor que se calassem (uma brincadeira indireta com seu *cognomen*? A palavra utilizada em latim foi *non dicere*). Por sua vez, caso não concordasse – escrevendo uma longa carta –, no fim das contas, estaria concordando com seu amigo (que há beleza em um longo texto), agindo contra seus princípios.

Complementando, o próprio tradutor da carta acrescenta: “Tácito, [...] Historiador, escreveu o *Diálogo dos Oradores*, *Germânia*, *Vida de Agrícola*, *Histórias*, *Anais*. Os textos de Tácito, em particular os dois últimos, caracterizam-se pela elocução breve, concisa e assimétrica, o que confirma a posição que ocupa nesta epístola como defensor da brevidade”.¹⁸¹ Mas Plínio não somente provoca seu amigo, mas realmente o respeita como “sábio” (mesmo que da “brevidade”), pois, no mínimo, também seria conhecedor de todas aquelas obras gregas e latinas referidas por ele na carta, além de conhecedor fluente do idioma grego – pois trechos dela também são escritos em grego.

Vamos à segunda: b) na carta 6 lemos:

Você vai rir, e há de que. Você me conhece; [...] eu peguei três javalis, e dos bons, pode crê! [...] Eu estava sentado perto das armadilhas, eu tinha ao alcance... um venábulo e um dardo? Não, mas um estilete e pequenas tabuinhas; [...] eu tomava notas, dizendo a mim mesmo que eu voltaria

¹⁸¹ OLIVA NETO, grifo do autor, nota 1.

talvez com as mãos vazias, mas seguramente com meu caderno cheio. Você estará errado em desdenhar este método de trabalho; [...] as florestas que o envolvem, sua solidão e até esse grande silêncio que exige a caça são totalmente apropriados a excitar o pensamento. Quando você for caçar também, vá por mim, leve surrão e cabaça, mas sem esquecer as pequenas tabuinhas. Você reconhecerá que Minerva não passeia menos que Diana nas montanhas. Adeus.

Mais uma vez seu amigo Plínio lhe faz uma provocação. Desta vez, provavelmente, relacionado ao espaço adequado à produção intelectual. Por que Tácito deveria rir? Imagine o eloquente Plínio, em meio à floresta, este que preza por um bom e longo texto, estaria indo realmente caçar? Ele estava mesmo era desenvolvendo suas ideias em um lugar inusitado, que exige do homem um alerta mais apurado. E, pelo contrário, aproveitando a rítmica “silenciosa” que se exige do caçador, encontrou um ambiente ideal para o ofício do pensamento e da concentração. O trocadilho é que ele estava caçando ideias (representada pela deusa romana Minerva da sabedoria) e não esperava conseguir uma caça (representada pela deusa romana Diana). Tácito, que para Plínio, deveria estar tratando todo esse assunto com “desdém”, isto é, com desprezo ou indiferença, seria alertado por seu amigo a fazer o mesmo, pois Tácito, aparentemente, não acreditaria que Minerva também passearia pelas montanhas, território este guardado por Diana.

Parece-nos então que, Tácito, pessoalmente, deveria ser bastante sério, contudo, fazia esse equilíbrio sarcástico/intelectual com seu amigo Plínio, que, pela segunda carta, o conhecia de forma também presencial, não só por epístolas.

Devemos continuar agora apresentando, especificamente, algumas de suas compreensões de mundo, como cidadão do meio romano. As filosofias, as reflexões sobre o “ser”, os ideais de comportamento, os pensamentos acerca do transcendental, chegaram aos autores (poetas, eruditos e filósofos) de Roma através do neoplatonismo, epicurismo, estoicismo, dentre outros. Epicurismo e estoicismo seriam, principalmente este último, os mais conhecidos das elites de Roma. Faremos uma breve explanação acerca destas duas filosofias de vida que circundavam as cidades romanas.

O epicurismo, segundo o autor Paul Veyne¹⁸²

considerava que o indivíduo precisa basicamente se libertar de angústias ilusórias. [...] o dinheiro e as honras, bens perecíveis, não podem

¹⁸² Cf.: VEYNE, Paul (org.). *História da Vida Privada, 1: do Império Romano ao ano mil.*

proporcionar uma segurança inquebrantável [...] ensinava a se liberar de falsas necessidades; recomendava viver de amizade e água fresca [...] o atomismo epicurista libertava o homem dos medos vãos que nascem de suas superstições [...] nossa felicidade só nos prescreve respeitar os pactos de amizade que firmamos por um cálculo de interesse bem compreendido [...] (VEYNE, 2009, p. 202-203).

O termo epicurismo vem de um ateniense chamado Epicuro que viveu na segunda metade do século IV até a década de 60 do século III A.E.C. Este homem após abstrair o ideal de seus mestres, transformou sua casa em um tipo de jardim e passou a viver como um “deus” em uma sociedade genial, com seus discípulos, baseada na amizade. Ser epicurista (seja em Roma ou Atenas) era defender os seguintes pontos: a) é lícito ao homem aliar o racional ao conhecimento empírico. A partir da observação das coisas se é possível racionalizar o conhecimento; b) para o homem é necessário amizade e virtude (ciência), regidos pelas atividades Éticas. Nada melhor que gozar dos prazeres em companhia de outros; c) para a vida é importante a Ética (ciência moral), a serenidade, a paz, a apatia. A ordem filosófica do universo seria regida na seguinte ordem: lógica, física e ética; d) o homem não deve temer os males da vida, principalmente a morte, a incerteza e os deuses, estes que não dão a mínima para os humanos, pois todas essas crenças são criadas pela falta de conhecimento. O homem deve ceder ao prazer, não reprimindo seus intuítos primeiros, deve procurar a felicidade e não se preocupar com as mazelas. Amar ao próximo e ser justo. Esta filosofia chegou aos romanos através de Filodemo, mestre de Síron que foi mestre de Virgílio. O mais influente epicurista romano foi Asclepiades no século I A.E.C., mas o mais famoso foi Lucrecio, fonte mais utilizada para quem estuda epicurismo.

E Veyne continua agora, acerca do estoicismo:

prescrevia que, à força de exercícios de pensamento, o adepto se instalasse num estado de espírito heroico e inatingível [...] aconselha ater-se à leitura e aos exercícios de pensamento e abster-se de práticas mais ostensivas que sinceras, como usar a veste e a barba, recusar-se a jantar com baixelas de prata, dormir no chão [...] uma ideologia bem pensante que todo mundo respeita; os estoicos põem tanto vigor em seu conformismo que parecem seus autores [...] nossa natureza nos dita uma afeição inata pela família e pela cidade, tanto que, se não cumpríssemos nossos deveres para com elas, seríamos mutilados e infelizes [...] exorta ao suicídio e se deixa morrer de fome [...] (VEYNE, 2009, p. 202-206).

O estoicismo iniciou na Grécia por volta de meados do século IV A.E.C. e o responsável por isso foi Zenon de Citium (Chipre). Ele foi apenas o primeiro, pois muitos estoicismos apareceram. Logo, houve a necessidade de se repartir os tempos dessas escolas em: Antiga (séc. IV e III A.E.C.) – Zenon (estoicismo ético), Cleantes (estoicismo transcendental) e Crisipo (estoicismo lógico e doutrinário); Média (séc. II e I A.E.C.) – Panécio (introduziu o estoicismo em Roma), Posidônio (uniu o estoicismo antigo com filosofias platônicas e aristotélicas, desenvolvendo a matemática e astronomia); Nova (se desenvolveu nos primeiros séculos da E.C.) – Sêneca (professor estoico de Nero), Epicteto (professor estoico de Arriano) e o Imperador Marco Aurélio (escritor estoico). Fundamentalmente (seja em Roma ou Atenas), ser estoico é se enquadrar nos seguintes posicionamentos filosóficos: a) desprezar os males físicos e morais. Isto realmente significa o total aniquilamento de sentimentos humanos como paixão, ódio, dor, apatia e até piedade; b) compreender que a razão é o único objetivo a ser buscado pelo homem. Ser racional é destruir os sentimentos viciosos do “ser” e caminhar como um deus entre eles; c) entender que só existe um bem: a virtude (o conhecimento – ciência) e somente um mal: o vício (oriundo dos sentimentos humanos); d) o pensamento ou lei universal seguiria na seguinte ordem: lógica, física e ética. Este modo de “ser” para os estoicos foi baseado nos ensinamentos de Crisipo e Posidônio, contemporâneo de Cícero. Também há estudos que indicam a presença de elementos estoicos no pensamento dos primeiros cristãos – provavelmente, os judeus que viviam em grandes centros fora da Judeia, também conhecessem (e até praticassem) esta filosofia.

Após essa breve explanação acerca dessas duas filosofias vigentes em meio aos letrados do mundo romano, o autor Paul Veyne conclui que

Pela mesma razão, estoicismo e epicurismo eram intelectualismos: como tornar o homem heroico, como livrá-lo de suas angústias e de seus desejos vãos? Convencendo-lhe o intelecto [...]. A seita epicurista e a dos estoicos propunham a mesma coisa a seus adeptos: uma receita baseada na natureza das coisas (quer dizer, filosoficamente baseada) para viver sem temer os homens, os deuses, o acaso e a morte, e para tornar a felicidade individual independente dos caprichos da sorte: para resumir seu objetivo idêntico, as duas seitas proclamavam que queriam fazer dos homens os iguais mortais dos deuses, tão tranquilos como estes [...]. E eis por que as seitas estoica e epicurista puderam propor aos indivíduos que se tornassem, sob o nome de sábios, os iguais mortais dos deuses; que se tornassem “super-homens” [...] (VEYNE, 2009, p. 191-203).

Logo compreendemos que, mesmo com algumas semelhanças como a questão do apreço pelo conhecimento (a virtude), estoicismo e epicurismo são conflitantes na essência, uma vez que um combate as sensações e o outro as incentiva. Estas seriam filosofias que se originaram da Grécia, mas ganham um caráter bem pragmático ao serem inseridos no ambiente romano.

O autor Norberto Guarinello, faz uma ressalva acerca de Tácito, quando nos lembra que nosso autor não era devoto de “filosofias”, nem se incluía em nenhuma delas, como se fossem coisas da juventude, contudo, para ele, a razão e o estudo da sabedoria, deveriam compor o currículo de um homem romano maduro. Acerca do estoicismo, Guarinello menciona a única e simples aproximação de Tácito, dessa filosofia, por simpatizar com Sêneca e Thrasea Paetus. Tácito exalta o comportamento de ambos, principalmente o de Thrasea, como a capacidade para tomar boas decisões, serenidade, severidade, encarnando a virtude, defendendo-se com coragem e convicção nas ideias.¹⁸³

Quando Tácito menciona sobre o imperador Nero em sua obra *Anais*, isenta Sêneca e os estoicos de qualquer participação em seu governo dito desastroso. Portanto, Guarinello acredita que essa simpatia por esses estoicos, não derivaria de sua tentativa de denegrir a imagem viciosa atribuída pelo mesmo a Nero. Essa imagem pejorativa, de acordo com o historiador brasileiro, provém de fontes que foram produzidas que forjavam uma imagem de Nero após os incidentes calamitosos de seu governo. Curiosamente, essas fontes “anti-neronianas”, como diria Guarinello, foram essencialmente produzidas por estoicos da década de 60 do século I E.C., como Fábio Rústico, Plínio, o velho (tio de Caio Plínio) e Helvidio Prisco. Isso tornaria a presença estoica no Senado, na época de Nero, um tanto heróica e isenta de maiores problemas nas fontes utilizadas por Tácito em seus *Anais*. As obras estoicas geralmente voltavam-se aos comportamentos considerados vis de certos imperadores, como foi o caso da obra de Sêneca, *De Ira*, contra Caio Calígula. Os textos estoicos exortavam os príncipes a se dotarem de uma postura clemente, distanciando-se do modelo tirano, mas permanecendo severos e absolutos, pois assim que deve agir “um príncipe que reina sobre o imenso corpo da terra, como representante de deus no governo do ‘gênero humano’”.¹⁸⁴

Guarinello nos mostra como, segundo Tácito, os senadores e autores estoicos, participavam ativamente de certos governos. O desejo de verem sua filosofia verdadeiramente

¹⁸³ Cf.: GUARINELLO, Norberto Luiz. Nero, o estoicismo e a historiografia romana. *Boletim do CPA*, Campinas, n. 1, p. 53-61, jan./jun. 1996. p. 55-56.

¹⁸⁴ GUARINELLO, *ibid*, p. 57.

em prática sobre algum governo, como especulavam no de Nero, não ocorreu satisfatoriamente. Menciona Guarinello que a posterior oposição de Thrasea a Nero, não aparece embasada por documentos, mas sim como interpretações de Tácito, que acabam contradizendo as suas próprias fontes documentais. Dessa forma o autor conclui sua ideia:

Foi no principado de Nero, portanto, quando menos se poderia esperar, que se manifestou, pela última vez, o sonho platônico de realização concreta de uma utopia política, de origem filosófica, no governo dos homens. As ironias da História fizeram com que os estóicos, que perderam a luta pelo poder, ganhassem a batalha da memória, a ponto de apagar dela sua participação decisiva num reinado que se tornaria símbolo de mau-governo, crueldade, loucura, tirania. A criação do ‘mito de Nero’, que domina as apreciações de seu reinado até hoje, fez desaparecer da memória essa interessante, mesmo que fracassada, tentativa de um governo regido pela filosofia (GUARINELLO, 1996, p. 61).

Isso quer dizer que, pouco mais de 50 anos após a morte do imperador Nero e quase 15 anos após a era dos flavianos, Tácito, bem como Suetônio, ainda escreviam sobre ele. Como nos mostrou Guarinello, essa memória de um imperador “monstro”, dotado de “vícios” e pouco “virtuoso”, deveria continuar, para que não ocorresse isso novamente com os romanos. No caso de Tácito, o inverso de Nero seria seu sogro, o general Agrícola – passivo de ser imitado. A partir daí poderemos organizar as obras de Tácito: a) *Germânia e Vida de Agrícola* (por volta de 98 E.C.); b) *Diálogo dos Oradores* (por volta de 102 E.C.); c) *Histórias* (por volta de 105 E.C.) e d) *Anais* (por volta de 117 E.C.).

Não pretendemos nos detalhar nas obras taciteanas além de *Histórias*. Utilizamos alguns pontos da obra *Anais*, segundo o historiador Norberto Guarinello, para nos situarmos em certos posicionamentos historiográficos de Tácito, acerca das duas principais filosofias romanas, com destaque para a estoica. Faremos agora um brevíssimo resumo cronológico que visará situar o leitor no contexto romano vivido por Tácito entre os anos de 55 e 120 de nossa era.

2.3.1 Tabela cronológica: Roma, Judeia, Tácito e outras províncias

Objetivando a didática, faremos uma tabela cronológica que buscará mostrar os principais eventos ocorridos desde 55 E.C. (nascimento de Tácito) até seu falecimento por

volta de 120 E.C. Acreditamos que, com todas as discussões que já apresentamos até o momento ao leitor, desde o capítulo I, o mesmo seja capaz de entender que, os eventos que apresentaremos, foram construídos por pessoas assim como na analogia da construção de uma casa, feita por nós no capítulo anterior. Basicamente, utilizaremos como referência a tabela cronológica da *The Cambridge History of Judaism* em seu volume III¹⁸⁵; já para Tácito, basearemos-nos na pequena biografia feita por Gilberto Angelozzi em sua Dissertação de 2003.¹⁸⁶ Eis a tabela – lida da esquerda para direita em linha:

Tabela Cronológica (54-120 E.C.)

Era Comum (E.C.)	Roma e Itália	Outras Províncias	Judeia	Tácito
54	Nero torna-se imperador;	Campanha romana de anexação da Armênia;	Antonio Felix é Procurador;	Nasce Tácito; Tácito recebe educação particular de conversação latina;
55	Consulado de Nero e Antistius Vetus;	Umidius Durmius Quadratus é governador da Síria;	Porcius Festus é Procurador;	
56				
58	Nero recusa o consulado perpétuo;			
59	Nero traz os jogos gregos para Roma;			
60		Domitius Corbulo é governador da Síria;		
61		Revolta dos Icenos e dos Trinovantes na Ilha Britânica;		
62		Armênia é	Assassinato do	

¹⁸⁵ 1999, p. XXVII.

¹⁸⁶ ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. *A Águia e a Cruz: Identificação Cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C.* p. 91-101.

		anexada;	sumo sacerdote Jonatas (Yonatan); Luceius Albinus é Procurador;	aos 7 anos, Tácito, como patrício, iniciava sua educação elementar (<i>ludi magister</i>): leitura, escrita, cálculo, canções;
63		Cestius Gallus é governador da Síria;		
64	Grande incêndio em Roma; Nero acusa os cristãos;	Missão exploratória romana para Etiópia;	Flávio Josefo vai para Roma;	
65	A conspiração de Piso falha;	O reino de Pontus é incorporado à província da Galátia (Turquia);	Gessius Florus é Procurador;	
66		A Ilha de Sardenha é feita província senatorial;	As ofertas do Templo não são enviadas para o imperador; Ascensão dos zelotes sob Menahem ben Yudah; Revoltas contra Roma; Pro- romanos escrevem para Agripa II; Judeus vencem Cestius Gallus nas proximidades de Beit-Horon; Inicia a revolta contra o Império; Guarnição romana em Jerusalém é derrotada;	
67			O general Vespasiano é nomeado como <i>legatus</i> para continuar a guerra na Judeia; Submete a cidade de Jotapata (<i>Yodfat</i>) defendida por	Aos 12 anos, Tácito, provavelmente, iniciou seus estudos de nível médio (<i>grammaticus</i>): gramática latina/grega, literatura/retórica,

68	Suicídio de Nero; O Império é administrado, em seguida, por quatro imperadores: Galba, Oto, Vitellius e Vespasiano (respectivamente);	Licinius Mucianus é governador da Síria; Revolta dos Batavos;	Josefo; Josefo se rende a Vespasiano; O general conquista a Galileia e Samaria; João de Gischala chega em Jerusalém; Execução dos ex-líderes da revolta; A Idumeia, Perea e Gadara são conquistadas pelos romanos; O sumo sacerdote Ananias é deposto; Vespasiano inicia o ataque a Jerusalém, mas suspende o avanço devido à morte de Nero;	geografia, aritmética, geometria, astronomia;
69	Vespasiano torna-se imperador;		(Junho) Vespasiano controla todo o território sírio-arábico, exceto Jerusalém e três fortalezas; Simão bar Giora, líder dos rebeldes na Idumeia, entra em Jerusalém; (Julho) Vespasiano, aclamado imperador, passa o comando da guerra para Tito, seu filho;	
70		Fim da revolta dos Batavos; Inicia a conquista da Escócia;	(Abril) Tito, com quatro legiões, cerca Jerusalém, defendida por João de Gischala e Simão bar Giora; (Julho) queda da Fortaleza de Antonia; Os	Aos 14-15 anos, provavelmente, Tácito iniciaria seus estudos avançados de: retórica, oratória, gramática, sobre autores, literatura, história, direito,

71	Tito recebe um <i>imperium</i> proconsular e ações como tribunício de Vespasiano;		sacrifícios diários do Templo cessão; Tito ataca a área do Templo; (Agosto) o Templo é incendiado e destruído; (Setembro) os romanos ocupam a cidade baixa e arrasam a cidade alta de Jerusalém; Vespasiano e Tito celebram seu triunfo em Roma; Execução de Simão bar Giora; Josefo está em Roma; Imposição do <i>Fiscus Judaicus</i> (desvio de impostos para Roma, mesmo sem o Templo);	política, filosofia, nas escolas superiores para patrícios;
72		A Armênia Menor é acrescida à Capadócia (Turquia);		
73	Consulado de Vespasiano e Tito; Professores de nível <i>grammaticus</i> e superior estão isentos de impostos;	Operações romanas na Alta Germânia;	Queda da Fortaleza de Masada, a última ainda em pé na Judeia, defendida por Eleazar; Levante de judeus em Alexandria (Egito) e Cirene (Líbia); Fechamento do Templo judaico de Onias em Leontópolis (Egito); Josefo publica suas <i>Guerras Judaicas (Bellum Judaicum)</i> ;	Tácito foi tribuno no governo de Vespasiano, ocupando um dos cargos de <i>Viginvirate</i> (funcionário público de atividades secundárias: júri popular, assistente de magistrado, cunhador de moedas)
75		Os alanos invadem a Média e a Armênia;		
78		Agrícola é		Tácito, aos 23

		governador da Bretanha;		anos, casa com a filha do general Agrícola;
79	A erupção do Vesúvio destrói as cidades de Pompéia, Herculano e mata Plínio, o velho, tio de Caio Plínio, amigo de Tácito;			Caio Plínio, o jovem, estava com 17 anos;
80	Incêndio em Roma;		Rabi Gamliel II de Iavne, passa a liderar o movimento rabínico (antigos fariseus);	
81	Domiciano torna-se imperador;			
83		Campanha contra os Chatti (germânicos);		
		Construção dos <i>Limes</i> (limites entre os germânicos não-conquistados)		
85		Revolta de Nasamones na África; Primeira guerra Dácia (norte da Grécia);		
88		Instalação das províncias germânicas: superior e inferior;		Questor e Pretor, aos 33 anos;
90	Filósofos (estóicos) e astrólogos são banidos de Roma;		Aparece Rabi Akiva;	Governou a Gália Belga;
93	Morre Agrícola;		Josefo publica suas <i>Antiguidades Judaicas</i> ;	Retorna a Roma;
95	Os filósofos são expulsos da Itália;			
96	Domiciano é			

	assassinado; Nerva torna-se imperador;			
97				
98	Traiano torna-se imperador;			
99				
100		Fundação da cidade de Thamugadi (<i>Timgad</i> , Argélia); Segunda guerra Dácia;	Morte de Agripa II; a sua jurisdição passa para província da Síria;	Foi cônsul; Escreve a <i>Vida de Agrícola</i> ; Escreve sobre a <i>Germânia</i> ; Como conselheiro da província da Ásia, fala contra Mario Prisco; Traiano o afasta de cargos importantes; Escreve o <i>Diálogo dos Oradores</i> ; Escreve a obra <i>Histórias</i> (aos 50 anos);
102				
105				
106		A Dácia se torna província romana; Vitória sobre os Nabateus; A Arábia é anexada como província romana;		
111		Plínio, o jovem, amigo de Tácito, é governador da Bitúnia (aos 49 anos);		
113				Procônsul da Ásia;
114		Anexação da Armênia e da Mesopotâmia; Captura de Ctesiphon (<i>Tisfun</i>), capital dos partos na Pérsia;		
116		Guerra contra os partos; O Império Romano atinge sua máxima extensão;	Levantes judaicos em Chipre, Cirene, Mesopotâmia e Síria-arábia;	Escreve os <i>Anais</i> ;
117	Hadrian (Adriano)	Morte de Traiano		

120	torna-se imperador; Consulado de Antonino.	na Cilícia; Mesopotâmia e Armênia novamente independentes.		Falece (local incerto, talvez no sul da França) aos 65 anos.
-----	---	--	--	--

Algumas informações acerca da infância de Tácito foram recolhidas de artigos que abordam a educação das crianças e dos jovens patrícios em Roma no fim da República e durante o Império.¹⁸⁷ Esperamos que a tabela acima tenha ajudado o leitor a visualizar um panorama maior, como se estivesse subindo em um lugar alto e observasse toda a movimentação. Lembramos que esse tipo de observação é geral, não sendo nada detalhista. Da janela de um alto edifício observamos as movimentações, os caminhos, comparamos comportamento, mas para os estudos históricos atuais, segundo a Escola dos *Annales*, damos preferência ao sujeito inserido e vivenciando aquele plano observado através da janela. Mas, por ainda ser bastante didático e simples, utilizamos quadros ou tabelas cronológicas, contanto que esta seja entendida junto com todas as outras questões inseridas neste capítulo II.

2.4 O QUE TEREMOS NO PRÓXIMO CAPÍTULO?

Quando chegamos ao final de cada capítulo, sempre instigaremos o leitor para que, antes de seguir para o próximo, releia todo este e busque lembrar-se das discussões travadas no primeiro capítulo, principalmente a questão dos conceitos, pois são os alicerces do conhecimento histórico.

No capítulo II, discutimos novas etimologias atreladas aos conceitos. Mostramos que os textos antigos são frutos do conhecimento humano, este que se baseia nas suas próprias e até peculiares concepções de mundo – isto é, a leitura de mundo que varia de cultura para cultura. O fato de um povo seguir uma legislação distinta de outro povo pode implicar em

¹⁸⁷ Cf.: GARCIA, Afrânio da Silva. A educação romana e o destino do latim peninsular. *Soletras*, São Gonçalo, a. 11. n. 21. jan/jun. 2011. Ver também: MELO, José Joaquim Pereira. A educação e o Estado Romano. 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1331/1140>>. Acesso em: 28 abr. 2013.

vários tipos e níveis de relacionamentos. Acreditamos que é o sucesso ou o não sucesso dessas negociações, esse termômetro para que ocorra um conflito, uma tensão ou para que ocorra um acordo de paz, uma compreensão, estes, temas tão comentados nos telejornais contemporâneos. Foi notório que os conceitos mais discutidos neste capítulo foram os de *Identidade e Alteridade*, uma vez que são elementos das relações armadas pelo modelo imperialista de governo.

No capítulo III, último capítulo deste trabalho monográfico, retomaremos o nosso autor Tácito, dessa vez especificando a sua obra *Histórias* com destaque para *Livro V*, em seus 13 primeiros capítulos. Além de inserirmos a tradução da fonte acompanhada de seu original latino, retomaremos autores que previamente estudaram a obra completa. Buscaremos comentar um pouco mais sobre o autor e suas influências, objetivos e referências documentais. Então acionaremos os autores que produziram algum conhecimento anterior ao nosso acerca do *Livro V*, especificamente, objetivando a análise/explicação de nossa fonte. Vamos buscar entender o conhecimento de Tácito acerca dos judeus.

CAPÍTULO III – OS JUDEUS NAS *HISTÓRIAS* DE TÁCITO: UMA VISÃO ROMANA DOS COSTUMES E DA GUERRA DA JUDÉIA (70 E.C.)

A inveja, as más paixões e a misantropia abreviam a vida humana.

Rabi Yehoshúa (Pirke Avot, II, 11)

Seja diligente no estudo da Torá; saiba o que responder a um epicurista; e saiba diante de Quem tu te esforças; e Quem é teu patrão que pagará a recompensa de teu labor.

Rabi Elazar (Pirke Avot, II, 14)

Quanto a esta última guerra, que nos foi tão funesta, não é estranho que alguns, tendo-a escrito ante à relação de certas coisas, que lhes foram reveladas, sem ter jamais visto os lugares onde ela se travou, nem mesmo deles se aproximaram, tiveram, entretanto, a ousadia de querer passar por historiadores? Não se pode dizer o mesmo de mim.

Flávio Josefo

Este é nosso último capítulo. Ele versará acerca do espaço dedicado por Tácito aos judeus em suas histórias. Para isso, apresentaremos mais sobre o nosso autor romano, especificando a sua obra *Histórias*: que assunto é tratado nesse livro? Quais repercussões historiográficas podemos apresentar? Por que os judeus aparecem em seus escritos? Qual seu objetivo ao narrar sobre a guerra dos judeus contra os romanos? Quais fontes podem ter servido à sua pesquisa? Muitas perguntas podemos fazer ao historiador Tácito, mas deixaremos elas para o desenvolvimento de nossos estudos neste capítulo. Assim como nos outros capítulos, neste, aparecerão novos conceitos para serem discutidos. Além destes, novas informações complementarão aquelas que já havíamos estudado nos capítulos anteriores. Elas já se iniciam com as três citações acima. Pedimos para que o leitor leia cada uma delas atentamente e busque estabelecer conexões com o que já apresentamos. Será que essas citações possuem alguma ligação com o que iremos estudar neste capítulo?

3.1 UMA HISTORIOGRAFIA TACITEANA

No capítulo anterior, apresentamos ao leitor, o autor de nossa principal fonte: Tácito. Vamos relembrar certas características suas que já foram elencadas neste trabalho: a) nasceu por volta de 55-56 E.C., logo, um ou dois anos após o início do principado de Nero; b) possuía um amigo chamado Caio Plínio, o jovem, que foi governador da Bitínia; c) através de sua última obra, *Anais*, datada por volta de 117 E.C., destacamos sua simpatia pela filosofia estoica; d) foi um dos historiadores romanos que contribuiu para a tradicional visão pejorativa da pessoa do imperador Nero e de seu governo; e) foi um dos poucos autores da antiguidade a dedicarem alguma produção sobre o mundo judeu, sendo seu relato sobre a Guerra de 70 E.C., uma rara opinião não-judaica sobre a mesma. Em suma, esses foram os pontos que optamos por destacar.

A princípio, mais do que em *Histórias*, na sua última produção, *Anais*, podemos encontrar algumas características historiográficas que pretendemos apresentar ao leitor. A principal delas é a identidade comportamental do Império Romano. Até este momento, mostramos, brevemente, como o Império elaborou estratégias para exercer sua autoridade em terras outrora alheias ao conhecimento do mundo romano. Destacamos a necessidade de essas estratégias se adaptarem segundo o modelo de vida que se pretendia submeter. Também alertamos o uso problemático do termo *Romanização*, para se estudar essas relações decorrentes do encontro de culturas, no qual uma delas deseja “subjugar” a outra, que, no entanto, esse domínio é travado no campo das relações de *Identidade* e *Alteridade*, cujo modelo imperial, buscava dialogar bem mais que submetia à sua vontade pela força, e, mais que isso, adotava elementos advindos das próprias províncias, como filosofias, deuses, literatura, modelos urbanos e algumas línguas, com destaque para a grega.

Autores como Tácito, segundo o historiador Fábio Joly, escrevem a história romana – e daí extraímos às visões de mundo, tanto quanto, as informações selecionadas para registro –, na perspectiva das elites, ou seja, sem se preocupar, efetivamente, com o que acontece nos meios sociais (a plebe). Não há destaque para outras relações, que não seja aquela que se sucede nos âmbitos palacianos, isto é, dos príncipes com os senadores, governadores e outros funcionários diretamente vinculados à vida patriciana. Assim complementa o autor Ronald Syme:

[...] o objeto de Tácito é o governo romano que, por sua vez, se concerne apenas com a classe senatorial e exércitos. As províncias pouco aparecem em sua narrativa por serem ‘privadas de identidade’. Portanto, a visão taciteana apresentar-se-ia mais urbana, centrada em Roma, do que propriamente imperial (SYME *apud* JOLY, 2010, p. 71).¹⁸⁸

De acordo com Syme, o historiador estava mais preocupado com as decisões tomadas no senado, pelos imperadores e seus magistrados. Mas isso não seria tão pontual assim. Remeter ao senado (*senatus*, que designava “anciãos” patrícios), para Tácito, de acordo com Fergus Millar¹⁸⁹, seria a própria história de Roma, que incluía não somente o mundo dos senadores e imperadores, mas de toda *res publica*, ou seja, daqueles que estavam inseridos na comunidade dos cidadãos. Isso significa que Tácito atentava na sua escrita, também para o espaço (político) sob o poder dos príncipes do Império. Não discutia questões econômicas, nem mesmo transcendentais, ou filosóficas, mas as ações e intervenções dos governantes, tanto em Roma, quanto em algumas províncias, mereceram sua atenção. E admitimos ser nossa principal fonte (*Hist.* V, 1-13) fruto dessa.

De fato, sua narrativa tem centralidade, primeiro, nas decisões que vem de Roma. O ponto de partida, de forma alguma, é a província em si, mas sim a atuação romana nela. E no caso delas, a presença do poder militar. Esperamos que o leitor observe todas essas discussões, como elas estarão mostradas na narrativa do Livro V, em seus 13 primeiros capítulos, que apresentaremos neste trabalho mais adiante. O autor Joly complementa esse estudo:

Na introdução das *Histórias*, obra anterior aos *Anais* e que narra as guerras civis após a morte de Nero em 68 d.C., embora Tácito demonstre maior preocupação em descrever o quadro provincial, Roma permanece como centro de referência. Propõe-se a descrever a ‘situação da cidade, o pensamento dos exércitos e a atitude dos provinciais’ (*repetendum videtur qualis status urbis, quae mens exercituum, quis habitus provinciarum*, *Hist.*, I, 4). No entanto, são os exércitos estacionados nas províncias que lhe interessam [...] (TÁCITO *apud* JOLY, 2010, p. 72, grifo do autor).

¹⁸⁸ Cf.: JOLY, Fábio Duarte. Tácito e o Império Romano. *Revista de História*, p. 69-78, 2010. E para Ronald Syme cf.: SYME, R. *Tacitus*. Oxford: Oxford University Press, 1967, p. 443-445. A expressão: “privadas de identidade”, remonta a perspectiva histórica de Syme. Esta estaria de acordo com a ideia de Romanização, à qual não admitimos mais. Alguns antropólogos como Edward Said, Gayatri Spivak e Homi Bhabha, revisaram certos termos “pós-coloniais” (como *Romanização*) e isso influenciou muitos estudos históricos recentes.

¹⁸⁹ MILLAR, 1998 *apud* JOLY, 2010, p. 71. Cf.: MILLAR, Fergus. The Roman city-state under the emperors, 29 BC-AD 69. *Prudentia*, supplementary number, 1998. p. 115.

Para Tácito, que testemunhou a ascensão de Vespasiano, um general considerado promissor que teve grande participação no controle e na conclusão da guerra civil, e também o apoio de legiões em Alexandria, Síria e Judeia, para assumir o governo imperial após a morte de Galba, segundo Joly, mesmo aquele que foi “aclamado” fora das imediações de Roma (ou seja, primeiramente nas províncias), exerceria suas decisões no seio da Capital (*caput mundi*). Para Joly (2010), Angelozzi (2003) e outros historiadores, Tácito foi alguém saudosista para com os tempos republicanos, apesar de não ter vivido nesse período. Mas não seria necessário viver uma época para valorizá-la. Nos tempos republicanos, os autores da época (em especial, para Tácito, o historiador Tito Lívio), presenciaram grandes conflitos, assassinatos e sequestros de reis, tensões políticas entre cônsules, tribunos, leis, tensões entre a plebe e os cidadãos, e, em contra partida, no tempo dos príncipes, apenas uma inerte paz, eventos que entristeciam os cidadão de Roma e imperadores que pouco faziam para expandir o império.¹⁹⁰ Essa “paz” seria fortificada pelo temor dos cidadãos que cresceram na República, e não esperavam mais viver sob essas tensões. Obviamente, isso foi o cartão de visitas de Otávio Augusto, quando assumiu absoluto o poder em Roma, fundando o sistema imperial. Sobre isso, Tácito comenta em seus *Anais*:

‘Quando seduziu (*pellexit*) os soldados com donativos, o povo com trigo, e a todos (*cunctos*) com a doçura da paz, começou a elevar-se aos poucos, trazendo a si os deveres do Senado, as magistraturas e as leis, sem encontrar adversário’ (*Ann.*, I, 2). A ausência de oposição ao *princeps* é explicada, para o caso dos nobres (*nobiles*), como resultado de um comportamento servil, que visava mais as benesses do presente (honras e riquezas) do que as turbulências do passado. As províncias, por sua vez, também não se opuseram, visto a desconfiança que votavam ao governo do Senado e do povo romano (*suspecto senatus populiue imperio*). (TÁCITO *apud* JOLY, 2010, p. 73, grifos do autor).

Essa foi a estratégia, segundo Tácito¹⁹¹, para que o sistema de Augusto vigorasse: oferecer cargos honoríficos aos membros da casa imperial, presentear nobres com riquezas e honras, isto é, oferecer presentes e garantias à todos os setores que poderiam, no futuro, exigir o retorno do sistema senatorial (o duplo consulado da era republicana, ou o triunvirato). Com relação à política externa, o Império passou a favorecer elites locais, inclusive permitindo a

¹⁹⁰ TÁCITO *apud* JOLY, 2010, p. 72.

¹⁹¹ TÁCITO, *Anais*, I, 3.

obtenção de cidadania, fazendo com que muitos nascidos em casas abastadas fora da cidade de Roma, recebessem cargos públicos, incluindo o de senador.¹⁹² Dentre os príncipes que exerceram em Roma o poder de *imperium*, Augusto é tornado como exemplar por Tácito e de acordo com Joly, o termo *imperium* estava relacionado à aplicação da ordem, enquanto que na República, era instrumento de conflito que atingia Roma e seus domínios. O autor Tácito constrói toda essa ideia de paz no sistema imperial, mas parece acreditar que isso não deveria ser um elemento tão comum no Império, necessitando haver mais tensão, por ser um sistema que busca a expansão territorial, dentre outras influências.¹⁹³

O Senado, “instituição” mais importante da República, torna-se serviçal da casa imperial. Esse jogo de submissões por presentes, que ocorria para legitimar o poder de Augusto, é uma clara mudança de comportamento, que, com o tempo, se tornou a nova identidade dos membros do Senado romano. Todas essas relações são mencionadas por Tácito em seus *Anais*. O exército, também se comporta com distinção aos tempos republicanos. Os soldados, apesar das tentativas, não foram muito submissos às adulações, como às que os senadores prestavam aos príncipes. As legiões nas províncias, mesmo sob disciplinas e hierarquias, recebiam orientações de seus comandantes apenas em assembleias, por meio da oratória, isto é, sob discursos, do qual os acordos precisariam ser coletivos. Esses discursos, na época de Tibério, foram transferidos do Campo de Marte (Marte, deus da guerra romano)¹⁹⁴, para o Senado. Mas não necessariamente, ocorriam sempre no novo local designado. No geral, Tácito, quando menciona questões sociais, não dedica muito espaço para isso, mas, com relação aos exércitos estacionados nas províncias, nem tanto. Poderíamos exemplificar nas obras que o mesmo escreveu após a morte de seu sogro, o general Agrícola, que conquistou a Bretanha, conhecidas por *Germânia* e *Vida de Agrícola*. Nessas obras, Tácito relacionou o poder dos comandantes e dos príncipes em situações distantes do centro, apresentando outros comportamentos de chefia, principalmente na obra *Germânia*.¹⁹⁵ E aí percebemos um jogo de identidades como alerta Fábio Joly:

A conduta de Agrícola diante de seus superiores – de emulação positiva, mas sem rompimento da hierarquia – é aquela que Tácito transplanta para a sociedade germânica, anulando assim as fronteiras étnicas, sociais e políticas

¹⁹² JOLY, 2010, p. 74.

¹⁹³ JOLY, *ibid*, p. 72.

¹⁹⁴ Palavras como marcial e março, estão relacionadas ao nome desse deus, bem como ao seu significado social (a guerra).

¹⁹⁵ JOLY, *op. cit.*, p. 75-77.

entre romanos e germanos. Em suma, trata-se mais de identidade do que de alteridade, pois, como ressaltou Erwin Wolff, o *comitatus*, como representado por Tácito na *Germânia*, é uma organização romana, embora não exatamente igual, mas semelhante (TÁCITO; WOLFF *apud* JOLY, 2010, p. 77, grifo do autor).¹⁹⁶

Não é só com o *comitatus*¹⁹⁷ que Tácito constrói uma identidade imperial, mas também com o termo *servidão* (*seruitus*), que utiliza, segundo Joly, para unificar as instituições, como o Senado, diante do imperador e de outras forças de governo e comando em Roma. Isso, de acordo com Joly, fragilizava as identidades individuais (as subjetividades), para forjar uma identidade maior (a de subordinação ao príncipe). O historiador brasileiro conclui essa ideia com a seguinte observação:

É esta subordinação ao *princeps* que, em última instância, encerra a visão de Tácito sobre o Império Romano e que não deixa de ser caracterizada por uma ambiguidade: a presença do imperador é necessária para um tipo de ordem, que diminui ou elimina o conflito entre grupos políticos, mas a ausência de um imperador permitiria outra forma de estabilidade, que incorpora o conflito [...]. No segundo caso, o historiador volta-se para o Império e sua preservação pela força das armas, e, portanto, salienta a necessidade de chefes militares cuja ação, e resultante glória conquistada, não pode ser coibida pelo *princeps*. Ou seja, pressupõe a importância do conflito entre grupos ou no interior dos mesmos, em que cada indivíduo faz valer a sua *libertas* (JOLY, 2010, p. 78, grifos do autor).

Poderíamos dizer então, de acordo com Joly, que Tácito construiu sua ideia de “história romana”, baseada nas relações estabelecidas entre o senado, o povo, o exército e os imperadores, cujo interesse de pesquisa parte deste meio, para chegar até os externos do centro, isto é, nas províncias, como foi com a Gália, Bretanha, Germânia e Judeia, por exemplo. Para Juliana Marques, “hoje é praticamente consenso que a visão nostálgica e o ‘republicanismo’ do historiador são interpretações errôneas, e que seu relacionamento com os imperadores reflete um pragmatismo e uma aceitação, ainda que melancólica, do sistema político que lhe era contemporâneo”.¹⁹⁸ Essa incerteza do comportamento taciteano diante de seus escritos (está ou não está exaltando os tempos republicanos?) seria decorrente de sua

¹⁹⁶ Cf.: WOLFF, E. Das geschichtliche Verstehen in Tacitus *Germania*. *Hermes*, 69, 1934, p. 128.

¹⁹⁷ Uma relação entre dominadores e dominados, baseada na honra e na lealdade. No caso da *Germânia*, um comandante não abandonaria o seu soldado no campo de batalha.

¹⁹⁸ MARQUES, 2007, p. 115.

“fina ironia, sua retórica poderosa ao apresentar os dois lados de qualquer questão, e seu senso aguçado de que as coisas nunca são totalmente o que aparentam ser”.¹⁹⁹

3.1.1 As *Histórias* de Tácito

O leitor pode nos questionar o seguinte: o que Tácito escreveu sobre o Império Romano, foi verdade ou foi invenção? Aproveitamos para lembrar que, na perspectiva histórica da Nova História, a problematização é o ponto de partida para a busca de conhecimentos, não mais o desejo pela verdade dos fatos.²⁰⁰ O trabalho de investigação, feito pelo historiador, é semelhante ao realizado pelo detetive, contratado para descobrir, através das evidências, das pistas, o cenário que mais se aproxima do caso (como em um crime, por exemplo), objetivando contribuir com as suas informações, para o julgamento que condenará ou absorverá o réu. Já o historiador não está nem procurando julgar, nem acusar, mas está buscando o conhecimento do passado e tudo aquilo que alicerça sua estrutura cognitiva. Ou seja, o historiador moderno se isenta do papel de juiz do tempo pretérito. Problematizar, isto é, questionar o passado, e isso remete ao questionamento das mais diversificadas fontes que o ser humano deixou (com ou sem intenção), até o presente daquele que visa pesquisar.

Podemos informar ao leitor que, toda essa abordagem da fonte, é comum ao historiador que utiliza o passado como espaço para pesquisa. Mas existem, atualmente, os historiadores que se dedicam ao estudo do tempo presente (ou História Contemporânea). Eis uma atividade que é no mínimo complexa para o historiador. Devido a essa complexidade, não pretendemos nos estender nessa discussão, mas podemos deixar uma nota a respeito disso, para crescer o saber do nosso leitor:

A História do Tempo Presente é uma nova área de investigação da disciplina História? No domínio da historiografia, mais uma vez eu reafirmo, nós falamos do caso da França. Mas isso que é verdade na França é relativamente verdade para a Europa. A resposta a essa questão traz novamente distintos nuances, pois, no início dos anos de 1980, era sim uma nova área de investigação. Ou seja, se nós olharmos o programa universitário e a pesquisa histórica, as grandes linhas, as grandes obras, os grandes

¹⁹⁹ MARQUES, 2007, p. 115.

²⁰⁰ Lembramos que, a ideia de *verdade* nos tempos de Grécia e Roma, estava muito mais relacionada com a ideia de *parcialidade*, ou seja, ser “menos” parcial, em sua narrativa, significava ser mais comprometido com essa *verdade*.

historiadores, as grandes revistas estão ‘situadas’, sobretudo, nas áreas da História Antiga, da História Medieval e da História Moderna. [...] Ser um grande historiador, nessa época, significava ser um grande historiador medievalista ou modernista, isto é, alguém que vai investigar um tempo que desapareceu. Quando escutávamos na televisão Georges Duby falando do “tempo das catedrais” via-se que era outro mundo, em suma, era algo distante. Estávamos estudando a alteridade, não reconhecendo nossas origens, mas as observamos de muito longe. Já em relação à História Contemporânea me alertavam para ficar atento a uma “armadilha”. Conforme se afirmava na época, a História do Tempo Presente, no sentido etimológico da palavra é, na melhor das hipóteses, pertencente ao domínio das Ciências Políticas, ou na pior, ao Jornalismo, mas não da História. Esta é uma posição que não é exatamente nova, pois remonta à formalização ocorrida, no século XIX, na França e na Alemanha, no momento em que se forjou a metodologia da pesquisa histórica moderna.²⁰¹

Objetivamos mostrar ao leitor, que o estudo da História varia de acordo com o interesse do profissional da mesma (o historiador). Inclusive se seu interesse encontra-se na Antiguidade ou na Contemporaneidade. No caso de Josefo, por exemplo, já informamos que os objetivos de sua produção, bem como os assuntos que pretendeu narrar, foi primeiramente, uma resposta aos interesses contemporâneos dos “assuntos romanos” para com suas províncias. Josefo, no tempo em que serviu na casa dos príncipes flavianos, foi encarregado para o cargo de historiador “oficial” da província da Judeia e das questões judaicas. Além desse servilismo ao Império, Josefo exprimiu seus próprios motivos, quanto ao seu modo de expressar sua narrativa, quanto ao que pretendeu registrar para posteridade. O historiador Tácito, da mesma forma, possuía objetivos que, ora dialogavam com os interesses da elite, ora aos seus próprios, que, mesmo sendo um membro da classe patricia, possuía, certamente, suas subjetividades.

Caso o leitor não tenha percebido, um dos conhecimentos que possuímos atualmente sobre o governo do imperador Nero, advêm dos historiadores da época, como Tácito. Nosso autor não faz uma história do tempo presente, pois se utiliza das fontes para reviver um passado. Lembramos, por exemplo, que as fontes que criticavam o governo neroniano, foram, no geral, produzidas pelos estoicos. Tácito não só concordou com o conteúdo das fontes, mas tornou histórica a opinião deles acerca do “conturbado” príncipe. Existem outras fontes não estoicas sobre o governo e sobre a pessoa de Nero? Elas concordam ou discordam da versão

²⁰¹ Este é um trecho da entrevista do historiador francês Henry Rousso, nascido no Cairo em 1954, um dos teóricos da História Contemporânea (na França), para a Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC. Para saber a referência completa cf.: MACEDO, Fábio; AREND, Silvia. Sobre a História do Tempo Presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201-216, jan/jun. 2009. p. 204-205.

estoica? Ficam apenas as problematizações, pois não é nosso objetivo respondê-las, mas deixá-las para a reflexão do leitor.²⁰² Se, antigamente, os historiadores como Ronald Syme afirmavam a ausência de identidades (subjektividades) nas províncias, isso decorria da leitura destes para com as fontes dos escritores romanos. Eles apenas reproduziam o que os mesmos relatavam em suas obras oficiais. Logo encontramos termos como *Romanização* e *aculturação*, que, em suma, descartam as trocas culturais entre discrepantes.

Cabe aos historiadores da Nova História, desfocalizar esse interesse reprodutor do passado, e focalizar nas questões que circunscrevam as ações do autor, seus objetivos, suas subjektividades. Todas essas características aparecem na sua produção final. Podemos citar o exemplo discutido acima acerca da “nostalgia” que o autor Tácito poderia ter sobre os tempos republicanos de Roma. Segundo a autora Juliana Marques, essa “impressão” nostálgica, na verdade, pode ser fruto do desgosto com seu próprio tempo presente sob o império de Trajano (observe os acontecimentos apresentados na Tabela Cronológica do capítulo II e a referência anterior à autora). Diferente de Josefo, o autor Tácito não escreveu, ou pelo menos não chegou até nós, uma autobiografia sua. Isso significa que tudo aquilo acerca de sua vida, de seu contexto, é obscuro e bastante passivo de interpretações a partir de suas obras, e de outros escritores romanos que o citam, como Plínio, o jovem.²⁰³

Vamos agora nos debruçar sobre a sua obra *Histórias*, e identificar um pouco mais de nosso autor romano. Se observarmos novamente a nossa Tabela Cronológica do capítulo II, é durante o principado de Trajano (98-117 E.C.), que Tácito escreve suas obras. Nesse período, o Império anexou novas províncias no norte da África, Oriente Médio, Ásia Menor, Pérsia, Mesopotâmia e leste da Europa. Foi no governo de Trajano que o Império Romano obteve sua maior extensão.

²⁰² As fontes cristãs também contribuíram para a visão estoica de Nero.

²⁰³ Uma das poucas menções que faz sobre si, encontra-se no *Livro I* de *Histórias*, cap. 1: “Minha situação política começou durante o reinado de Vespasiano, melhorou com Tito e subiu ainda mais com o de Domiciano” (ANGELOZZI, 2003, p. 91); para outra opção de tradução: “Minha carreira começou sob Vespasiano, progrediu sob Tito e avançou ainda mais sob Domiciano; isto não nego” (MARQUES, 2007, p. 116). Em latim cf.: *dignitatem nostram a Vespasiano inchoatam, a Tito auctam, a Domitiano longius provectam non abnuerim*.

Império Romano sob Trajano (em 117 E.C.)

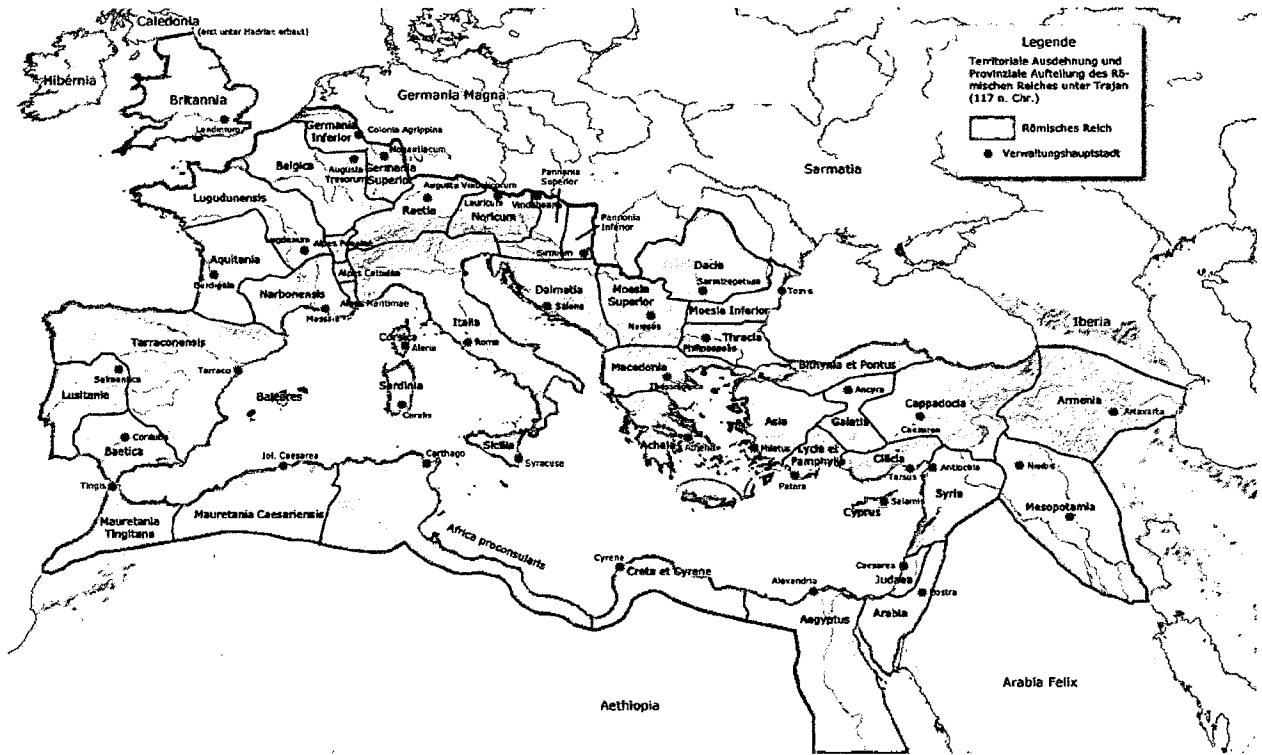


Fig. 04 – Mapa semelhante ao de LAVENCY, 1995.²⁰⁴

Se observarmos o mapa acima, notaremos quão vasta se tornou a administração romana. O número diverso de povos (costumes), de variedades ambientais (fauna, flora e clima) que encontraram no decorrer de suas campanhas foi enorme. Mesmo com esta vastidão, apenas a Itália, a Espanha, Portugal, a Romênia e a França, herdaram sua característica linguística, principalmente a fonética. Contudo, por todo este território destacado, encontramos marcas da presença romana como: aquedutos, estradas, ruínas de fóruns, casas de banhos, arcos do triunfo, templos, tabernas, estádios, etc., sendo o sítio arqueológico mais famoso o da cidade de Pompéia – aquela mesma que em 79 E.C., foi soterrada pelas densas cinzas do vulcão Vesúvio, e que matou o tio de Caio Plínio, Plínio, o Velho –, e uma das obras mais visitadas em Roma, o *Colosseum* (Coliseu), da era dos flavianos. Até mesmo o famoso *Muro das Lamentações* (*kotel maariv*, “muro ocidental”, em hebraico), é um dos vestígios da presença romana em Jerusalém.

²⁰⁴ Cf.: LAVENCY, *Marius et al. Manuel de latin pour la première année d'observation*. 2. ed. Louvain-la-Neuve: Éditions Duculot, 1995. Utilizamos a versão traduzida, experimental, do prof. Alzir Oliveira – UFRN. (ADITVS: Manual de Latim). 2012, p. 9.

Em sua maturidade, Tácito viveu esse período trajaniano de anexações territoriais do Império. Contudo, poucos anos após a ascensão do Imperador, houve algum desentendimento entre ele e o mesmo, que, para Tácito, custou-lhe a perda de funções públicas por pouco mais de dez anos, até ser nomeado Procônsul da Ásia (em 113 E.C.). Durante esse “longo” afastamento dos cargos públicos administrativos, Tácito pode ter refletido acerca da identidade do sistema que circunstanciava o Império. A autora Elaine Fantham complementa esta situação:

A ausência de Tácito dos cargos de importância e o seu envio para o Oriente entre 112-113 d.C. são vistos [...] como um período de perda de liberdade de fala, porém [...] ‘este episódio o instigou a abandonar a narrativa por uma expressão pessoal de desprezo à opressão, à malícia e à destruição da sua própria classe, que ele era obrigado a registrar nesse período’. Como consequência destes períodos de perda de fala, voluntária ou involuntária, vieram à tona as obras *Histórias* (entre 104-109 d.C.) e *Anais* (entre 115-117 d.C.). (FANTHAM *apud* ANGELOZZI, 2003, p. 93, grifo do autor).²⁰⁵

Autores contemporâneos (de Tácito), como Suetônio, Juvenal e Caio Plínio, antes de 117 E.C., já conheciam a obra *Histórias*.²⁰⁶ Então, no geral, em que consistiu, exatamente, sua obra *Histórias*? Até o momento, sabemos que buscou narrar as guerras civis ocorridas após o suicídio de Nero (em 68 E.C.). Essas guerras foram encabeçadas pelas disputas entre quatro generais romanos: Galba, Oto, Vitélio e Vespasiano. A forma narrativa das *Histórias*, como vimos no capítulo II, é de retórica breve, lacônica e assimétrica. Vamos nos aprofundar um pouco mais nessa obra que guarda o seu *Livro V* (nossa principal fonte).

Segundo a autora Juliana Marques (2009)²⁰⁷, Tácito entendeu que a transição do principado entre Domiciano e Nerva, seria um ambiente de refúgio para pensar o relato da história da dinastia dos flavianos.²⁰⁸ Havia então um projeto narrativo que buscava abranger os eventos que iriam desde a guerra civil (69 E.C.), até a morte de Domiciano (96 E.C.). No entanto, apenas os quatro primeiros livros na íntegra e parte do quinto, chegaram até nós – significando que apenas temos as narrativas referentes aos anos de 68 ao início de 70 E.C.. A

²⁰⁵ Para a edição mais recente cf.: FANTHAM, Elaine. An Inhibited Generation: Suppression and Survival. In: _____. *Roman Literary Culture from Plautus to Macrobius*. 2. ed. Baltimore: John Hopkins University Press, 2013. p. 138.

²⁰⁶ ANGELOZZI, 2003, p. 94.

²⁰⁷ MARQUES, Juliana Bastos. Estruturas narrativas nas *Histórias* de Tácito. *PHOENIX*, Rio de Janeiro, 15-1, p. 76-90, 2009.

²⁰⁸ TÁCITO, *Histórias*, I, 1.

edição latina mais antiga desta foi pela primeira vez organizada e editada em 1598 por Justus Lipsius (1547-1606), hoje na Biblioteca *Comunale* de Empoli, na Itália.²⁰⁹

Tácito produz narrativas bastante detalhadas desses dois anos, que, excepcionalmente, ofereceram aos romanos, situações inusitadas, sendo a principal delas a existência de quatro imperadores em um curto espaço de tempo. Para Juliana Marques, existe uma clara desproporção entre esses quatro livros que narram apenas os anos de 68-69 E.C. e os oito ou dez restantes que abarcariam 26 anos, ou seja, de 70 (que aparece no início do *Livro V*) a 96 E.C., que representa o tempo em que os flavianos estiveram no principado. A autora acredita que isso pode ter ocorrido devido ao tempo dos flavianos, ter sido considerado por Tácito, como tempos de paz.²¹⁰ Uma das significâncias para se estudar a obra *Histórias*, é destacada pela autora J. Marques:

É uma guerra civil condensada em um período muito curto, contrastando com as longas décadas da guerra civil republicana, e, nesse sentido, é uma oportunidade única para compreender a mecânica do caos na sociedade romana [...]. E, diferentemente dos *Anais*, aqui a personalidade dos imperadores não é o motor principal das relações sociais e políticas: esse fator está diluído na importância da voz dos exércitos como um todo, e também de seus comandantes individualmente (MARQUES, 2009, p. 77, grifo da autora).

Sendo assim, Tácito deu um foco especial aos exércitos estacionados nas províncias, bem como aos que se encontravam em Roma. Além disso, discursa sobre os quatro imperadores que subiram ao trono do principado nesses meses de guerra civil. É diante dessas especificidades, que Tácito comenta que, o sistema imperial, é capaz de eleger um imperador fora do espaço da capital, como já havíamos exposto em laudas anteriores.

O primeiro dos imperadores a assumir o poder, após a morte de Nero, foi o general Galba – Lúcio Lívio Sêrvio Sulpício Galba César Augusto (3 A.E.C. - 69 E.C.). Segundo Tácito, esse general (que era governador da Hispânia Terraconense) não possuía as habilidades necessárias para conduzir o império durante esse tempo de corrupção e de desordem – dito semelhante ao de Nero –, era velho, insensível e severo, incapaz de agir e de perceber o que acontece a sua volta, sua coragem já era inútil, mas era nobre, simples, honesto

²⁰⁹ Relembramos que, nossa fonte latina foi copilada por A. D. Godley (1890), que se baseou nas cópias anteriores de Orelli e Baier, ambos revisados por Meiser.

²¹⁰ MARQUES, 2009, p. 77.

e de postura honrosa diante da morte; prefere alguém que não seja de sua família para sucedê-lo: Pisão. Isso, para o autor, foi um dos principais motivos para que a guerra civil se agravasse ainda mais, uma vez que, argumenta ser na dinastia dos flavianos, isto é, em um governo familiar, que a paz chega após as tensões do conflito. Embasando seus argumentos, o autor também leva em consideração os presságios divinos, e para Galba, que precederam sua morte, foram todos negativos.²¹¹

O segundo a assumir o poder foi o general Oto – Marco Sálvio Oto Nero César Augusto (32-69 E.C.), que era governador da Lusitânia. Para Tácito, este seria ainda mais incapaz de governar, pois era demasiadamente passivo e dependente da guarda imperial (os pretorianos), além de corrupto e degenerado, assim como Nero, seu amigo. Mandou reerguer estátuas e promover imagens de Nero, sendo dotado de uma virtude praticamente aparente, pois o autor considera qualquer ato moral desse, como ações enganosas, mesmo que em sua inútil morte haja algo de dignidade. Sua morte desestabiliza suas legiões, levando-os à derrota antes mesmo de possuir alguma oportunidade de vencer os soldados de Vitélio. Tácito destaca a ironia dos discursos que Oto pronunciava aos seus soldados, pois geralmente utilizava-se de uma oratória falsa (falava o que os soldados queriam escutar), contraditória à situação da cidade de Roma, claramente manipulado pelo apoio dos pretorianos e de algumas poucas legiões. Premonições negativas também precederam sua preparação para guerra e seu suicídio.²¹²

O terceiro é Vitélio – Aulo Vitélio Germânico César Augusto (15-69 E.C.), que no início do ano de 69 E.C., estava com suas legiões estacionadas na Germânia Inferior. Foi aquele que derrotou Oto na batalha de Bedriacum (região da Lombardia, norte da Itália). A essa altura, seu governo, segundo Tácito, progredia na desordem, na violência, nas indecisões, na falta de limites, na apatia do povo de Roma, no abandono das instituições que marcaram a identidade do povo romano, como o Capitólio (destruído) e o Senado, que já não era mais ativo e independente. Para Tácito é o pior dos piores (um caos, comia e bebia de forma repugnante, era covarde, de extrema insensibilidade e cruel), e seus dois comandantes, Valente e Cecina, são exemplos viciosos, de indecisão e de baixa eloquência. Essa fragilidade possibilitou a ação incisiva dos generais de Vespasiano: Antonio Primo e Muciano. Seu governo foi rondado de maus presságios e sua morte, uma das mais degradantes possíveis – derrotado por Vespasiano, capturado, despido, executado (linchado) e jogado no rio Tibre.²¹³

²¹¹ MARQUES, 2009, p. 78-85.

²¹² *Idem, ibid*, p. 81-84.

²¹³ *Idem, ibid*, p. 78-84.

Como exemplo de mau presságio, destaquemos o seguinte, sobre Vitélio, relatado por Tácito:

Enquanto [Vitélio] fazia um discurso para as tropas, ocorreu um incidente, tomado como prodígio: um bando de pássaros de mau agouro sobrevoou por cima dele, cobrindo o céu numa quantidade tal que pareciam uma nuvem negra obscurecendo o dia. Outro presságio foi dado por um boi que escapou do altar, espalhando as preparações do sacrifício, e foi descartado para longe de uma maneira contrária ao ritual prescrito. Mas o principal presságio foi o próprio Vitélio, ignorante do serviço militar, sem planos para o futuro, desconhecendo mesmo a ordem da marcha, o uso das missões de reconhecimento, os limites pelos quais um general deve apressar ou atrasar uma campanha, e sempre perguntando tudo a todos. Na chegada de um mensageiro, sua face e movimentos demonstravam seu pânico, e então bebia muito (TÁCITO *apud* MARQUES, 2009, p. 84).²¹⁴

Os presságios, segundo Juliana Marques, não são cridos por Tácito, como determinantes para os acontecimentos posteriores a eles, mas, funcionam como um simbolismo do ambiente pesado de 69. Só se dá crédito ao “mau presságio” após ver o que acontece depois dele, e não antes.²¹⁵

Agora vem o último, e mais valorizado (moralmente) por Tácito: o general Vespasiano (9-79 E.C.). Ele é o primeiro da dinastia dos três flavianos que governaram o Império (70-96 E.C.). Para Juliana Marques, existe um antagonismo no discurso de Tácito, quando ele associa a “paz” da era flaviana, com essa questão de uma família no poder. Esse antagonismo decorre da preferência imperial, que, até então, seguia o modelo de Augusto, no qual o seu sucessor, mesmo sendo da casa patrícia imperial romana, não seria um parente (um irmão, um filho, ou um tio, por exemplo). Esse modelo é destacado por Tácito quando insere (em sua narrativa) o discurso do velho Galba que legitima a tradição sucessiva dos príncipes, e sua não preferência por familiares, escolhendo Pisão.²¹⁶

Segue (ao leitor) a sequência comum de imperadores que assumiram o principado na Dinastia dita *Julio-Claudiana*, anterior aos conflitos da guerra civil, narrados por Tácito: Caio Julio César Otávio Augusto – Augusto (27 A.E.C. - 14 E.C.), Tibério Claudio Nero César Augusto – Tibério (14-37 E.C.), Caio Julio César Augusto Germânico – Calígula (37-41 E.C.), Tibério Claudio Druso Nero César Augusto Germânico – Claudio (41-54 E.C.) e Lúcio

²¹⁴ TÁCITO, *Histórias*, III, 56. (tradução da autora).

²¹⁵ MARQUES, 2009, p. 84.

²¹⁶ *Idem, ibid*, p. 82.

Domício Ahenobarbo Nero Claudio César Augusto Germânico – Nero (54-68 E.C.). Até esse período, havia adoções (escolhas) políticas que legitimavam o governo do próximo príncipe (dentro da casa patricia imperial romana).²¹⁷ Tácito também nos mostra que, com essa guerra civil, a lógica de sucessões foi fragilizada pelos governadores, generais e legiões de províncias. Sobre isso menciona Tácito: “[pois] o segredo do império havia agora sido revelado, que um imperador podia ser feito fora de Roma”.²¹⁸ Lembramos ao leitor que, o título de príncipe do Império, ou Imperador, era designado pelo acréscimo de *Caesar Germanicus/Imperator Augustus*, ao nome de batismo – no qual, “César”, passou a ser adotado pelos imperadores em respeito ao nome/memória do general Caio Julio César e “Augusto”, por significar “o sagrado, o divino”, em latim.

Império Romano no tempo dos quatro imperadores (68-69 E.C.)

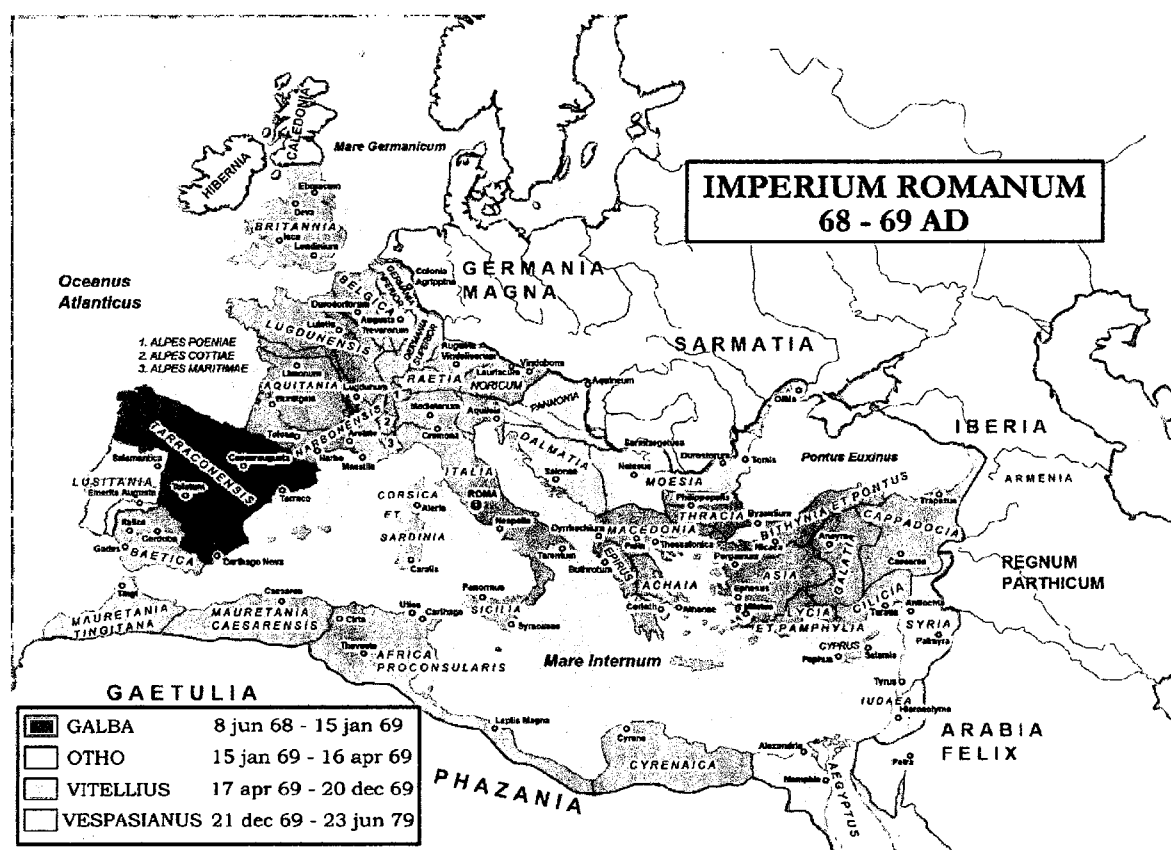


Fig. 05 – Mapa baseado nas informações dos autores latinos

²¹⁷ Essas “escolhas” ou “adoções” políticas, nem sempre eram “naturais”, mas como consequências de assassinatos dos príncipes anteriores: da pessoa do príncipe (como em Claudio), ou de sua família (como em Calígula). A questão é que, após Nero, Tácito mostrou que um imperador poderia ser eleito fora da casa imperial, uma novidade, desde a República.

²¹⁸ TÁCITO, *Histórias*, I, 4 *apud* MARQUES, 2009, p. 77.

Vespasiano – Tito Flávio César Vespasiano Augusto –, que, segundo Tácito (até o *Livro V*), se comporta de forma precavida, sempre atento ao movimento dos outros, estudando as causas e resultados, sendo menos ativo em batalha do que seus dois generais: Muciano e Antônio Primo. São estes dois generais que ocupam Roma e Vespasiano interfere muito pouco. Para Tácito, é o único dos que assumiram o principado, cujo caráter foi moldado para melhor, após assumir o poder.²¹⁹ Não existem presságios desfavoráveis e sua boa *fortuna* (sua sorte, sucesso) é constantemente destacada por Tácito – lembrando que, qualquer presságio, só recebia atenção após a vitória ou a derrota. O próprio Tácito acrescenta: “Os segredos do Destino, e os sinais e oráculos que predestinavam Vespasiano e seus filhos para o poder, nós acreditamos neles apenas depois que seu sucesso estava seguro”.²²⁰ Alguns desses sinais também ocorriam em território provinciano, como veremos no *Livro V*, ao falar dos prodígios judaicos. Vespasiano, para Tácito, segundo Marques, “representa a restauração da ordem (ou ainda, a instauração de uma nova ordem), com o início da paz nas províncias e a reconstrução de Roma”.²²¹ Complementa a historiadora brasileira:

A forma como Tácito dispõe a estrutura dos livros nas **Histórias** é também indicadora, e, por sinal, uma grande evidência desse movimento de declínio e renovação que ele pretende demonstrar. Em primeiro lugar, temos o padrão de alternância entre *res internae* e *res externae*, que, na verdade, não é original, mas sim derivado diretamente de Tito Lívio [...]. Porém, há uma divisão em maior escala bem mais importante quanto à disposição do conteúdo, que é a diferença significativa entre o bloco formado pelos livros I a III e o bloco dos livros IV-V – diferença essa relacionada com a duração e o fim da guerra civil, que ocupa, através de Galba, Oto e Vitélio a primeira parte. O fim do livro III, em seu clima altamente trágico, é emblemático, pois narra justamente tanto a morte do último dos imperadores derrotados, Vitélio, quanto a destruição do Capitólio – de cunho fortemente simbólico – e, portanto, o ápice do caos vigente em Roma [...]. Os livros IV e V significam, então, a lenta retomada da ordem sob o estabelecimento do poder de Vespasiano (MARQUES, 2009, p. 78, grifo da autora).

Esperamos que o leitor tenha compreendido que, toda essa narrativa, toda essa leitura de uma época, é uma visão do autor Tácito baseado em suas fontes e lembranças. É ele quem opta por cada uma das descrições que faz a respeito dos generais – que, por sinal, parecem

²¹⁹ TÁCITO, *Histórias*, I, 50.

²²⁰ TÁCITO, *Histórias*, I, 10 *apud* MARQUES, 2009, p. 85.

²²¹ MARQUES, *loc. cit.*

críticas no modelo estoico –, acusando suas personalidades²²², para que, aquele que o lê, entenda que, até a chegada de Vespasiano (quem sabe, um “herói” de sua adolescência), a situação de Roma, não era das melhores (talvez correspondente a sua interpretação do presente, sob Trajano, como é perceptível nos *Anais*, para alguns historiadores), desde o seu governo, até as suas províncias. Mesmo, enquanto historiador, exigir mais “atitude” do Império de seu tempo, diante do que narra em seus *Anais* – sobre as antigas tensões da época republicana, e a nova “estranha paz” imperial de Augusto, bem como a decadência moral dos Imperadores, destacando Nero –, que, segundo Joly, como vimos, buscou forjar uma nova identidade administrativa (na ideia de “servilismo coletivo” dos antigos sistemas como o Senado, ao imperador), o autor Tácito, acaba destacando a importância de Vespasiano e de sua dinastia para a manutenção dessa “paz”.

Vamos agora, baseando-nos em um resumo feito pela autora Juliana Marques, apresentar os principais assuntos abordados por Tácito em suas *Histórias*, do Livro I ao V.²²³

Para o *Livro I*: dos capítulos (na forma de pequenos parágrafos) 1 ao 11, Tácito desenvolve seu Prefácio; dos capítulos 12 ao 50, discorre acerca dos últimos dias de Galba no poder, a sua escolha (adoção) de Pisão e a revolta de Oto; dos cap. 51 ao 70, destaca a revolta dos exércitos estacionados na Germânia, bem como o aparecimento de Vitélio; dos cap. 71 ao 90, retorna ao cenário romano, enfatizando a preparação de Oto para a batalha contra Vitélio.

Para o *Livro II*: dos capítulos 1 ao 10, Tácito insere as questões flavianas, com as revoltas no leste do Império e presságios positivos para Vespasiano e seu filho Tito; dos cap. 11 ao 73, narra a primeira batalha em Bedriacum, com a derrota de Oto, seu suicídio, e o avanço dos exércitos de Vitélio à Roma; dos cap. 74 ao 86, narra a preparação das legiões comandadas pelos flavianos; dos cap. 87 ao 101, relata a preparação das forças de Vitélio para seu enfrentamento contra os flavianos, destacando os maus presságios que circundavam o ambiente de suas ações em Roma.

Para o *Livro III*: dos capítulos 1 ao 35, Tácito, ao contrário do que mencionou sobre Vitélio, apresenta bons sinais para a preparação das forças flavianas, além da segunda batalha em Bedriacum, entre as tropas de Antônio Primo, contra as de Vitélio, devastando a área de

²²² “Segundo Scott, Tácito identificava o declínio da oratória em seu tempo como um colapso da educação moral. Para ele, o jovem que não tinha educação e alimentação apropriadas em casa nem modelos inspiradores dos nobres romanos, e que mais tarde era constrangido pelo Estado, não podia aprender a falar bem e tendia a degradingar para a imoralidade” (SCOTT *apud* ANGELOZZI, 2003, p. 99). Para Scott cf.: SCOTT, James. “A retórica da supressão do discurso: a omissão de Tácito do discurso direto nos seus Anais como técnica de difamação do caráter”. *The Ancient History Bulletin*, Calgary, Canadá, v. 12, 1998. p. 8-18.

²²³ MARQUES, 2009, p. 78-80. Para uma descrição e uma cronologia bem mais detalhadas, sobre cada livro, cf.: FYFE, W. Hamilton. *Tacitus: The Histories – In two volumes: translated with introduction and notes*. London: Oxford, 1912. Para o volume I (livros I e II), p. 14-16; para o volume II (livros III-V), p. 3-7.

Cremona (região da Lombardia); dos cap. 36 ao 39, narra a desestruturação do poder de Vitélio em Roma; dos cap. 40 ao 53, segue com o relato da batalha entre Primo e as forças vitelianas, destacando a incompetência destas, com a captura do seu general Valente; dos cap. 54 ao 86, narra a degradante situação da cidade de Roma, destacando a falta de capacidade para governar de Vitélio, sua personalidade depravada, sua morte humilhante, e o terrível incêndio que destrói o Capitólio.

Para o *Livro IV*: dos capítulos 1 ao 11, Tácito mostra que, o Senado, em meio as confusões, demonstra certa importância e autoridade; dos cap. 12 ao 37, passa a narrar a revolta de Julio Civilis; dos cap. 38 ao 50, destaca a presença do Senado na gradativa restauração da ordem em Roma; dos cap. 51 ao 52, alerta sobre as preparações de Vespasiano; dos cap. 53 ao 54, narra a vinda de Vespasiano para Roma, construindo a ideia de que, junto com seus filhos, especialmente Tito, o Império retomaria à tradicional “paz” e à ordem (*imperium*); dos cap. 55 ao 79, continua a narrativa a respeito da revolta de Civilis; dos cap. 80 ao 86, relata alternadamente, os eventos ocorridos em Roma e em algumas províncias, para preparar sua fala sobre a chegada triunfante de Vespasiano na capital, bem como já insere Domiciano (irmão de Tito) como alguém que não seria capaz de substituir seu pai a altura, por ser o mais confuso da família, além de uma breve escrita acerca de presságios egípcios com alusão ao culto de Serápis, que, mais uma vez, favorecem a dinastia dos flavianos.

Para o *Livro V*: dos capítulos 1 ao 13, Tácito narra as ações de Tito na província da Judeia, a queda de Jerusalém, a destruição do Templo e elabora um texto sobre as origens, geografia e costumes dos judeus; dos cap. 14 ao 26, retoma a revolta de Civilis, preparando seu término.

Foram estes os livros que nos chegaram – referentes aos anos de 68-69 e início de 70 E.C.. A narrativa, como já mencionamos, pretendia seguir até a morte de Domiciano em 96 E.C. Em suma, Tácito, mesmo narrando as ações de Roma e suas repercussões nas províncias, abriu espaço para que estas aparecessem. E é sua breve menção feita aos judeus, e sua lacônica narrativa das ações de Tito na província da Judeia, nosso foco de análise, que apresentaremos ainda neste capítulo III.

3.1.2 Os judeus na ótica de alguns autores anteriores a Tácito

Antes de discutirmos a respeito do *Livro V*, em seus 13 primeiros capítulos que versam sobre os judeus e a queda de Jerusalém sob Tito, devemos entender que, para produzir

qualquer informação acerca de algo, se faz necessário o uso de fontes e referências que condigam com o tema a ser estudado/pesquisado. Tentaremos, neste momento do trabalho, localizar autores que, anteriores a Tácito, produziram algum conhecimento referente aos judeus e seus costumes, principalmente. O artigo do professor Airton Silva intitulado: *Quem são os judeus? Falam autores gregos do século IV a.C. ao século I d.C.*, publicado em 2002²²⁴, será nossa base de informações para a resposta dessa questão. Apenas nos referiremos aos autores gregos sob o domínio romano, viventes nas províncias. Optaremos somente por alguns autores que atuaram do século II A.E.C. até o século I/II E.C., objetivando não nos estendermos muito nesse assunto, mesmo sabendo que é de suma importância para compreensão da visão do não-judeu desses períodos, sobre os judeus e sua cultura.

O autor Airton Silva trabalha em seu artigo, com 18 autores de escrita grega que viveram entre os séculos IV A.E.C. e I/II da E.C., mas nós escolheremos exclusivamente os que se enquadrem no recorte temporal mencionado no parágrafo anterior. No entanto, no capítulo II, já havíamos destacado dois autores gregos, através de Josefo: Hecateu de Abdera e Clearco de Soles, além de mencionado os nomes de Teofrasto, Megástenes, Aristóteles (todos esses como viventes do século IV A.E.C.). Mencionamos ainda Diodoro de Sículo (ou da Sicília), do século I A.E.C., que também cita Hecateu de Abdera, sobre os judeus. Lembramos que, para Clearco, por exemplo, sábios vindos da Índia, chamados “chalans”, se estabeleceram no sul da Síria, e foram chamados de “judeus” pelos sírios.

Vamos aos autores que selecionamos: do século II A.E.C. temos: Agatarquides de Cnido e Possidônio; do século I A.E.C. temos: Apolônio Mólou, Alexandre Poliístor, Diodoro Sículo, Nicolau de Damasco, Estrabão de Amaséia e Lisímaco; do século I/II E.C. temos: Ápion, Queremon, Demócrito e Nicarco.

O primeiro será Agatarquides (ou Agatarchide, ou Agatarcida), historiador de filosofia aristotélica, nascido em Cnido na Dória. Conheceu alguns judeus quando foi ao Egito em duas ocasiões, sob os governos de Ptolomeu VI Filometor e Ptolomeu VIII Físcion. Escreveu duas obras: *História da Ásia* (10 livros) e *História da Europa* (49 livros).²²⁵ Algumas falas desse autor sobre os judeus são relatadas por Josefo:

²²⁴ SILVA, Airton José da. *Quem são os Judeus? Falam Autores Gregos do Século IV a.C. ao Século I d.C.* Ayrtton's Biblical Page, 2002. É professor de História Hebraica da Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Ribeirão Preto (Dom Miele), São Paulo. Sua publicação pode ser conferida no seguinte site: <<http://www.airtonjo.com/judeus.htm>>. Não encontramos uma versão de revista, isto é, com paginação.

²²⁵ SILVA, 2002.

Aqueles que são chamados judeus moram numa cidade muito forte chamada Jerusalém. Eles comemoraram tão festivamente o sétimo dia, que não somente não usam armas nesse dia e não trabalham na terra, mas não fazem outra coisa qualquer. Passam o dia inteiro orando a Deus no Templo. Assim, quando Ptolomeu Lago veio com um exército, em vez de lhe resistir, como teriam podido fazê-lo, aquela louca superstição fez que de medo de violar aquele dia, a que chamam de sábado, eles o recebessem como senhor e um senhor mui cruel. Viu-se então quanto aquela lei estava mal fundada: e tal exemplo deve ensinar não somente a esse povo, mas também a todos os outros que não se pode sem extravagância aceitar tais imposições, quando um perigo grave e urgente obriga a delas nos afastarmos (AGATARCIDA *apud* JOSEFO, CA, I, 8, p. 1449).

O autor, Agatarcida, nos apresenta uma das leis dos judeus: o descanso do dia de sábado. Segundo ele, esses judeus não fazem nenhum trabalho, nem mesmo fazem guerra, o que custou a submissão a Ptolomeu Lago (século IV A.E.C.). Essa “superstição”, como menciona, ensina como não se deve proceder diante de um ataque, ou seja, ficar sem resistir. O sábado aparece como o dia para se ficar orando em todo o tempo no Templo e relata que a cidade de Jerusalém é bastante fortificada. Essas são informações básicas e superficiais acerca dos judeus, mas são importantes e estratégicas, pois existem dias que os judeus não pegam em armas, portanto, estão à mercê de sofrer um ataque. Em 1973 (6 de outubro), aconteceu um fato semelhante quando forças egípcias, sírias e iraquianas, com apoio dos russos, atacaram os israelenses em um de seus sábados, o chamado Dia do Perdão (*Iom Kippur*). As fronteiras do país foram tomadas rapidamente, pela frágil defesa, pois quase toda população (civis e militares) estavam jejuando (este que seria de 25 horas). Diferente do que ocorreu no relato de Agatarcida, e para a surpresa dos atacantes, os israelenses reagiram assim que identificaram a situação e toda população foi alertada (religiosos, turistas e civis) do procedimento que se deveria seguir para se realizar um contra-ataque que fosse efetivo e rápido. O resultado foi que, em algumas horas, os israelenses conseguiram expulsar os atacantes do território e, com o desenrolar da situação, ainda invadiram o Egito e as Colinas de Golan. O conflito continuou por quase 20 dias. Um acordo internacional promovido pela ONU encerrou a ofensiva israelense, que, mesmo com uma armada numericamente inferior, destruiu boa parte dos tanques e aviões dos atacantes. Em 1978, o governo egípcio se torna o primeiro país árabe a reconhecer Israel como nação independente.

Retomando o passado longínquo, Agatarcida não demonstra, por esta citação de Josefo, qualquer palavra que instigasse a aversão contra o outro, mesmo que, o termo

“superstição” fosse constantemente aplicado pelos escritores gregos (e romanos) antigos, aos costumes judaicos (e aos ditos “bárbaros”, em geral).

O próximo é Possidônio (ou Posidônio), nascido na Síria, mas viveu em Rodes, sendo chefe de escola filosófica estoica e historiador. Também pode ser considerado geógrafo, etnógrafo e astrônomo, escrevendo uma obra chamada *História* (52 livros), que visava dar continuidade aos escritos de Políbio. A rápida menção de Josefo a Posidônio pode ter decorrido do que ele escreveu sobre os judeus nesse trabalho.²²⁶ O que ocorre é que Josefo acusa Ápion (ou Ápio) de acreditar no que Posidônio e Apolônio de Mólou (ou Molom) dizem sobre os judeus:

Esses dois filósofos nos acusam de não adorar os deuses que as outras nações adoram; dizem mil mentiras sobre isso mesmo, e não se incomodam em falar de maneira ridícula de nosso Templo, embora nada seja mais vergonhoso a pessoas livres do que mentir de qualquer modo que seja, e ainda mais, quando se trata de um lugar consagrado a Deus, cuja santidade o torna célebre por toda a terra (JOSEFO, CA, II, 4, p. 1469-1470).

Essa crítica de Josefo a Ápion se torna mais contundente, quando relata que as fontes dele, são mentirosas, falsas, ao afirmarem que os judeus cultuam uma cabeça dourada de asno no Templo e que, uma vez ao ano, acolhem um grego no santuário, alimentam-no por um tempo, engordando-o, levando-o para uma floresta e degolando-o, cujos seus restos seriam jogados em fossas e todo ritual ocorria sob o juramento de se odiar os gregos.²²⁷ Não há como confirmar se realmente Ápion, como afirma Josefo, tomou Posidônio com uma de suas referências acerca de certos costumes judaicos. Mas essas informações são tidas como inverdades por Josefo. Até agora vimos um judeu (Josefo) mencionando o que autores gregos antigos diziam sobre os costumes judaicos. No caso de Posidônio existe uma menção de um não-judeu sobre seus escritos: Estrabão, em sua obra *Geographica*: “mas, segundo Posidônio, o povo é feiticeiro e pretende usar encantamentos, tais como urina ou outros líquidos malcheirosos que eles derramam sobre a substância solidificada e espremem o asfalto e endurecem-no e o cortam em pedaços”.²²⁸ O autor Plínio, o Velho (tio de Caio Plínio),

²²⁶ SILVA, 2002.

²²⁷ JOSEFO, CA, II, 4, p. 1470-1471.

²²⁸ ESTRABÃO, XVI, 2, 43 *apud* SILVA, 2002.

também faz menção ao ato de os judeus retirarem asfalto (betume) do Mar Morto com sangue menstrual.²²⁹

Antes de seguirmos com os autores do século I A.E.C., optaremos por realizar uma breve explanação a respeito do termo “superstição”. Assim como o termo “religião” era concebido de forma distinta daquela que se conhece em nossos dias, o termo *superstitio* também possui peculiaridades contextuais diferentes da moderna concepção. Conceituando superstição em nossos dias temos:

crença ou noção sem base na razão ou no conhecimento, que leva a criar falsas obrigações, a temer coisas inócuas, a depositar confiança em coisas absurdas; crença em presságios e sinais, originada por acontecimentos ou coincidências; religião primitiva, em que se cultuam espíritos que se crê estarem presentes nas coisas e nas forças da natureza; paganismo, magia, feitiçaria (HOUAISS, 2009).²³⁰

O termo *superstitio*, aparece com certa frequência em textos de autores romanos que se debruçam sobre os costumes não-romanos do Império (os ditos “bárbaros”). O significado literal da palavra seria “acima do estar”, mas sua etimologia não é certa. No entanto esse “acima” não indica superioridade (importância), mas algo como “além” (da ciência romana). As categorias de autores que mais utilizam esse termo são de filosofias que vem da Grécia para Roma como as epicuristas e as estoicas. Esse termo aparece, geralmente, quando se comenta algo sobre culturas estrangeiras, principalmente as africanas (de Isis e Serápis, no Egito), orientais (judaísmo, mitraísmo e cristianismo, por exemplo) e célticas (“druidismo”). Essa ideia de costumes ocorre atrelada à concepção de moral e de religião. Moral é o costume em si, e a religião, os ritos comunitários. O título de *pontifex maximus*, atribuído ao imperador, indicava que o mesmo seria a “ponte maior da religião romana”. Era o cargo mais alto em questões rituais do sacerdócio de Roma. A *pax deorum*, buscava evitar conflitos entre

²²⁹ SILVA, 2002.

²³⁰ Em nossos dias, muitos daqueles que nasceram em cidades, rotulam certas práticas de pessoas do ou que vem do campo para os pólos urbanos, de “crendices”. Eis aí um sinônimo usual para “superstição” no mundo da língua portuguesa moderna. Exemplos: realizar ações com o lado direito do corpo (acordar/entrar com o pé direito, vestir uma roupa iniciando pelos membros da direita); não passar embaixo de escadas; não cruzar na rua com um gato preto; não apontar para estrelas no céu (nascem verrugas na mão utilizada); acreditar em animais (ou seres) extraterrestres que matam animais de sítio e fazenda durante a noite. Ou seja, eventos de baixo teor racional, são chamados atualmente de superstições. Dogmas/práticas oriundas do cristianismo não são consideradas superstições por muitas pessoas, mas as de outras religiões sim – isso seria outro exemplo para se rotular algo de superstição hoje em dia.

os devotos das mais variadas divindades que havia nos territórios do Império. Essas poucas superstições, geralmente, também estavam incluídas nesse “acordo dos deuses”.

Contudo, as críticas, ou as ironias, que os autores estoicos (por exemplo) incutiam àqueles poucos grupos, poderiam ser suficientes para se romper com a “paz” ou mesmo com o *status* de *lícita* (permitida). As acusações seguiam certa ordem: pessoas que temem demais seus deuses; que lidam com feitiçaria e magia; que se chocam constantemente com a visão estoica/epicurista de mundo; que praticam atos ditos sem lógica – como não se defender de um ataque por causa de uma lei particular, se abster de certas coisas (lícitas para os romanos), sem uma explicação convincente, individualismo excessivo, fanatismo pelo próprio costume; que erram suas práticas para com os deuses – e quando acertam é *religio*. No geral, o conceito de *superstitio*, foi bem mais divulgado pelos autores estoicos/epicuristas, que qualquer outra categoria de escritores/oradores.

Com a popularidade desse conceito, por exemplo, na era de Domiciano, os estoicos, junto com os astrólogos, ambos foram considerados “filosofias” ilícitas ao Império, sendo banidas de Roma e, a posterior, da Itália (foi um período de “intolerância” às superstições – que incluíam com frequência judeus e cristãos). O autor Paul Veyne complementa:

É bom para ‘os bárbaros se petrificarem diante dos reis’ e para os supersticiosos tremerem perante os deuses como um escravo na presença dos senhores. [...] Só se deixava de acreditar nos deuses estrangeiros se eram produto de uma superstição ridícula, a mesma que leva a crer nos bestiários fantásticos; ria-se dos deuses com corpo de animal que o Egito adorava. Os crentes da Antiguidade viveram na mesma tolerância que as seitas hinduístas entre elas: interessar-se particularmente por um deus não significa negar os outros deuses. [...] O homem que a todo instante treme à ideia dos deuses como diante dos senhores caprichosos e cruéis faz destes uma imagem indigna deles e de um homem livre. O medo dos deuses (*deisidaimonia*) é o que os romanos entendiam por ‘superstição’; deixavam a gente do povo, nesse Oriente habituado a obedecer a potentados, imaginar que devoção significava proclamar-se escravo, servidor de um deus. No fundo a relação clássica com os deuses é nobre e livre: é de admiração. A verdadeira devoção consiste em imaginar os deuses benfazejos e justos, benévolos, providenciais: super-homens de bem (VEYNE, 2009, pp. 168; 190-92, grifo do autor).²³¹

²³¹ Para mais informações cf.: LIMA, Luís Felipe Silvério. Superstições e Religiosidade na *Res Publica*: Espaços de Poder? *Mirabilia* 02: *Expresar lo Divino: Lenguaje, Arte y Mística*, p. 62-72, dez. 2002.; RODRIGUES, Nuno Simões. O processo de Pompónia Grecina, um caso de opressão religiosa no século I d.C. *Humanitas* 61, Universidade de Lisboa, p. 107-126, 2009. Para se aprofundar mais no assunto de superstição e religião nos tempos romanos cf.: CALDERONE, S. *Superstitio*, *ANRW* I. 2, p. 377-396, 1972. E também: BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. The Boundaries of Roman religion. In: _____. *Religions of Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 211-244.

Discutida brevemente esta questão, vamos seguir agora com os autores que mencionamos referentes ao século I A.E.C.. O primeiro é Apolônio Mólón. Professor de retórica que nasce em Alabanda na Cária, mas viveu em Rodes, onde foi mestre de Cícero e César. Através de um fragmento de obra chamado *De Iudaeis* (Sobre os Judeus) que é preservado por Alexandre Poliístor, sabemos que esse autor fala de coisas judaicas. Contudo, Alexandre é citado por Eusébio de Cesareia em sua obra *Praeparatio Evangelica* IX, 19, 1-3.²³² Utilizaremos, mais uma vez, Flávio Josefo, que citou Apolônio como fonte de falsidades de Ápion:

Mas, como Lisímaco, Apolônio Molom e alguns outros por ignorância e por malícia quiseram fazer crer que Moisés, nosso legislador, era um sedutor e um mago e que as leis que ele nos legou só têm maldade e perigo [...]. Não é por simples palavras continuadas, como as de Ápio, que Molom fala contra nós; ele espalhou suas calúnias por diversos lugares de sua obra. Ora nos trata de ateus e de inimigos de todos os homens, ora censura nossa timidez, ora nos acusa de sermos ousados. Diz em outros pontos que nós somos mais brutais que os bárbaros, e que assim ninguém se deve admirar de que nada tenhamos inventado de útil para a vida (JOSEFO, CA, II, 6, p. 1477-78).

Segundo Josefo, Apolônio estaria incluído na lista de autores gregos que difamam a imagem e os costumes dos judeus (pois existem aqueles que não o fazem, de acordo com Josefo).²³³ Apolônio, que não possui voz ativa, pois é citado por Josefo como fonte de Ápion, torna supersticiosa a origem dos costumes judaicos ao chamar seu legislador de mago. Além disso, acusa essas leis de serem dotadas de maldades (provavelmente sociais), instigando o ódio aos outros homens (não-judeus), e fomentando o ateísmo²³⁴; critica a timidez

²³² Ou seja, foi Eusébio quem citou Apolônio, através de uma citação de Alexandre. Segundo Airton Silva, esse bispo de Cesareia, utilizando essas menções, “descreve o sobrevivente do dilúvio [...], o nascimento de Abraão (‘este homem era sábio’) até José e Moisés, que é considerado por ele neto de José” (EUSÉBIO *apud* SILVA, 2002).

²³³ Cf.: HOLLADAY, C. R. Fragments from Hellenistic Jewish authors. *Historians* (I), Chico, California, Scholars Press, 1983.

²³⁴ Outro termo bastante comum hoje, que não possui mais seu significado primordial. Ateu, em nossos dias, designa não acreditar, primeiramente, no deus dos cristãos (e nos credos da religião em si) – um herege; depois subentende aquele que não pratica nenhuma religião, sendo mais “devoto” das Ciências; por último, aqueles que não respeitam a prática religiosa de seu próximo – pseudo-críticos de livros sagrados. Por sua vez, o termo grego *atheos*, que pode ser traduzido por “ímpio”, também estava relacionado com a relação humana com os deuses (visão dos helenos). Mas esta seria diferente da que se tem hoje. Vejamos um exemplo de “comportamento ímpio” na ótica de Epicuro (século IV A.E.C.): “Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles fazem a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que têm dos deuses. Ímpio não é quem rejeita os deuses que a maioria crê, mas sim quem

(comportamentos anti-sociais), bem como critica a ousadia (talvez no âmbito das conversões aos costumes – prosélitos); desvincula a capacidade engenhosa dos judeus, por estes serem “brutais” além da conta (brutalidade aqui vista como um comportamento natural dos “bárbaros”).

O segundo é o já mencionado Alexandre Poliístor (ou Polyistor). Nascido em Mileto (Ásia Menor), é levado cativo para Roma em sua juventude, mas por volta de 80 A.E.C. é tornado liberto. Desde esse tempo, ingressa na carreira de professor até o fim de seus dias (por volta de 35 A.E.C.). Esse autor, que escreve em grego, coletou diversas informações de autores anteriores, e, dentre eles, estão alguns que falam sobre judeus e poucos que são judeus.²³⁵ O autor Airton Silva, seleciona apenas um curto trecho da obra *De Roma* (Sobre Roma) de Poliístor, que, nos informa Silva, ter sido conservado pela Enciclopédia Suda de termos/verbetes gregos, compilada no final do século X: “e nos seus cinco livros sobre Roma, nos quais ele diz que ali viveu uma mulher hebreia Mosó, que compôs a Lei dos hebreus”. Segundo Airton Silva, essa seria uma atitude bem curiosa de Poliístor, pois este conhecia as informações judaicas como os judeus defendem, mas mesmo assim, registrou essa intrigante contradição: Moisés (Mosó) era uma mulher hebreia! Essa informação inusitada é comentada por Silva:

Talvez esta história tenha surgido por causa da **Sibila**. As Sibilas são profetisas inspiradas por Apolo ou outra divindade. Provenientes da cultura grega, consta que as Sibilas se difundem por várias regiões do mundo romano. Os *Livros Sibilinos* são coletâneas de oráculos em grego, trazidos, segundo a lenda, da Grécia para Roma e guardados nos subterrâneos do templo de Júpiter Capitolino. São consultados, por ordem do Senado romano, por ocasião de grandes calamidades, para se descobrir como contornar a ira dos deuses. Existem coletâneas de oráculos sibilinos de origem judaico-helênica ou judaico-cristã. Por ser Moisés, segundo a tradição, o autor da Lei, e, além disso, profeta, terá surgido a analogia com a Sibila, transformando-o afinal em mulher (SILVA, 2002, grifos do autor).²³⁶

atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. Imanados pelas suas próprias virtudes, eles só aceitam a convivência com os seus semelhantes e consideram estranho tudo que seja diferente deles” (EPICURO. *Carta sobre a felicidade*. São Paulo: UNESP, 2002). Nessa ótica, bem mais aceita para o nosso contexto de estudo (Grécia e Roma), os judeus foram acusados de ateus e, por consequência, de possuírem leis supersticiosas.

²³⁵ SILVA, 2002.

²³⁶ Reafirmamos que o trabalho desse autor (Airton Silva), não está publicado em revistas (acadêmicas ou não), ou pelo menos não o encontramos nesse meio de divulgação. Seu artigo se encontra em sua *webpage*, não possuindo páginas numeradas, apenas o ano de sua produção em 2002. Para essa questão dos verbetes gregos cf.: HARVEY, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. (Traduzido do inglês por Mário da Gama Kury).

Essa informação de Alexandre Poliístor, coletada por Silva, aparece apenas como uma curiosidade, pois se desconhece seu efeito na sociedade de sua época, talvez tenha causado indignação por parte de alguns judeus que possam ter tido contato com a obra original do século I A.E.C.. O terceiro autor é Diodoro Sículo, que já mencionamos no capítulo II. Nasceu na Sicília e foi contemporâneo de César e de Otávio Augusto. Sua principal obra é a *Bibliotheca Historica* (escrita em grego, com 40 livros, dentre os quais só existem 15). Nesta, buscou abarcar a história do mundo conhecido, desde as eras mitológicas, até a conquista da Gália por Julio César, entre 58 e 52 A.E.C.. Seu trabalho de coleta, de acordo com Silva, é de suma importância, pois apresenta trechos e obras cujos originais já se haviam perdido. Uma de suas maiores menções aos judeus (incluído costumes) foi feita ao narrar a primeira dominação romana na Judeia por Pompeu em 63 A.E.C., quando este submeteu Jerusalém.²³⁷ Além dessa menção, Diodoro produz uma série de informações sobre os judeus. A circuncisão, por exemplo, segundo Diodoro, foi trazida do Egito, de onde emigraram os judeus, e completa: “entre os judeus, Moisés atribuiu suas leis ao deus que é invocado como *Iáo*”.²³⁸ Neste mesmo trecho, comenta Silva, Diodoro diz que, atribuir divindade às leis, foi um bom método utilizado por Moisés para fazer o povo obedecê-las. Silva destaca que é a primeira vez, em uma literatura grega, que aparece o nome *Iáo* relacionado ao deus dos hebreus, que inspirou os termos modernos: Iaové, Iahwéh, Jah, Iahu, Javé, Jeová, dentre outros. Segundo Silva, os Papiros de Elephantina no Egito, descobertos no final do século XIX, também fazem menção a esta palavra: *eyhawah* (lembrando que as vogais “a” e “e” não são grafadas no hebraico, e isso seria uma suposição de estudiosos).

Ainda sobre Diodoro, destaquemos mais algumas generosas menções suas sobre os judeus:

Eles disseram também que os ancestrais dos judeus tinham sido expulsos do Egito como homens ímpios e detestados pelos deuses. Pois, para purificar o país, todas as pessoas que tinham manchas brancas ou leprosas nos seus corpos foram reunidas e conduzidas além da fronteira, como sob maldição; os refugiados ocuparam o território nas cercanias de Jerusalém e, tendo organizado a nação dos judeus, fizeram do seu ódio à humanidade uma tradição e para isto introduziram leis completamente exóticas: não partir o

²³⁷ STERN *apud* SILVA, 2002. Cf.: STERN, M. Greek and Latin Authors on Jews and Judaism (I-III). Jerusalem: *The Israel Academy of Sciences and Humanities*, 1976; 1984. p. 167.

²³⁸ DIODORO SÍCULO, BH, I, 94, 2, *apud* SILVA, 2002, grifo do autor.

pão com nenhuma outra raça, nem mostrar-lhes nenhuma boa vontade (DIODORO, BH, XXXIV-XXXV, 1, 1-5).

Essa informação acima, de acordo com Airton Silva, faz parte da narrativa que conta o cerco promovido pelos exércitos de Antíoco VII Sidetes (século II A.E.C.), no qual seus conselheiros orientam-no a eliminar os judeus, pois são um povo desprezível, inimigos de todos os homens e não se misturam com outras nações. Ainda, na sequência, narra a entrada de Antíoco IV Epífanês (também no século II) no Templo de Jerusalém, após a derrota dos judeus:

[...] encontrou ali uma estátua de mármore de um homem extremamente barbado montado num asno, com um livro nas mãos, e ele supôs ser uma imagem de Moisés, o fundador de Jerusalém e organizador da nação, o homem, enfim, que determinou aos judeus os seus misantrópicos e ilegais costumes (DIODORO, BH, XXXIV-XXXV, 1, 1-5).

Na sequência narrativa, destaca Silva, Antíoco IV Epífanês, temeroso de realmente serem os judeus os inimigos do gênero humano (misantropia), veta qualquer lei judaica sob seu domínio. Contudo, Antíoco VII Sidetes (posterior ao governo de Antíoco IV), não segue a recomendação extremista de seus conselheiros, apenas cobrando tributos aos judeus (sob a liderança de Hircano I), além de haver destruído as muralhas de Jerusalém (que só haveriam de serem reconstruídas em 41 E.C. sob o governo de Agripa I), fez também cativos, mostrando, segundo Diodoro, que o rei é uma pessoa misericordiosa e generosa. Pelo que vimos a ideia de que os judeus praticam *superstitio* e comportam-se como *atheos*, ganham mais força com a literatura produzida por Diodoro Sículo.

O quarto autor é Nicolau de Damasco. Nascido em Damasco, Síria, de uma importante família, foi historiador, professor e escritor, bem como conselheiro e educador de Herodes por volta de 14 A.E.C.²³⁹ Tempos antes, relata Silva, Nicolau foi tutor dos filhos de Marco Antônio e Cleópatra Filopátor e após a morte de Herodes, seguiu para Roma e findou seus dias por lá, nos primeiros anos do século I E.C.. A menção que faz aos judeus se encontra na sua obra *Historiae* (144 livros), quando narra sobre o governo de Antíoco IV, sobre a guerra de Antíoco VII contra os partos, sobre os conflitos sob Ptolomeu Latiro, sobre as campanhas

²³⁹ STERN, 1976; 1984, p. 227 *apud* SILVA, 2002. Também cf.: JOSEFO, AJ, XVII, 7, p. 793.

militares de Pompeu e Gabínio na Judeia, dentre outros.²⁴⁰ É, mais uma vez, Josefo quem registra a posição/opinião de um autor não-judeu sobre os judeus e seus costumes, neste caso, Nicolau:

Nicolau de Damasco, no nonagésimo sexto livro de sua história, menciona-o nestes termos: ‘Há na Armênia, na província de Miniade, uma alta montanha chamada Baris, sobre a qual, diz-se, muitos se salvaram durante o dilúvio, e que uma arca cujos restos se conservaram por vários anos, e na qual um homem se havia encerrado, deteve-se no cume dessa montanha. Há probabilidade de que esse homem é aquele de que fala Moisés, o legislador dos judeus’ (NICOLAU *apud* JOSEFO, AJ, I, 3, p. 82). [...] Lemos no quarto livro da história de Nicolau de Damasco estas apropriadas palavras: ‘Abraão saiu com grande acompanhamento da terra dos caldeus, que está acima da Babilônia, reinou em Damasco e partiu algum tempo depois com todo o seu povo, estabeleceu-se na terra de Canaã, que agora se chama Judéia, onde a sua posteridade se multiplicou de maneira incrível, como direi mais particularmente em outro lugar. O nome de Abraão é ainda hoje muito célebre e tido em grande veneração na terra de Damasco. Vê-se aí uma aldeia que tem o seu nome e onde se diz que ele morou’ (NICOLAU *apud* JOSEFO, AJ, I, 7, p. 90). [...] O historiador Nicolau de Damasco presta testemunho do que acabo de narrar, com estas palavras: ‘O rei Antioco, depois de ter feito erguer um arco de triunfo à beira do rei Lico, por causa da vitória que obtivera sobre Indato, general do exército dos partos, ficou dois dias, a rogo de Hircano, judeu, por causa de uma festa dessa nação, durante a qual as suas leis não lhes permitem pôr-se em campo’ (NICOLAU *apud* JOSEFO, AJ, XIII, 16, p. 613, grifo nosso).²⁴¹ [...] falam vários autores fidedignos, como Políbio Megalopolitano, Estrabão da Capadócia, Nicolau de Damasco, Castor, o cronógrafo, e Apolodoro, que dizem que Antioco, tendo necessidade de dinheiro, violou a aliança feita com os judeus e saqueou o Templo, que estava cheio de riquezas (JOSEFO, CA, II, 4, p. 1470).

Nicolau é outro autor de voz passiva, embora citado diretamente por Josefo em suas obras. Nicolau é apresentado como um dos poucos autores não-judeus, que escreveram “fielmente”, como fala Josefo, sobre algum assunto dos judeus. Provavelmente isso decorre do bom convívio que teve com eles no tempo em que foi conselheiro de Herodes. Para Josefo, Nicolau foi um defensor das questões judaicas, mencionando também os livros 123 e 124 deste autor, como prova.²⁴² Pelos relatos apresentados de Nicolau, por Josefo, esse autor parece não polemizar com a questão da *superstitio* e do *atheos*, como os autores anteriores.

²⁴⁰ Cf.: JOSEFO, AJ, XIV, 11, p. 648-649.

²⁴¹ “um arco de triunfo à beira do rei Lico”; acreditamos que esse trecho não se refira ao rei mitológico de Tebas, chamado Lico, mas ao rio Lico, na Frigia, Ásia Menor.

²⁴² JOSEFO, AJ, XII, 3, p. 549.

O quinto autor é Estrabão (64 A.E.C. - 19 E.C.), nascido em Amaséia (Ponto-Bitínia). Foi de filosofia estoica, e escreveu em grego sua obra mais conhecida: *Geographica* (17 livros). Nela descreve a geografia de muitos territórios dominados pelos romanos, incluindo narrativas históricas sobre povos, sua economia, costumes e a vida animal e vegetal dessas localidades.²⁴³ Airton Silva ainda comenta que Estrabão escreveu uma obra histórica chamada *Historica Hypomnemata* (43 livros), que narra eventos gregos e romanos entre os séculos II e I A.E.C., mas que com o tempo se perdeu. Desta, as menções que Estrabão faz dos judeus é coletada por Josefo.²⁴⁴ Mas, em sua *Geographica*, também encontramos menção aos judeus:

Moisés era um dos sacerdotes egípcios e governava uma parte do Baixo Egito, como era chamado, mas ele saiu dali para a Judéia, pois ele estava desgostoso com o estado das coisas por lá e foi acompanhado por muitas pessoas que cultuavam a Divindade. Pois ele dizia, e ensinava, que os egípcios estavam errados em representar a Divindade (*tò Theion*) em imagens de animais selvagens e domésticos, como faziam os líbios; e que os gregos também estavam errados por moldarem deuses em forma humana; pois, segundo ele, Deus é aquele que abarca todos nós e engloba terra e mar – aquilo que nós chamamos céu, ou universo, ou a natureza de tudo o que existe. Que homem, então, se ele tem inteligência, poderia ser temerário o suficiente para fabricar uma imagem de Deus imitando qualquer criatura entre nós? (ESTRABÃO, XVI, 2, 35 *apud* SILVA, 2002, grifo do autor).²⁴⁵

Estrabão também não é completamente hostil aos costumes judaicos, pois, segundo Silva, considera apenas a prática circuncisão como *superstitio*, esta, introduzida não por Moisés, mas, bem depois, por sacerdotes opressores, além de considerar o sábado um dia de jejum e não de repouso. O deus dos judeus é entendido por Estrabão, como a imagem do céu, universo, ou mesmo coisas da natureza. Na pergunta final, não está claro se é uma fala de Estrabão, ou algum tipo de referência a Moisés, mas ela significa dizer que, talvez, não exista

²⁴³ SILVA, 2002. Cf.: verbete *Strabón* em HARVEY, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. 1987.

²⁴⁴ Vejamos uma delas, que relata a atitude de Antonio ao buscar evitar uma rebelião judaica por estes preferirem Antígono a Herodes como governador da Judeia: ‘Antônio, em Antioquia, mandou cortar a cabeça a Antígono, rei dos judeus, e foi o primeiro dos romanos que desse modo fez morrer um rei, porque julgou que não havia outro meio de fazer com que os judeus obedecessem a Herodes, que havia sido feito rei em seu lugar, pois estavam tão enraivecidos contra ele e tão afeiçoados a Antígono que nem mesmo a violência dos tormentos poderia obrigá-los a dar a Herodes o nome de rei. Foi isso o que levou Antônio a se servir de um suplício tão vergonhoso para um soberano, a fim de obscurecer a memória de um e moderar a aversão que se tinha pelo outro’ (ESTRABÃO *apud* JOSEFO, AJ, XV, 1, p. 690).

²⁴⁵ Cf.: COMBY, J.; LEMONON, J. *Roma em face de Jerusalém: Visão de autores gregos e latinos*. São Paulo: Paulus, 1987. p. 10-16. (Traduzido do francês por Benôni Lemos).

homem afoito ou valente o suficiente, em sua sanidade mental, para forjar a effigie de Deus tomando a imagem de criaturas viventes como base.

O sexto e último autor (selecionado) que viveu no século I A.E.C., é Lisímaco. Josefo também cita passagens de sua obra *Aegyptiaca*. Vamos a elas:

Ele diz que quando Bochor [Bochoris] reinava no Egito os judeus atacados de lepra e de outras doenças vergonhosas, indo ao Templo pedir esmola, passaram essas doenças aos egípcios; a esse respeito Bochor consultou o oráculo de Júpiter [Âmon], e este respondeu-lhe que era preciso purificar os Templos e mandar para o deserto esses homens impuros, que o sol não podia mais, a não ser com tristeza sua, iluminar com seus raios e assim a terra recuperaria sua primitiva fecundidade. Que depois desse oráculo, o soberano, a conselho dos seus sacerdotes, mandou reunir todas essas pessoas impuras para entregá-las aos soldados; mandou atirar ao mar todos os leprosos e os tinosos, depois de os ter feito envolver em lâminas de chumbo e mandou levar o resto para o deserto para que lá morressem de fome; que então esses infelizes reuniram-se, acenderam suas fogueiras, montaram guarda toda a noite, jejuaram para que os deuses lhes fossem favoráveis e no dia seguinte, um deles, de nome Moisés, aconselhou-os a marchar sempre, até encontrar lugares cultivados, e a não confiar em ninguém e de só dar mais conselhos aos que lhes pedissem e a destruir todos os Templos e os [altares] que encontrassem; todos aprovaram-no e eles atravessaram o deserto: depois de inúmeras e grandes dificuldades, chegaram a um país cultivado. Ali trataram cruelmente seus habitantes, despojaram os Templos de seus bens, e se dirigiram, por fim, a uma província a que chamam de Judéia, onde construíram uma cidade a que deram o nome de *Hierósyla*, que quer dizer ‘despojo de coisas santas’, e que crescendo depois em força e poder, eles trocaram esse nome que lhes causava vergonha pelo de *Hierosólyma* e começaram a se chamar de *Hierosolymitas* (LISÍMACO *apud* JOSEFO, CA, I, 12, p. 1458-1459, grifos (acréscimos) de SILVA e nossos).

Essa visão de Lisímaco, cuja voz também é passiva, já que é Josefo que narra o que ele provavelmente escreveu em sua obra *Aegyptiaca*, é bem depreciativa sobre os judeus, mesmo havendo uma contradição histórica com esse Bochoris (faraó da 24ª Dinastia, século VIII A.E.C.) – caso ele tenha pretendido narrar algo sobre os faraós da 18ª ou da 19ª. Lisímaco pode ter se confundido, pois, segundo Silva, houve certa *Profecia do Cordeiro*²⁴⁶, durante o reinado desse faraó, que remete a governos estrangeiros no Egito. Já essa leitura que faz do mundo judaico é bastante fomentadora dos termos *superstitio* e *atheos*. Os judeus, além

²⁴⁶ Ou “Oráculo da Ovelha” de acordo com Vicente Dobroruka. Esse animal estava associado ao deus egípcio Khnum. Ambos os autores o insere na 24ª Dinastia do faraó Bochoris. Cf.: DOBRORUKA, V. Novas reflexões sobre a identidade dos *zonoforoí* no “Oráculo do oleiro” e no Bahman Yast. *Revista Múltipla*, Brasília, 19 (25): 93-103, dez. 2008, p. 97.

de leprosos e indesejáveis, são vistos como cruéis, expulsando impiedosamente os habitantes que encontravam nas terras que desejavam viver, destruindo seus templos e seus pertences. Talvez, segundo Airton Silva, isso também decorra do conhecimento do autor acerca de narrativas sobre a presença dos Hasmoneus na Judeia, que foi dita, de intolerância para com a presença de cidade helênicas na referida região.

Os próximos autores que serão apresentados viveram a maior parte de suas histórias no século I E.C., sendo Ápion, o mais criticado por Flávio Josefo que lhe custou uma obra exclusiva sobre seus dizeres instigadores de aversão aos judeus, divulgando a sua tese de que são um povo *atheos* e de costume *superstitio*, chamada de *Contra Ápio* (Ápion ou Apião) – *Contra Apionem*.

Ápion foi um egípcio que adquiriu cidadania alexandrina (centro cultural/intelectual do domínio heleno e romano no Egito). Também foi escritor influente e professor de literatura homérica, escrevendo uma obra sobre a história do Egito (*Aegyptiaca*) – escreveu também uma história de Roma (12 livros) e das guerras civis na República (5 livros). A conturbada relação de Ápion com os judeus se agrava quando lidera uma embaixada (*legatione*) ao imperador Calígula para discutir os direitos de cidadania alexandrina destes, representados por Fílon. A respeito desse encontro, já havíamos comentado no capítulo anterior. Ao longo dessas discussões, certas referências aos escritos de Ápion já apareceram através de Josefo. Estas, segundo Silva, estão inseridas nos livros 3 e 4 de sua História do Egito, mas foi Flávio Josefo quem nos apresentou suas menções aos judeus. Vejamos mais algumas delas:

Estas são as suas palavras no terceiro livro da história dos egípcios: ‘Moisés, como eu ouvi os mais antigos egípcios narrarem, era de Heliópolis e ele foi causa de que, para se conformar com a religião no qual tinha sido educado, se comessem a fazer na cidade, em lugares fechados, as orações que antes se faziam ao ar livre, fora da cidade, voltando-se sempre para o lado do sol levante; como também de que, em lugar de pirâmides se fizessem colunas, por cima de certas formas de tanques, nos quais a sombra caindo, ela girava como o sol’ (ÁPION *apud* JOSEFO, CA, II, 1, p. 1462). [...] Quanto ao número dos que foram expulsos, Ápio afirma tão falsamente como Lisímaco que eram cento e dez mil e dá uma razão interessante e digna de crédito do nome que se deu ao dia de sábado. ‘Depois de ter caminhado – diz ele – durante seis dias, vieram-lhe umas úlceras nas virilhas, mas no sétimo dia ele recobrou a saúde e tendo chegado à Judéia, chamaram-no de sábado, porque os egípcios dão a essa doença o nome de *sabátosis*’ (ÁPION *apud* JOSEFO, CA, II, 1, p. 1463, grifo de SILVA, 2002). [...] Ápio quer também fazer crer que essa diversidade de religião entre nós e os antigos habitantes de Alexandria tenha sido a causa das rebeliões que lá se sucederam (JOSEFO, CA, II, 3, p. 1468). [...] Ápio toma também motivo de nos censurar por não termos estátuas e figuras dos imperadores, como se esses príncipes pudessem

ignorá-lo e tivessem necessidade de ser avisados disso (JOSEFO, CA, II, 3, p. 1469). [...] Ápio não é mais verdadeiro, quando afirma tão ousadamente que nós juramos por Deus, Criador do céu, do mar e da terra, jamais fazer bem aos estrangeiros, e particularmente aos gregos (JOSEFO, CA, II, 5, p. 1474). [...] Somente Ápio foi capaz de forjar contra nós semelhantes acusações [...] (JOSEFO, CA, II, 5, p. 1476).

O discurso de Ápion apresentado por Josefo está diretamente voltado à acusação, situação esta bem diferente de todos os que já apresentamos até este momento. Como pudemos observar, alguns dos autores acima destacados, foram referências para as acusações de Ápion. Logo, a exposição daqueles textos seria de sua intenção, uma vez que necessitava acusar os judeus de não merecerem a cidadania alexandrina, ou mesmo, que nem deveriam existir, pois, segundo ele, causam muitos problemas. No ambiente em que estava inserido, o principal meio para se denegrir um povo e seu comportamento, é associá-lo a *superstitio* e a *atheos*. Talvez a mais grave das acusações, do qual todas elas foram refutadas por Josefo segundo sua argumentação, foi a de que a Lei dos judeus instiga ao ódio contra os homens, em especial, contra os gregos – discutiremos melhor essas questões no decorrer deste capítulo III. Não sabemos qual foi o real efeito dessas acusações em seu contexto, mas algumas dessas máculas atribuídas aos costumes e leis judaicas, certamente seguiram pela história da humanidade.

Outra observação acerca dos argumentos de Ápion, segundo Airton Silva, é que essa associação que ele faz entre os hebreus, egípcios, Moisés, Heliópolis e os templos cobertos, provavelmente está vinculada aos eventos que ocorreram após os tempos do historiador egípcio Maneton (século III A.E.C.): o sumo sacerdote judeu Onias (século II A.E.C.), comandou a construção de um templo semelhante ao de Jerusalém, após sua dinastia ter sido afastada das funções levíticas pelos macabeus. O local escolhido para a obra foi a cidade de Heliópolis – este templo foi fechado em 73 E.C. (ver Tabela Cronológica do capítulo II). Ápion também, segundo Josefo, associa a palavra hebraica *shabát* (descanso) ao termo egípcio/grego *sabbato*.²⁴⁷

O segundo autor é Queremon (ou Cheremom), autor egípcio-grego que seguiu a tradição de Maneton, e prezava pela memória do passado egípcio, escrevendo uma história dos egípcios (*Aegyptiaca*). Também era amante da cultura grega.²⁴⁸ Sua menção aos judeus também foi coletada por Josefo. Vamos a elas:

²⁴⁷ “Dor nas virinhas”, JOSEFO, *loc. cit.* p. 1463.

²⁴⁸ Cf.: STERN, *ibid*, p. 417 *apud* SILVA, 2002. Também cf.: JOSEFO, CA, I, 11, p. 1457.

[...] um daqueles santos doutores, chamado Fritifante, lhe havia dito que para livrá-lo do terror que o perturbava durante a noite era preciso que ele expulsasse do Egito todos os que estavam atacados de lepra e de outras doenças más; que em seguida ele expulsou duzentos e cinquenta mil desses, dentre os quais estavam também Moisés e José, que ele diz ter sido um doutor sacro. Que o primeiro, em egípcio, chamava-se *Tisiteu* e o outro, *Petesef*. Que esses duzentos e cinquenta mil homens, tendo chegado a *Pelusium*, encontraram aí trezentos e oitenta mil homens, aos quais Amenófis tinha recusado a entrada no Egito e que eles se reuniram e marcharam contra ele; que o príncipe, não ousando enfrentá-los, tinha fugido para a Etiópia deixando a mulher, grávida; que a princesa deu à luz numa caverna um filho, que foi chamado Ramessés, o qual, depois de grande, expulsou os judeus, cujo número era de duzentos mil homens, perseguiu-os até as fronteiras da Síria e mandou voltar da Etiópia Amenófis, seu pai (QUEREMON *apud* JOSEFO, CA, I, 11, p. 1457, grifos de SILVA, 2002).

Essa história de Queremon, contada por Josefo, está relacionada ao aparecimento de Ísis ao faraó Amenófis em sonho. A deusa Ísis adverte o rei por seu templo ter sido destruído em uma guerra. Então, o escriba Fritifante, aconselha o faraó a expulsar os infectados de lepra do Egito. Queremon, que, de acordo com Josefo, chama Moisés de *Tisiteu* e José de *Petesef*, mostra que ambos saíram juntos do Egito. O autor se baseia em informações da obra de Maneton (século III A.E.C.), que foi um dos primeiros autores a relacionar o nome de Ramsés ao êxodo ou a expulsão de judeus do Egito. Essa ideia de egípcios leprosos, chamados de judeus, já era difundida na literatura grega por Maneton.²⁴⁹

O terceiro autor é Demócrito, historiador que escreveu um livro sobre táticas militares e um sobre os judeus. Talvez por terem havido levantes judaicos pelo Império no século I E.C., alguns autores passaram a pesquisar sobre eles, sendo que, dentre suas referências, não estava a Septuaginta, mas os escritos de Lisímaco e Apolônio Mólón, por exemplo. Nessa obra, encontramos mais uma menção ao culto da cabeça de asno dourada, bem como aquela informação de que os judeus capturavam um grego a cada sete anos e sacrificavam-no, repartindo-o em pequenos pedaços.²⁵⁰

O quarto e último autor selecionado é Nicarco. O pouco que se sabe sobre ele, se encontra no Léxico de Fótios I, patriarca e santo da Igreja Católica Ortodoxa Grega mais

²⁴⁹ Lembramos que, nas fontes faraônicas oficiais que conhecemos, não há menção alguma sobre esse surto de lepra no Egito. Isso pode decorrer de uma “confusão” de informações superficiais que se tinha acerca dos judeus, como a narrativa das 10 pragas, contida no livro *Shemot* (Êxodo).

²⁵⁰ Essas informações, segundo Silva, se encontram na Enciclopédia de Suda.

influyente de sua época em Constantinopla (século IX E.C.): “*Alfa*: uma cabeça de vaca era assim chamada pelos fenícios, e também Moisés o legislador dos judeus era assim chamado, porque ele tinha muitas manchas brancas de lepra (*alfoús*) no seu corpo. Esta maluquice é contada por Nicarco, o filho de Amônio, no seu livro sobre os judeus”.²⁵¹

Encerramos esse breve estudo (baseado no trabalho de Airton Silva), que objetivou apresentar alguns autores não-judeus que já haviam produzido algum conhecimento anterior a Tácito (que escreveu suas *Histórias* no início século II E.C.) sobre o povo judeu e seus costumes, entre os séculos II A.E.C. e século I E.C.

Desses podemos destacar algumas considerações, antes de seguirmos para a apresentação do *Livro V* de Tácito: 1) nenhum dos autores selecionados, provavelmente, consultou a Septuaginta; 2) dos 12 autores apresentados, apenas Ápion, Agatarcida e Nicolau de Damasco parecem ter conhecido os judeus de perto; 3) dentre esses 12, somente Nicolau de Damasco isenta-se de qualquer fala corrupta para com o mundo judaico; 4) para Nicolau de Damasco, Avraham é caldeu e foi chefe de Damasco antes de chegar à *eretz Knaan* (terra de Canaã); 5) para Agatarcida de Cnido, os judeus não fazem nada no sábado, e oram o dia todo, suas leis são *superstitio*; 6) para Posidônio, os judeus utilizam feitiçaria para retirar betume do mar morto (*superstitio*); 7) para Apolônio Mólón, os judeus estão associados à *superstitio*, *atheos*, misantropia, além de bárbaros brutos e ignorantes, sendo Moisés um esperto que enganou os judeus; 8) para Alexandre Poliístor, Moisés é uma mulher hebreia chamada Mosó; 9) para Diodoro Sículo, Moisés foi esperto ao atribuir divindade (*Iaô*) às suas regras supersticiosas, pois o povo acreditou completamente, dentre elas a circuncisão e a misantropia, além de cultuarem a sua estátua cavalgando em um asno no Templo; 10) para Estrabão, Moisés foi um sacerdote egípcio, fundador da nação e do Templo e dentre suas leis está o sábado para jejum, o deus dos judeus é o Céu, não havendo imagens suas, praticam a circuncisão como *superstitio*; 11) para Lisímaco, Moisés lidera o povo e funda sua nação e Templo, depois de ser expulso com os judeus do Egito por serem leprosos; 12) para Ápion, Moisés era egípcio leproso que vivia em Heliópolis, os judeus (que também foram expulsos do Egito por serem leprosos) odeiam os gregos e sacrificam um deles uma vez por ano, cultuam uma cabeça dourada de asno no Templo; 13) para Queremon, Moisés era douto sacro no Egito, e foi expulso daí junto com os judeus por serem considerados impuros; 14) para Demócrito, os judeus cultuam uma cabeça de asno no Templo, além de sacrificarem um

²⁵¹ Informação coletada por SILVA, 2002. Airton Silva ainda acrescenta que provavelmente Nicarco era egípcio-grego, pois seu nome consta na seção de escritores egípcios helenizados do Léxico.

estrangeiro (grego) a cada 7 anos; 15) para Nicarco, Moisés (ou *alfóus*), era leproso; 16) É através da obra *Contra Ápio* de Flávio Josefo, que conhecemos a maioria dessas informações.

Perceba o leitor que os principais termos aqui defendidos pela maioria dos autores contra os judeus são: *superstitio*, *atheos* e misantropia. Aos judeus, são atribuídos todos esses termos pejorativos e mesmo que não tenhamos a dimensão dessas informações na sociedade dessas épocas, precisamos entender que elas foram difundidas por professores, historiadores, e, principalmente, por aqueles que eram devotos da filosofia estoica. Mesmo que os costumes judaicos tenham obtido certa legalidade no mundo romano, eles estavam sempre nas fronteiras da tolerância, uma vez que, costumeiramente, eram inseridos por esses autores no âmbito das superstições, do ateísmo e do ódio aos não-judeus.²⁵²

3.2 A CONQUISTA DA JUDEIA NAS *HISTÓRIAS* DE TÁCITO

Observamos no tópico anterior alguns exemplos de autores gregos, egípcios, sírios, dentre outros, que produziram algum conhecimento sobre os judeus em suas épocas. Eles eram, geralmente, historiadores, professores, filósofos, principalmente estoicos (talvez epicuristas, também). Provavelmente, eram os formadores de opinião da era em que viviam. Isso significa dizer que os autores romanos, como vimos em Josefo (judeu-romano), não só conheciam essas publicações, essas obras sobre os judeus, mas também poderia provar que poderiam ser trabalhos lidos por qualquer outro historiador que desejasse produzir alguma informação a respeito das leis, dos costumes e da presença judaica no mundo romano.

No caso de Josefo, que produziu uma obra (*Contra Apionem*) que critica as informações que corriam no meio literário romano (escritas em grego) que iam de encontro com a sua obra publicada em 93 E.C., as *Antiguidades Judaicas*, esse autor foi aquele que mais deixou informações sobre essa relação judaico-mundo até os tempos do século I E.C. (utilizando fontes judaicas, gregas e romanas). Dessa crítica de Josefo, podemos notar que as fontes desses autores, em sua grande maioria, não provêm dos judeus (a *Septuaginta* do século III A.E.C., as *Guerras Judaicas* de Josefo de 75 E.C. e *Antiguidades Judaicas*), mais

²⁵² Lembramos ao leitor que, esse nosso estudo, que visou apresentar alguns autores que haviam produzido algum conhecimento sobre os judeus de suas épocas, não buscou se aprofundar no contexto de nenhum dos autores, apenas um pouco em Nicolau de Damasco (conselheiro de Herodes) e Ápion (chefiou uma delegação contra os judeus alexandrinos), pois esse aprofundamento é feito pelo próprio Flávio Josefo. No caso, haveria a necessidade posterior de um estudo mais detalhado a respeito de toda essa questão.

de autores helênicos anteriores ao século II A.E.C., como o historiador egípcio-helêno Maneton, e os antigos Hecateu de Abdera, Clearco de Soles, Teofrasto, até mesmo Heródoto, que já escreveu algo sobre os judeus, seriam suas fontes mais pesquisadas, por exemplo. Esses autores não-judeus, não parecem remontar aos tempos mais mitológicos para inserir os judeus na história, mas se baseiam em eventos ocorridos não muito distantes de suas épocas, como os conflitos entre judeus e egípcios, entre os hasmoneus e os ptolomeus, nas tensões cotidianas que existiam entre os judeus, seus costumes, e os estrangeiros na Judeia de seus próprios contextos.

De uma forma ou de outra, o povo da Judeia ou que vem dela, são constantemente acusados de viverem segundo leis supersticiosas, sendo que estas leis os instigam a práticas desagradáveis aos olhos helenos e até dos romanos – daí a acusação de ateísmo (*atheos*), misantropia (ódio aos homens) e falta de *religio* (*superstitio*).

No *Livro V* do historiador Tácito, vamos buscar perceber se esse modelo de tratamento não-judeu ao mundo judaico se mantém, ou seja, que seguiria esse “modelo” crítico, fomentador de certa aversão aos judaenses (aos “bárbaros”). Como já estudamos neste capítulo III, o *Livro V*, está incluído em suas *Histórias*. Nele, Tácito buscou introduzir o triunfo dos flavianos, no início de 70 E.C., sobre a Judeia, mostrando também a importância de Vespasiano para o futuro do Império. Foi nesse espaço que Tácito dedicou um breve estudo sobre os judeus, Jerusalém e a Judeia. Talvez a presença desse breve relato sobre um povo não-romano, que leremos abaixo, derive do próprio espaço que o autor vinha dedicando aos exércitos romanos estacionados nas províncias, que, como já mostramos, embasou sua tese de que um imperador poderia ser feito longe da casa imperial romana, isto é, generais de boa fama que atuavam distante do centro, do qual, Vespasiano, seria esse primeiro modelo. Devemos lembrar que Tácito não era devoto de “filosofias”, como nos lembra Guarinello (1996)²⁵³, mas havia alguma aproximação sua ao pensamento estoico. Provavelmente, ele não se envolveu demais com essa filosofia, pois entre 90 e 95 E.C., os estoicos, os astrólogos e outros ditos supersticiosos, sob o poder de Domiciano (o último da casa dos flavianos), foram todos expulsos de Roma e da região da Itália. Lembramos também que o estilo retórico de Tácito segue o modelo da brevidade, portanto, ele não está preocupado em escrever de forma analítica/explicativa, como fazemos neste trabalho monográfico, mas de puramente informar, generalizar, e muito pouco argumentar.

²⁵³ GUARINELLO, Norberto Luiz. *Nero, o estoicismo e a historiografia romana*.

3.2.1 O Livro V das *Histórias* de Tácito: capítulos 1 ao 13

O texto será apresentado em latim (cópia do original, versão de Godley), junto de nossa tradução para o vernáculo português, ambos em paralelo. Aos leitores menos especializados, informamos que o latim não possui oxítono, não existe som de “g” ou “j” como no português, mas sim o som “gue” ou “ga”, bem como hoje, o nosso “j”, grafava o som “i”, e a fonética “ú” é grafada tanto com a letra “u” como com a letra “v”, logo, *provinciae*, é lido: prouinkíae. O som “cê” também não existe, logo, as letras “c” e “q”, representam à fonética “ke” (note na palavra anterior, *provinciae*). A leitura do latim cai bem para quem conhece os sotaques italianos.²⁵⁴ Para os leitores mais especializados, informamos que a tradução buscou também essa brevidade taciteana, e assumimos que nela possa haver certas falhas na concordância com o latim. Esta tradução não é definitiva e está totalmente aberta a contínuas revisões gramaticais.

A conquista da Judeia nas *Histórias* de Tácito

HISTORIARUM - LIBER V - TACITI	HISTÓRIAS - LIVRO V - TÁCITO
<p>1. 1 Eiusdem anni principio Caesar Titus, perdomandae Iudaeae delectus a patre et privatis utriusque rebus militia clarus, maiore tum vi famaue agebat, certantibus provinciarum et exercituum studiis. Atque ipse, ut super fortunam crederetur, decorum se promptumque in armis ostendebat, comitate et adloquiis officia provocans ac plerumque in opere, in agmine gregario militi mixtus, incorrupto ducis honore.</p>	<p>1. 1 No início do mesmo ano, Tito César, que havia sido instruído por seu pai para completar a conquista da Judeia, e que já se encontrara ilustre desde o tempo em que ambos eram cidadãos, deu uma grande prova de valor, adquirindo fama, enquanto que as províncias e os exércitos competiam para demonstrar sua obstinação. Ansiando provar ser mais valoroso que sua grande sorte, apareceu elegante e com orgulho nos braços, simpático e prestativo, tomando a primeira palavra e instigando a superação; em várias ocasiões participou de marchas e trabalhos, juntamente com simples soldados, sem comprometer sua honra como comandante.</p>

²⁵⁴ Essa seria uma leitura mais acadêmica do latim. Existe ainda o latim eclesiástico, que é utilizado como idioma oficial da Igreja Católica Romana. Nessa leitura, não existe o som “ke”, mas o som “che”. Exemplo: *provinciae*, seria lido no latim eclesiástico: “provínchie”. Note que o som de “v” existe, e que o ditongo “áe” é lido “é”. Daí *caesar* é lido “chésar”. Essa foi uma das “evoluções” fonéticas do latim ocorrida ao longo de mais de 1500 anos. O som “ou” (ú) do francês, é representado no latim pela letra “y”.

2 Tres eum in Iudaea legiones, quinta et decima et quinta decima, vetus Vespasiani miles, excepere. Addidit e Syria duodecimam et adductos Alexandria duoetvicensimos tertianosque; comitabantur viginti sociae cohortes, octo equitum alae, simul Agrippa Sohaemusque reges et auxilia regis Antiochi validaque et solito inter accolas odio infensa Iudaeis Arabum manus, multi quos urbe atque Italia sua quemque spes acciverat occupandi principem adhuc vacuum. His cum copiis finis hostium ingressus composito agmine, cuncta explorans paratusque decernere, haud procul Hierosolymis castra facit.

2. 1 Sed quoniam famosae urbis supremum diem tradituri sumus, congruens videtur primordia eius aperire. Iudaeos Creta insula profugos novissima Libyae insedissememorant, qua tempestate Saturnus vi Iovis pulsus cesserit regnis. Argomentum e nomine petitur: inclutum in Creta Idamontem, accolas Idaeos aucto in barbarum cognomento Iudaeos vocitari.

2 Quidam regnante Iside exundantem per Aegyptum multitudinem ducibus Hierosolymo ac Iuda proximas in terras exoneratam; plerique Aethiopum prolem, quos rege Cepheo metus atque odium mutare sedis perpulerit.

3 Sunt qui tradant Assyrios convenas,

2 Três legiões o aguardavam na Judeia: a Quinta, a Décima e a Décima quinta, os velhos soldados de Vespasiano. Agregou-se também a Décima segunda, vinda da Síria, e os legionários da Vigésima segunda e da Terceira, vindas de Alexandria. A escolta era composta por vinte grupos aliados e oito alas de cavalaria, com o rei Agripa e Sohaemus e as tropas auxiliares do rei Antíoco, assim como uma leva de valorosos árabes, que odiavam seus vizinhos judeus com habitual rivalidade. Também houve muitas pessoas que esperavam chamar a atenção do príncipe, e uma vez que ele estava livre de outras influências, lembrou-se da Itália e de Roma. Entrou no território inimigo, com todas estas legiões em perfeita formação, preparados para a batalha, e depois que avaliou todo o terreno, estabeleceu seu cerco nas proximidades de Jerusalém.

2. 1 Mas neste momento, pois estamos a ponto de relatar o último dia daquela famosa cidade, parece oportuno explicar suas origens. Os judeus, refugiados da Ilha de Creta, haviam se estabelecido na Líbia, no momento em que Saturno cedeu seu reinado, pressionado pelo poder de Júpiter. A prova está no seu nome: em Creta se encontra o famoso Monte Ida e os seus vizinhos Ideos, barbarizando esta palavra, chamaram de Iudeos.

2 Para alguns, no reinado de Ísis, estando a população do Egito superabundante, eles foram despejados em territórios vizinhos, sob a chefia de Hierosolymus e Iudas. A maioria deles, descendentes dos etíopes, sob o medo e o ódio do reinado de Cepheus, foram forçados a mudar de lugar.

3 Alguns dizem que, os assírios, um povo

indigum agrorum populum, parte Aegypti potitos, mox proprias urbis Hebraeasque terras et propiora Syriae coluisse. Clara alii Iudaeorum initia: Solymos, carminibus Homeri celebratam gentem, conditae urbi Hierosolyma nomen e suo fecisse.

3. 1 Plurimi auctores consentiunt orta per Aegyptum tabe quae corpora foedaret, regem Bocchorim adito Hammonis oraculo remedium petentem purgare regnum et id genus hominum ut invisum deis alias in terras avehere iussum. Sic conquisitum collectumque vulgus, postquam vastis locis relictum sit, ceteris per lacrimas torpentibus, Moysen, unum exulum, monuisse ne quam deorum hominumve opem expectarent utrisque deserti, sed sibimet duce caelesti crederent, primo cuius auxilio praesentes miserias pepulisset. Adsensere atque omnium ignari fortuitum iter incipiunt.

2 Sed nihil aeque quam inopia aquae fatigabat, iamque haud procul exitio totis campis procubuerant, cum grex asinorum agrestium e pastu in rupem nemore opacam concessit. Secutus Moyses coniectura herbidi soli largas aquarum venas aperit. Id levamen, et continuum sex dierum iter emensi septimo pulsus cultoribus obtinere terras, in quis urbs et templum dicata.

pobre de campos, sob poder do Egito, tinham então colonizado a terra com suas cidades hebreias e regiões nas fronteiras da Síria. Para outros, a origem dos judeus foi ilustre, os solymos, uma gente celebrada nos cantos de Homero, que do seu próprio nome tinha chamado Hierosolyma a cidade que havia fundado.

3. 1 A maioria dos autores concorda que, no Egito, havendo uma praga que desfigurava os corpos, o rei Bocehoris consultou o oráculo de Âmon para pedir-lhe uma solução, e lhe foi ordenado purificar o reino e transferir para outra terra, esses homens odiados pelos deuses. Assim, buscaram essas pessoas, os reuniram em multidões, e os abandonaram no deserto. Enquanto que muitos estavam parados a chorar, um dos exilados, Moisés, advertiu-os que não se pode esperar nada benéfico, nem dos homens nem dos deuses, porque ambos os haviam abandonado. Tinham que confiar em si mesmos e acreditar nele, como um guia celestial, que lhes havia ajudado nas suas primeiras dificuldades. Todos estiveram de acordo e, já que não tinham conhecimento do local, marcharam em qualquer direção.

2 Mas nada faz sofrer tanto como a escassez de água e agora, em todas as partes, caíam ao solo, já próximos da morte, quando uma manada de asnos selvagens, que regressavam da pastagem, começou a fugir para uma montanha à sombra de um bosque. Moisés, havendo-os seguido e constatado que o solo estava coberto de grama, descobriu veios de água abundante. Foi um alívio, e depois de seis dias em marcha, no sétimo dia, ocuparam as terras, afugentando os habitantes antigos, onde a cidade e o Templo

<p>4. 1 Moyses, quo sibi in posterum gentem firmaret, novos ritus contrariosque ceteris mortalibus indidit. Profana illic omnia quae apud nos sacra, rursus concessa apud illos quae nobis incesta.</p> <p>2 Effigiem animalis, quo monstrante errorem sitimque depulerant, penetrati sacravere, caeso ariete velut in contumeliam Hammonis; bos quoque immolatur, quoniam Aegyptii Apin colunt. Sue abstinent memoria cladis, quod ipsos scabies quondam turpaverat, cui id animal obnoxium.</p> <p>3 Longam olim famem crebris adhuc ieiuniis fatentur, et raptarum frugum argumentum panis Iudaicus nullo fermento detinetur. Septimo die otium placuisse ferunt, quia is finem laborum tulerit; dein blandiente inertia septimum quoque annum ignaviae datum.</p> <p>4 Alii honorem eum Saturno haberi, seu principia religionis tradentibus Idaeis, quos cum Saturno pulsos et conditores gentis accepimus, seu quod de septem sideribus, quis mortales reguntur, altissimo orbe et praecipua potentia stella Saturni feratur; ac pleraque caelestium viam suam et cursus septenos per numeros commeari.</p> <p>5. 1 Hi ritus quoquo modo inducti antiquitate defenduntur: cetera instituta, sinistra foeda, pravitate valere. Nam</p>	<p>foram dedicados.</p> <p>4. 1 Moisés, para assegurar o futuro do povo, lhes deu seus novos ritos contrários àqueles dos outros mortais. Entre eles todas as coisas profanas são sagradas para nós e, ao contrário, consideram lícito tudo aquilo que é ilegal para nós.</p> <p>2 Dedicaram em um santuário, a estátua do animal que lhes havia mostrado o caminho para por fim a sua sede e ao seu caminho errante, sacrificam um carneiro por escárnio de Âmon. Sacrificam um boi, porque os egípcios adoram Ápis. Em lembrança da desgraça, eles se abstêm de comer carne de porco, pois no passado haviam sido desfigurados pela lepra, da qual este animal está sujeito.</p> <p>3 Testemunham da fome que tiveram por muito tempo com frequentes jejuns, e o pão dos judeus, que não é misturado com fermento, evidencia a colheita roubada. Eles dizem terem que descansar no sétimo dia, porque se havia terminado os seus trabalhos. Atraídos pela ociosidade, consagraram também o descanso do sétimo ano.</p> <p>4 Para outros, o fazem por honra à Saturno, talvez porque tenham recebido instruções religiosas dos Ideos, que banidos com Saturno, recordam que são os fundadores de sua gente, seja porque, entre as sete estrelas que governam o destino dos homens, o planeta Saturno tem a órbita mais elevada e o maior poder, e também porque a maior parte dos astros concluem suas revoluções e seus cursos segundo os números múltiplos de sete.</p> <p>5. 1 Estes ritos, tendo sido introduzidos, se defendem com a sua antiguidade: os outros costumes, dominados pelo mal, são sinistros</p>
---	---

pessimus quisque spretis religionibus patriis tributa et stipēs illuc congerabant, unde auctae Iudaeorum res, et quia apud ipsos fides obstinata, misericordia in promptu, sed adversus omnis alios hostile odium.

2 Separati epulis, discreti cubilibus, proiectissima ad libidinem gens, alienarum concubitu abstinēt; inter se nihil inlicitum. Circumcidere genitalia instituerunt ut diversitate noscantur. Transgressi in morem eorum idem usurpant, nec quicquam prius imbuuntur quam contemnere deos, exuere patriam, parentes liberos fratres vilia habere.

3 Augendae tamen multitudini consulitur; nam et necare quemquam ex agnatis nefas, animosque proelio aut suppliciis peremptorum aeternos putant; hinc generandi amor et moriendi contemptus. Corpora condere quam cremare e more Aegyptio, esdemque cura et de infernis persuasio, caelestium contra.

4 Aegyptii pleraque animalia effigiesque compositas venerantur, Iudaei mente sola unumque numen intellegunt: profanos qui deum imagines mortalibus materiis in species hominum effingant; summum illud et aeternum neque imitabile neque interiturum. Igitur nulla simulacra urbibus suis, nedum templis sistunt; non regibus haec adulatio, non Caesaribus honor.

e sujos. Na verdade o pior de todos, os que desprezam os ritos ancestrais reúnem impostos e ofertas, daí cresce as coisas dos judeus, e também porque entre eles a fé é teimosa e a solidariedade imediata, mas alimentam um ódio hostil contra todos os outros homens.

2 Comem em separado, dormem postos à parte, são um povo que, apesar de serem propensos à luxúria, se abstém de matrimônios com mulheres estrangeiras; enquanto que entre eles não há nada de ilegal. Instituíram o costume da circuncisão para se reconhecerem. Quem se converte aos seus costumes, se comporta da mesma maneira e, antes de tudo, os ensinam a desprezar os deuses, a renegar a pátria, e a não terem nenhuma consideração nem aos filhos, nem aos pais, nem aos irmãos.

3 Eles estão preocupados em aumentar a população e não lhes é permitido matar a nenhum de seus filhos nascidos depois do primeiro. Acreditam que a alma dos mortos em guerras e nas torturas são eternas, por isso gostam de ter filhos e desprezam a morte. Eles fazem como os egípcios, preferindo sepultar que cremar os corpos e têm a mesma forma de tratar os cadáveres e as mesmas crenças acerca do mundo inferior, mas são contrários na ideia de céu.

4 Os egípcios adoravam um grande número de animais em suas efígies; os judeus concebem, e só em pensamento, um só deus. Consideram ímpios aqueles que modelam deuses à imagem de homens, com materiais destinados a perecer; acreditam em um ser supremo, eterno e imperecível, que não se pode representar. Em suas cidades não se elevam estátuas, nem mesmo nos templos, e rejeitam esta adulação aos reis, e honras aos

5 Sed quia sacerdotes eorum tibia tympanisque concinebant, hedera vinciebantur vitisque aurea templo reperta, Liberum patrem coli, domitorem Orientis, quidam arbitrati sunt, nequaquam congruentibus institutis: quippe Liber festos laetosque ritus posuit, Iudaeorum mos absurdus sordidusque.

6. 1 Terra finesque qua ad Orientem vergunt Arabia terminantur, a meridie Aegyptus obiacet, ab occasu Phoenices et mare, septentrionem a latere Syriae longe prospectant. Corpora hominum salubria et ferentia laborum. Rari imbres, uber solum, exuberant fruges nostrum ad morem preaterque eas balsamum et palmae. Palmetis proceritas et decor, balsamum modica arbor: ut quisque ramus intumuit, si vim ferris adhibeas, pavent venae; fragmine lapidis aut testa aperiuntur; umor in usu medentium est.

2 Praecipuum montium Libanum erigit, mirum dictu, tantos inter ardores opacum fidumque nivibus; idem amnem Iordanen alit funditque. Nec Iordanes pelago accipitur, sed unum atque alterum lacum integer perfluit, tertio retinetur. Lacus immenso ambitu, specie maris, sapore corruptior, gravitate odoris accolis pestifer, neque vento impellitur neque piscis aut suetas aquis volucris patitur. Inertes undae superiacta ut solido ferunt; periti imperitique nandi perinde attoluntur.

Césares.

5 Mas, porque seus sacerdotes, cantando, se acompanhavam com flauta e tambores, se adornavam de hera, e no interior do Templo foi encontrada uma videira de ouro, alguns pensaram que adoravam a Líber Pater, o conquistador do Oriente, embora seus rituais não tenham nenhuma relação, pois Líber instituiu suas cerimônias alegres e festivas, enquanto que a tradição dos judeus é absurda e sórdida.

6. 1 Suas terras ao leste fazem fronteira com a Arábia, ao sul com o Egito, ao oeste com o mar e os fenícios, e, por um longo trecho ao norte, com a Síria. Os habitantes são saudáveis e suportam a fadiga; as chuvas são raras e o solo é fértil. Eles cultivam os campos de acordo com os nossos costumes e, além disso, têm as palmeiras e o bálsamo. As palmeiras são altas e elegantes, o bálsamo em vez disso é um arbusto; quando seus ramos incham, suas veias se afugentam com ferro e se deve incidir com uma lasca de pedra ou de barro. A sua seiva é usada como medicamento.

2 Dentre todas as montanhas se destaca o Líbano que, sendo estranho em um país tão quente, está coberto de árvores e de neve perene; igualmente alimenta a nascente do rio Jordão, que deságua não no mar, mas flui intacto através de um primeiro e um segundo lago, para ser finalmente retido por um terceiro. Este lago, de um perímetro imenso, similar a um mar, mas de um sabor repugnante, arredores nocivos, por seu cheiro, nunca é movido pelo vento e não há presença de peixes ou aves aquáticas. A superfície se mantém inerte, como se fosse sólida, objetos que são jogados, e em

3 Certo anni bitumen erigit, cuius legendi usum, ut ceteras artis, experientia docuit. Ater suapte natura liquor et sparso aceto concretus innatat; hunc manu captum, quibus ea cura, in summa navis trahunt: inde nullo iuuante influit oneratque, donec abscindas. Nec abscindere aere ferrove possis; fugit cruorem vestemque infectam sanguine, quo feminae per mensis exsolvuntur.

4 Sic veteres auctores, sed gnari locorum tradunt undantis bitumine moles pelli manuque trahi ad litus, mox, ubi vapore terrae, vi solis inaruerint, securibus cuneisque ut trabes aut saxa discindi.

7. 1 Haud procul inde campi quos ferunt olim uberes magnisque urbibus habitatos fulminum iactu arsisse; et manere vestigia, terramque ipsam, specie torridam, vim frugiferam perdidisse. Nam cuncta sponte edita aut manu sata, sive herba tenuis aut flore seu solitam in speciem adolevere, atra et inania velut in cinerem vanescunt. Ego sicut inclitas quondam urbis igne caelesti flagrasse concesserim, ita halitu lacus infici terram, corrumpi superfusum spiritum, eoque fetus segretum et autumnis putrescere reor, solo caeloque iuxta gravi. Et Belius amnis Iudaico mari inlabitur, circa cuius os lectae harenae admixto nitro in vitrum excoquantur. Modicum id litus et egerentibus inexhaustum.

seguida, nadadores e não-nadadores, flutuam da mesma maneira.

3 Certa época do ano este lança betume e a experiência, mestra de qualquer arte, ensinou o modo de recolhê-lo. É um líquido preto que, misturado com vinagre, se coagula e flutua. Os encarregados o agarram com as mãos e o puxam para bordo dos barcos; de lá, sem a necessidade de intervir, continuam a escoar para o barco e encher o reservatório, até parar o fluxo. Não há ferro ou bronze que possa reduzi-lo; só se evita usando o sangue menstrual e as vestes que estão infectadas.

4 Assim citam os autores antigos, mas as pessoas que conhecem o local dizem que, as massas flutuantes são empurradas a braço e arrastadas até a praia e, em seguida, quando o calor do terreno e a violência do sol às secam, elas são cortadas em pedaços com machados e cunhas, como se fossem vigas ou pedregulhos.

7. 1 Não muito longe dali, dizem alguns, há campos que uma vez foram férteis e cobertos de grandes cidades, mas tudo foi queimado por um raio. Mantiveram-se as ruínas e a própria terra, quase seca, já perdeu sua fecundidade. De fato, todos os produtos da terra, tanto os espontâneos como os cultivados, só florescem na forma de talo ou de flor, ou se criam assumindo o aspecto habitual, ficam negros, vazios e desaparecem em cinzas. Quanto a mim, tenho que admitir que a cidade uma vez ilustre foi destruída pelo fogo dos céus, contudo acredito que, também a terra, infectada pelas emanções do lago que corrompem o ar acima, fizeram com que todos os frutos sem sementes apodrecessem no outono, pois tanto o céu quanto a terra estão deteriorados. No mar da

8. 1 Magna pars Iudaeae vicis dispergitur, habent et oppida; Hierosolyma genti caput. Illic immensae opulentiae templum, et primis munimentis urbus, dein regia, templum intimis clausum. Ad fores tantum Iudaeo aditus, limine praeter sacerdotes acerbantur.

2 Dum Assyrios penes Medosque et Persas Oriens fuit, despectissima pars servientium: postquam Macedones praepolluere, rex Antiochus demere superstitionem et mores Graecorum dare adnitus, quo minus taeterrimam gentem in melius mutaret, Parthorum bello prohibitus est; nam ea tempestate Arsaces desciverat.

3 Tum Iudaei, Macedonibus invalidis, Parthis nondum adultis (et Romani procul erant), sibi ipsi reges imposuere; qui mobilitate vulgi expulsi, resumpta per arma dominatione fugas civium, urbium eversiones, fratrum coniugum parentum neces aliaque solita regibus ausi superstitionem fovebant, quia honor sacerdotii firmamentum potentiae adsumebatur.

9. 1 Romanorum primus Cn. Pompeius

Judeia também deságua o rio Belus, cujo derredor de sua boca, existe aquela areia que, misturada ao nitro, se combina para fazer vidro. É uma praia pequena e de uma coleta inesgotável.

8. 1 Grande parte da Judeia está dividida em aldeias, mas também há cidades. Jerusalém é a capital. Havia um templo de imensa riqueza; a cidade foi cerrada por uma primeira cinta fortificada, logo estavam o palácio real e o Templo, clausurados por uma muralha interior. Somente os judeus eram admitidos nas entradas, mas não podiam avançar o limite interno, exceto os sacerdotes.

2 Enquanto o Oriente era dominado pelos assírios, medos e persas, os judeus foram os mais desprezados de seus escravos. Depois que os macedônios tinham conquistado o poder, o rei Antíoco fez uma tentativa de apagar essa superstição e dar-lhes os costumes gregos, objetivando melhorar essas pessoas extremamente sombrias. Ele foi impedido pela revolta dos partos, porque naquela época Arsaces havia se rebelado.

3 Então, frente à debilidade dos macedônios e o fato de que os partos ainda não estavam no vigor de suas forças (e os romanos ainda ao longe), os judeus nomearam seus próprios reis. Agora guiados por aclamação popular, tomaram o poder pela força das armas, cometendo todos os crimes habituais dos reis, desterrando os cidadãos, destruindo cidades, matando seus irmãos, suas esposas e pais. Favorecidos por aquela superstição, porque assumindo a dignidade do sacerdócio buscavam consolidar seu próprio poder.

9. 1 Cneu Pompeu foi o primeiro dos

Iudaeos domuit templumque iure victoriae ingressus est: inde vulgatum nulla intus deum effigie vacuum sedem et inania arca. Muri Hierosolymorum diruti, delubrum mansit. Mox civili inter nos bello, postquam in dicionem M. Antonii provinciae cesserant, rex Parthorum Pacorus Iudaea potitus interfectusque a P. Ventidio, et Parthi trans Euphraten redacti: Iudaeos C. Sosius subegit.

2 Regnum ab Antonio Herodi datum victor Augustus auxit. Post mortem Herodis, nihil expectato Caesare, Simo quidam regium nomen invaserat. Is a Quintilio Varo obtinente Syriam punitus, et gentem coercitam liberi Herodis tripartito rexere. Sub Tiberio quies. Dein iussi a C. Caesare effigiem eius in templo locare arma potius sumpsere. Quem motum Caesaris mors diremit.

3 Claudius, defunctis regibus aut ad modicum redactis, Iudaeam provinciam equitibus Romanis aut libertis permisit, e quibus Antonius Felix per omnem saevitiam ac libidinem ius regium servili ingenio exercuit, Drusilla Cleopatrae et Antonii nepte in matrimonium accepta, ut eiusdem Antonii Felix progener, Claudius nepos esset.

10. 1 Duravit tamen patientia Iudaeis usque ad Gessium Florum procuratorem: sub eo

romanos que subjogou os judeus e entrou no Templo, como direito de vencedor. Logo se espalhou a fama de que dentro não havia nenhuma imagem divina e que o templo estava vazio, sem segredo algum. Arrasadas as muralhas de Jerusalém, o Templo permaneceu erguido. Mais tarde, durante a nossa guerra civil, depois que Marco Antônio havia tomado posse das províncias, o rei dos partos, Pacorus, ocupou a Judeia e foi assassinado por Publio Ventidius, que encurralou os partos para além do Eufrates. Gaius Sosius submeteu os judeus.

2 Augusto, depois da vitória, estendeu o reino que Antônio havia dado a Herodes. Certo Simão, depois da morte de Herodes, usurpou o reino, sem esperar o consentimento de César. Ele foi castigado pelo governador da Síria, Quintilius Varo, e os três filhos de Herodes reinaram conjuntamente sobre essas pessoas, depois de os terem submetido à obediência. Sob Tibério houve paz. Mas então, havendo Calígula dado a ordem de por sua imagem no Templo, pegaram de vez suas armas. A morte de César pôs fim àquela revolta.

3 Claudio, vendo que os reis tinham morrido e sua autoridade reduzida à muito pouco, consentiu que a Judeia, a redução da província, seria governada pelos cavaleiros romanos e libertos imperiais. Um deles, Antônio Felix, exercia de forma cruel e desenfreada o poder de um rei com a mentalidade de um escravo. Ele aceitou matrimônio com Drusilla, neta de Antônio e de Cleópatra; Felix então era o marido da neta de Antônio, já Claudio era neto deste.

10. 1 Os judeus foram pacientes até o procurador Gessius Florus. A revolta eclodiu

bello ortum. Et comprimere coeptantem Cestium Gallum Syriae legatum varia proelia ac saepius adversa exceperere. Qui ubi fato aut taedio occidit, missu Neronis Vespasianus fortuna famaque et egregiis ministris intra duas aestates cuncta camporum omnesque praeter Hierosolyma urbis victore exercitu tenebat.

2 Proximus annus civili bello intentus quantum ad Iudaeos per otium transiit. Pace per Italiam parta et externae curae rediere: augebat iras quod soli Iudaei non cessissent; simul manere apud exercitus Titum ad omnis principatus novi eventus casusve utile videbatur.

11. 1 Igitur castris, uti diximus, ante moenia Hierosolymorum positas instructas legiones ostentavit; Iudaei sub ipsos muros struxere aciem, rebus secundis longius ausuri et, si pellerentur, parato perfugio. Missus in eos eques cum expeditis cohortibus ambigue certavit; mox cessere hostes et sequentibus diebus crebra pro portis proelia serebant, donec adsiduis damnis intra moenia pellerentur.

2 Romani ad oppugnandum versi; neque enim dignum videbatur famem hostium opperiri, poscebantque pericula, pars virtute, multi ferocia et cupidine praemiorum. Ipsi Tito Roma et opes

sob ele. Com maior ou menor êxito, mas com mais frequênciã, eles se rebelaram ao enfrentar o embaixador da Sírria, Cestio Gallus, que tentava reprimi-los. Quando morreu, por enfermidade ou angústia, Vespasiano, enviado por Nero, e com ele a sorte, a boa reputaçã e grandes oficiais, firmemente ocupou a maior parte do país e todas as cidades com seu vitorioso exêrcito, exceto Jerusalém, durante dois verões.

2 No ano seguinte, com todos presos à guerra civil, os judeus operaram em silêncio. Estabelecida a paz na Itália, retomou-se o cuidado com o exterior. O ressentimento contra os judeus aumentou, porque eram os únicos que ainda não tinham se rendido. Ademais parecia oportuno que Tito permanecesse à frente do exêrcito, pronto para qualquer intervençã e para qualquer necessidade da nova dinastia.

11. 1 Entã, depois de haver posto o cerco, como já tínhamos dito, frente às muralhas de Jerusalém, apresentou as legiões locadas na batalha. Os judeus se alinharam junto às suas muralhas, prontos para se lançarem outra vez em caso de vitória e, em caso de serem rechaçados, como um refúgio já preparado. Os cavaleiros enviados contra eles, com o apoio de batedores, tiveram um enfrentamento indeciso, mas, em seguida o inimigo recuou, e, nos dias seguintes, demoradas escaramuças ocorreram frente às portas, até que eles foram pressionados ao interior devido às perdas continuas.

2 Os romanos queriam tomar a cidade por assalto, pois não parecia honrosa a ideia de esperar até que o inimigo tivesse fome, e pediram para serem levados ao perigo, em parte por causa da coragem e em parte por

<p>voluptatesque ante oculos; ac ni statim Hierosolima conciderent, morari videbantur.</p>	<p>causa da ostentação e pelo desejo de recompensas. Tito também teve em vista Roma, sua riqueza e seus prazeres, e se Jerusalém não caísse imediatamente, teria que devolvê-los.</p>
<p>3 Sed urbem arduam situ opera molesque firmaverant, quis vel plana satis munirentur. Nam duos collis in immensum editos claudebant muri per artem obliqui aut introrsus sinuati, ut latera oppugnantium ad ictus patescerent. Extrema rupis abrupta, et turres, ubi mons iuisset, in sexagenos pedes, inter devexa in centenos vicenosque attollebantur, mira specie ac procul intuentibus pares. Alia intus moenia regiae circumiecta, conspicuoque fastigio turris Antonia, in honorem M. Antonii ad Herode appellata.</p>	<p>3 Mas a cidade era grande obra de alvenaria, suficiente para fortificar também uma da planície, que se fazia ainda mais forte nela, já que era difícil de conquistá-la na sua posição natural. De fato, as paredes, em arte oblíqua e com ângulos voltados para dentro, de modo a deixar os lados expostos aos ataques dos agressores, fechou-se em dois montes elevados. No topo da falésia, onde a montanha em si já era um apoio, as torres se elevavam até 60 pés, e até 120 nos vales, muito espetacular, dando a quem as observava de longe, a sensação de que elas eram todas iguais. No interior, outro conjunto de muros cercava o palácio e a torre Antônia, assim chamada por Herodes em homenagem a Marco Antônio, se destacava pela sua altura.</p>
<p>12. 1 Templum in modum arcis propriique muri, labore et opere ante alios; ipsae porticus, quis templum ambibatur, egregium propugnaculum. Fons perennis aquae, cavati sub terra montes et piscinae cisternaeque servandis imbribus.</p>	<p>12. 1 O Templo foi arquitetado como uma fortaleza, tendo seus próprios muros construídos com trabalho duro e grande arte, e até os pórticos que o rodeavam foram um marco notável. Dentro havia uma fonte inesgotável de água, em cima do que os judeus haviam escavado em uma montanha com piscinas subterrâneas e também tanques, para armazenar a água das chuvas.</p>
<p>2 Providerant conditores ex diversitate morum crebra bella: inde cuncta quamvis adversus longum obsidium; et a Pompeio expugnantis metus atque usus pleraque monstravere. Atque per avaritiam Claudianorum temporum empto iure muniendi struxere muros in pace tamquam</p>	<p>2 Os fundadores haviam predito que as guerras seriam frequentes, dada a diferença de seus costumes, e portanto tudo estava sempre preparado para um cerco, mesmo que demorado. Mais tarde, o medo e a experiência lhes haviam ensinado vários truques, depois que Pompeu lhes havia</p>

ad bellum, magna conluvie et ceterarum urbium clade aucti; nam pervicacissimus quisque illuc perfugerat eoque sediosius agebant.

3 Tres duces, totidem exercitus; extrema et latissima moenium Simo, mediam urbem Ioannes [quem et Bargioram vocabant], templum Eleazarus firmaverat. Multitudine et armis Ioannes ac Simo, Eleazarus loco pollebat: sed proelia dolus incendia inter ipsos, et magna vis frumenti ambusta.

4 Mox Ioannes, missis per speciem sacrificandi qui Eleazarum manumque eius obtruncarent, templo potitur. Ita in duas factiones civitas discessit, donec propinquantibus Romanis bellum externum concordiam pareret.

13. 1 Evenerant prodigia, quae neque hostiis neque votis piare fas habet gens superstitioni obnoxia, religionibus adversa. Visae per caelum concurrere acies, rutilantia arma et subito nubium igne conlucere templum. Apertae repente delubri fores et audita maior humana vox excedere deos; simul ingens motus excedentium.

2 Quae pauci in metum trahebant; pluribus persuasio inerat antiquis sacerdotum litteris

tomado por repente. Havendo comprado o direito de se fortalecerem, pela avareza da época de Claudio, construíram em tempos de paz essas muralhas como se já estivessem em tempos de guerra, e nesse momento tinham se tornado ainda mais numerosos, pela grande multidão que já chegara de outras cidades. Todos os mais fanáticos, na verdade, haviam se refugiado lá, e se comportavam de modo sempre mais turbulento.

3 Três eram os comandantes e outros tantos exércitos: Simão liderou o anel exterior e mais amplo das muralhas, João [conhecido como Bargioras], o centro da cidade, e Eleazar, o Templo. João e Simão possuíam grande número de seguidores e armamentos, Eleazar pela posição estratégica: mas havia entre eles, brigas, traições e incêndios contínuos, e uma grande quantidade de grãos tinha sido queimada.

4 João logo tomou posse do Templo, depois de ter enviado homens para matar Eleazar e sua equipe, com o pretexto de oferecer um sacrifício. A cidade estava dividida em duas facções, até que, com a chegada dos romanos, a guerra externa se converteu em uma concórdia interna.

13. 1 Dos prodígios que se haviam ocorridos àquele povo, endurecidos à superstição e adversos à religião, não acreditavam ser lícito expiar, nem com votos nem com sacrifícios. Foram vistos exércitos combatendo no céu, armas brilhantes e o Templo foi iluminado por clarões repentinos. As portas do santuário se abriram de repente, e se ouvia uma voz sobre-humana exclamar que os deuses estavam partindo!

2 Poucos deram a estes prodígios um significado sinistro. A maioria estava

<p>contineri eo ipso tempore fore ut valesceret Oriens profectique Iudaea rerum potirentur. Quae ambages Vespasianum ac Titum praedixerat, sed vulgus more humanae cupidinis sibi tantam factorum magnitudinem interpretati ne adversis quidem ad vera mutabantur.</p>	<p>convencida que, foi escrito nos textos antigos dos sacerdotes, que, naquele momento, o Oriente tinha provado sua força e que os homens saídos da Judeia se tornariam os donos do mundo. Essa obscura profecia predisse a respeito de Vespasiano e Tito, mas a multidão, como de habitual costume dos homens quando desejam qualquer coisa, referem para si mesmos esse grande destino, e até as adversidades, não fazem com que mudem a sua opinião e acreditem na verdade.</p>
<p>3 Multitudinem obsessorum omnis aetatis, virile ac muliebre secus, sexcenta milia fuisse accepimus; arma cunctis qui ferre possent, et plures quam pro numero audebant. Obstinatio viris feminisque par ac si transferre sedis cogentur, maior vitae metus quam mortis.</p>	<p>3 Foi informado que o número de sitiados eram mais de 600 mil de todas as idades, homens e mulheres. Foram dadas armas para todos aqueles que eram capazes de carregá-las e eles se atreveram a lutar em um número maior do que se poderia crer; em relação a população, homens e mulheres demonstraram a mesma obstinação, temendo mais a vida do que a morte, no caso de serem obrigados a mudar de localidade.</p>
<p>4 Hanc adversus urbem gentemque Caesar Titus, quando impetus et subita belli locus abnueret, aggeribus vineisque certare statuit: dividuntur legionibus munia, et quies proeliorum fuit, donec cuncta expugnandis urbibus reperta apud veteres aut novis ingeniis struerentur.</p>	<p>4 Contra esta gente e esta cidade, Tito César decidiu lutar em combates por trincheira e passarelas, quando ele foi forçado pela natureza do terreno para dar-se a surpresa e ao ataque repentino. As legiões foram divididas por funções e o combate teve uma pausa, até que fossem postos em prática todos os meios para que as velhas e as novas gerações tenham vindo conquistar a cidade.</p>

3.3 JERUSALÉM: A ÚLTIMA FRONTEIRA NO ORIENTE

Vamos trabalhar neste momento com cada um dos 13 pequenos capítulos apresentados acima. Relembramos que, primeiramente, foram os tradutores da fonte taciteana (do latim para o inglês) os primeiros a comentarem, por notas explicativas, certos elementos do

conteúdo do texto: Alfred Denis Godley (1856-1925) – de onde conseguimos a versão em latim –, William Hamilton Fyfe (1878-1965) e George Gilbert Ramsay (1839-1921). Além dos comentários da tradução para o italiano, temos os comentários em português dos autores Gilberto Angelozzi e David Rodrigues. No trabalho de Angelozzi, podemos encontrar uma tradução, para português, do capítulo 2 ao 5, como anexo de sua Dissertação.

3.3.1 A história da Guerra da Judeia: capítulos 1; 11 ao 13

Capítulo 1: Tácito inicia sua narrativa no ano de 70 E.C. (*Eiusdem anni principio*), e Tito, um dos filhos de Vespasiano, fica encarregado de dar sequência ao conflito na Judeia (*perdomandae Iudaeae delectus a patre*). Vespasiano passou esse controle da guerra logo após ter sido aclamado imperador no final de 69 E.C.. O autor segue apresentando informações sobre Tito, destacando que este não era da casa imperial (*privatis utriusque rebus*), mas possuía prestígio militar (*militia clarus*), pois participou de campanhas como tribuno na Germânia, na Bitínia e como embaixador da 15ª legião na Judeia²⁵⁵; outro elemento destacado por Tácito é a dita sorte que acompanhava a casa dos flavianos em seus empreendimentos (*super fortunam*). Segundo o autor, Tito demonstrou muita responsabilidade no comando das legiões, apesar de sua sorte (ou de seu grande destino) – indicando que era hábil, independentemente de sua sorte –, e mesmo quando contribuía com alguns serviços militares mais simples (*in agmine gregario militi mixtus*), não perdia seu prestígio como comandante (*incorrupto ducis honore*).

Tácito continua agora apresentando as legiões que foram comandadas por Tito na Judeia: a 5ª legião, chamada de *Macedonica*²⁵⁶, veio da Armênia para Judeia²⁵⁷; a 10ª legião de César, chamada *Fretensis*²⁵⁸, foi alocada para Jericó²⁵⁹; a 15ª legião, chamada de *Apollinaris*²⁶⁰, que já foi liderada por Otávio Augusto, originalmente atuava na Ilíria, mas passou para o Oriente²⁶¹; essas legiões já se encontravam na Judeia (*Tres eum in Iudaea legiones [...] excepere*), sendo estas as principais de Vespasiano.²⁶² Com o comando de Tito,

²⁵⁵ GODLEY, 1890.

²⁵⁶ Sob o comando de Sexto Vetuleno Cereal.

²⁵⁷ RAMSAY, 1915; notas italianas.

²⁵⁸ Sob o comando de Marco Úlpio Trajano (pai do futuro imperador Trajano).

²⁵⁹ RAMSAY, 1915; notas italianas.

²⁶⁰ Já estava sob o comando de Tito.

²⁶¹ RAMSAY, 1915; notas italianas.

²⁶² TÁCITO, *Histórias*, IV, 51.

chegaram mais legiões: a 12ª legião, chamada de *Fulminata*, que estava estacionada na Síria²⁶³; a 22ª legião, chamada de *Deiotariana*, e a 3ª chamada *Cyrenaica*, ambas vindas de Alexandria, somavam 2000 veteranos²⁶⁴; povos aliados ainda ofereceram 20 grupos para escolta e 08 cavalarias; mais de 9000 soldados (infantaria e cavalaria) foram disponibilizados por Agripa II, governador da Judeia, Sohaemus, rei de Sophene (na Armênia) e de Emesa (na Síria), Antíoco IV de Comagena (na Cilícia) e grupos árabes enviados por Malco II, rei dos Nabateus.²⁶⁵ Ao todo, mais de 100 mil soldados se prepararam para sitiarem Jerusalém, a única cidade ainda sob revolta judaica.²⁶⁶

Menciona Vagner Porto, que quando Tito chegou para o cerco de Jerusalém, com as primeiras legiões (por volta de 24 mil soldados), os habitantes estavam se preparando para *Pessach* (páscoa), estando repleta de viajantes de todos os cantos do império, e isso implicava que poderia haver mais de 180 mil pessoas em Jerusalém.²⁶⁷ O leitor pode conferir abaixo um mapa que ilustra a movimentação dos romanos e suas legiões pelo território, além de outras relevantes atuações dos envolvidos no primeiro grande conflito entre judeus e romanos.

²⁶³ RAMSAY, 1915; notas italianas.

²⁶⁴ GODLEY, 1890.

²⁶⁵ RAMSAY, 1915.

²⁶⁶ PORTO, 2007, p. 61-62.

²⁶⁷ *Idem, ibid*, p. 62.

Primeira rebelião da Judeia (66-73 E.C.)

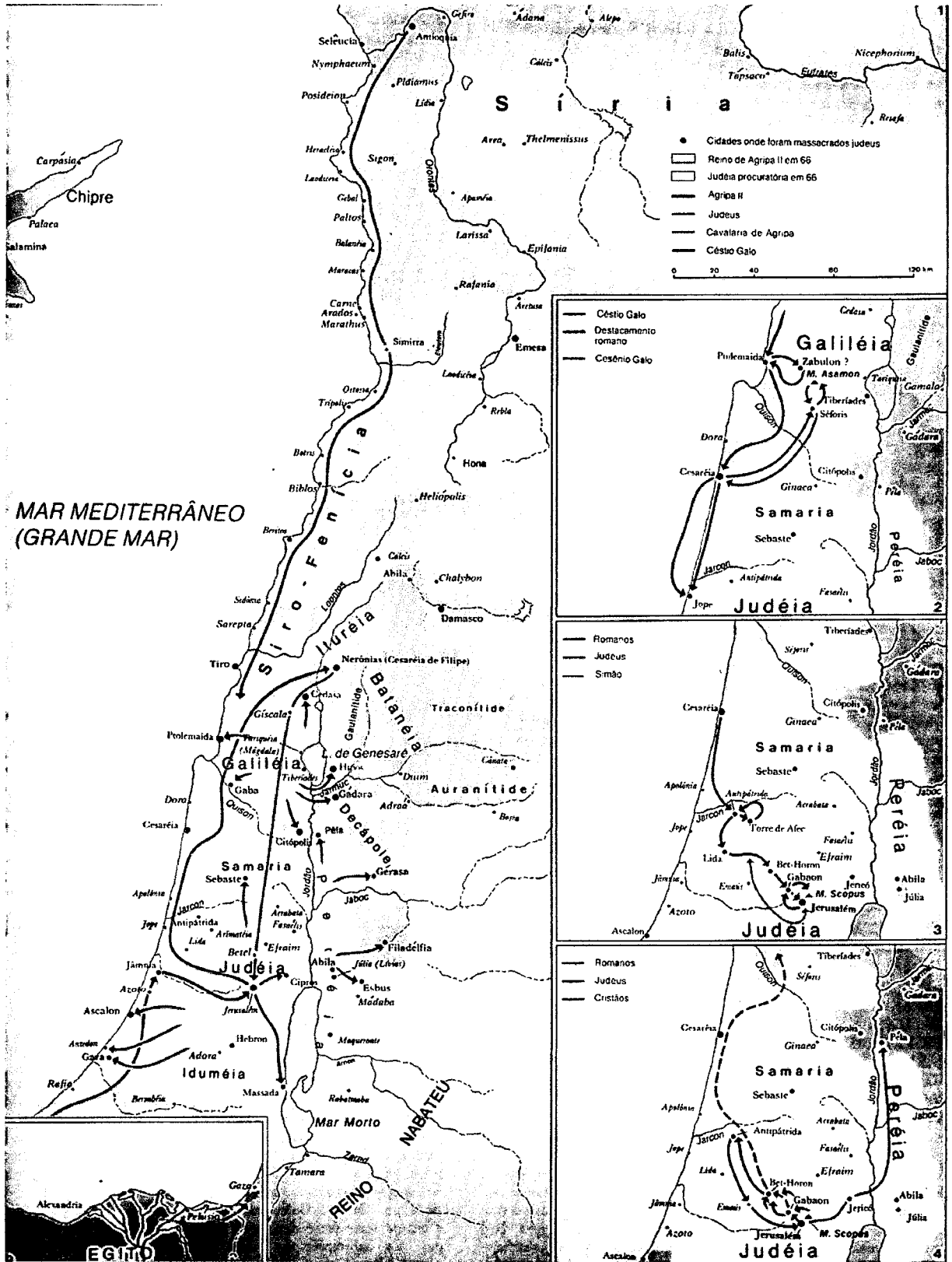


Fig. 06 – Mapa extraído de PORTO, 2007, p. 63.

Capítulo 11: é neste capítulo que Tácito continua sua narrativa da guerra. O autor menciona que os judeus que se prepararam para o conflito, se posicionaram nas proximidades dos anéis murados da cidade de Jerusalém. Isso, pois essas muralhas serviriam de refúgio para duas situações: para atacar novamente ou para recuar na derrota (*Judaei sub ipsos muros struxere aciem, rebus secundis longius ausuri et, si pellerentur, parato perfugio*). Para impressionar os judeus, Tito exibiu suas legiões em sua formação completa (mais de 100 mil homens). Após algumas batalhas, os judeus se trancafiaram no interior desses anéis murados. As legiões optaram por romper os portões e invadir a cidade (*Romani ad oppugnandum versi*). Segundo Tácito, se Tito não derrubasse Jerusalém – a cidade que era sinônima de insubordinação na administração romana do oriente –, teria que adiar as glórias que receberia, e provavelmente, mancharia sua carreira militar e o nome de sua família que estava assumindo o poder do Império (*ac ni statim Hierosolima conciderent, morari videbantur*).

Tácito passa agora a exaltar as defesas de Jerusalém. Entendemos que essa estratégia retórica romana é importante, não para destacar o real valor do inimigo, mas para mostrar o quão difícil foi enfrentar aquele oponente, ou seja, dizer que a glória maior vem logo após uma grande batalha. As defesas não eram apenas obras humanas, mas oferecidas pela própria natureza do terreno – os montes envolvidos na narrativa foram: Bezetha (norte do Templo), Moriáh (local do Templo), *Tzion*, ou Sião, onde ficava o palácio de Herodes (lado ocidental do Templo) e Acra (sul do Templo).²⁶⁸ Os muros foram construídos em arte oblíqua com as falésias da cidade, que, de acordo com Tácito, era uma visão majestosa de engenharia (*mira specie*), além de uma estratégia de guerra, pois não oferecia defesa para aqueles que os atacassem de frente (*ut latera oppugnantium ad ictus patescerent*). Outra imponente construção, segundo Tácito, era a fortaleza Antônia, dos tempos de Herodes – em homenagem a Marco Antônio –, esta que foi construída sob a antiga fortaleza Baris, na acrópole dos Hasmoneus.²⁶⁹ Segundo Josefo, eram 162 torres que havia nas muralhas de Jerusalém.²⁷⁰

Capítulo 12: Tácito segue narrando as defesas existentes na cidade, destacando que mesmo o Templo, seria uma fortaleza, com seu próprio muro (*Templum in modum arcis propriique muri*). Lembramos que é o lado ocidental deste muro, que ainda permanece de pé, como ponto turístico e transcendental (para as religiões) na cidade antiga de Jerusalém. Existia também, segundo o autor, fontes de água perene na área do Templo (*Fons perennis*

²⁶⁸ RAMSAY, 1915; GODLEY, 1890.

²⁶⁹ *Idem, ibid; Idem, ibid.*

²⁷⁰ JOSEFO, AJ, XV, 14, p. 733.

aquae) – pode remeter-se a “fonte de Siloé”, a “piscina superior” ou a “fonte da virgem”.²⁷¹ Essas águas poderiam ser obtidas por escavações subterrâneas ou armazenamento de água da chuva (*cavati sub terra montes et piscinae cisternaeque servandis imbribus*). O autor também destaca que, após a submissão inesperada aos romanos em 63 A.E.C. por meio de Pompeu, os judeus aprenderam que é necessário fortalecer suas defesas. Para isso, aproveitaram-se da avareza de Claudio, para crescer suas fortificações sob Agripa I, governador da Judeia na época (41-44 E.C.). Tácito também destaca que, após o domínio romano em 63 A.E.C., muitos vieram viver na Judeia, e dentre esses, havia inimigos declarados de Roma, como os zelotes (João) e os sicários (Simão). Simão, durante a guerra, comandou os judeus armados que estavam na primeira defesa (o anel externo); João – cujo “Bargioras” é direcionado à Simão – comandava os revoltosos no centro da cidade; além desses, Eleazar comandava o Templo, com os sacerdotes.²⁷²

Tácito parece tentar mostrar que os romanos estavam “desculpados” dos problemas internos de Jerusalém – e Josefo fez algo semelhante –, quando destaca os conflitos que existiam entre os três chefes (*Tres duces*), no qual, João mandou matar Eleazar e seus sacerdotes para tomar posse do Templo. Isso ocorre por meio de uma covarde mentira – disse que iria oferecer sacrifícios (*missis per speciem sacrificandi qui Eleazarum manumque eius obtruncarent*). Além disso: brigas, traições, incêndios e grãos queimados, compunham o caótico cenário da cidade, tudo antes da chegada efetiva dos romanos (*sed proelia dolus incendia inter ipsos, et magna vis frumenti ambusta*).²⁷³ Sabemos que Simão Bargioras, foi executado em 71 E.C..²⁷⁴ Tácito enfatiza a isenção dos romanos ao mencionar que a cidade estava dividida em duas facções (os zelotes e os sicários), mas que, com a chegada das legiões sob Tito, elas se uniram contra o inimigo em comum (*donec propinquantibus Romanis bellum externum concordiam pareret*).

Capítulo 13: neste, o autor narra os prodígios que acompanharam a sorte dos flavianos na guerra da Judeia. Um deles foi a misteriosa voz que ecoou do Templo, quando suas portas se abriram: os deuses estão partindo! (*Apertae repente delubri fores et audita maior humana vox excedere deos*); o outro presságio, estaria nos textos judaicos que diziam que os homens

²⁷¹ RAMSAY, 1915; GODLEY, 1890.

²⁷² Bargioras: *bar* (“filho de”, em aramaico); Gioras (nome de seu pai). Os comentaristas Godley e Ramsay acreditam que esse “Bargioras” não se refere a João, mas a Simão, devido aos colchetes. Essa fala de ambos pode ter sido influenciada pela narrativa de Josefo que os chama: João de Giscala, líder dos zelotes e Simão Bargioras (ou bar Gioras), líder dos sicários.

²⁷³ Josefo também constrói argumento semelhante, ao criticar as ações dos zelotes e dos sicários como mais significativas para a revolta – ou seja, Josefo parece contra-argumentar o motivo judaico da revolta (e.g. JOSEFO, BJ, IV, 13-15).

²⁷⁴ Cf.: JOSEFO, BJ, VII, 18, p. 1399. Foi executado em Roma no cortejo triunfal do novo imperador.

saídos da Judeia, governariam o mundo (*pluribus persuasio inerat antiquis sacerdotum litteris contineri eo ipso tempore fore ut valesceret Oriens profectique Iudaea rerum potirentur*). Obviamente Tácito afirmou que esse presságio estava apenas confirmando o que ele já sabia: que se referia a Vespasiano e a Tito, os verdadeiros vitoriosos da batalha (*Quae ambages Vespasianum ac Titum praedixerat*). O autor também reitera a condição de que os judeus são supersticiosos (*gens superstitioni obnoxia*). O primeiro prodígio está ligado à tradição romana: quando uma cidade era capturada, os deuses eram convidados a fazerem parte do panteão romano, seguindo para Roma; o segundo, às tradições messiânicas judaicas, fazendo uma releitura das mesmas.²⁷⁵ Tácito exalta a preparação obstinada dos homens e das mulheres para essa guerra, estes que temiam a vida fora de sua terra natal (*Obstinatio viris feminisque par ac si transferre sedis cogentur, maior vitae metus quam mortis*).

Existe um dado: 600 mil pessoas foram sitiadas (de todas as idades e sexos). O próprio Tácito não dá certeza quanto a essa estatística (*sexcenta milia fuisse accepimus*). Sabemos que Josefo ofereceu um número considerado pelos historiadores atuais como exagero: 1.100.000 pessoas mortas, entre nativos e peregrinos para festa de páscoa.²⁷⁶ O historiador israelense Shlomo Sand (2011)²⁷⁷ acredita que, segundo a arqueologia, poderia haver mais de meio milhão de pessoas em Jerusalém (devido à festa), mas, com certeza, menos de um milhão. O general Tito, segundo Tácito, mandou fazer trincheiras circundando as muralhas (que visou impedir a fuga dos que tentavam pulá-las)²⁷⁸, e estabeleceu passarelas quando optou pelo ataque (*Hanc adversus urbem gentemque Caesar Titus, quando impetus et subita belli locus abnueret, aggeribus vineisque certare statuit*). Quando todas as suas legiões estavam posicionadas, ordenou a conquista de Jerusalém. Sabemos que os sobreviventes desse assalto, foram levados cativos para servir à nova dinastia que governaria o Império – como escravos públicos e/ou domésticos. Assim Tácito encerra sua narrativa dedicada à guerra contra os judeus.

²⁷⁵ GODLEY, 1890; notas italianas.

²⁷⁶ JOSEFO, BJ, VI, 45, p. 1382-83.

²⁷⁷ SAND, Shlomo. *A invenção do povo Judeu: da Bíblia ao sionismo*. p. 239.

²⁷⁸ PORTO, 2007, p. 62.

3.3.2 A história política da Judeia: capítulos 8 ao 10

Capítulo 8: segundo o autor, existem mais aldeias do que centros urbanos na Judeia, sendo que Jerusalém é sua capital (*Hierosolyma genti caput*).²⁷⁹ Para os romanos, a cidade portuária de Cesareia (construída por mando de Herodes em 10 A.E.C.), seria a sede administrativa da província, onde os procuradores exerciam seus mandatos (ver Fig. 03). O autor destaca a riqueza do Templo de Jerusalém (que foi saqueado e incendiado pelos soldados de Tito), mencionando que, somente os sacerdotes entravam legalmente no seu espaço (*limine praeter sacerdotes acerbantur*).

Tácito inicia efetivamente sua narrativa da história política dos judeus na Judeia, mostrando suas submissões aos assírios, medos, persas e macedônios, destacando que esses foram os escravos mais desprezados que estas potências anteriores aos romanos poderiam ter. Nesse capítulo, Tácito deixa clara a sua crítica aos costumes judaicos, mesmo que ele tenha coletado essas informações de um autor que tratava os judeus como supersticiosos. A prova disso é revelada no momento em que ele lamenta a falha de Antíoco IV Epífanês em acabar com os costumes supersticiosos dos judeus (*rex Antiochus demere superstitionem et mores Graecorum dare adnitus*).²⁸⁰ Existe também uma confusão de nomes: o Antíoco que Tácito refere ter enfrentado Arsaces, foi Antíoco II, do século III A.E.C., mas o autor quis se referir a Antíoco IV, que enfrentou os partos sob Mitrídates I, no século II A.E.C..²⁸¹ Isso, pois foi Antíoco IV quem subjugou os judeus, sendo aquele que entrou no Templo e, segundo esses autores, observou um grego cativo, que seria sacrificado futuramente.

Além disso, quando Tácito disse que os macedônios estavam ocupados com outros conflitos, mencionando que os judeus tomaram proveito dessa situação para eleger reis segundo aclame popular (*sibi ipsi reges imponere*), o nosso autor está se referido aos macabeus (século II A.E.C.). Até mesmo quando mencionou sobre o favorecimento de suas leis supersticiosas que legitimavam seus reis como sacerdotes no Templo, estava falando da dinastia dos Hasmoneus (*solita regibus ausi superstitionem fovebant, quia honor sacerdotii firmamentum potentiae adsumebatur*). Sobre essa violência relatada por Tácito, provavelmente está se referindo aos conflitos das castas sacerdotais que existiram na Judeia, entre as famílias de Hircano e Aristóbulo (século I A.E.C.), até Herodes.²⁸² Uma dessas

²⁷⁹ Para Tácito, viver em uma nação com poucos focos urbanos poderia justificar a condição de “bárbaros” dos judeus.

²⁸⁰ Além disso, essa opinião de Tácito pode justificar, para ele, que os judeus realmente não eram “civilizados”.

²⁸¹ RAMSAY, 1915; GODLEY, 1890; notas italianas.

²⁸² *Idem, ibid; Idem, ibid; Idem, ibid.*

dinastias desterradas pelos macabeus foi a dos onías. Esta casta sacerdotal judaica fundou um templo em Elefantina no Egito, nos moldes do que existia em Jerusalém na época – já comentamos sobre isso em laudas passadas.

Capítulo 9: nesse capítulo o autor narra a situação política da Judeia sob os romanos. Primeiro vem Pompeu em 63 A.E.C. e inicia o trabalho de submissão dos judeus aos romanos. Pompeu foi o primeiro romano a entrar no Templo de Jerusalém e observar que não havia nada lá dentro (nem a estátua de um asno, nem a estátua de Moisés montado em um asno, nem havia estrangeiros aprisionados para sacrifício) – *inde vulgatum nulla intus deum effigie vacuum sedem et inania arcana*. Isso cresceu a superstição, pois provavelmente se pensou que os judeus eram ateus (no sentido literal – “sem deuses”). Nessa eventualidade, as muralhas de Jerusalém foram destruídas (*Muri Hierosolymorum diruti*), ficando de pé apenas o Templo – foi a dinastia de Herodes que reformou e reforçou com muralhas o abandonado Templo e reconstruiu as muralhas da cidade. Então temos uma sequência de eventos que narram as sucessivas dominações na Judeia: durante a guerra civil dos tempos republicanos (que findou com a vitória de Augusto), Marco Antônio coordenou os sucessos romanos na Judeia contra os partos, sob Pacorus, este que foi assassinado por Publio Ventidius que afugentou os partos para além do rio Eufrates (isso por volta de 38-37 A.E.C.). Essa revolta marcou o fim da dinastia dos Hasmoneus na Judeia. Foi Gaius Sosius, governador da Síria (37 A.E.C.), quem submeteu os judeus à ordem. Essa ordem estava associada à dinastia herodiana, inserida pelos romanos na região.

Com a morte de Herodes, Simão, um de seus escravos²⁸³, tomou ilegalmente o poder, mas logo foi cassado pelo então governador da Síria, Quintilius Varo (4 A.E.C.). Os três filhos de Herodes herdaram a administração da província: Antípas (Galileia e Pereia, de 4 A.E.C. até 39 E.C.), Arquelaus (Judeia, Idumeia e Samaria, de 4 A.E.C. até 6 E.C., após, o governo foi romano, através de prefeituras, até 41 E.C.) e Filipe (Bataneaia, Traconítide e Auranítide, de 4 A.E.C. até 34 E.C.). Retomando os imperadores, destaca que, sob os tempos de Tibério (14-37 E.C.) houve paz na Judeia (isso no entendimento de Tácito). Essa paz só foi rompida quando Calígula mandou construir uma estátua sua no Templo o que causou um levante armado, até sua morte (41 E.C.). O autor segue com Cláudio (41-54 E.C.). No seu tempo de governo, o poder da casa imperial estava enfraquecido e, os judeus, agora sob o governo de Agripa I, reconstroem as muralhas da cidade de Jerusalém. Contudo, apesar do governador, quem realmente passou a administrar a Judeia foram os procuradores (44 E.C.),

²⁸³ RAMSAY, 1915.

que Tácito chama de cavaleiros²⁸⁴ e libertos da casa imperial (*Judaeam provinciam equitibus Romanis aut libertis permisit*). Dentre eles, o autor destaca Antônio Felix (52-55/58 E.C.), e o torna símbolo de má administração, exaltando sua grosseria e mentalidade escrava, argumentando que só conseguiu o cargo, por ser casado com Drusilla, da família imperial.²⁸⁵ Contudo, Drusilla não seria neta de Antônio, como escreveu Tácito, mas sim irmã de Agripa II, governador da Judeia entre 53 e 100 E.C..²⁸⁶

Capítulo 10: nesse, Tácito começa sua introdução aos eventos da guerra judaica. Segundo ele, tudo se inicia sob o governo do procurador Gessius Florus (64-66 E.C.). Florus era grego, casado com Cleópatra, que era amiga da imperatriz de Nero, Popeia.²⁸⁷ Com isso conseguiu favores do imperador, substituindo Luceio Albino (62-64 E.C.). Como esteve desviando os impostos do Templo, isso causou uma rebelião em 66 E.C., sendo o estopim para o levante começar.²⁸⁸ Os impostos que eram coletados no Templo, deixaram de ser enviados. Por sua vez, o governador da Síria, Céstio Gallus (63-66 E.C.), fracassou em tentar conter as revoltas judaicas, perdendo mais de 6000 homens na região de Beit-Horon, sendo que, desde a derrota das legiões de Varus na Germânia, sob Arminius (9 E.C.), os romanos não sofriam uma perda tão significativa.²⁸⁹

Depois dos fracassos de Gallus, o general Vespasiano é chamado por Nero para aplacar as revoltas na Judeia. Tácito exalta sua grande sorte, fama e seu vitorioso exército (*Vespasianus fortuna famaque et egregiis ministris [...] victore exercitu*). Durante dois verões (67-68 E.C.), Vespasiano, vindo da região alexandrina com suas legiões, submeteu toda a Judeia, exceto a cidade de Jerusalém, até a morte de Nero em 68 E.C.. No ano da guerra civil (de 69 E.C., ano dos quatro imperadores), os judeus organizaram-se sob as lideranças dos sicários e dos zelotes. Logo após Vespasiano ser aclamado como o novo imperador de Roma, Tácito enfatiza o incomodo que os judeus estavam sendo nesse período, pois eram os únicos que estavam a rebelar-se (*augebat iras quod soli Iudaei non cessissent*). Foi nessa ocasião que Tito ficou encarregado de continuar os empreendimentos romanos e encerrar a revolta em Jerusalém. Assim Tácito encerra sua apresentação política da Judeia e sua breve introdução à guerra judaica.

²⁸⁴ Essa era a *ordem* dos prefeitos (*equites*, i.e., cavaleiros).

²⁸⁵ Tácito certamente não era favorável à ascensão política de libertos (RAMSAY, 1915).

²⁸⁶ RAMSAY, 1915; GODLEY, 1890; notas italianas.

²⁸⁷ *Idem, ibid; Idem, ibid; Idem, ibid.*

²⁸⁸ RAMSAY, 1915; notas italianas.

²⁸⁹ GODLEY, 1890.

3.3.3 Geografia e Recursos da Judeia: capítulos 6 e 7

Capítulo 6: Tácito passa a caracterizar a geografia do território judeu. Ao leste faz fronteira com os Nabateus (árabes); ao sul, bem mais com o deserto do Sinai que é caminho para o Egito; ao oeste, com o Mar Mediterrâneo e muito pouco com a Fenícia; ao norte, realmente estão os Sírios, e outras regiões fronteiriças. É curioso Tácito informar que os moradores dessa região são saudáveis e suportam o trabalho (*Corpora hominum salubria et ferentia laborum*), pois pode mostrar que são um povo apto aos trabalhos escravos. Tácito nos informa que as chuvas lá são raras, mas seu solo é fértil (e que certamente estava no poder das elites) – poderíamos assemelhá-la ao interior da região Nordeste do Brasil. Não há nada demais no modo em que cultivam a terra. No entanto, é um território que possui palmeiras e bálsamos, típicos da região sírio-arábica. Não sabemos se a opinião acerca das palmeiras é realmente de Tácito, ou se o mesmo cita algum outro autor, pois autores como Plínio também apreciavam as palmeiras.²⁹⁰ O bálsamo, apesar da simplicidade visual, é importante, pois de sua seiva se produz na área medicinal e na cosmética.

O Monte Líbano (uma cadeia de montanhas), que fica no Líbano, pouco mais de 40 km de Beirute (capital), realmente é um dos maiores dessa região e como Tácito menciona, existe sim neve. No norte de Israel, há uma estação de esqui na neve! O ponto mais alto do monte pode chegar a quase 3100 metros. Informa Tácito que, parte dessa neve ao derreter alimenta a nascente do rio Jordão (*Yarden*, em hebraico). O rio, que provavelmente em sua época era bem mais volumoso que nos dias atuais, passa por um primeiro lago (Merom, atual Huleh), que provavelmente também perdeu volume; por um segundo (o Mar da Galileia), que também baixou seu volume, e deságua no Mar Morto (que já era “morto” desde a época de Tácito), mas que evaporou muito ao longo desses mais de 2000 anos – além do uso do rio Jordão.

Antes da denominação de “Morto”, foi chamado de “Salgado”, “Oriental”, “Asfalto”. Tácito não denomina este terceiro lago, mas por suas indicações notamos que se trata do Mar Morto (*iam haMelach*, “mar salgado” em hebraico, ver Gen. 14: 3 e “Lago de Asfalto” para os romanos e para Josefo). Ele é malcheiroso, muito salgado, possui um grande perímetro, os corpos flutuam na sua parada superfície, não há peixes ou aves ao redor, expele betume algumas vezes ao ano. Por essas descrições entendemos que se trata desse Mar. Existem duas falas a respeito da coleta de betume: a primeira delas é supersticiosa, pois se retém os fluidos

²⁹⁰ RAMSAY, 1915.

do betume com sangue menstrual (já vimos sobre isso, com Plínio, o velho e Posidônio, citado por Estrabão); na segunda, Tácito tenta “racionalizar” essa prática, afirmando que esse dizer dos autores antigos não confere com a realidade do local (*Sic veteres auctores, sed gnari locorum tradunt*), do qual as pessoas arrastam o betume com os braços até a praia e deixam secar até se solidificar, para depois cortar em pedaços (*securibus cuneisque ut trabes aut saxa discindi*).

Capítulo 7: sem mencionar quais cidades foram, Tácito descreve um espaço que foi chamuscado por um raio do céu, nas proximidades do lago salgado. Tudo que havia nesse lugar foi queimado. Uma descrição bastante semelhante foi feita por Josefo:

As terras de Sodoma, vizinhas deste lago e que outrora eram abundantes não somente em toda espécie de frutos, mas também muito célebres por suas riquezas e pela beleza de suas cidades, agora só conservam a imagem espantosa daquele incêndio que a detestável impiedade de seus habitantes atraiu sobre ela, quando Deus, para castigar seus crimes, lançou do céu seus raios vingadores, que a reduziram a cinzas. Ali vemos ainda alguns restantes das cinco cidades abomináveis e suas cinzas malditas produzem frutos que parecem bons para se comer, mas apenas nós os apanhamos, reduzem-se logo a pó. Assim, não é somente pela fé que nos persuadimos desse horrível acontecimento; mas pode-se ainda constatá-lo com os próprios olhos (JOSEFO, BJ, IV, 27, p. 1259-60).

Apesar de autores como Diodoro Sículo e Estrabão terem escrito sobre o Mar Morto²⁹¹, podemos acreditar que Tácito possa ter conhecido essa citação de Josefo – que nesse mesmo capítulo do seu *Livro IV de Guerras Judaicas*, fala também do “Lago de Asfalto”. *Guerras Judaicas*, lembremos, foi publicada em 75 E.C.. Mas Tácito, busca “racionalizar” essa informação, acrescentando sua visão de que, por infecção causada pela podridão do lago, o ar, o solo, e, por consequência, sua flora, as árvores frutíferas, tudo foi deteriorado pela asquerosidade do mar próximo. Esse rio Belus (ou Pagida, de acordo com Plínio, o velho), mencionado por Tácito, é o atual rio Naaman, em Israel e até hoje se faz vidrarias das areias desse rio. Assim Tácito conclui acerca da Geografia e dos Recursos encontrados na região Judeia.

²⁹¹ Notas italianas.

3.3.4 As origens dos judeus e seus costumes: capítulos 2 ao 5

Capítulo 2: a partir desse momento, Tácito passa a narrar sobre a origem dos judeus. É neste tópico, que o trabalho do autor mais dialoga com aquele breve estudo que fizemos sobre alguns autores anteriores a ele, que já haviam escrito sobre os judeus.

A ideia de que os judeus são oriundos da Ilha de Creta, não apareceu em nenhum dos autores que selecionamos. Os judeus não viviam apenas na Judeia durante os tempos romanos. Havia fortes comunidades em Alexandria e Elefantina no Egito, em Cirene na Líbia, em Salamina na Ilha de Chipre, na Babilônia, na Grécia, na Ásia Menor, na Itália, na Gália, em Cartago, e até na Terraconensis (região da atual Espanha).²⁹² Logo, decifrar as origens desse povo sem uma fonte confiável (mitológica ou não, mas autorizadas pelos judeus), tornaria as informações puramente fantasiosas além da conta. Todos os autores que selecionamos: Ramsey, Godley, Fyfe, Angelozzi, Rodrigues, desconhecem qualquer fonte que Tácito possa ter utilizado. Dessa forma, acreditamos que ela seja fruto de uma suposição, que associa parte da cultura dos povos sírio-arábicos também aos judeus. É o que ocorre quando Tácito relaciona Creta, aos adoradores de Saturno e ao nome Ida e Ideos. Os fenícios (*knaanim*, em hebraico, ou seja, cananeus), podem ser uma solução para essa charada de Tácito. Pois, sabia-se que tinham conexões com Creta, além de comercializarem por boa parte do Mar Mediterrâneo.²⁹³ Mas com relação a Saturno, já decorre de sua visão de deuses, do qual Júpiter supera Saturno e se torna o rei dos deuses. A mais próxima analogia entre Saturno e os judeus, está na relação com o tempo e com o cultivo da terra, pois o dia (ou a semana) de Saturno para os romanos era de descanso, sem atividades militares, muitos banquetes, tagarelices, quiçá orgias.²⁹⁴ A origem que dá ao nome “judeu”, também parece ser por pura presunção: existe o Monte Ida e os habitantes Ideos, acrescenta-se uma letra (barbariza), agora temos “Iudeos”. Tácito não levou em consideração nenhuma fonte judaica existente em sua época.

A próxima menção, com relação à origem do povo de Judá, vincula a mais uma era mitológica onde Ísis, uma das mais famosas deidades egípcias, irmã/esposa de Osíris e mãe de

²⁹² Cf.: DAVIES, W. D.; HORBURY, W.; STURDY, J. (orgs.). Map A - Centres of Jewish population in the Herodian period. In: _____. *The Cambridge History of Judaism: volume three – The Early Roman Period*. Cambridge: University Press, 1999.

²⁹³ RAMSAY, 1915; GODLEY, 1890.

²⁹⁴ Contudo essas práticas se reduziram muito na época Imperial. Os sacrifícios de touros ou carneiros e libações buscaram substituir esse costume. Em algumas regiões fora do espaço do Lácio (local mais consagrado a Saturno na Itália), como na África, certos povos o cultuavam realizando sacrifícios humanos. Saturno era associado ao número sete (Cf.: HACQUARD, G. Saturno. In: _____. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Lisboa: Edições ASA, 1996. p. 260-261 – tradução de Maria Helena Trindade Lopes).

Hórus, reinava no Egito²⁹⁵, quando houve a necessidade de dispersar parte de sua população em áreas vizinhas. Segundo Tácito, os judeus são os descendentes desses dispersos, que provavelmente, homenagearam o nome de seus condutores: Hierosolymus e Iudas (*ducibus Hierosolymo ac Iuda proximas in terras exoneratam*). Além disso, associa os judeus, de alguma forma, aos etíopes. Essa relação com a Etiópia, a princípio, parece ser também mitológica, pois inclui nessa história o rei Cepheus, que para os gregos, em sua mitologia, foi marido de Cassiopeia e pai da bela Andrômeda. Contudo, a Etiópia mitológica foi bastante relacionada com a terra dos fenícios (cidade de Jope, atual Jaffa, Tel Aviv em Israel).²⁹⁶ Mas uma das fontes de Tácito para esse conto, pode ter sido Queremon. Dos autores que selecionamos, ele foi o único que ligou os termos: Ísis, Egito, faraó, povo fugido, dissidentes e Etiópia. Lembramos também que Queremon provavelmente utilizou Maneton como fonte.

Na sua próxima informação, Tácito relaciona os judeus com os assírios. Necessitados de terras foram até o Egito e estabeleceram cidades hebreias nas suas fronteiras com a Síria (*mox proprias urbis Hebraeasque terras et propiora Syriae coluisse*). Dos autores que selecionamos, Nicolau de Damasco seria o que mais se aproximaria como uma das fontes de Tácito. Diferente de outros autores que constantemente estão conectando os judeus aos egípcios, Nicolau vinculou a origem dos judeus aos caldeus e à cidade de Damasco (Síria). Também foi o relato que mais se aproximou da tradição literária judaica – segundo Nicolau, Avraham sai dos caldeus, reina em Damasco e segue com seu povo para *Knaan* (Canaã), que depois foi chamada de Judeia. O autor romano, agora nos lança mais uma opção de origem para o povo judaense: dessa vez ela é ilustre, pois estaria inserida nos cantos do famoso Homero. Tácito está se referido aos solymos. Dos autores que mencionamos, Lisímaco foi o único que destacou o termo: *Hierosolyma*. Esta é a palavra que os gregos atribuíram à *Yerushalayim* (Jerusalém). No entanto, talvez, tentando explicar o porquê dessa palavra, Tácito acabou chegando aos solymos da literatura homérica (*conditae urbi Hierosolyma nomen e suo fecisse*).²⁹⁷

²⁹⁵ Os latinos e gregos relacionavam a deusa Ísis com suas deidades femininas maiores: Demeter, Hera e Juno.

²⁹⁶ HACQUARD, 1996, p. 240. (verbete Perseu). Uma das maiores e mais antigas comunidades judaicas esteve na Etiópia: os *Beit* (ou Beta) *Israel*, que foram chamados de *falashas* (“os exilados”, em aramaico) por muitos séculos. Durante a segunda metade do século XX, o Estado de Israel organizou o retorno de quase 80% dos etíopes, que assim o desejassem, para o judaísmo. Para mais informações cf.: SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a Lança: a África antes dos Portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

²⁹⁷ *Hieros* significa sagrado em grego. Lisímaco, quando usa o termo, chama primeiramente de *Hierosyla*, que, segundo ele, significa “restos de coisas sagradas”. O termo *Solyimi*, certamente é de origem: “semítica” (RAMSAY, 1915); os sólimos, segundo Homero, eram filhos de Ares (deus da guerra), eram ferozes e belicosos – essa informação aparece em Apolônio Mólou, quando afirma que os judeus são os mais brutais entre os bárbaros. Já o termo *Yerushalayim*, geralmente significa: *yeru* – quiçá uma pronúncia fenícia antiga para o hebraico *ir* (cidade); *shala* – atribuído costumeiramente à *Shalem* (cidade governada por Malki-Tzedeq – um rei

Capítulo 3: quando Tácito escreveu que a maioria dos autores que ele pesquisou defendia a ideia de que os judeus foram expulsos do Egito, não estava enganado. Dos escritores que selecionamos: Maneton, Diodoro Sículo, Estrabão, Lisímaco, Apolônio Mólou, Ápion, Queremon, Demócrito, todos eles fazem menção à saída dos judeus do Egito. Mas não era somente esta a informação, pois Tácito destaca bem que, os judeus saíram do Egito porque estavam leprosos (*Plurimi auctores consentiunt orta per Aegyptum tabe quae corpora foedaret*). Desses autores mencionados, apenas Estrabão não fala dessa “lepra” que infectou os judeus no Egito. Isso mostra a popularidade que existia entre os autores não-judeus, acerca dessas informações. Boa parte de sua narrativa, está fundamentada nos escritos de Lisímaco sobre o Egito (*Aegyptiaca*), provavelmente de Apolônio Mólou e de Diodoro Sículo. Suas palavras-chave são: a) praga no Egito (lepra); b) o faraó Bocchoris consulta o oráculo de Âmon²⁹⁸ (associado a Júpiter pelos romanos e a Zeus pelos helenos); c) todos os leprosos foram exilados no deserto; d) surge Moisés, que assume a chefia do povo; e) no caminho aprendem a não confiar nos deuses e nem nos homens.

Na jornada pelo deserto, a falta de água passa a eliminá-los, um a um (*Sed nihil aeque quam inopia aquae fatigabat*). Mas o “astuto” Moisés observou uma manada de asnos selvagens, que saíam da pastagem para uma rocha sombreada por árvores (*cum grex asinorum agrestium e pastu in rupem nemore opacam concessit*). Seguindo-os, o líder celestial (*duce caelesti*), notou que o chão estava gramado e cavando-o, descobriu veios de água (*aquarum venas aperit*). Salvos pela fonte d’água, prosseguiram seu caminho confuso (*omnium ignari fortuitum iter incipiunt*) por mais seis dias (os dias de trabalho), até que, no sétimo dia (relação com Saturno), chegaram (nas fronteiras da Síria), expulsaram os habitantes locais, estabelecendo a sua cidade (Jerusalém) e seu Templo (*et continuum sex dierum iter emensi septimo pulsus cultoribus obtinere terras, in quis urbs et templum dicata*) – e assim descansaram. Notemos que, essa curiosa narrativa, provavelmente, também se encontra em alguma das obras dos autores que mencionamos, como em Lisímaco e/ou Diodoro Sículo. Essas informações não são fomentadoras de discórdia para com os judeus, mas nada tem haver com a narrativa tradicional judaica sobre a viagem do povo de Israel pelo deserto – são esses tipos de conhecimentos que Josefo rechaça em seu *Contra Apionem*.

que conheceu Avraham –, cujo nome significa “meu rei justo”), *shalem* significa “perfeito”; a desinência dual “-ayim” pode indicar que “estava entre duas colinas”. O termo *yerusha* pode significar “herdada”; o termo *shalayim* pode indicar uma fonética antiga para *shalom* (paz, saudação). Não existe um significado pronto para “Jerusalém”, mas, provavelmente, pode ter significado realmente *ir Shalemayim*, ou seja, “cidade perfeita, que está entre duas colinas”. O nome Avraham significa: *av-hamon goyim* (pai de uma multidão de gentes).

²⁹⁸ Localizava-se no atual Oásis de Siwa, Egito.

Capítulo 4: nesse momento, Tácito inicia suas duras acusações às práticas judaicas. Moisés foi aquele que legislou para os judeus as leis supersticiosas, contrárias às de todos os outros homens (*novos ritus contrariosque ceteris mortalibus indidit*). Certamente, de acordo com o autor, eram leis contrárias às dos romanos e gregos – não adorar imagens de deuses, nem de imperadores; o tio poderia se casar com a sobrinha²⁹⁹; uma viúva poderia se casar com o irmão de seu marido³⁰⁰; proselitismo e individualismo.³⁰¹ Quando Tácito enfatiza o termo “contrário”, deve ser entendido literalmente (*Profana illic omnia quae apud nos sacra, rursus concessa apud illos quae nobis incesta*). Vamos relembrar rapidamente os termos: *religio* (boa prática dos ritos comunitários); *superstitio* (medo dos deuses, erro na prática ritual); *atheos* (afeto aos próprios costumes e desprezo aos dos outros) e misantropia (ódio aos homens).³⁰²

A próxima informação que nos traz Tácito segue na linha dos autores: Maneton, Lisímaco, Apolônio Mólou, Ápion e Demócrito, por exemplo. A antiga menção de que havia um asno (ou uma cabeça de asno) dourado dentro do Templo (*penetrati sacravere*). Diodoro Sículo ainda acrescenta, dizendo que havia uma estátua de um homem com barba segurando um livro, montado em um asno (supõe-se ser Moisés). Tácito tenta explicar o motivo para a existência dessa estátua – provavelmente uma informação contida em algum desses autores mencionados –, dizendo que foi o animal que os tinha ajudado a matar a sede no deserto, marcando os últimos dias dessa jornada errante (*Effigiem animalis, quo monstrante errorem sitimque depulerant*). No entanto, sabemos que o próprio Tácito revelou a inexistência de objetos materiais, que pudessem subentender ídolos, quando Pompeu entrou no Templo.³⁰³ Continuando, segundo Tácito, os judeus sacrificam um carneiro para ofender o deus Âmon (*caeso ariete velut in contumeliam Hammonis*) e sacrificam um boi para incomodar o culto egípcio ao deus Ápis (*bos quoque immolatur, quoniam Aegyptii Apin colunt*). Essa informação não aparece nos autores que selecionamos, mas não significa dizer que Tácito não os tenha consultado para nos informar sobre isso.

Sabemos que com os judeus, havia tanto sacrifícios de bodes, como de cabras e bois, além de pombos, rolinhas (animais ditos *kasher*, i.e., permitidos) e sacrifícios vegetais – a palavra hebraica para tudo isso é *corbanot*; o objetivo dessa atividade variava entre a

²⁹⁹ Hipótese de RAMSAY, 1915.

³⁰⁰ Hipótese de RAMSAY, 1915.

³⁰¹ Hipóteses nossas.

³⁰² François Hartog chama esse “ódio aos homens” de “princípio da inversão” incluída em uma “retórica da alteridade” (HARTOG, 1999, p. 229-230). Ainda neste capítulo analisaremos melhor essa questão. Cf.: HARTOG, F. *O espelho de Heródoto*. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

³⁰³ TÁCITO, *Histórias*, V, 9.

purificação dos pecados, com uma introspecção reflexiva sobre seu erro (holocausto – *olah*), a oferta aos sacerdotes (*minchá*) e a oferta em que uma parte era consumida pelo fogo e a outra parte retornava como alimento ao oferecedor (*shlamim*). No geral, não havia, entre os judeus, a ideia de que o deus dos hebreus se alimentava das ofertas através do fogo, mas que o mesmo se agradava do aroma que subia com a fumaça³⁰⁴, pois indicava que o erro do oferecedor havia se extinguido. Com a destruição do Templo por Tito e suas legiões, essa atividade sacrificial foi encerrada e substituída pela prática da *t'shuvah* (confissão dos erros diretamente a divindade e prática/estudo das leis judaicas).³⁰⁵

Tácito continua sua narrativa, mencionando que os judeus se abstêm de comer carne de porco, por causa do que tinha acontecido com os seus antepassados leprosos, pois o porco, para os judeus, segundo o autor, estava sujeito a essa doença. Desconhecemos essa relação do porco com a lepra.³⁰⁶ Mas, na lei judaica, o porco, assim como o camelo (e o dromedário), os equinos, os pequenos mamíferos (ratos e coelhos, por exemplo), as aves de rapina, os anfíbios, os répteis, os caninos, os felinos, os insetos (todos, exceto grilos e gafanhotos) e os seres marinhos (cartilagosos, crustáceos, lesmas), não fazem parte da lista de alimentos permitidos. Com relação à lepra (*tsaraat*, em hebraico), os sacerdotes judeus estavam encarregados de examinar o paciente. Confirmada a lepra, o indivíduo seria isolado do convívio social até desaparecer os sinais no corpo – depois haveria de se purificar e oferecer

³⁰⁴ Os gregos acreditavam de forma semelhante.

³⁰⁵ Cf.: Capítulos 1 ao 5 do livro de Levítico (*Vayikrah*).

³⁰⁶ “As idéias confusas que a atribuíam ao consumo da carne de porco e outros alimentos foram cedendo pouco a pouco, desde que ninguém conseguiu observar a lepra verdadeira nos porcos. Apenas a teoria da transmissão por peixes, devido à autoridade, ou, antes, à teimosia de Hutchinson, não sofreu a repulsa que merecia. Não obstante o fato de que o peixe representa um dos alimentos mais usados, acumularam-se as observações de leprosos que nunca o tinham comido. É, aliás, evidente para qualquer parasitólogo e bacteriologista que um microorganismo que não se deixa transmitir a outros mamíferos não pode proceder de um organismo tão diferente do homem como o do peixe [...] A idéia de que a lepra pode ser unicamente transmitida por hereditariedade só podia originar-se em um país sem imigração apreciável, ignorando sistematicamente as observações feitas em outros países que evidenciam o aparecimento de centenas de casos em pessoas imigradas de países indenes. [...] A lepra também não é devida à pobreza e à alimentação insuficiente. [...] Porém, a lepra se extinguiu em muitos lugares onde em tempos passados era certamente autóctone, a menos que todos os diagnósticos feitos estivessem errados. Os contagionistas o atribuem ao isolamento. Ora, o conhecimento mais elementar das condições em países onde se isolam os doentes mostra que os resultados obtidos nesse processo foram sempre muito poucos satisfatórios, seja porque o isolamento de todos os doentes nunca foi obtido, seja porque esse isolamento, baseado na idéia de um contágio direto, não pode dar os resultados esperados. [...] A transmissão de microorganismos por mosquitos podia antigamente aparecer um pouco fantástica; hoje a série de observações análogas é tão grande que nada mais tem de estranho. Ainda ultimamente verificou-se, na América do Norte, a existência de uma moléstia bacteriana, que também ataca o homem, e que pode ser vinculada por tabanídeos e outros sugadores de sangue. [...] Se, como inclina a pensar, a transmissão de lepra se faz por meio de dípteros sugadores de sangue, é provável que na praxe seja esse o único modo normal, porque o contato direto, as pulgas, piolhos e percevejos existem também em lugares onde a lepra não se transmite” (LUTZ, Adolpho. *Problemas que se ligam ao estudo da lepra*. In: *Trabalhos sobre Hanseníase*. p. 501-506. – parte da comunicação apresentada ao 2º Congresso Sul-americano de Dermatologia e Syphiligrafia realizado em outubro de 1921, em Montevidéu, e à Conferência Americana de Lepra realizada no Rio de Janeiro, em outubro de 1922. BR. MN. Fundo Adolpho Lutz, pasta 252, maço 6.).

sacrifícios.³⁰⁷ Contudo, essa associação geral que se faz da carne de porco com sarnas e a lepra, se insere nos estudos da História Cultural (*Longa Duração*), uma vez que se discutem *tabus* acerca disso até nossos dias.

O autor romano segue seu relato dos costumes judaicos, comentando sobre os jejuns, estes que, segundo o mesmo, servem para a memória do tempo em que passaram fome no deserto (*Longam olim famem crebris adhuc ieiuniis fatentur*) – lembramos que para Estrabão, o dia de sábado seria de jejuns; o pão que os judeus comem é sem fermento (*panis Iudaicus nullo fermento*), pois no passado, tiveram suas plantações roubadas (*raptarum frugum argumentum*); no sétimo dia os judeus descansam (*Septimo die otium*), uma vez que foi nele que conquistaram a terra e pararam de vagar no deserto; achando pouco, instituíram o descanso do sétimo ano (*inertia septimum quoque annum*). Provavelmente essa relação com o sétimo dia seria mais com Saturno, do que com o *shabat* judaico em si, pois é isso que o autor vem defendendo ao longo de sua narrativa; Tácito generaliza ao dizer que os judeus só comem pão sem fermento, pois essa prática ocorre uma vez ao ano durante os sete/oito dias da festa de *Pessach* (páscoa) do primeiro mês (*nissan*) e em um dia do segundo (*iyyar*). Acerca dos jejuns, o de *Iom Kippur* (Dia do Perdão) seria o que remete diretamente aos tempos do deserto – está relacionado ao incidente do *bezerro dourado*.

Tácito segue informando que, outros autores (mas incluindo, agora, o mesmo, parecidos), defendem a ideia de que o *shabat* foi criado para honra da memória de Saturno e Idas e aí o mesmo se justifica, supondo aquela ligação entre os ideos (do Monte Ida) e o conflito entre Júpiter e Saturno, do qual Saturno foi perdedor. O geógrafo heleno do século II E.C., Pausânias, informa que nas vizinhanças do Monte Ida, viviam os Dáctilos Ideos (os curetes), uma família de cinco irmãos mitológicos que cuidaram de Zeus, filho de Reia. Os cinco irmãos eram: Hércules, Iasius, Epimedes, Paeonaeus e o nosso Idas (os ideos).³⁰⁸ A questão é contraditória para o próprio Tácito, pois Saturno, na tradição, vai para o Lácio (Itália), e o autor havia dito que os judeus foram para a Líbia. Falando sobre uma suposição astrológica, a respeito de Saturno, destaca a questão das atividades realizadas segundo os números múltiplos de sete (*ac pleraque caelestium viam suam et cursus septenos per numeros commeare*).

No calendário romano (dito Juliano), as *nonas* representavam em alguns meses, o sétimo dia, que era fixo. Os romanos contavam os dias segundo três dias fixos: Calendas (1º do mês), Nonas (5º ou 7º dias) e Idos (13º ou 15º dias). Vinham as calendas de janeiro, por exemplo, no outro dia não chamariam 2º dia, mas “sexto dia antes das nonas de janeiro”, que

³⁰⁷ Cf.: Levítico, cap. 13 e 14.

³⁰⁸ Cf.: PAUSÂNIAS, *Descrição da Grécia*, Tomo V: Elida.

neste caso cairia no 7º dia. Os judeus contam diferente: vem o *shabat* (descanso) e o próximo dia seria o 1º dia depois do sábado, depois o 2º dia depois do sábado, e assim sucessivamente, até o 6º que é chamado *erev shabat* (vésperas do descanso). Ou seja, os romanos possuíam apenas um 7º dia em alguns meses, e os judeus no mínimo quatro por mês, excetuando os feriados que também são sábados (*shabatot*). Para Tácito, esse “exagero” pode ter soado como honra a Saturno, logo, a história desse povo deveria ter alguma relação com esse deus (*honorem eum Saturno haberi*).

Capítulo 5: se o leitor percebeu certa estranheza na narrativa de Tácito sobre os judeus, é nesse capítulo que ele enfatiza a ruindade dos costumes judaicos. Para o autor, todas essas informações que ele vem mostrando, sobre o povo da Judeia, são aceitáveis (*religio licita*), mas as outras não serão (*superstitio*). Dentre essas “outras” está o envio de ofertas para o enriquecimento do Templo, por parte dos que se dizem judeus fora da Judeia (*Nam pessimus quisque spretis religionibus patriis tributa et stipes illuc congererabant*), e isso, para Tácito, é desprezível, pois são pessoas que, para ele, não prestam nenhuma consideração aos seus ritos comunitários ancestrais. Essa pode ser considerada uma clara crítica ao comportamento prosélito dos judaenses, que será enfatizada mais a frente em sua narrativa. Disso, a outra indignação, é a aceitação dessas ofertas por parte dos sacerdotes no Templo (por isso a ênfase na “riqueza do Templo”, pois ela foi conseguida por meio dessa prática suja – *sinistra foeda*). Entre eles, há um grande espírito comunitário de pronta ajuda, mas, para com os outros, são hostis (*sed adversus omnis alios hostile odium*). Tácito aqui está concordando com informações anteriores a dele sobre os judeus: Lisímaco, Apolônio Mólón, Demócrito, Ápion, Diodoro Sículo, dentre outros, são alguns dos autores que acusam os judeus de odiarem os estrangeiros.

Dando ênfase para essa questão, Tácito continua relatando, mostrando que os judeus só se reúnem para se alimentar entre eles mesmos, e, da mesma forma, não dormem junto dos outros (*Separati epulis, discreti cubilibus*); e que, curiosamente, um povo tão propenso à luxúria, não busca relações sexuais com estrangeiras (*alienarum concubitu abstinent*); mas parece não haver coisas ilícitas entre eles (*inter se nihil illicitum*); a circuncisão foi instituída para diferenciá-los dos outros (*Circumcidere genitalia instituerunt ut diversitate noscantur*) – essa parece ser também a opinião de Justino, o mártir, mas este acrescenta, dizendo que é uma prática da carne (no sentido de abominável) e que foi “abolida por Jesus, o Justo” (veja no capítulo II). Outros autores também criticam a circuncisão, como Diodoro Sículo. Um dos costumes judaicos mais irritantes para os romanos e para os gregos, era a ideia de conversão

(proselitismo).³⁰⁹ E sobre ela, Tácito comenta, falando das suas consequências: aqueles que se transferem para os seus costumes, fazem circuncisão e todos os ritos já mencionados, além de ensinarem a rejeitar a sua pátria natal, todos os outros deuses, e a desvalorizar seus pais, irmãos e até seus filhos (*nec quicquam prius imbuuntur quam contemnere deos, exuere patriam, parentes liberos fratres vilia habere*). Essa é uma importante (e impressionante) opinião de um não-judeu, sobre os passos daqueles que se convertiam aos ritos judaicos há mais de 1900 anos!

Vamos especificar melhor essa questão das conversões:

O proselitismo judaico, tão intenso nesse período, preocupava os intelectuais romanos desta época, como viria a preocupar os Padres da Igreja [...] Podemos distinguir duas categorias de prosélitos: (1) os prosélitos perfeitos, que eram circuncidados, faziam os banhos rituais ou *mikve* e obtinham grau de igualdade com os demais judeus, sendo considerados filhos de Abraão; (2) uma categoria bem maior de ‘tementes de Deus’ ou ‘*sebomenoi*’, que freqüentavam as sinagogas, guardavam o *Shabat* e seguiam muitas das prescrições judaicas. Eram também denominados ‘*metuentes*’ ou prosélitos da porta, pois assistiam aos serviços religiosos no fundo da sinagoga, mas muitas vezes convertiam seus filhos ao judaísmo, circuncidando-os e integrando-os de maneira plena. Durante as pregações dos apóstolos, muitos destes se converteram ao cristianismo (FELDMAN, 2004, p. 18-19, grifos do autor).³¹⁰

Essa segunda categoria, destacada por Feldman, poderia ser aquela que foi bastante criticada pelos autores, pois, certamente, generalizaria o comportamento dos judeus fora da Judeia, tanto quanto, já incluiria os cristãos dos primeiros séculos nessa biotipologia – muito próxima da judaica, na ótica dos romanos.

Segundo Tácito, uma das mais visíveis preocupações dos judeus era com o aumento da sua prole (*Augendae tamen multitudini consulitur*). Contudo, sobre isso Feldman comenta: “Essa visão gerou entre os pagãos certa crítica, pois viam nisso imoralidade e devassidão. Os padres da Igreja, adeptos do monaquismo, da continência e do controle da sexualidade, também encararam de maneira negativa esta visão judaica”.³¹¹ O autor romano continua agora nos informando que era proibido, entre os judeus, matar bebês nascidos além da conta (*nam et necare quemquam ex agnatis nefas*). O que isso significa? Significa que os romanos

³⁰⁹ RAMSAY, 1915; GODLEY, 1890.

³¹⁰ FELDMAN, Sérgio Alberto. Introdução. In: _____. *Perspectivas da unidade político-religiosa no reino hispano visigodo de Toledo*: as obras de Isidoro de Sevilha e a questão judaica.

³¹¹ FELDMAN, 2004, p. 19.

praticavam “infanticídio” em certas ocasiões, tais como: bebês que nasciam em prostíbulos, ou seja, filhos indesejados de prostitutas, ou mesmo de bebês nascidos após a definição de quem seriam os herdeiros da família.³¹² Esse desejo dos judeus pelo grande número de filhos é explicado por Tácito, quando diz que eles acreditam na eternidade da alma dos que morrem em batalha ou sob tortura/execução (*animosque proelio aut suppliciiis peremptorum aeternos putant*). No entanto, essa, na realidade, seria mais uma das leis judaicas.³¹³

Aproveitando o assunto, Tácito fala dos costumes funerários judaicos, afirmando serem os mesmo dos egípcios, sepultando os corpos ao invés de cremá-los; até mesmo o tratamento ao cadáver, segundo Tácito, seria o mesmo (*Corpora condere quam cremare e more Aegyptio*) e isso inclui também os mitos funerários, mas são opostos quando se relacionam com o céu. Esse argumento é utilizado por Tácito para aproximar os judeus dos egípcios – para que assim, acreditemos que os antepassados dos judeus vêm de lá, já que os contemporâneos (de sua época) ainda preservam resquícios de costumes egípcios. Sabemos que não é bem assim. Essas informações certamente são de suas fontes sobre a relação dos judeus com os egípcios. O uso de caixão (de madeira) entre os judeus era limitado aos sacerdotes e à pessoas que morreram por causa de doenças. Essa prescrição acerca do uso de caixões ainda é mantida entre os judeus modernos. Já sobre a questão do tratamento aos cadáveres, a autora Márcia Vasques complementa:

No período greco-romano, a prática da mumificação estendeu-se para o conjunto da sociedade. Observa-se, assim, uma sobrecarga nas necrópoles, com a reutilização maciça de tumbas antigas. O Egito Romano por ser uma sociedade de culturas variáveis apresenta, quanto aos costumes funerários, concepções egípcias, gregas, judaicas e outras, que convivem no mesmo território e compartilham da mesma necrópole (VASQUES, 2005, p. 26).

A autora nos mostra, desse modo, que se havia variedade cultural no Egito, até nos costumes funerários, como estuda a autora em sua Tese, a informação que nos é passada por

³¹² Nos casos de Grécia e Roma, havia um tipo de controle de natalidade chamado “exposição” de crianças. Isso significava dizer, que algum casal que por uma série de motivos, não desejasse mais filhos, essa criança indesejada, ao nascer, seria “exposta”, isto é, deixada para morrer em algum lugar da cidade. Geralmente isso ocorria com meninas. Essa decisão era tomada pelo pai, sem o consentimento da esposa (esta era considerada passiva na decisão). Muitas dessas crianças “expostas” eram recolhidas por pessoas que buscavam por novos escravos, sendo esta, por exemplo, uma das maneiras de se tornar *seruus* no mundo romano.

³¹³ Cf.: Gen. 1: 28 – *Vayevarech otam Elohim vayomer lahem Elohim peru urevu umil'u et-ha'arets vechiveshuha uredu bidegat hayam uve'of hashamayim uvechol-chayah haromeset al-ha'arets*. (E lhes abençoou o Poderoso; e disse-lhes o Poderoso: frutificai-vos e multiplicai-vos e enchei-vos em toda a terra; e subjuguem-a; e domine os peixes do mar, e as aves nos céus, e a todo o animal que se mova sobre a terra).

Tácito (e por muitos autores latinos), de que os judeus já foram egípcios no passado e muitos de seus costumes são os mesmos, é bastante problemática. Sobre a cremação, Vasques ainda acrescenta: “Práticas funerárias gregas são mais atestadas em Alexandria e datam, sobretudo, do período ptolomaico, quando a incineração era realizada juntamente com a inumação”.³¹⁴ Ou seja, não há uma clara distinção, entre gregos e romanos, com relação à prática ou não da cremação, e isto significa dizer que ambas poderiam ser feitas entre eles – a cremação não consta nas leis judaicas, prevalecendo o sepultamento, mas não significa dizer que esse modelo era seguido por todos, mas, seguramente, pela maioria.

Tácito, ele próprio, explica as diferenças entre as crenças celestes (*caelestium*) dos judeus e dos egípcios: esse âmbito celeste deriva da crença nos deuses. Os egípcios adoravam muitos animais esculpidos (*Aegyptii pleraque animalia effigiesque compositas venerantur*).³¹⁵ Já os judeus cultuavam um único deus através do pensamento (*Judaei mente sola unumque numen intellegunt*). Outra diferença alarmante entre judeus e egípcios, segundo Tácito, está no forte repúdio desses para com todos os que fabricam imagens para se cultuar (*profanos qui deum imagines mortalibus materiis in species hominum effingant*). Para os judeus, comenta Tácito, seu deus é supremo, eterno, irrepresentável (*summum illud et aeternum neque imitabile neque interiturum*), e por isso são proibidas estátuas em seus territórios (*Igitur nulla simulacra urbibus suis, nedum templis sistunt*), nem mesmo as dos céares (*non Caesaribus honor*). Como Tácito não faz nenhum comentário sobre essa aversão dos judeus às imagens, acreditamos que o mesmo concorda com aquela história que exalta Moisés como um líder celestial que aboliu os deuses com suas leis supersticiosas. Estrabão, como vimos, também fala sobre esse culto judeu, mas definindo o céu como sendo o deus que eles cultuam – o céu, o universo, as coisas que foram criadas na natureza.

Os sacerdotes do Templo, segundo Tácito, cantavam, tocavam flautas e tambores, e usavam coroas de hera. Mas por terem encontrado videiras de ouro nesse recinto, pensaram que os judeus cultuavam a Baco (*Liber Pater*). Mas o próprio Tácito rompe com esse dizer, confirmando serem os bacanais bem mais alegres e festivos (*quippe Liber festos laetosque ritus posuit*), diferente dos cultos judaicos, que são absurdos e abomináveis (*Judaeorum mos absurdus sordidusque*).

³¹⁴ VASQUES, 2005, p. 26.

³¹⁵ Assim como para com os judeus, os romanos também não compreendiam claramente as crenças egípcias. As opiniões dos autores latinos são bem generalizantes. Por exemplo, para os egípcios, o animal considerado sagrado, era uma manifestação da divindade no meio dos homens em um tempo específico. Ou seja, essas deidades não eram dotadas de uma forma particular, pois podiam se manifestar das mais variadas formas, seja por meio de um animal, effígie ou escultura.

Somente em duas festas haveria a possibilidade dos sacerdotes se adornarem com hera: em *Hanukah* (festa que encena a derrota dos gregos – com coroas de louros ou heras – para os macabeus) e *Sucot* (festa que utiliza muitos ramos de salgueiro e palmeira); sobre a videira, havia um grande cacho dourado na entrada do Templo.³¹⁶ Tácito encerra sua história dos costumes judaicos, reafirmando o que boa parte dos autores não-judeus já defendiam em seus textos: que os costumes judaicos são fruto de leis desprezíveis; mas, por suas origens serem antigas, com ritos antigos, mantinham seus privilégios na sociedade imperial, com direitos civis, isenção de prestar homenagens aos imperadores e sacrifícios aos deuses do Império. Essa condição não mudou sob o principado dos flavianos, e quaisquer ultrajes aos costumes judaicos foram bem pontuais, isso, até começar a perder, definitivamente, a sua condição de *religio licita*, após o século IV E.C., período em que o cristianismo foi tornado o único culto oficial do Império Romano.³¹⁷

3.4 A OBSERVAÇÃO DO “OUTRO” NA “RETÓRICA DA ALTERIDADE”

Ao longo de nossos estudos, neste trabalho monográfico, buscamos perceber, no geral, os mecanismos romanos para a percepção do “outro”, este, residente em seus domínios. Estudando o comportamento daqueles que escreveram sobre “outro” povo, na Antiguidade Clássica, o historiador François Hartog, elenca dois modelos de observação (que ele chama de *retórica da alteridade*): o primeiro é a “diferença” e o segundo é a “inversão”.

Esclarecendo o primeiro modelo, Hartog menciona que, “dizer o *outro* é enunciá-lo como diferente – é enunciar que há dois termos, *a* e *b*, e que *a* não é *b*”.³¹⁸ Em Tácito, que segue modelos de etnografia romana (baseado em modelos gregos), embasamos esse primeiro conceito de Hartog em passagens como esta: “Entre eles todas as coisas profanas são sagradas para nós e, ao contrário, consideram lícito tudo aquilo que é ilegal para nós”.³¹⁹ Ou seja, os judeus (*b*) são como os contrários (diferentes) dos romanos (*a*) – quiçá dos gregos. Continua Hartog: “a diferença não se torna interessante senão a partir do momento em que *a* e *b* entram

³¹⁶ JOSEFO, AJ, XV, 14, p. 731.

³¹⁷ FELDMAN, 2004, p. 20-21.

³¹⁸ HARTOG, 1999, p. 229.

³¹⁹ TÁCITO, *Histórias*, V, 4.

num mesmo sistema”.³²⁰ Nesta perspectiva, os romanos inseriram os judeus, os gregos, os egípcios, os sírios (por exemplo), em um sistema padrão, que admite vários costumes para uma mesma legislação. No entanto, uma vez inseridos os judeus no sistema romano, ocorre o que Hartog chama de “inversão”, isto é, quando “não há mais *a* e *b*, mas simplesmente *a* e o inverso de *a*”.³²¹ Em Tácito, identificamos os inversos do que o mesmo chama de “costumes”: “Moisés, para assegurar o futuro do povo, lhes deu seus novos ritos contrários àqueles dos outros mortais”.³²² Dessa forma, incrementa Hartog: “Quando se trata dos costumes, a diferença transforma-se em inversão. Além disso, o enunciado tem pretensões de universalidade: a inversão mede-se com relação ao resto do gênero humano”.³²³ Assim como Hartog nos mostra, devemos entender que, ao escrever “dos outros mortais” ou “dos outros homens”, Tácito se insere na inversão, pois esses “homens” estão significando “nós os romanos”. Logo, boa parte da retórica taciteana inserida, principalmente, entres seus capítulos 2 e 5, pode ser vista de acordo com esse segundo modelo de Hartog.

Isso nos leva a entender que, no trabalho de Tácito, ao contrário do que muitos autores defendem – a existência quase que generalizada de um antissemitismo, ou antijudaísmo nessas relações –, não havia um explícito repúdio particular aos costumes judaicos, não até o advento do Império Romano Cristão (século IV E.C.).³²⁴ Ambos os termos mencionados, são anacrônicos aos tempos de Tácito, uma vez que, *antissemitismo* foi cunhado em meados do século XIX na Alemanha, com a finalidade de divulgar uma ciência racial de aversão aos judeus. Essa ciência racial foi difundida com mais praticidade após a década de 1870, atrelada

³²⁰ HARTOG, 1999, p. 229.

³²¹ HARTOG, *ibid*, p. 230.

³²² TÁCITO, *Histórias*, V, 4. Lembramos ao leitor que, existem algumas diferenças entre os costumes (tradições) e as Leis judaicas. Por exemplo, a festa da Páscoa não seria um costume judaico, mas uma Lei, isto é, parte da Constituição do povo judeu, de caráter obrigatório (segundo as fontes hebraicas – *Bereshit*, *Shemot*, *Vayikrah*, *Bamidbar* e *Devarim*, isto é, o Pentateuco). Já a festa de Hanukah, que encena a vitória dos macabeus sobre os gregos, tornou-se tradição, pois foi estabelecida após a determinação das Leis (no calendário judaico, em 1313 A.E.C.), sendo de caráter opcional. As tradições judaicas foram sendo inventadas e reinventadas ao longo de muitos séculos, contudo, a Lei (*Torá*), permanece com seus mesmos preceitos (*mitzvo*), alguns ainda em vigor e outros em “estado de pausa” – não cabe esse aprofundamento nesta pesquisa. Para mais cf.: BLECH, Benjamin. *O mais completo guia sobre Judaísmo*. São Paulo: Sefer, 2004. Também cf.: FELDMAN, Sergio Alberto. A presença do Diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, ano 4, n. 2, p. 1-14, 2007.

³²³ HARTOG, *op. cit. loc. cit.*

³²⁴ Por exemplo, esse “aparente” repúdio, também ocorria com os egípcios: “os egípcios vivem num clima *outra* (*héteros*), às margens de um rio *diferente* (*állos*) de todos os outros rios, e ‘adotaram *também*, em quase todas as coisas, modos e costumes que são o *inverso* (*émpalin*) dos de todos os outros homens” (HESÍODO *apud* HARTOG, 1999, p. 230). Hesíodo foi um grego que viveu por volta do século VII A.E.C.. Cf.: HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*, 225-237. Esse “todos os outros homens”, subentende, “dos gregos”, no modelo da “inversão” de Hartog.

ao que ficou conhecido na historiografia, como diria Hannah Arendt, de *Imperialismo*.³²⁵ Essa palavra foi criada por Wilhelm Marr, jornalista alemão, em 1873, que soou mais “agradável” aos ouvidos dessa ciência do que o termo anteriormente utilizado, *Judenhass* – ódio aos judeus –, mas só foi publicada (impressa) em 1880 na obra de Marr intitulada *Zwanglose Antisemitische Hefte – Livros casuais Antissemitas*.³²⁶ O termo alemão cunhado é traduzido para o português como *antisemitismo*, significando *hostilidade contra os semitas* – em Gênesis cap. 10, são os descendentes de Sem (*Shem*, em hebraico), filho de Noé (*Noach*), correspondendo, por exemplo, aos seguintes grupos étnicos e linguísticos: hebreus, assírios, arameus, acadianos, fenícios, árabes, dentre outros.

O *antijudaísmo*, da mesma forma, é anacrônico aos tempos romanos de Tácito. Não havia um combate declarado aos costumes, leis e tradições judaicas. Esse termo seria mais bem aplicado, somente após o século IV E.C., quando os cristãos, que aos poucos iam modificando as legislações do Império, incluíram as leis judaicas na categoria de *nefariam sectam*, isto é, “seita corrompida”. Ou seja, na historiografia, o antisemitismo corresponde ao estereótipo e o antijudaísmo à questão das concepções e práticas religiosas, sendo aquele, pertencente às ideologias do século XIX. Contemporaneamente, o antijudaísmo pode ser considerado uma forma de antisemitismo.³²⁷

A relação estabelecida entre os romanos e os judeus se deu por meio de acordos. O próprio Josefo nos mostra isso, seja por textos, ou por sua própria autobiografia (ver nosso capítulo II). Isso nos leva a concluir que, Ápion, por exemplo, busca “acusar” os judeus de, como diria Josefo, fazerem coisas ilícitas, não levou em consideração esses acordos que existiam entre esses povos:

Ápio toma também motivo de nos censurar por não termos estátuas e figuras dos imperadores, como se esses príncipes pudessem ignorá-lo e tivessem necessidade de ser avisados disso. Não deveria ele, ao invés, admirar sua bondade e sua moderação, em não querer obrigar os que lhes são sujeitos a violar as leis de seus antepassados, mas contentar-se de receber deles as honras que julgam lhes poder prestar em consciência, porque eles sabem que são verdadeiras aquelas que são voluntárias? (JOSEFO, CA, II, 3, p. 1469).

³²⁵ Esse é o imperialismo inglês. Para o romano, nos baseamos em Mattingly. Para Arendt cf.: ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

³²⁶ Cf.: FELDMAN, Sergio Alberto. Os judeus no imaginário medieval: diabolização de uma minoria. *Tuiuti, Ciência e Cultura*, n. 11, p. 1-15, 1999.

³²⁷ Cf.: FELDMAN, Sergio Alberto. De *civis romanii a nefariam sectan*: a posição jurídica da minoria judaica no *Codex Theodosianus* (séc. IV e V). *Revista do SBPH*, Curitiba, n. 21, p. 7-16, 2001.

Ou seja, além dos príncipes romanos já saberem que os judeus não prestam, legalmente, honras através de imagens ou esculturas, Ápion insistia que isso era uma atitude que deveria ser repudiada e combatida pelos romanos. Contudo, o próprio Josefo argumentando essa questão, defende que é mais “sincero” da parte dos judeus, prestarem honras aos césaes, guardando a ciência da autoridade deles em suas consciências.

3.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO III

Buscamos perceber as relações proporcionadas pelo *Imperialismo* romano segundo o conceito de David Mattingly (ver nosso capítulo II). No capítulo I, espaço que destinamos para discutir seu conceito em si, fizemos a seguinte observação: o que estamos buscando é mostrar que, se para com os impérios modernos, a palavra imperialismo, aplicada ao seu sistema de governo, possibilitou trocas de experiências, que anteriormente, no pensamento do século XIX, privilegiava apenas o ponto de vista do dominador, e que na prática, como mostramos, não ocorria dessa forma, uma vez que, tanto o colono quanto o colonizado trocavam, discutiam e aprendiam conhecimentos uns dos outros, pelos estudos que faz, o autor Mattingly afirma que o termo moderno *Imperialismo*, é capaz de esclarecer muitos elementos dessa experiência romana com relação ao contato com outras formas de vida, ou seja, de outras culturas, estas, que compunham seu vasto território na Europa, norte da África, Anatólia, Oriente Médio e que ainda possuía relevantes relações comerciais com os extremorientais. Aprofundamos um pouco mais no capítulo II, quando citamos Vagner Porto que citava Mattingly:

[...] acreditamos que as relações de Roma com as províncias era uma relação de mão dupla, ou seja, não podemos partir de uma posição pré-determinada promovendo a grandeza de Roma em detrimento da população ‘pouco civilizada’ das províncias; devemos sim – e a arqueologia é fundamental para essa abordagem – construir uma história que pense nas relações entre Roma e as províncias sob uma ótica multilateral. Nas palavras de Mattingly: ‘É necessário repensar as sociedades indígenas em contato com Roma – não há vítimas totalmente passivas ou agentes totalmente entusiásticos nestas relações’ (MATTINGLY *apud* PORTO 2007, p. 40).

Tudo que pudemos analisar da obra do autor Tácito (reler este capítulo III), nos leva à conclusão de que esse conceito de Mattingly, essa prática imperialista de Roma, e todas as suas possibilidades, estão presentes na sua obra *Histórias*. Mesmo que a linguagem e o ponto de vista sejam de um romano, o espaço que Tácito dedicou às províncias, mostra exatamente esse diálogo que havia entre os romanos e seus dominados – incluindo a ideia que um imperador poderia ser aclamado fora de Roma. Mas é necessário alertar ao leitor que, esse diálogo é bem menor do que na obra de Josefo, por exemplo. Tácito, ao mencionar: “A cidade estava dividida em duas facções, até que, com a chegada dos romanos, a guerra externa se converteu em uma concórdia interna”³²⁸, estaria jogando boa parte da culpa pelas mazelas de Jerusalém aos seus próprios moradores. Em outras palavras, a chegada dos romanos, possibilitou a união daqueles que já estavam desunidos – tanto Josefo quanto Tácito, estão se referido à ação dos zelotes e sicários. Essa relação *multilateral* aparece também de forma simples nessa menção de Tácito: “Eles cultivam os campos de acordo com os nossos costumes e, além disso, têm as palmeiras e o bálsamo. As palmeiras são altas e elegantes, o bálsamo em vez disso é um arbusto”³²⁹. O simples fato de o autor mencionar que a forma de cultivar dos judeus são as mesmas dos romanos, seria uma postura de concórdia entre as partes. É claro que em Josefo essa relação multilateral surge bem mais complexa, como já comentamos, principalmente, quando a ideia de judeus como “vítimas” da guerra, é rebatida, pois ambos os autores, cada ao seu modo, apresentam que existiam problemas internos entre os próprios judeus – mesmo que eles tenham sido agravados pela administração romana na província da Judeia (ver nosso capítulo II).

As informações que Tácito nos apresenta sobre os judeus, certamente são baseadas em autores ou fontes não-judaicas. Identificamos em seu texto, muitas passagens semelhantes às de Lisímaco, Diodoro Sículo, Queremon, Apolônio Mólón, Ápion, que, provavelmente, eram autores utilizados como referências por gregos e romanos ao se remeterem aos judeus, bem mais que às obras de Josefo ou à *Septuaginta* – estas que aparecem bem mais como fontes de autores cristãos como Ireneu, Justino e Eusébio, por exemplo. Boa parte dessas fontes em potenciais de Tácito são duramente rebatidas por Josefo em 93 E.C., sendo que Tácito escreveu *Histórias* por volta de 102-105 E.C..

Para fechar estas considerações, destaquemos a primeira parte de nosso título: *Jerusalém: a última fronteira no Oriente*. Esse título evoca diretamente a ótica romana,

³²⁸ TÁCITO, *Histórias*, V, 12.

³²⁹ TÁCITO, *Histórias*, V, 6.

taciteana da guerra. Tácito escreve: “Tito também teve em vista Roma, sua riqueza e seus prazeres, e se Jerusalém não caísse imediatamente, teria que devolvê-los”.³³⁰ Era necessário que a cidade de Jerusalém estivesse sob controle romano, pois manter os judeus em revolta não seria nada bom para a nova dinastia que estava assumindo o Império. Mas, por outro lado, para os judeus, Jerusalém também seria uma “última fronteira no Oriente”? Deixamos para a reflexão do leitor, após observar a opinião de Tácito sobre isso:

[...] A maioria [dos judeus] estava convencida que, foi escrito nos textos antigos dos sacerdotes [dos judeus], que, naquele momento, o Oriente tinha provado sua força e que os homens saídos da Judeia se tornariam os donos do mundo. Essa obscura profecia predisse a respeito de Vespasiano e Tito, mas a multidão, como de habitual costume dos homens quando desejam qualquer coisa, referem para si mesmos esse grande destino, e até as adversidades, não fazem com que mudem a sua opinião e acreditem na verdade (TÁCITO, *Hist.* V, 13, grifos nossos).

Enfim, antes de encerrarmos, informamos ao leitor que, na Itália, em Roma, existe um Arco do Triunfo – erigido para contar as conquistas de um soberano romano –, construído para celebrar a vitória de Tito sobre os judeus. Nele, estão relevos que encenam a tomada de Jerusalém e o saque dos tesouros e dos símbolos judaicos que estavam presentes no Templo, antes de ser incendiado. Partes dos escombros das muralhas e do Templo foram utilizadas em outras obras arquitetônicas romanas, como em templos e teatros.³³¹

Assim, encerramos nossos estudos neste capítulo III. As demais considerações serão feitas em nossas conclusões finais. Mas assim como nos outros dois capítulos deste trabalho monográfico, orientamos ao leitor que releia todo este capítulo III, antes de prosseguir às conclusões.

³³⁰ TÁCITO, *Histórias*, V, 11.

³³¹ Para saber mais cf.: JOSEFO, BJ, VII, 1-19. Neste cap. 19 de Josefo, o mesmo narra a construção de um “templo da Paz” em Roma, por mando de Vespasiano, e que nele continha ornamentos, objetos e pinturas de muitas culturas que compunham o vasto território do Império, para que aqueles mais curiosos, não precisassem se deslocar da capital. Segundo Josefo, lá também se encontravam o candelabro de ouro (*menorá*), que iluminava o Templo de Jerusalém, a mesa dos sacerdotes e outros objetos (talvez, também as videiras douradas). Ainda menciona Josefo que, o livro das leis judaicas (*Sefer Torá*) e os véus púrpuros do Templo, ficaram guardados no palácio imperial.

Arco do Triunfo de Tito (81 E.C.)



Fig. 07 – Acervo de Jean-Christophe Benoist³³²

Detalhe do relevo no Arco



Fig. 08 – Acervo de A. Hunter Wright³³³

³³² Ele mede 15,4m de altura, 13,5m de largura e 4,75m de profundidade. No Arco lemos a seguinte inscrição: “SENATVS POPVLVSQVE ROMANVS DIVO TITO DIVI VESPASIANI F(ILIO) VESPASIANO AVGVSTO” – *O senado e o povo romano ao divino Tito Vespasiano Augusto, filho do divino Vespasiano.*

³³³ No detalhe: soldados romanos carregando alguns tesouros do Templo como: um dos grandes candelabros que iluminavam o seu interior (à esquerda) e o que parece ser uma das mesas, talvez as sacerdotais (à direita). Para mais informações cf.: CARVALHO, Vânia Maria Faria Floriano de. *As utilizações sociais da memória nos Arcos triunfais de Tito, Septímio Severo e Constantino.* In: II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História da UFG/UCG, Goiânia, p. 1-30, 2009. p. 9-14.

CONCLUSÃO

Caro leitor. Vamos agora retomar os principais pontos que discutimos em cada capítulo, objetivando a conclusão de nossos estudos neste trabalho monográfico.

O que objetivamos no primeiro capítulo? 1) Retomar a discussão dos conceitos básicos de nossa monografia (*Imperialismo, Romanização e Identidade*), previamente apresentados na nossa Introdução; 2) Situar o leitor nos embates e reformas ocorridos na ciência histórica; 3) Reapresentar as nossas principais referências e fontes que possibilitaram a existência deste trabalho. Esse capítulo pretendeu ser o mais teórico e didático da nossa produção. Obviamente não nos limitamos apenas em responder simplesmente esses objetivos. Sentimos a necessidade de tornar a leitura mais lenta, mais destrinchada, para que o leitor menos especializado também pudesse acompanhar os avanços ocorridos na historiografia, bem como a compreensão dos conceitos, estes, fundamentais para a construção dos outros dois capítulos.

Do conceito de *Romanização*, por exemplo, entendemos que foi fundamentado nas ideias das formações coloniais, quando os antropólogos, sociólogos e historiadores fomentavam, principalmente na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, a ideia de que o dominador prevalecia sobre o seu dominado, possibilitando, dessa forma, o uso de outros subconceitos como: *aculturação* e *racismo*. Se observarmos Tácito, no seu *Livro V*, não está clara essa sobrepujança romana, na voz do nosso autor, para com os judeus. Mesmo que Tácito, em muitas passagens, se comporte como um “juiz” ao relatar elementos da cultura judaica – pois essa seria uma das práticas dos historiadores dessa época –, o tom de dominador não prevalece, pois o sistema imperialista romano, como menciona David Mattingly, se transforma, se adequa, é multilateral, maleável e aberto às negociações. O comentário de Tácito que melhor exemplifica essa questão é quando o mesmo “revela” que o sistema imperial trouxe algo de novo para o povo romano, isto é, que um imperador poderia ser escolhido por legiões estacionadas nas províncias.

Isso claramente quebra a ideia de que apenas a casa imperial romana fornecia os príncipes. Até mesmo na primeira ideia de administração imperial, na qual um príncipe que governa absoluto escolheria seu “adotivo” para sucedê-lo, Tácito nos mostra, confirmando as palavras de Mattingly, que após os incidentes de 68-69 E.C., quando os generais Galba, Oto, Vitélio e Vespasiano disputaram (de forma violenta – outro elemento do Imperialismo, como vimos) o poder de Roma com suas legiões adeptas (ver Fig. 05), possibilitaram mais uma nova ordem de sucessões, através de famílias (dinastias). Só com Tácito, já possuímos três

pontos que confirmam o conceito de *Imperialismo* de Mattingly, rebatendo a ideia de *Romanização*. Claro, isso aos nossos olhos.

Seguindo com o nosso capítulo II objetivamos: 1) Contextualizar as relações entre judeus, gregos, cristãos e romanos; 2) Mostrar um pouco de como se deu o domínio romano na Judeia; 3) Apresentar o autor Tácito ao leitor. Assim como no primeiro capítulo, mas, muito mais nesse, apresentamos elementos que encorpam as discussões que propomos para esse, como mapas e uma tabela cronológica. Optamos também por discutir a aplicação de subconceitos como: *religião, exílio, Antigo e Novo Testamentos, Septuaginta, província, império, evergetismo*, dentre outros, para o mundo romano e judaico em seus próprios contextos.

Mais uma vez, apontamos para essa dinâmica proporcionada pelo sistema imperial romano, como defende Mattingly. Com Flávio Josefo, por exemplo, mostramos os mais variados diálogos, acordos, encontros, negociações, que os judeus realizaram com aqueles que se propunham submetê-los a outras “legislações”. O próprio Josefo critica (e é criticado por seu povo ao fazer isso), a atitude pouco cordial de facções judaicas no território da Judeia para com os administradores romanos – tanto Tácito, quanto Josefo, estão se referindo aos zelotes e sicários. Lembramos que essa reflexão feita por Josefo ocorre após a produção de suas obras, a pedido dos príncipes flavianos (dinastia de Vespasiano), pois o mesmo liderou forças judaicas na Galileia contra as legiões romanas durante os embates de 67 E.C.. Por sua vez, Tácito, não sendo judeu, escreve sobre o outro, como diria Hartog, por meio de uma “retórica da alteridade” – não somente por isso, mas porque seria um modelo de observação etnográfica bastante comum entre os autores latinos, sob influência grega. Isso, discutimos no nosso terceiro capítulo.

Ainda no segundo capítulo, através dos autores referenciados, como Vagner Porto (o sistema de domínio romano nas províncias) e Rosana Silva (os efeitos desse domínio na Judeia), pudemos observar mais elementos que integram essa pluralidade oferecida pelo sistema imperial, segundo a ótica de Mattingly. Contudo, devemos alertar que, por exemplo, quando os romanos estabeleceram os governadores na Judeia, mesmo buscando o diálogo com as elites locais, houve muitos desacordos que instigaram o surgimento de facções armadas como foram os zelotes. Rosana Silva nos mostra assim – sendo isso, como diria Mattingly, uma das consequências dos vários lados do sistema imperialista (a paz pela ordem). Significa dizer que, essa relação de domínio, também era mediada pela força – como vemos em Tácito, quando destaca as várias legiões estacionadas nas províncias, e estas não

estavam lá, senão para manter a ordem (*impero*, em latim). Nesse capítulo, mostramos um pouco dessas tensões e negociações.

Chegamos ao terceiro capítulo. Nele objetivamos: 1) Apresentar um pouco da historiografia taciteana; 2) Discutir algumas questões em sua obra *Histórias*; 3) Inserir a tradução para português do *Livro V*, 1-13; 4) Analisar a fonte. Foi nesse capítulo que apresentamos e analisamos a visão do autor romano, tanto da guerra judaica, quanto dos costumes, geografia, política, etc.

Após essa análise, podemos concluir que, parte do olhar de Tácito, para com os judeus, ocorre, como menciona Hartog, pelo “princípio da inversão”, no qual o narrador descreve o outro inserido em seu próprio sistema (*a* e o inverso de *a*). Esse princípio pode ser exemplificado quando o autor romano escreve: “contrário aos de todos os outros homens”, significando, “contrário a nós romanos”. É um tipo de retórica que “esconde” a origem da comparação. Além disso, notamos um pouco da influência estoica no modo como Tácito busca apresentar os costumes judaicos, isto é, utilizando termos como: *superstição* e *absurdo*, uma vez que, os defensores do estoicismo, analisavam bastante o comportamento das pessoas diante das mais variadas situações, tais como: diante dos deuses, da morte, das dificuldades (exemplos). Chegamos à conclusão de que, em sua narrativa, Tácito não está declarando uma particular hostilidade ao mundo judaico, uma vez que esse modelo de escrita apresentada por ele foi bastante comum, no momento em que gregos e latinos pretendiam fazer etnografia de outros povos – e esses povos eram geralmente vistos como *bárbaros* e *não civilizados*. Entendemos também o motivo de Tácito ter dedicado uma parte de sua escrita para falar dos judeus e suas coisas. Isso se deu no momento em que o autor romano pretendia mencionar, de acordo com sua narrativa em *Histórias*, sobre o general Tito, o filho de Vespasiano, de quem o autor construiu uma boa imagem – o mesmo não ocorreu com Domiciano, irmão de Tito.

Sendo assim, o evento da Guerra da Judeia de 70 E.C., e da queda de Jerusalém, foram inseridos para confirmar os triunfos dos flavianos e de suas legiões. Contudo, quando opta por narrar os costumes do povo, não utiliza a Septuaginta (esta que foi utilizada bem mais por judeus e cristãos), mas sim os autores gregos – daí a sua semelhança narrativa com os que praticavam “inversão”, bem como com os modelos estoicos narrativos. Apresentamos superficialmente algumas citações de Lisímaco, Apolônio Mólón, Diodoro Sículo, Queremon, Demócrito, Ápion, dentre outros, o que certamente indica, que Tácito entrou em contato com os escritos desses – ou com quem os utilizavam como fontes. Portanto, mesmo que Tácito não seja devoto de filosofias, ao escrever utilizando como fonte os textos de alguns professores

estoicos, acaba divulgando e historicizando os argumentos deles. Ao fazer isso, Tácito estaria concordando com os seus estudos, opiniões, modelos narrativos e objetivos.

Com isso, concluímos nossas anotações finais, reafirmando a importância do conceito de *Imperialismo* de Mattingly, que possibilita ao historiador moderno, uma análise das relações romanas com as outras formas culturais, que, sobremaneira, existem de forma diversificada, por meio da *negociação* e da *ordem*, sob um mesmo sistema de *dominação* dito *multilateral*, pelo autor inglês. Além disso, reiteramos também a importância do nosso autor romano Tácito, que nos ofereceu uma impressionante opinião e observação da cultura judaica, uma rara narrativa de um autor não-judeu sobre os judeus e sua “funesta” guerra contra os romanos no século I de nossa era.

BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias

GODLEY, A. D. *The Histories of Tacitus – Books III, IV, and V*. London: Macmillan, 1890. 296 f. (Latin version).

TÁCITO. *Histórias*, Livro V, 1-13. (Tradução de Jônatas Ferreira de Lima).

Fontes complementares

ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. *A Águia e a Cruz: Identificação Cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C.* 2003. 222 f. Dissertação – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2003.

BÍBLIA de Jerusalém – versão online (1985). Disponível em: <<http://www.biblionline.net/>>. Acesso em: 28 maio 2013.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade*. São Paulo: UNESP, 2002.

FYFE, W. Hamilton. *Tacitus: The Histories – In two volumes: translated with introduction and notes*. London: Oxford, 1912. 2 v. 245 f. (volume II – Books III-V).

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*, 225-237.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

PAUSÂNIAS, *Descrição da Grécia*, Tomo V: Elida.

PLÍNIO, o jovem. *Cartas*, I, 6; 20

RAMSAY, George Gilbert. *The Histories of Tacitus: an english translation*. London: John Murray, 1915. 463 f.

TÁCITO. *Anais*, I; XV.

_____. *Historiae Libro V – Il popolo ebraico nelle Historiae di Tacito*. Tradução do Livro V para italiano.

_____. The Histories 5.1-13 (on Judeans). In: MOORE, Clifford H. *Tacitus: The Histories*. London: Heinemann, v. 2, 1931. p. 177-199.

TALMUD. Tratado *Meguilá*, 8b.

_____. Tratado *Meguilá*, 9a.

_____. Tratado *Yomá*, 69a

TORÁ (Leis hebraico-judaicas) e Haftarot. Disponível em: <<http://bible.ort.org/>>. Acesso em: 8 abr. 2013.

Referências diretas ao trabalho com a fonte

GUARINELLO, Norberto Luiz. Nero, o estoicismo e a historiografia romana. *Boletim do CPA*, Campinas, n. 1, p. 53-61, jan./jun. 1996.

JOLY, Fábio Duarte. Tácito e o Império Romano. *Revista de História*, p. 69-78, 2010.

MARQUES, Juliana Bastos. Estruturas narrativas nas Histórias de Tácito. *PHOÏNIX*, Rio de Janeiro, 15-1, p. 76-90, 2009.

MATTINGLY, D. J. *Imperialism, power, and identity*. Experiencing the Roman Empire. Princeton: Princeton University Press, 2011.

SCOTT, James. “A retórica da supressão do discurso: a omissão de Tácito do discurso direto nos seus Anais como técnica de difamação do caráter”. *The Ancient History Bulletin*, Calgary, Canadá, v. 12, 1998.

SILVA, Airton José da. *Quem são os Judeus?* Falam Autores Gregos do Século IV a.C. ao Século I d.C. Ayrton's Biblical Page, 2002.

SILVA, David Rodrigues da. *Flávio Josefo e a Apologia Romana – análise sobre a postura ideológica no conteúdo da obra Guerras Judaicas de Flávio Josefo com relação ao cerco de Jerusalém em 70 d.C.* 2008. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de História, Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, 2008.

SYME, R. *Tacitus*. Oxford: Oxford University Press, 1967.

TACITUS (verbete). In: KIEFER, Otto. *Sexual Life in Ancient Rome*. London: Routledge & Kegan Paul, 1934; MARTIN, Ronald H. *Tacitus*. London: Batsford, 1981. Collected by Warren Johansson.

Referências Principais

BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. Roman religion and Roman Empire. In: _____. *Religions of Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

_____. The Boundaries of Roman religion. In: _____. *Religions of Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BLECH, Benjamin. *O mais completo guia sobre Judaísmo*. São Paulo: Sefer, 2004.

BRÉHIER, Émile. *Les idées philosophiques et religieuses de Philon d'Alexandrie*. Paris: J. Vrin, 1950.

BROSHI, Magen. The Archaeology of Palestine – 63 A.E.C.-70 E.C. In: DAVIES, W. D.; HORBURY, W.; STURDY, J. (orgs.). *The Cambridge History of Judaism: volume three – The Early Roman Period*. Cambridge: University Press, 1999.

CALDERONE, S. *Superstitio*, ANRW I. 2, p. 377-396, 1972.

COMBY, J.; LEMONON, J. *Roma em face de Jerusalém: Visão de autores gregos e latinos*. São Paulo: Paulus, 1987.

COSTA JUNIOR, Jorwan Gama da. O imperialismo romano e as especificidades da Judeia: um quadro teórico-conceitual. *Revista Eletrônica Antiguidade Clássica* 7, n. 1, p. 73-86, 2011.

_____. O Posicionamento Farisaico e Essênio frente ao Domínio Romano na Judeia. *Mare Nostrum*, n. 2, 2011.

DAVIES, W. D.; HORBURY, W.; STURDY, J. (orgs.). Map A - Centres of Jewish population in the Herodian period. In: _____. *The Cambridge History of Judaism: volume three – The Early Roman Period*. Cambridge: University Press, 1999.

DOBRORUKA, Vicente. Historiografia helenística em roupagem judaica: Flávio Josefo, história e teologia. In: JOLY, Fábio (org.). *História e retórica. Ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda/FAPESP, 2007.

EICH, Armin; EICH, Peter. War and State-Building in Roman Republican Times. *Scripta Classica Israelica: yearbook of the Israel Society for the Promotion of Classic Studies (ISPCS)*, v. 24, p. 1-33, 2005.

EPSTEIN, Isidore. *Breve História do Judaísmo*. São Paulo: Sefer, 2009.

FANTHAN, Elaine. An Inhibited Generation: Suppression and Survival. In: _____. *Roman Literary Culture from Plautos to Macrobius*. 2. ed. Baltimore: John Hopkins University Press, 2013.

FELDMAN, Sérgio Alberto. Agostinho de Hipona: a necessidade dos judeus na finalidade cristã da História. In: SOUBBOTNIK, Olga M. C. S.; SOUBBOTNIK, Michael. *Enlaces: psicanálise e conexões*. Vitória: GM Gráfica, 2008. p. 85-95.

_____. De *civis romanii a nefariam sectan*: a posição jurídica da minoria judaica no *Codex Theodosianus* (séc. IV e V). *Revista do SBPH*, Curitiba, n. 21, p. 7-16, 2001.

_____. Introdução. In: _____. *Perspectivas da unidade politico-religiosa no reino hispano visigodo de Toledo*: as obras de Isidoro de Sevilha e a questão judaica. 2004. Tese – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, 2004.

_____. Os judeus no imaginário medieval: diabolização de uma minoria. *Tuiuti*, Ciência e Cultura, n. 11, p. 1-15, 1999.

FERREIRA NETO, Edgard. História e Etnia. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERREIRA, Jerusa Pires. O judeu errante: a materialidade da lenda. *Revista Olhar*, a. 2. n. 3. jun. 2000.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.

GARCIA, Afrânio da Silva. A educação romana e o destino do latim peninsular. *Soletras*, São Gonçalo, a. 11. n. 21. jan/jun. 2011.

GIANDOSO, Daniel Marques. *O Diálogo com Trifão de São Justino mártir e a relação entre judeus e cristãos (Século II)*. 2011. 231 f. Dissertação – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2011.

GOODMAN, Martin. Judaea. In: BOWMAN, A.; GARNSEY, P.; RATHBONE, D. *The Cambridge Ancient History* – volume XI: The High Empire, A.D. 70 – 192. Cambridge: University Press, 2007.

GRIMAL, Pierre. *As Cidades Romanas*. Lisboa: Edições 70, 2003.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Império e Imperialismo, realidades antigas e conceitos contemporâneos. In: FELDMAN, S. A.; CAMPOS, A. P.; SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (orgs.). *Os impérios e suas matrizes políticas e culturais*. 1. ed. Vitória: Paris: Flor & Cultura; Université de Paris-Est, 2008.

HALPERN-ZILBERSTEIN, Marie-Christine. The archeology of Hellenistic Palestine. In: DAVIES, W. D.; FINKELSTEIN, Louis. (orgs.). *The Cambridge History of Judaism*: volume two – The Hellenistic Age. Cambridge: University Press, 2007.

HARTOG, F (org.). *A História de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

_____. *O espelho de Heródoto*. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

HOLLADAY, C. R. Fragments from Hellenistic Jewish authors. *Historians (I)*, Chico, California, Scholars Press, 1983.

HORON, Adia. *História de Canaã e do país dos hebreus*. Tel Aviv: Dvir, 2000. (em hebraico).

ISAAC, B. *The origins of racism in classical antiquity*. Princeton: Princeton University Press, 2004.

JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e paideia grega*. Lisboa: Edições 70, 1991.

KAMRIN, Janice. *Ancient Egyptian hieroglyphs: a practical guide*. New York: Harry N. Abrams, Inc., Publishers, 2004. p. 13-24.

LÉVÊQUE, P., *O mundo helenístico*. Lisboa: Edições 70, 1987.

LIMA, Junio Cesar Rodrigues. Titus Flavius Josephus por Yossef ben Matitiah ha-Cohen: quem escreveu “Guerra dos Judeus”? In: I ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO, *Anais...* Rio de Janeiro: NEA/UERJ, out. 2009.

LIMA, Luís Felipe Silvério. Superstições e Religiosidade na *Res Publica*: Espaços de Poder? *Mirabilia 02: Expressar lo Divino: Lenguaje, Arte y Mística*, p. 62-72, dez. 2002.

MARQUES, Juliana Bastos. *Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito*. 2007. 258 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2007.

MATTINGLY, David. Dialogues of Power in the Roman Empire. *Journal of Roman Archaeology*, suppl. 23. Portsmouth, Rhode Island, 1997.

MELO, José Joaquim Pereira. *A educação e o Estado Romano*. 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1331/1140>>. Acesso em: 28 abr. 2013.

MILIKOWSKY, Chaim. Notions of exile, subjugation and return in rabbinic literature. In: SCOTT, James M. (org.). *Exile. Old Testament, jewish and Christian Conceptions*. Leiden: Brill, 1997.

MILLAR, Fergus. The Roman city-state under the emperors, 29 BC-AD 69. *Prudentia*, supplementary number, 1998.

MOUNT, Christopher. *Pauline Christianity: Luke-Acts and the Legacy of Paul*. Leiden: Brill, 2002.

NASCIMENTO, Dax Fonseca M. P. Fílon de Alexandria e a Tradição Filosófica. *Revista Eletrônica Metavóia*, São João del-Rei, n. 5, p. 55-80, jul. 2003.

PAUL, André. *O que é intertestamento?* São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

PORTO, Vagner Carvalheiro. *Imagens monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana (séc. II a.C. e séc. II d.C.)*. 2007. 262 f. Tese (Tomo I) – Faculdade de Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2007. – Tomo II (379 f.).

RICH, J.; SHIPLEY, G. Fear, greed and glory: the causes of roman war-making in the middle Republic. In: _____. *War and Society in the Roman World*. Londres; Nova York: Routledge, 1993.

RICHADSON, John. The administration of the empire. In: CROOK, J. A.; RAWSON, E.; LINTOTT, A. *The Cambridge Ancient History – volume IX: The Last Age of the Roman Republic, 146-43 B.C.* Cambridge: University Press, 2006.

RODRIGUES, Nuno Simões. O processo de Pompónia Grecina, um caso de opressão religiosa no século I d.C. *Humanitas* 61, Universidade de Lisboa, p. 107-126, 2009.

ROIZ, Diogo da Silva. A história de Homero a Santo Agostinho de Hartog – Resenha. *Revista de História Regional*, 13 (1): 154-164, Verão, 2008.

SAND, Shlomo. *A invenção do povo Judeu: da Bíblia ao sionismo*. São Paulo: Benvirá, 2011.

SANTOS, Samuel Nunes dos. Criticismo neotestamentário e os evangelhos enquanto fontes histórico-biográficas para construção de uma *Vita* de Jesus. *RJHR* 1:1, 2010.

SELVATICI, Monica. A recriação da identidade judaica na cidade de Alexandria no século I d.C. *ORACULA* 4.8, 2008.

_____. *Os Judeus Helenistas e a Primeira Expansão Cristã: Questões de Narrativa, Visibilidade Histórica e Etnicidade no livro dos Atos dos Apóstolos*. 2006. 233 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2006.

SILVA, Rosana Martins dos Santos. O fracasso do evergetismo romano na Judeia. *WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 2, n. 1, jan./jun. 2010.

SPIRO, Rabbi Ken. *Greek Persecution*. Jewish Pathways, 2008.

STERN, M. Greek and Latin Authors on Jews and Judaism (I-III). Jerusalem: *The Israel Academy of Sciences and Humanities*, 1976; 1984.

TCHERIKOVER, Victor; FUKS, A. (eds.). *Corpus Papyrorum Judaicarum*. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

VASQUES, Márcia Severina. *Crenças funerárias e identidade cultural no Egito romano: máscaras de múmia*. 2005. 161 f. Tese (Tomo I) – Faculdade de Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2005. – Tomo II (215 f.).

VEYNE, Paul (org.). *História da Vida Privada, 1: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WHITTAKER, C. R. Imperialism and culture: the Roman initiative. *Journal of Roman Archaeology*, suppl. 23. 1997.

WOLFF, E. Das geschichtliche Verstehen in Tacitus *Germania*. *Hermes*, 69, 1934.

YUVAL, Israel Jacob. O mito do exílio da terra: tempo judaico e tempo cristão. *Alpayim*, 29, 2005. (em hebraico).

ZARA, Erik. *The Chrestianos Issue in Tacitus Reinvestigated*. 2009. Disponível em: <<http://www.ebook-downloader.com/search/cf+50-1>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

Referências complementares

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ARZANI, Alessandro. Sacrifícios pagãos, judaicos e cristãos nos escritos de Justino Mártir. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, *Anais...* São Paulo, jun. 2011.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus. 2007.

BAGNIEWSKI, Alexandre Bermudez. Repensando a teoria da Alteridade e a obra de Josefo. *Oracula*, São Paulo, 4.7, 2008.

BENTWICH, Norman. *Josephus*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1914.

_____. *Philo-Judaeus of Alexandria*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1910.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOWMAN, A.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. *The Cambridge Ancient History – volume X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69*. Cambridge: University Press, 2006.

BOWMAN, A.; GARNSEY, P.; RATHBONE, D. *The Cambridge Ancient History – volume XI: The High Empire, A.D. 70 – 192*. Cambridge: University Press, 2007.

BRAUDEL, Fernand. *Memórias do Mediterrâneo: Pré-História e Antiguidade*. Lisboa: Terramar, 2001.

BUSTAMANTE, R. M. da C. Práticas culturais no Império Romano: entre a unidade e a diversidade. In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. (org.). *Repensando o Império Romano*. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória: EDUFES, 2006.

CANDIDO, Maria Regina (org.). *Roma e as sociedades da Antiguidade: política, cultura e economia*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2008.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Sociedades do antigo Oriente próximo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005, p. 82).

CARRIÉ, Jean-Michel; GAIA, Deivid Valério. Elitismo cultural e “democratização da cultura” no Império Romano Tardio. In: Conferência de abertura do XI CEAM e I GEAM / LEIR da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus Franca. ago. 2009.

CARVALHO, Vânia Maria Faria Floriano de. *As utilizações sociais da memória nos Arcos triunfais de Tito, Septímio Severo e Constantino*. In: II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História da UFG/UCG, Goiânia, p. 1-30, 2009.

CHEVITARESE, André Leonardo. Fronteiras culturais no mediterrâneo antigo: gregos e judeus nos períodos arcaico, clássico e helenístico. *POLITEIA: História e Sociedade, Vitória da Conquista*, v. 4, n. 1, p. 69-82, 2004.

COMAY, Joan. *Quem é quem no antigo testamento*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

COSTA JUNIOR, Jorwan Gama da. A aplicação do conceito de resistência ideológica nas moedas judaicas da primeira revolta dos Judeus contra os romanos. In: *RJHR IV*: 6, 2011.

DAVIES, W. D.; HORBURY, W.; STURDY, J. (orgs.). *The Cambridge History of Judaism: volume three – The Early Roman Period*. Cambridge: University Press, 1999.

DEGAN, Alex. A identidade incômoda: uma proposta de leitura do *Bellum Judaicum* de Flávio Josefo. *POLITEIA: História e Sociedade, Vitória da Conquista*, v. 9, n. 1, p. 213-237, 2009.

_____. As lágrimas e o historiador: uma leitura de Guerra Judaica. *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 5, p. 21-32, set. 2010.

_____. Josefo, História e Memória do judaísmo. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS – LASA, *Anais...* Rio de Janeiro, 11-14 jun. 2009.

DIOP, Cheikh Anta. Origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, Gamal (ed.). *História geral da África*, II: África antiga. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 1-36.

DOBRORUKA, Vicente. O papel da apocalíptica como elemento explicativo na Guerra dos Judeus. In: *UFOP: IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos / XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC, Anais...* 5-10 ago. 2001.

_____. Novas reflexões sobre a identidade dos *zonoforoí* no “Oráculo do oleiro” e no Bahman Yast. *Revista Múltipla*, Brasília, 19 (25): 93-103, dez. 2008.

DOSSE, François. *A História*. Bauru: EDUSC, 2003.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: formação do Estado e Civilização*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, v.2, 1993.

FELDMAN, Sergio Alberto. A presença do Diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, ano 4, n. 2, p. 1-14, 2007.

FLORENZANO, Maria Beatriz. Roma. In: _____. *O mundo antigo: economia e sociedade*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FRANCHINI, A. S. *As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana*. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo A. *A vida quotidiana na Roma antiga*. São Paulo: Annablume, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo et al. (org.). *As religiões que o mundo esqueceu: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses*. São Paulo: Contexto, 2009.

GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GAMA, Cintia Alfieri. *Os servidores funerários da coleção egípcia do Museu Nacional: catálogo e interpretação*. 2008. 524 f. Dissertação – Faculdade de Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Crônicas e História da terra de Vera Cruz*. 1576.

GARRAFONE, Renata Senna. Romanos. In: FUNARI, Pedro Paulo et al. (org.). *As religiões que o mundo esqueceu: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses*. São Paulo: Contexto, 2009.

GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Ordem, Integração e Fronteiras no Império Romano: um ensaio. *Mare Nostrum*, v. 1, p. 113-127, 2010.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. 'Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História nacional'. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HIGOONET, Charles. A escrita chinesa. In: _____. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003.

JOLY, Fábio Duarte. A Escravidão no Centro do Poder: Observações Acerca Da Família Caesaris. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais (UFRB)*, v. 4, ano 4, n. 1, jan./fev./mar. 2007.

_____. Tácito e a metáfora da escravidão. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 26, n. 52, p. 297-300, 2006.

KANTOR, Mattis. *The Jewish Time Line Encyclopedia: a year-by-year History from creation to the present*. Jason Aronson, Inc., 1993.

KATZ, Steven (org.). *The Cambridge History of Judaism: volume IV – The Late Roman-Rabbinic Period*. Cambridge: University Press, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LATIMER, Elizabeth Wormeley. *Judea: from Cyrus to Titus – 537 B.C. – 70 A.D.* Chicago: A.C. McClurg and Company, 1899.

LAVENCY, Marius et all. *Manuel de latin pour la première année d'observation*. 2. ed. Louvain-la-Nueve: Éditions Duculot, 1995. (Tradução de Alzir Oliveira).

LE GOFF; LADURIE; DUBY; DE CERTEAU; VEYNE; ARIÈS; NORA; et al. *A nova História*. Lisboa: edições 70, 1977.

LIEU, Judith; NORTH, John; RAJAK, Tessa. *The jews among pagans and christians: in the Roman Empire*. London; New York: Routledge, 1994.

LIMA, Junio Cesar Rodrigues. Entre Roma e Jerusalém: tolerância e intolerância religiosa entre judeus e romanos na Bitínia do século II d.C. *Gaia*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 72-99, 2011.

LIMA, Vanessa Vieira de. *A Revolta de Sertório e a Crise Republicana do Século I a. C.: Uma visão das práticas de dominação imperialista romana nas Hispânicas*. 2010. 190 f. Dissertação – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2010.

LOBIANCO, Luís Eduardo. *O Outono da Judéia (séculos I a.C. – I d.C.): resistência e guerras judaicas sob o domínio romano – Flávio Josefo e sua narrativa*. 1999. 209 f. Dissertação – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 1999.

LUCENA, C. T.; GUSMÃO, N. M. M. de. *Discutindo identidades*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006.

LUTZ, Adolpho. Problemas que se ligam ao estudo da lepra. In: *Trabalhos sobre Hanseníase*. p. 501-506. 1922.

MACEDO, Fábio; AREND, Silvia. Sobre a História do Tempo Presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201-216, jan/jun. 2009.

MARQUES, Juliana Bastos. *O Capitólio como representação de Roma em Tito Lívio e Augusto*. 12 f. Disponível em: <http://www.pej-unb.org/downloads/art_capitolio.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2011.

_____. *Um ciclo dos costumes em Tácito? Anais* 3.55. 2005.

MARTINS, Paulo. Os bons, os maus e os feios. *Discutindo Literatura*, São Paulo, v. 19, p. 22-26, 15 ago. 2007.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. Revista do IHGB. Rio de Janeiro 6 (24): 389 - 411. Janeiro de 1845. (Revista Trimestral de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. N. 24, janeiro de 1845).

MATA, Sérgio da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MELO, João Wilson Mendes. *Introdução ao estudo da história*. 4. ed. Natal: EDUFRN, 1997.

MENDES, Norma Musco. Império e Romanização: “estratégias”, dominação e colapso. *Brathair* 7 (1), p. 25-48, 2007.

MENDES, Norma Musco; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; DAVIDSON, Jorge. A Experiência Imperialista Romana: Teorias e Práticas. *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 17-41, 2005.

MILLAR, Fergus. From Judaea to Syria Palaestina. In: _____. *The Roman Near East*. London: Harvard University; Cambridge, Massachusetts, 2001.

MOKHTAR, G. Introdução Geral. In: ____ (ed.). *História geral da África, II: África antiga*. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

MONTE, Marcel Paiva. Os essênios na obra de Flávio Josefo: algumas considerações, sob a perspectiva da utopia. *Revista Sapiens: História, Patrimônio e Arqueologia*, n. 2, p. 90-111, dez. 2009.

NASCIMENTO, Samuel Martins. *A concepção de História em Flávio Josefo: o judeu de Roma*. 2008. 164 f. Dissertação – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá, 2008.

_____. Josefo e sua obra Guerra dos Judeus. In: IV JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS DA UEM, *Anais... Transformação Social e Educação*, Brasília: PEJ/UEM, 2006.

NELSON, T. *The Fall of Jerusalem and The Roman Conquest of Judaea*. London: T. Nelson & Sons, Paternoster Row, 1885.

PEIXOTO, Renato Amado ‘Enformando a Nação: a construção do espaço nacional no projeto historiográfico do IHGB e seu exame por meio do estudo cartográfico’. In: _____. *Cartografias imaginárias: estudos sobre a construção do espaço nacional e a relação História & Espaço*. Natal: EDUFRRN, 2011, p. 11-48.

PEREIRA, Virgínia Soares. Plínio e a sombra tutelar de Cícero. *Revista Ágora: Estudos Clássicos em Debate* 8, Universidade do Minho, p. 79-104, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINSKY, Jaime (org.). *O ensino de história e a criação do fato*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

POLIAKOV, Léon. *De Cristo aos judeus da corte*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

RAWLINSON, George. *A Manual of Ancient History: from the earliest times to the fall of the Western Empire*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1888.

REIS, José Carlos. *A História, entre a filosofia e a ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ROCHA, Ivan Esperança. Dominadores e dominados na Palestina do século I. *História*, São Paulo, n. 23, 2004.

RODRIGUES, Nuno Simões. Flávio Josefo e a “invenção” da Teocracia. *HVMANITAS*, Lisboa, v. LII, p. 195-212, 2000.

ROIZ, Diogo da Silva. As narrativas de fronteira e a construção de identidades. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 43, n. 1, p. 303-308, abr. 2009.

ROSA, Claudia Beltrão da. A Religião na Urbs. In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. (org.). *Repensando o Império Romano*. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória: EDUFES, 2006.

RÜSEN, Jörn. *Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história*. 2009.

RUSSELL, John. *History of Greece and Rome, including Judea, Egypt, and Carthage* (arranged for the use of schools). Philadelphia: Lindsay & Blakiston. 1854.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, João Henrique dos. Os deuses em armas: apontamentos sobre a batalha de Beit-Horon. *E-PREMISSAS: Revista de estudos estratégicos*, n. 2, jan./jun. 2007.

SCHWARCZ, Lílian K. M. O nascimento dos museus brasileiros, 1870-1910. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais: IDESP, 1989.

SENA PERA, Juan Pablo. *O antijudaísmo de Justino Mártir no Diálogo com Trifão*. 2009. 138 f. Dissertação – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória, 2009.

SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a Lança: a África antes dos Portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira; MOTTA, Taíse Figueira. Problemas de Interpretação e Verdade na Escrita da História Antiga. In: FUNARI, P. P. A.; SILVA, Glaydson; MARTINS, Adilton. (orgs.). *História antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2011.

SPIRO, Rabbi Ken. *Roman Empire. Jewish Pathways*, 2008.

_____. *War for Jerusalem. Jewish Pathways*, 2008.

STAPFER, Edmond. *Palestine in the Time of Christ*. Translated by Annie Harwood Holmden. ed. 3. New York: A.C. Armstrong and Son, 1885.

THEML, Neyde. Este “admiravel mundo novo”. *Phoînix*, Rio de Janeiro, 7: 11-20, 2001.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

VAINFAS, Ronaldo (et al.). *História: das sociedades sem Estado às monarquias absolutistas*. São Paulo: Saraiva, v. 1, 2010.

VELOSO, Maria Caroline. O “governante do mundo” Oriental: Josefo, Tácito e Suetônio sobre um Oráculo Popular (Ensaio). In: *UFOP: IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos / XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC*, 5-10 ago. 2001.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. As palavras e as idéias: o poder na Antiguidade. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 60, maio 2006.

_____. Estoicismo e imperium: a virtus do homem político romano. *Acta Scientiarum – Education*, Maringá, v. 33, n. 2, p. 175-181, 2011.

WARD-PERKINS, Bryan. *The Fall of Rome and the end of civilization*. Oxford: Oxford University Press, 2005. Resenha de: GOBBARDO, Gabriel Requia. *Aedos: Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS*, v. 2, n. 5, jul/dez 2009.

WOLPO, Shalom Dov. *Conceitos Judaicos*. São Paulo: Lubavitch, 2010.

Dicionários

HACQUARD, G. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Lisboa: Edições ASA, 1996.

HARVEY, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

HATZAMRI, Abraham; HATZAMRI, Shoshana. *Dicionário: português-hebraico*. São Paulo: Sêfer, 2000.

INSTITUTO Antônio Houaiss. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Marcos Antônio da. *Dicionário de Hebraico Bíblico de Brown, Driver e Briggs (BDB) como modelo de sistema lexical bilíngüe – um estudo da lexicografia hebraica bíblica moderna*. 2008. 211 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2008.

ANEXO A – FYFE (1912)

FYFE, W. Hamilton. *Tacitus: The Histories* – In two volumes: translated with introduction and notes. London: Oxford, 1912. (volume II – Books III-V).

TACITUS
THE HISTORIES

TRANSLATED WITH INTRODUCTION AND NOTES

BY

W. HAMILTON FYFE

FELLOW OF MERTON COLLEGE

IN TWO VOLUMES

VOLUME II

OXFORD

AT THE CLARENDON PRESS

1912

BOOK V

THE CONQUEST OF JUDAEA

I EARLY in this same year¹ Titus Caesar had been entrusted by his father with the task of completing the reduction of Judaea.² While he and his father were both still private citizens, Titus had distinguished himself as a soldier, and his reputation for efficiency was steadily increasing, while the provinces and armies vied with one another in their enthusiasm for him. Wishing to seem independent of his good fortune, he always showed dignity and energy in the field. His affability called forth devotion. He constantly helped in the trenches and could mingle with his soldiers on the march without compromising his dignity as general. Three legions awaited him in Judaea, the Fifth, Tenth, and Fifteenth, all veterans from his father's army. These were reinforced by the Twelfth from Syria and by detachments of the Twenty-second and the Third,³ brought over from Alexandria. This force was accompanied by twenty auxiliary cohorts and eight regiments of auxiliary cavalry besides the Kings Agrippa and Sohaemus, King Antiochus' irregulars,⁴ a strong force of Arabs, who had a neighbourly hatred for the Jews, and a crowd of persons who had come from Rome and the rest of Italy, each tempted by the hope of securing

¹ A. D. 70.

² See ii. 4; iv. 51.

³ XXII Deictariana and III Cyrenaica.

⁴ Cp. ii. 4.

the first place in the prince's still unoccupied affections. With this force Titus entered the enemy's country at the head of his column, sending out scouts in all directions, and holding himself ready to fight. He pitched his camp not far from Jerusalem.

Since I am coming now to describe the last days ² of this famous city, it may not seem out of place to recount here its early history. It is said that the Jews are refugees from Crete,¹ who settled on the confines of Libya at the time when Saturn was forcibly deposed by Jupiter. The evidence for this is sought in the name. Ida is a famous mountain in Crete inhabited by the Idaei,² whose name became lengthened into the foreign form Judaei. Others say that in the reign of Isis the superfluous population of Egypt, under the leadership of Hierosolymus and Juda, discharged itself upon the neighbouring districts, while there are many who think the Jews an Ethiopian stock, driven to migrate by their fear and dislike of King Cepheus.³ Another tradition makes them Assyrian refugees,⁴ who,

¹ There seems little to recommend Tacitus' theory of the identity of the Idaei and Judaei, though it has been suggested that the Cherethites of 2. Sam. viii. 18 and Ezek. xxv. 16 are Cretans, migrated into the neighbourhood of the Philistines. The Jewish Sabbath (Saturn's day) seems also to have suggested connexion with Saturn and Crete.

² Elsewhere the Idaei figure as supernatural genii in attendance on either Jupiter or Saturn.

³ Ethiopian here means Phoenician. Tradition made Cepheus, the father of Andromeda, king of Joppa.

⁴ From Damascus, said Justin, where Abraham was one of their kings, and Trogus Pompeius adds that the name of

lacking lands of their own, occupied a district of Egypt, and later took to building cities of their own and tilling Hebrew territory and the frontier-land of Syria. Yet another version assigns to the Jews an illustrious origin as the descendants of the Solymi—a tribe famous in Homer¹—who founded the city and called it *Hierosolyma* after their own name.²

3 Most authorities agree that a foul and disfiguring disease once broke out in Egypt, and that King Bocchoris,³ on approaching the oracle of Ammon and inquiring for a remedy, was told to purge his kingdom of the plague and to transport all who suffered from it into some other country, for they had earned the disfavour of Heaven. A motley crowd was thus collected and abandoned in the desert. While all the other outcasts lay idly lamenting, one of them, named Moses, advised them not to look for help to gods or men, since both had deserted them, but to trust rather in themselves and accept as divine the guidance of the first being by whose aid they should get out of their present plight. They agreed, and set out blindly to march wherever chance might lead them.

Abraham was honourably remembered at Damascus. These are variants of the Biblical migration of Abraham.

¹ *Il.* vi. 184; *Od.* v. 282.

² Another piece of fanciful philology, based on a misinterpretation of a Greek transliteration of the name Jerusalem. The Solymi are traditionally placed in Lycia. Both Juvenal and Martial use Solymus as equivalent to Judaeus.

³ The only known King Bocchoris belongs to the eighth century B. C., whereas the Exodus is traditionally placed not later than the sixteenth.

Their worst distress came from lack of water. When they were already at death's door and lying prostrate all over the plain, it so happened that a drove of wild asses moved away from their pasture to a rock densely covered with trees. Guessing the truth from the grassy nature of the ground, Moses followed and disclosed an ample flow of water.¹ This saved them. Continuing their march for six successive days, on the seventh they routed the natives and gained possession of the country. There they consecrated their city and their temple.

To ensure his future hold over the people, Moses 4 introduced a new cult, which was the opposite of all other religions. All that we hold sacred they held profane, and allowed practices which we abominate. They dedicated in a shrine an image of the animal² whose guidance had put an end to their wandering and thirst. They killed a ram, apparently as an insult to Ammon, and also sacrificed a bull, because the Egyptians worship the bull Apis.³ Pigs are subject to leprosy; so they abstain from pork in memory of their misfortune and the foul plague with which they were once infected. Their frequent fasts⁴ bear

¹ See Exod. xvii.

² i. e. an ass. The idea that this animal was sacred to the Jews was so prevalent among 'the Gentiles' that Josephus takes the trouble to refute it.

³ Cp. Lev. xvi. 3, 'a young bullock for a sin offering, and a ram for a burnt offering.' Tacitus' reasons are of course errors due to the prevalent confusion of Jewish and Egyptian history.

⁴ Cp. Luke xviii. 12, 'I fast twice a week.'

witness to the long famine they once endured, and, in token of the corn they carried off, Jewish bread is to this day made without leaven. They are said to have devoted the seventh day to rest, because that day brought an end to their troubles.¹ Later, finding idleness alluring, they gave up the seventh year as well to sloth.² Others maintain that they do this in honour of Saturn;³ either because their religious principles are derived from the Idaeii, who are supposed to have been driven out with Saturn and become the ancestors of the Jewish people; or else because, of the seven constellations which govern the lives of men, the star of Saturn moves in the topmost orbit and exercises peculiar influence, and also because most of the heavenly bodies move round⁴ their courses in multiples of seven.

5 Whatever their origin, these rites are sanctioned by their antiquity. Their other customs are impious and abominable, and owe their prevalence to their depravity. For all the most worthless rascals, renouncing their national cults, were always sending money to swell the sum of offerings and tribute.⁵ This is one cause of Jewish prosperity. Another is that they

¹ Cp. Deut. v. 15.

² Cp. Lev. xxv. 4, '...in the seventh year shall be a sabbath of solemn rest for the land, a sabbath unto the Lord: thou shalt neither sow thy field, nor prune thy vineyard.'

³ The seventh day being named after Cronos or Saturn (cp. chap. 2, note 1). ⁴ Reading *commeent* (Wölfflin).

⁵ This refers to proselytes, who, like Jews resident abroad, contributed annually to the Temple treasury. They numbered at this time about four millions. Romans naturally regarded this diversion of funds with disfavour.

are obstinately loyal to each other, and always ready to show compassion, whereas they feel nothing but hatred and enmity for the rest of the world.¹ They eat and sleep separately. Though immoderate in sexual indulgence, they refrain from all intercourse with foreign women: among themselves anything is allowed.² They have introduced circumcision to distinguish themselves from other people. Those who are converted to their customs adopt the same practice, and the first lessons they learn are to despise the gods,³ to renounce their country, and to think nothing of their parents, children, and brethren. However, they take steps to increase their numbers. They count it a crime to kill any of their later-born children,⁴ and they believe that the souls of those who die in battle or under persecution are immortal.⁵ Thus they think

¹ Jewish exclusiveness always roused Roman indignation, and 'hatred of the human race' was the usual charge against Christians (see *Ann.* xv. 44).

² The strict regulations of Deut. xxii. &c. give a strange irony to this slander. Most of these libels originated in Alexandria.

³ 'A people,' says the elder Pliny, 'distinguished by their contemptuous atheism.'

⁴ *Agnati*, as used here and in *Germ.* 19 means a child born after the father has made his will and therein specified the number of his children. The mere birth of such a child invalidated any earlier will that the father had made, but the fact of its birth might be concealed by making away with the baby. This crime seems to have been not uncommon, but there is no evidence that 'exposure of infants' was permitted.

⁵ Josephus also alludes to this belief that the corruption of disease chained the soul to the buried body, while violent death freed it to live for ever in the air and protect posterity.

much of having children and nothing of facing death. They prefer to bury and not burn their dead.¹ In this, as in their burial rites, and in their belief in an underworld, they conform to Egyptian custom. Their ideas of heaven are quite different. The Egyptians worship most of their gods as animals, or in shapes half animal and half human. The Jews acknowledge one god only, of whom they have a purely spiritual conception. They think it impious to make images of gods in human shape out of perishable materials. Their god is almighty and inimitable, without beginning and without end. They therefore set up no statues in their temples, nor even in their cities, refusing this homage both to their own kings and to the Roman emperors. However, the fact that their priests intoned to the flute and cymbals and wore wreaths of ivy, and that a golden vine was found in their temple² has led some people to think that they worship Bacchus,³ who has so enthralled the East. But their cult would be most inappropriate. Bacchus instituted gay and cheerful rites, but the Jewish ritual is preposterous and morbid.

¹ Under the kings cremation was an honourable form of burial, but in Babylon the Jews came to regard fire as a sacred element which should not be thus defiled.

² This was over the door of the Temple. Aristobulus gave it as a present to Pompey.

³ Plutarch shared this error, which seems somehow to have been based on a misinterpretation of the Feast of Tabernacles, at which they were to 'take . . . the fruit of goodly trees, . . . and willows of the brook; and . . . rejoice before the Lord your God seven days' (Lev. xxiii. 40).

The country of the Jews is bounded by Arabia on the east, by Egypt on the south, and on the west by Phoenicia and the sea. On the Syrian frontier they have a distant view towards the north.¹ Physically they are healthy and hardy. Rain is rare; the soil infertile; its products are of the same kind as ours with the addition of balsam and palms. The palm is a tall and beautiful tree, the balsam a mere shrub. When its branches are swollen with sap they open them with a sharp piece of stone or crockery, for the sap-vessels shrink up at the touch of iron. The sap is used in medicine. Lebanon, their chief mountain, stands always deep in its eternal snow, a strange phenomenon in such a burning climate. Here, too, the river Jordan has its source² and comes pouring down, to find a home in the sea. It flows undiminished through first one lake, then another, and loses itself in a third.³ This last is a lake of immense size, like a sea, though its water has a foul taste and a most unhealthy smell, which poisons the surrounding inhabitants. No wind can stir waves in it: no fish or sea-birds can live there. The sluggish water supports whatever is thrown on to it, as if its surface were solid, while those who cannot swim float on it as easily as those who can. Every year at the same time the lake yields asphalt. As with other arts, it is experience which shows how to collect it. It is a black liquid which, when congealed with a

¹ Over Coele-Syria, from the range of Lebanon.

² i. e. from Mount Hermon, nearly 9,000 feet high.

³ Merom; Gennesareth; the Dead Sea.

sprinkling of vinegar, floats on the surface of the water. The men who collect it take it in this state into their hands and haul it on deck. Then without further aid it trickles in and loads the boat until you cut off the stream. But this you cannot do with iron or brass: the current is turned by applying blood or a garment stained with a woman's menstrual discharge. That is what the old authorities say, but those who know the district aver that floating blocks of asphalt are driven landwards by the wind and dragged to shore by hand. The steam out of the earth and the heat of the sun dries them, and they are then split up with axes and wedges, like logs or blocks of stone.

- 7 Not far from this lake are the Plains, which they say were once fertile and covered with large and populous cities which were destroyed by lightning.¹ Traces of the cities are said to remain, and the ground, which looks scorched, has lost all power of production. The plants, whether wild or artificially cultivated, are blighted and sterile and wither into dust and ashes, either when in leaf or flower, or when they have attained their full growth. Without denying that at some date famous cities were there burnt up by lightning, I am yet inclined to think that it is the exhalation from the lake which infects the soil and poisons the surrounding atmosphere. Soil and climate being equally deleterious, the crops and fruits all rot away.

¹ 'Then the Lord rained upon Sodom and upon Gomorrah brimstone and fire from the Lord out of heaven; and he overthrew those cities, and all the Plain' (Gen. xix. 24).

The river Belus also falls into this Jewish sea. Round its mouth is found a peculiar kind of sand which is mixed with native soda and smelted into glass. Small though the beach is, its product is inexhaustible.

The greater part of the population live in scattered 8 villages, but they also have towns. Jerusalem is the Jewish capital, and contained the temple, which was enormously wealthy. A first line of fortifications guarded the city, another the palace, and an innermost line enclosed the temple.¹ None but a Jew was allowed as far as the doors: none but the priests might cross the threshold.² When the East was in the hands of the Assyrians, Medes and Persians, they regarded the Jews as the meanest of their slaves. During the Macedonian ascendancy³ King Antiochus⁴ endeavoured to abolish their superstitions and to introduce Greek manners and customs. But Arsaces at that moment rebelled,⁵ and the Parthian war prevented him from effecting any improvement in the character of this grim people. Then, when Macedon waned, as the Parthian power was not yet ripe and Rome was

¹ These were not concentric, but an enemy approaching from the north-west would have to carry all three before reaching the temple, which stood on Mount Moriah at the eastern extremity of the city.

² Cp. Luke i. 8-10, where Zacharias entered the temple to burn incense, 'and the whole multitude of the people were praying without.'

³ The Seleucids. ⁴ Antiochus Epiphanes (176-164 B. C.).

⁵ This was really in the reign of Antiochus II (260-245 B. C.).

still far away, they took kings of their own.¹ The mob were fickle and drove them out. However, they recovered their throne by force; banished their countrymen, sacked cities, slew their brothers, wives, and parents, and committed all the usual kingly crimes. But this only fostered the hold of the Jewish religion, since the kings had strengthened their authority by assuming the priesthood.

9 Cnaeus Pompeius was the first Roman to subdue the Jews and set foot in their temple by right of conquest.² It was then first realized that the temple contained no image of any god: their sanctuary was empty, their mysteries meaningless. The walls of Jerusalem were destroyed, but the temple was left standing. Later, during the Roman civil wars, when the eastern provinces had come under the control of Mark Antony, the Parthian Prince Pacorus seized Judaea,³ and was killed by Publius Ventidius. The Parthians were driven back over the Euphrates, and Caius Sosius⁴ subdued the Jews. Antony gave the kingdom to Herod,⁵ and Augustus, after his victory, enlarged it. After Herod's death, somebody called

¹ Of the Hasmonean or Maccabean family.

² 63 B. C. when he was called in to decide between Aristobulus II and Hyrcanus.

³ At the invitation of the Maccabean Antigonus, who thus recovered the throne.

⁴ Ventidius and Sosius were Antony's officers. The former was famous as having begun life as a mule-driver and risen to be a consul and to hold the first triumph over the Parthians.

⁵ Herod the Great, who on the return of Antigonus had fled to Rome and chosen the winning side.

Simon,¹ without awaiting the emperor's decision, forcibly assumed the title of king. He was executed by Quintilius Varus, who was Governor of Syria; the Jews were repressed and the kingdom divided between three of Herod's sons.² Under Tiberius all was quiet. Caligula ordered them to put up his statue in the temple. They preferred war to that. But Caligula's death put an end to the rising.³ In Claudius' reign the kings had all either died or lost most of their territory. The emperor therefore made Judaea a province to be governed by Roman knights or freedmen. One of these, Antonius Felix,⁴ indulged in every kind of cruelty and immorality, wielding a king's authority with all the instincts of a slave. He had married Drusilla, a granddaughter of Antony and Cleopatra, so that he was Antony's grandson-in-law, while Claudius was Antony's grandson.⁵

The Jews endured such oppression patiently until IO the time of Gessius Florus,⁶ under whom war broke out. Cestius Gallus, the Governor of Syria, tried to crush it, but met with more reverses than victories. He died, either in the natural course or perhaps of disgust, and Nero sent out Vespasian, who, in a couple of campaigns,⁷ thanks to his reputation, good fortune, and able subordinates, had the whole of the country

¹ One of Herod's slaves.

² Archelaus, Herod Antipas, and Philip.

³ A. D. 40.

⁴ A freedman, Procurator of Judaea, A. D. 52-60 (cp. Acts xxiv).

⁵ Claudius' mother, Antonia, was the daughter of Antony's first marriage.

⁶ A. D. 64-66.

⁷ A. D. 67 and 68.

districts and all the towns except Jerusalem under the heel of his victorious army. The next year¹ was taken up with civil war, and passed quietly enough as far as the Jews were concerned. But peace once restored in Italy, foreign troubles began again with feelings embittered on our side by the thought that the Jews were the only people who had not given in. At the same time it seemed best to leave Titus at the head of the army to meet the eventualities of the new reign, whether good or bad.

II Thus, as we have already seen,² Titus pitched his camp before the walls of Jerusalem and proceeded to display his legions in battle order. The Jews formed up at the foot of their own walls, ready, if successful, to venture further, but assured of their retreat in case of reverse. A body of cavalry and some light-armed foot were sent forward, and fought an indecisive engagement, from which the enemy eventually retired. During the next few days a series of skirmishes took place in front of the gates, and at last continual losses drove the Jews behind their walls. The Romans then determined to take it by storm. It seemed undignified to sit and wait for the enemy to starve, and the men all clamoured for the risks, some being really brave, while many others were wild and greedy for plunder. Titus himself had the vision of Rome with all her wealth and pleasures before his eyes, and felt that their enjoyment was postponed unless Jerusalem fell at once. The city, however, stands high and is

¹ A. D. 69.

² Chap. 1.

fortified with works strong enough to protect a city standing on the plain. Two enormous hills¹ were surrounded by walls ingeniously built so as to project or slope inwards and thus leave the flanks of an attacking party exposed to fire. The rocks were jagged at the top. The towers, where the rising ground helped, were sixty feet high, and in the hollows as much as a hundred and twenty. They are a wonderful sight and seem from a distance to be all of equal height. Within this runs another line of fortification surrounding the palace, and on a conspicuous height stands the Antonia, a castle named by Herod in honour of Mark Antony.

The temple was built like a citadel with walls of its own, on which more care and labour had been spent than on any of the others. Even the cloisters surrounding the temple formed a splendid rampart. There was a never-failing spring of water,² catacombs hollowed out of the hills, and pools or cisterns for holding the rain-water. Its original builders had foreseen that the peculiarities of Jewish life would lead to frequent wars, consequently everything was ready for the longest of sieges. Besides this, when Pompey took the city, bitter experience taught them

¹ Jerusalem stands on a rock which rises into three main hills, Zion (south), Acra (north), and Moriah (east). It is not clear to which two of these Tacitus alludes; probably Zion and Moriah.

² Of this no traces remain, and the tradition may have been based on the metaphorical prophecy that a fount of living water would issue from the Sanctuary.

several lessons, and in the days of Claudius they had taken advantage of his avarice to buy rights of fortification, and built walls in peace-time as though war were imminent. Their numbers were now swelled by floods of human refuse and unfortunate refugees from other towns.¹ All the most desperate characters in the country had taken refuge there, which did not conduce to unity. They had three armies, each with its own general. The outermost and largest line of wall was held by Simon; the central city by John, and the temple by Eleazar.² John and Simon were stronger than Eleazar in numbers and equipment, but he had the advantage of a strong position. Their relations mainly consisted of fighting, treachery, and arson: a large quantity of corn was burnt. Eventually, under pretext of offering a sacrifice, John sent a party of men to massacre Eleazar and his troops, and by this means gained possession of the temple.³ Thus Jerusalem was divided into two hostile parties, but on the approach of the Romans the necessities of foreign warfare reconciled their differences.

13 Various portents had occurred at this time, but so sunk in superstition are the Jews and so opposed to all religious practices that they think it wicked

¹ i. e. the Galilean towns captured by Vespasian in A.D. 67 and 68.

² Simon was a bandit from the east of Jordan; John of Gischala headed a party of refugees from Galilee; Eleazar was the leader of the Jewish war-party, and related to the high priests.

³ They submitted to John's authority and were not killed.

to avert the threatened evil by sacrifices¹ or vows. Embattled armies were seen to meet in the sky with flashing arms, and the temple shone with sudden fire from heaven. The doors of the shrine suddenly opened, a supernatural voice was heard calling the gods out, and at once there began a mighty movement of departure. Few took alarm at all this. Most people held the belief that, according to the ancient priestly writings, this was the moment at which the East was fated to prevail: they would now start forth from Judaea and conquer the world.² This enigmatic prophecy really applied to Vespasian and Titus. But men are blinded by their hopes. The Jews took to themselves the promised destiny, and even defeat could not convince them of the truth. The number of the besieged, men and women of every age, is stated to have reached six hundred thousand. There were arms for all who could carry them, and far more were ready to fight than would be expected from their total numbers. The women were as determined as the men: if they were forced to leave their homes they had more to fear in life than in death.

Such was the city and such the people with which

¹ 'Ye shall not . . . use enchantments, nor practise augury' (Lev. xix. 26).

² e.g. 'And in the days of those kings shall the God of heaven set up a kingdom, which shall never be destroyed, nor shall the sovereignty thereof be left to another people; but it shall break in pieces and consume all these kingdoms' (Dan. ii. 44). The Jews were looking for Messiah: the Romans thought of Vespasian.

Titus was faced. As the nature of the ground forbade a sudden assault, he determined to employ siege-works and penthouse shelters. The work was accordingly divided among the legions, and there was a truce to fighting until they had got ready every means of storming a town that had ever been devised by experience or inventive ingenuity.

THE END OF THE GERMAN REVOLT

14 After the severe reverse at Trier¹ Civilis recruited his army in Germany, and pitched his camp near Vetera. The position was a safe one, and he hoped to inspire his native troops with the memory of their former victories there.² Cerialis followed in his footsteps, with forces now doubled by the arrival of the Second,³ Thirteenth, and Fourteenth legions, besides auxiliary troops, both horse and foot,⁴ who had long received their summons and came hurrying on the news of victory. Neither general was dilatory, but a vast plain lay between them. It was by nature swampy, and Civilis had built a dam projecting into the Rhine, which stemmed the current and flooded the adjacent fields. The treacherous nature of the ground, where the shallows were hard to find, told against our men, who were heavily armed and afraid

¹ iv. 78.

² Cp. iv. 28, 33, 35.

³ Adiutrix.

⁴ Before this Cerialis had five legions, I, IV, XVI, XXI, and XXII, but of these only XXI was in full force, so these new reinforcements may have doubled his army. The auxiliaries had been called out by Hordeonius Flaccus (iv. 24).

ANEXO B – RAMSAY (1915)

RAMSAY, George Gilbert. *The Histories of Tacitus: an english translation*. London: John Murray, 1915.

THE HISTORIES OF
TACITUS

AN ENGLISH TRANSLATION

WITH INTRODUCTION FRONTISPIECE NOTES MAPS
AND INDEX

By GEORGE GILBERT RAMSAY

M.A. (OXON.), LITT.D. (DUBLIN), LL.D. (EDINBURGH, ABERDEEN AND GLASGOW);
FORMERLY SCHOLAR OF TRINITY COLLEGE, OXFORD; LATE PROFESSOR
OF HUMANITY IN THE UNIVERSITY OF GLASGOW; TRANSLATOR
OF THE ANNALS OF TACITUS; EDITOR OF
'SELECTIONS FROM TIBULLUS AND
PROPERTIUS,' 'LATIN PROSE
COMPOSITION,' 'LATIN
VERSIONS,' ETC.

C. PLINIUS TACITO SUO S.
*Auguror, nec me fallit augurium, historias
tuas immortales futuras.*

PLIN. EPP. VII. 33. 1.

136577
25/8/15

LONDON
JOHN MURRAY, ALBEMARLE STREET

1915

BOOK V

I IN the beginning of this same year Titus Caesar was appointed by his father to complete the subjugation of Judaea.¹ He had enjoyed a high military reputation while his father and himself were still private persons; he now received a great accession of fame and importance, and was warmly welcomed by the armies and the Provinces. Anxious to prove himself more than equal to his high fortunes, he displayed both dignity and energy in the field, while by his friendliness and affability he called forth the willing service of his men, mixing constantly with the common soldiers on the march, or when engaged in labour, without any lowering of his dignity as General.

Titus is put in command of the Judæan war.

In Judaea he found three Legions²—the 5th, the 10th, and the 15th—all old soldiers of Vespasian. To

His forces.

¹ At the outbreak of the civil war, Vespasian had all but completed the conquest of Judaea (*prostrigaverat bellum Judaicum Vespasianus* ii. 3), and was thus able to rest upon his oars and watch the course of events in Italy. He had been sent out to be governor of Syria in A.D. 66; and during the years 67 and 68 he had reduced the whole of the open country. Nothing now remained but the capture of Jerusalem itself (see below, chap. 10). The civil war had made him pause for a while, not knowing for what purposes his Eastern army might be required. This respite filled the Jews with hope. They employed the time in adding to the defences of the city, and were thus able to offer that desperate resistance which provoked the exasperation of the con-

querors, and brought down upon the hapless city the most terrible of retributions. His own attention being turned elsewhere, Vespasian had handed over to Titus the best part of his army (*validissimam exercitus partem*, iv. 51) to complete the conquest.

² These three legions were the 5th (*Macedonica*) to be distinguished from the 5th (*Alauda*), so famous as part of the garrison of Vetera; the 10th (*Fretensis*), to be distinguished from the 10th (*Gemina*) which had remained in Spain, and taken no part in the civil war; and the 15th (*Apollinaris*), to be distinguished from the 15th (*Primitiva*) stationed at Vetera, which had sent detachments to join the invading force of Valens.

these he added the 12th¹ from Syria, and the 22nd and the 3rd brought up from Alexandria. He had also with him twenty cohorts of allied infantry, and eight wings of cavalry; the Kings Agrippa and Sohaemus, with the auxiliaries of King Antiochus;² a force of Arabs, who hated the Jews with all the bitterness usual between neighbours; as well as a number of persons who had been brought over from Italy by the hope which each cherished of gaining the first place in the as yet unoccupied affections of the Prince.

Such were the forces, in full martial array, with which Titus entered the enemy's country.³ Feeling his way before him, and ready for battle, he pitched his camp close to Jerusalem.

Having now to relate the end of a famous city, I 2
deem it fitting to recount its origin.⁴

¹ The name of the 12th was *Fulminata*; that of the 22nd *Driolariana*; that of the 3rd *Cyrenatica*. There were two other legions called 3rd; the 3rd (*Augusta*), the single legion which held Africa, and the 3rd (*Gallica*), which had belonged to the Syrian army and had been transferred to Moesia in time to gain the victory over the Rhoxolani (i. 79). Only detachments of the 3rd and 22nd were given to Titus.

² Agrippa, Sohaemus, and Antiochus are all mentioned in ii. 81, as having joined the cause of Vespasian. See ii. there. Agrippa was son of the Herod Agrippa, after whose death, as recorded in the Acts (xii. 20-24), Judaea was annexed again to Syria, and ruled by a procurator. In A.D. 48 this Agrippa, on the death of his uncle, had received from Claudius the kingdom of Chalcis; he had done his best to dissuade the Jews from rebelling. Sohaemus was king of Sophene, also of Emesa in Syria (Jos. Ant. xi. 8, 4). Antiochus of Commagene and part of Cilicia.

³ As Tac. tells us in chap. 10 that Vespasian had already conquered all the open country, and all the cities of Judaea except Jerusalem, the *finis hostium* which Titus now entered can

only mean the position still occupied by the Jews, i.e. Jerusalem and its immediate neighbourhood.

⁴ It is not easy to discover the sources from which Tac. derived his knowledge of the origin and history of the Jews. He does not seem to have had any knowledge of Josephus; though the *Antiquities* were completed as early as 93 or 94 A.D. The *Judaean War* appeared some years earlier. He certainly never consulted the Septuagint. His account was perhaps gathered from the Egyptian priests—for he seems to have visited Egypt—but was more probably founded on the versions given to the stories of the priests by the learned Greeks of Alexandria. It has been conjectured that Chaeremon, librarian of the Alexandrian library, who in the time of Nero wrote a history of Egypt, and Lysimachus, were among the authorities used. As it is clear that Tac. did not know of the history of Josephus, it is of importance to note how closely the facts which he gives as to Jerusalem and the siege, so far as they go, correspond with the authentic account of Josephus, while he carefully omits the exaggerations of the latter as to numbers. This circumstance is of the utmost value towards

The story goes that the Jews were fugitives from the island of Crete¹ who settled upon the extreme borders of Africa at the time when Saturn was forcibly driven from his kingdom by Jupiter. Evidence for this story is discovered in their name: the name of the Idaei, a tribe bordering on the famous Mount Ida in Crete, having been lengthened, by a foreign corruption, into the form 'Iudaei.' Some say that the superabundant population of Egypt was discharged into the bordering countries in the reign of Isis, under the leadership of Hierosolymus and Judas; many assert that the Jews were an Ethiopian race, driven out by fear or hatred to seek a new home in the reign of King Cepheus.²

Various accounts of the origin of the Jews.

Others relate that they were an interloping horde from Assyria, who being destitute of land took possession of part of Egypt, and then afterwards settled in towns and lands of their own in the Hebrew country on the borders of Syria.³

establishing the accuracy of Tac. as an historian, and the care which he took in consulting his authorities.

¹ The story that the Jews came from Crete is found in Tac. alone. A confusion may have arisen between the Jews and the Phoenicians or Philistines, who undoubtedly had a connexion with that island; while the fact that the Sabbath of the Jews was held on the day named after Saturnus (*dies Saturni*) would naturally lead to the invention of some connexion between the Jews and that deity. Crete was a centre round which the Greek mind loved to wind its legends; and modern archaeology, almost lifting the veil which has hitherto concealed from us the early history of the Eastern Mediterranean, has shown upon how firm a basis of power and civilisation these legends must have rested. The idea of any connexion between the words *Idaei* and *Iudaei* is altogether fanciful. Godley has the following note:—'The legend of Cronos' expulsion by Zeus seems to point to the superseding of an old by a

new religion: it may be supposed that Crete was the scene of an exceptionally violent collision between the rival cults. Tacitus is the only author who represents the *Idaei* as part of the population of Crete; elsewhere they are *δαίμονες* or *genii*. See Plut. *de facie in orbe lunae*, 26, 12. Legends in general speak of them as attendants of Zeus, not of Cronos.'

² Cepheus, King of Ethiopia, is known in mythology as the husband of Cassiopeia and the father of Andromeda; all three were placed among the stars. Hor. alludes to Cepheus as *Andromedae pater* (*Od. iii. 29, 17*). The story of Andromeda, however, is usually connected with the town of Joppa; hence the tale told by Tac. is believed to be of Phoenician origin.

³ This tale has an inkling of the truth. A similar story is told by Justinus, who probably flourished in the time of the Antonines, and according to his own account copied Trogius Pompeius, an Augustan writer. Justin says the Jews came from Damascus, and originally

Others again give the Jews an illustrious origin, asserting that the Solymi,¹ a race celebrated in Homer's poems, called the city which they had built Hierosolyma,² after their own name.

Plague in Egypt; expulsion of the Jews.

Most writers agree in this, that in the reign of King Bocchoris³ a loathsome plague broke out in Egypt; and that when the King consulted the oracle of Hammon for a remedy, he was bidden to purge his kingdom, and to deport that tribe, as being hateful to the gods, to some other country.⁴ Hunted up and brought together, the multitude were left in the wilderness, where they were abandoning themselves to tears and torpor when they were warned by one of the exiles called Moyses not to look for help to either Gods or men—both of whom had deserted them—but to trust to themselves, under the heaven-sent leader who should be the first to help them out of their present troubles.⁵

3

from the Chaldees; he mentions also the names of Abraham, Israel, and Juda.

¹ The Solymi, mentioned by Homer in three places, are always treated with respect; in two of the passages, the epithet *καθάρμοι* is attached to their name. According to Herodotus they were the original inhabitants of Lycia (i. 173). Their supposed connexion with the Jews, as Godley says, is due to an imaginary derivation of the name *Hierosolyma*. It is worth noting that among the five possible origins attributed in this chapter to the Jews, Tacitus, with all his contempt for that people, admits two of a highly distinguished character.

² The name of Jerusalem (Hebrew form *Yerushalem*) became Hellenised at an early period into the form *Ἱεροσόλυμα* or *Hierosolyma*, thus appearing as a neuter plural noun. It is thus used by Cicero, Tacitus, and other Latin writers. But Greek writers also used the shorter form *Solyma*, no doubt believing in the imaginary derivation from the Solymi of Homer. (See Dr. Smith's *Jerusalem*, vol. i. p. 262.) The name is certainly Semitic.

³ The reign of Bocchoris is far too recent a date for the Exodus; but it is the date given by the Alexandrine Lysimachus. Bocchoris belonged to the 24th Dynasty (B.C. 775-729); and it is thought that the Pharaoh of the Scripture was Merenptah (B.C. 1275) the successor of Rameses II. The Alexandrines, like ourselves till comparatively recent times, had little idea of the immense dates covered by Egyptian history, and the Greeks would be little ready to believe in an antiquity greater than their own.

⁴ The interesting account of the Exodus which is here given, so correct in essentials, seems to have been widely spread. Godley says: 'It appears to be based mainly on the narrative of Lysimachus Alexandrinus, a writer of the 2nd century B.C., whose relation is preserved by Josephus (c. Apion. i. 34); and the story coincides at different points with that given by Manetho (ap. Josephum et Theophilum), Chaeremon (ap. Josephum), Diodorus, Strabo, Trogius Pompeius, and Justin.'

⁵ I take this passage differently from most edd. Many see in the words of

This counsel they followed, and set forth blindly on their way as chance might take them. Now what they suffered from most was want of water; and they were lying not far from death's door, prostrate upon the plain, when a herd of wild asses moved from their feeding ground to a rock overshadowed by trees. Moyses followed them; and conjecturing from the grassy nature of the ground, he opened up an abundant supply of water. Thus relieved, the people pursued their march for six days¹ continuously; on the seventh, they took possession of lands on which, after expelling the inhabitants, they founded a city and a Temple.

The heaven-sent leader Moyses finds water for them.

4 To secure his hold over the nation for the future, Moyses instituted new religious observances, contrary to those of all other men. Everything which is sacred with us is profane with them; and again, they permit things which we regard as unclean.² In

He institutes for them new observances.

Moses an obscure suggestion as to the adoption by the Jews of monotheism in place of their previous Egyptian polytheism. This seems unnecessary. Tacitus has already stated in the clearest terms that the Jews recognised only one God; and the words relied on to bring out the above meaning (*nequam deorum hominumve opem expectarent*) form a conventional phrase in constant use, with none but the vaguest meaning. Thus Otho's last words were *nam incusare deos vel homines eius est qui vivere velit* (ii. 47). The phrase 'Gods and men' is frequent enough in modern writings; and it is as unnecessary to find a theological meaning in it here as it would be to accuse the Archbishop of Canterbury of polytheism if he happened to write to the Bishop of St. Asaph that 'the fate of the Welsh Church was lying on the knees of the Gods.' Some edd. would have us interpret *dux caelestis* of the ass; but how could a herd of asses be so described? The *dux caelestis* is, of course, Moses himself. That is the character in which he appears throughout the book of Exodus, and in the traditions of the Jews; and never

did he assert himself more emphatically—too emphatically—as the heaven-born leader than in the moment of his discovery of the water. If we read with *M sibi met ducce caelesti* the meaning will be 'to trust to themselves under a divine leader,' i.e. 'himself.' But the true reading is probably *duci*. Moses was not telling the people to trust in themselves, as distinguished from trusting in the Gods; he is urging them to trust in him, as a leader sent by heaven, and as one who has proved his capacity to save them. The tense of *populissent* is ambiguous; it may either mean, by Latin idiom, 'who should save them out of their miseries', referring to his finding of the water; but more probably it refers to what he had already done in successfully leading the people out of Egypt.

¹ It seems probable that the idea of the Jews having been six days in the wilderness, and occupying their own country on the seventh, may have arisen from a confusion with the Genesis account of the creation.

² The first part of this sentence refers mainly no doubt to the refusal of the

their most holy place they have consecrated an image of the animal¹ which guided them in their wanderings, and removed their thirst; they slay the ram, as if in derision of Hammon;² they sacrifice the ox because the Egyptians are worshippers of Apis;³ and they abstain from swine's flesh⁴ because they were once disfigured by a disease to which that animal is subject.

Their fasts
and their
sabbath.

Their frequent fasts bear witness even now to the long famine of their early days; and Jewish bread is still made without leaven as a sign of how they devoured their corn in haste.⁵ Their repose upon every seventh day they explain by saying that it was the seventh day that brought an end to their labours;⁶ afterwards, beguiled by the sweets of ease, they gave up to indolence every seventh year also.⁷ Others say

Jews to share in any religious rites but their own, or to worship images, especially that of the Emperor himself; the second mainly to their laws regarding marriage, which permitted that of uncle and niece, and enjoined that of a brother with a dead brother's widow.

¹ The origin of the idea that the Jews worshipped an ass has never been satisfactorily explained. The Christians, who were so generally confounded with the Jews, suffered equally from the imputation; it was a subject for common jibes against them, as proved by the *graffiti* found on old walls at Rome.

² The God Hammon (Ammon, Amon or Amun) identified by the Greeks with Zeus, and by the Romans with Jupiter, was represented with the horns of a ram.

³ Aps, who was worshipped at Memphis, was an incarnation of the God Ptah, who appeared from time to time in the form of a bull, and could be recognised by certain signs.

⁴ Cp. Juv. xiv. 68, *nec distare putant humana carne suillam*.

⁵ The meaning of *raptarum frugum* is not clear. The word *rapere* is no doubt often used of plundering, as in iii. 19 (*matorem rapiendi licentiam*) and in iv. 22 of the supplies of corn (*rapi permiserunt*). But it is also used of any rapid or violent action; and it is

tempting to explain it here as referring to the hurried eating, the snatched meal, which was commemorated in the Passover: 'Thou shalt eat no leavened bread with it—for thou camest out of the land of Egypt in haste' (Deut. xvi. 3); 'And ye shall eat it in haste, it is the Lord's passover' (Exod. xii. 11).

⁶ These words—*septimo die otium placuisse ferunt quia is finem laborum tulerit*—have a curious resemblance to Genesis ii. 2: 'And on the seventh day God ended his work which he had made, and he rested on the seventh day from all his work which he had made.' Cp. also Exodus xx. 11, from which the words of the fourth commandment are taken; it would almost seem as if they had been seen by, or quoted to, Tacitus.

⁷ The Sabbatical year was instituted for a real purpose, to let the land lie fallow: 'And six years thou shalt sow thy land, and shalt gather in the fruits thereof; but the seventh year thou shalt let it rest and lie still' (Exod. xxiii. 10, 11); and similarly in Lev. xxv. 4, 'But in the seventh year shall be a sabbath of rest unto the land.' Tac. gives the ordinary Roman view: see Juvenal xiv. 105-6, *Sed pater in causa, cui septima quæque fuit lux = Ignava, et partem vitæ non attigit ullam*.

this was done in honour of Saturn: either because they received the elements of their faith from the Idaei, who we are told were driven forth with Saturn,¹ and became the founders of their race; or because Saturn is the most potent of the seven stars which rule the affairs of men, and moves in the highest orbit, and because most of the heavenly bodies perform their functions² and their courses in multiples of seven.

5 These rites, whatever their origin may have been, are excused by their antiquity; but their other practices, which are unclean and revolting, have been adopted out of sheer depravity. Their wealth³ has been built up out of tribute and contributions⁴ from the vilest of mankind, who have renounced the religion of

Their rites partly excusable, partly revolting.

¹ It is to be noted that Tac. seems here to adopt as his own the view that the Jews were sprung from Crete, although in chap. 2 he expresses no preference for any one of the five accounts of the Jewish origin over the others. This is analogous to his practice, noticed in the *Annals*, of mentioning some suspicion as a mere rumour, and then afterwards referring to it as a fact. He thus gains credit for impartiality in his first statement of the case, and then afterwards accepts as established the view to which he is most inclined himself.

² I retain the *vim* of M and adopt Wolfllin's reading *commement* for the *commearent* of M, as involving the slightest change. F. reads *commear*. To read *visam* for *vim*, followed by *cursum*, is tautologous. *Vim suam et cursum commement* is a somewhat violent zeugma, but not impossible. Halni's reading *compleant* gives a good and simple sense. If *commear* be read with F., I would suggest that *feratur* does duty in two senses: first in the sense 'is borne along'; and secondly in the sense 'is reported,' 'is said,' with *commear*.

³ I take the passage which follows (*nam pessimus* down to *odium*) differently from other edd. *Nam*, as so often in Tac., does not give a logical reason, but only an instance of what has just been said—a confirmation of the writer's opinion. The first instance given of the *pravitas* of the Jews is that they acquired their

wealth from contributions from the vilest of mankind, *i.e.* their proselytes; he then adds a second point, the point which the Romans most condemned in the Jews, *viz.* their hostility to the whole human race, coupled with invincible loyalty to each other: *Romanas autem soliti contemnere leges = Iudaeum ediscunt et servant et metuant ius* (Juv. xiv. 100-101). The words *et quia*, which have been misinterpreted, correspond to the *nam* at the beginning of the clause, introducing the second instance of *pravitas*. The exclusiveness, and the proselytism, of the Jews were the two points which most roused the Roman antipathy against them. Diodorus speaks of their being *μόνοως ἀπάντων ἔθνων ἀκοινωνήτους τῆς πρὸς ἄλλο ἔθνος ἐπιμίξιας* (xxiv. 1); and in Ann. xv. 44 Tac. tells us that the Christians, whom he mixed up with the Jews as a whole, were condemned, not so much on the charge of having caused the burning of Rome, 'as for their hatred of the human race.' Horace speaks of their compulsory proselytising: *ac veluti te = Iudaei cogemus in hanc concedere turbam* (Sat. i. 4, 142-3.)

⁴ The sums collected for the Jewish Temple from foreign proselytes were immense. When Crassus was on his way to the disaster at Carrhae in B.C. 53 he is said to have plundered the Temple of the huge sum of 10,000 talents (= £2,000,000) derived from this source.

Their hatred of other men.

their own country. Compassionate and unflinchingly loyal to each other, they hate all other men with a deadly hatred. They take their meals apart; they sleep apart; and though as a race they are prone to lust, and deem nothing among themselves unlawful,¹ they have no intercourse with foreign women.

They practise circumcision to have a distinguishing mark from other nations. Their proselytes adopt the same practice; and indeed the first lesson which they learn is to despise the gods, to abjure their country, and to esteem parents, children, brothers, as of no account. Yet the Jews take thought for the increase of the race; they deem it wicked to slay any additional² infants born to them. The souls of those who have perished in battle or by torture they hold to be immortal: hence their passion for raising offspring, and their contempt of death.

They believe in only one God.

They follow the Egyptian custom of burying³ their dead, in preference to that of burning them: their beliefs also as to the world below are the same as those of the Egyptians, though not as to things in heaven. The Egyptians worship many animals, some with composite forms:⁴ the Jews worship with the mind alone.⁵ They believe in only one God—a God supreme and everlasting, who may not be portrayed, and who will never die; and they deem it impious, out of

¹ A gross libel; having no foundation but the two marriage rules mentioned above on chap. 4.

² The word *agnatus* or *adgnatus* is not here used in its proper legal sense, of persons related to each other only on the father's side (as distinguished from *cognati*, relations on either side), but in a special sense (as in *Germ.* 19), of children born after the father had made his will, who according to Roman law might be exposed by the father. The verb *agnascor*, 'to be born in addition

to', is so used by Cic. (*de Or.* i. 57. 241).

³ Some editors unnecessarily substitute *condire* for *condere*; *condere* is used for burial in contrast to cremation.

⁴ Thus Hammon had the head of a ram, Isis of a cow, Anubis of a dog.

⁵ So *Juv.* xiv. 97, *Nil præter nubes et caeli numen adorant*; so also *Lucan.* iii. 592, *dedita sacris = Incerti Iudaea dei*. The absence of images led the Romans to conceive that the Jews worshipped an impalpable abstraction, without personality of its own.

mortal matter, to fashion effigies of Gods after the likeness of men. No images therefore are permitted in their cities, much less in their Temples; they bestow no such flattering distinction upon either Kings or Caesars.

There are some who have thought that because their priests sing to the accompaniment of flutes and cymbals, wearing chaplets of ivy, and because a golden vine was found within the Temple, the God whom they worship must be Father Liber, the conqueror of the East. But there is no resemblance between the rites of the two religions. Those ordained by Liber are festive and joyous; those of the Jews have neither charm nor dignity.

Meanness
of their
ritual.

6 The territory of the Jews is bounded on the East by Arabia, on the South by Egypt, by the sea and Phoenicia on the West; to the North, it has a wide outlook towards Syria.¹ The people are healthy and inured to toil. Rain is rare, and the soil is fertile: its products are like our own, but it grows palm trees² and balsam³ in addition. The palm is a tall and graceful tree, the balsam is a shrub; when its branches swell, the veins are slit open with a piece of stone or pottery, for the application of a sharp knife will cause them to shrivel up.⁴ The sap is in use among physicians.

Description
of their
country
and its
products.

¹ This is only a poetical way of saying that Judæa (by which Tac. means Palestine as a whole) extends far in a northerly direction to Syria.

² Part of the view which Moses beheld from the top of Mount Pisgah was 'The South, and the plain of the valley of Jericho, the city of palm-trees, unto Zoar' (Deut. xxxiv. 3). Pliny speaks of the fame of Judæa for palms (N. H. xiii. 4, 6), and Hor. regards it as a sign of luxury and extravagance to be anointed *Herodis palmetis pinguibus*

(Epp. ii. 2, 184).

³ The highly-prized *Balsamodendron opobalsamum* is an Arabian shrub: Jos. says it came originally as a gift to Solomon from the Queen of Sheba. The unguent was made of an oleo-resin flowing from incisions in the bark; hence Virgil's *Quid tibi odorato referam sudantia ligno = Balsama?* (Geo. ii. 118-9).

⁴ Pliny tells the same story (N. H. xii. 25, 54). Under the Romans it became a valuable source of revenue.

Mount
Libanus
and the
Dead Sea.

The highest of their mountains is Mount Libanus,¹ on which, marvellous to tell, amid all that heat, shade and snow are never wanting; it feeds and sends forth the river Jordan. That river never reaches the sea: passing entire through one lake, and then a second, it finds no outlet from the third.² This lake has a vast³ circumference like a sea, but it is more salt in taste; it has a heavy odour which breeds pestilence among those who live near to it. No wind can stir it; no fish can live in it; no water-fowl frequent it. Its sluggish water supports what is cast upon it, as if it were solid ground; men's bodies are buoyed up by it whether they can swim or no.

The gather-
ing of
bitumen on
the Dead
Sea.

At certain seasons of the year this lake throws up bitumen, the mode of gathering which has been learnt, like other arts, from experience. The liquid is naturally dark in colour; if vinegar be thrown upon it, it congeals and comes to the surface. The workers then lay hold of it, and haul it on to the deck of a ship, after which it flows in of its own accord and fills the ship.⁴ The flow is then cut off; but that cannot be done either with brass or iron: it will only cease on the application of a cloth stained with menstruous blood.⁵

Such is the account of ancient authors; but those acquainted with the locality say that the masses of floating bitumen are pushed or pulled by hand to the shore; after a time, when dried by the heat of the ground and the rays of the sun, they are cut up, as

¹ It is the Antilibanus or interior chain of which Tac. here speaks, not the Libanus near the sea.

² The first Lake was known as the Waters of Merom; the second is the Lake of Gennesaret (otherwise the Sea of Galilee or of Tiberias); the third is the Dead Sea.

³ Not so very immense; rather more than 40 miles long, and 10 miles broad at the broadest.

⁴ These tales about the Dead Sea have truth in them; but they have all been exaggerated into the marvellous.

⁵ This fable is found both in Pliny and Josephus.

stone or timber might be, with wedges or with axes.

- 7 Not far from here lies a plain, which we are told was once fertile and the seat of mighty cities, until it was burnt up by lightning, traces of which are still to be seen in the torrid appearance of the soil, now destitute of all fertility.¹ For whatever grows there of itself, or is sown by hand, though it may develop into leaf, flower, or fruit in the usual way, becomes at last black and wasted, and crumbles as it were into dust.

Plain of Sodom and Gomorrah.

While granting that cities which once were famous may have been destroyed in this place by fire from heaven, I am yet of opinion that the soil is infected, and the surrounding atmosphere tainted, by exhalations from the lake, so that earth and air having become alike unwholesome, neither crops nor fruit can come to perfection.

The River Belus² flows into the Judæan sea. A kind of sand is collected about its mouth which is mixed with nitre, and then fused into glass. The extent of this beach is small; but the supplies it affords are inexhaustible.

- 8 Judæa is mostly inhabited in scattered villages; but there are towns also. Jerusalem is the capital, where there is a Temple of immense wealth. Within the first ring of fortifications is the city; then comes the royal palace; enclosed within the innermost ring is the Temple. None but Jews are admitted within its outer gates; from the inner threshold all are excluded save the priests. When the

Jerusalem and its Temple.

History of the Jews up

¹ These, of course, are the plains on which Sodom and Gomorrah stood.

² The river Belus (*Naamán*) is in the NW. of Palestine: it flows from the

Galilean highlands into the sea near Ptolemais (= *St. Jean d'Acre* or our *Acre*).

to the time
of Pompey.

Assyrians, the Medes, and the Persians ruled the East, the Jews were the most despised of the subject races;¹ when the Macedonians² became predominant, King Antiochus endeavoured to destroy their superstition and introduce the manners of the Greeks; but his attempts to improve that most uncivilised of nations were frustrated by the Parthian war³—the revolt of Arsaces having taken place at that time. Thereupon, as the Macedonians were weak, and the Parthians had not yet reached their full strength, while the Romans were still far away, they placed themselves under kings of their own.⁴ Driven out by the fickle populace, these Princes regained their sovereignty by force of arms; and while banishing citizens, destroying cities, murdering brothers, wives, and parents, and committing other atrocities usual with kings,⁵ they clung firmly to the national superstition, seeing that the honours of the priesthood afforded the surest basis for their power.⁶

¹ Tac. entirely overlooks the period of Jewish independence, and treats the Jews as having always been in subjection to one or other of the great Eastern monarchies. What he says about Antiochus IV., usually called Epiphanes (B.C. 176-164), is correct. It was his attempt to force Greek institutions upon the Jews, together with his desecration and destruction of the Temple, that drove the Maccabees and the people into revolt. It is an interesting fact that at that same time a body of Jews migrated all the way into China, where they settled and prospered, being well received by the Chinese.

² By 'the Macedonians' of course the Seleucid kings of Syria are meant—from Seleucus Nicator, B.C. 312, down to Antiochus Epiphanes, B.C. 164, in which year the Jews recovered their independence.

³ Tac. is wrong about the Parthians; the revolt of the Parthians took place about a hundred years before the time of Antiochus Epiphanes. Arsaces founded the Parthian Empire about B.C. 250, in the reign of Antiochus II.

⁴ The allusion here is to the rule of the Maccabees, the descendants of the heroic Judas Maccabeus who headed the revolt against Antiochus Epiphanes. The first of them to take the title of king was Aristobulus, the son of Hyrcanus, in B.C. 107.

⁵ The Maccabees fell, no doubt, as Spooner says, by reason of feuds among themselves. But those feuds were furiously backed by their respective factions, and the terrible conflicts which ensued were as much due to the *mobilitas vulgi* as to the fanatical violence with which the people clung to the observances of their religion—which is what Tac. means by *superstitio*.

⁶ These words show that Tac. was aware of the immense political importance of the high priesthood—the centre round which all Jewish politics turned. The Maccabean dynasty was broken up by the quarrels between Hyrcanus II. and Aristobulus II., which began after the death of their mother Alexandra, who had appointed Hyrcanus to the high priesthood. This

9 Gnaeus Pompeius was the first Roman to subdue the Jews,¹ and enter their Temple as a conqueror, from which time it became known that the shrine was empty,² containing no image of a God, and no sacred objects. The walls of the city were destroyed, but the Temple was left standing. During the Civil War, when the Eastern Provinces fell under the dominion of Antony, the Parthian king Pacorus³ took possession of Judaea. He was slain by Publius Ventidius,⁴ who drove the Parthians across the Euphrates while Gaius Sosius subdued the Jews. Antony handed over the kingdom to Herod; Augustus enlarged it when he became the victor. After Herod's death, a certain Simo⁵ assumed the royal

How Jerusalem fared under Pompey, Antony, the Parthians, and Herod;

caused a war between the brothers which was ended by the intervention of 'a new and fateful influence' in the person of Antipater, the Idumæan, father of Herod the Great. 'The Roman sovereignty and the Idumæan family remained the dominant factors in the history of the city up to the fall of the city in A.D. 70' (*Jerusalem*, vol. ii. p. 463).

¹ This was in the year B.C. 63, when Pompey, having finished the war with Mithradates, deposed Antiochus Asiaticus, and reduced Syria to a Roman province, turned his attention to Palestine.

² So Josephus says of the Holy of Holies, *ἐκεῖτο δὲ οὐδὲν ἕλεος ἐν αἱετίῳ*.

³ After the death of Caesar, Brutus and Cassius had not hesitated to traffic with the kings of Parthia. Q. Labienus, son of T. Labienus the famous captain of Caesar's Gallic Wars, had been sent to the court of Orodes as their emissary; and though the battle of Philippi (B.C. 42) put an end to his proposals for the time, he persuaded the Parthians, two years later, to send an army to invade Syria and Asia Minor under Pacorus, the king's son, and himself. The expedition met with much success; Pacorus handed over Judaea to Antigonus, the son of Aristobulus: but in the year following, when Antony was getting firmer in the saddle, he sent out an army under Ventidius Bassus against the invaders. Labienus was caught in

flight and put to death, and Pacorus was chased back to Parthia. Pacorus renewed his attempt in B.C. 38; but he was again defeated, and was himself slain in battle. It will be seen that Tac. throws into one the accounts of these two campaigns.

⁴ Ventidius was succeeded as Antony's lieutenant by Gaius Sosius, who was made Governor of Syria. Sosius again entered Judaea, having espoused the cause of Herod; after a severe struggle, he captured the city, put Antigonus, the last of the Hasmonean princes, to death, and left Herod in possession of the throne, without a rival.

⁵ Simo had been a slave of Herod's: a man of great strength, he had established himself as a leader of bandits in the hills to the N. of Jerusalem, and pretended to call himself king (Jos. Ant. xvii. 10, 6). Godley clearly explains the situation on the death of Herod:—'Augustus undertook to decide between the rivals who contended for the throne after Herod's death (B.C. 3). By the imperial arbitration, Herod's kingdom was divided between three of his thirteen children: Archelaus received Judaea, Idumæa and Samaria; his brother, Herod Antipas, Galilee and Peræa; his step-brother, Philip, the territory E. of the Jordan—Gaulonitis, Batanaea, Trachonitis, Iturea, Auranitis. Nine years afterwards, Archelaus was deposed and

title without waiting for the Emperor's approval;¹ he was put to death by Quintilius Varus,² when governor of Syria; the people were repressed, and the kingdom was divided among the three sons of Herod.

under Tiberius, Gaius, and Claudius.

Quiet prevailed under Tiberius; but when Gaius Caesar ordered his image to be set up in their Temple,³ the people flew to arms. This rising was ended by the death of that Emperor; under Claudius, as the princes died, or were reduced in power, the province of Judaea was handed over to Roman Knights or freedmen, one of whom, Antonius Felix,⁴ a monster of cruelty and lust, exercised the powers of a king in the spirit of a slave. This man had married Drusilla,⁵ the granddaughter of Antony and Cleopatra; he was thus the grandson-in-law, as Claudius was the grandson, of the same Antony.⁶

banished by the Emperor, and Judaea and Samaria became temporarily a Roman province, governed by an imperial procurator.

¹ Herod had taken care never to make a mistake like this. Throughout his life he had skilfully secured the support of Rome; his energetic and fiery nature had devoted itself to a twofold policy, the inconsistencies of which involved him in perpetual difficulties. To secure the favour of Rome he had to be an ardent Romaniser, striving to inculcate the Jews with Roman habits and institutions; on the other hand, he appealed to the fanatical spirit of the people by maintaining the peculiarities and sanctities of the Jewish worship in all their rigour.

² This Quintilius Varus seems to have been the same as the P. Quintilius Varus who was destroyed with his three legions in the terrible German disaster of A.D. 9. See n. on Ann. i. 3.

³ This was in A.D. 40, when Petronius was governor of Syria. Gaius was murdered in the year following. On the death of Gaius, Herod Agrippa I. (grandson of Herod the Great), who was already tetrarch of four provinces, had Judaea and Samaria attached to his dominions by Claudius. He died A.D. 44, as related in the Acts (xii. 20-

23). Herenice (Hist. ii. 2) was one of his daughters. His young son (Herod Agrippa II.) succeeded only to his uncle's province of Chalcis; Judaea, Galilee and Samaria henceforth became part of the Roman province.

⁴ Antonius Felix was brother of Pallas, the favourite freedman of Claudius, of whose corrupt influence we hear so much in Ann. xi. and xii. They had both been freedmen of Antonia, the mother of Claudius; hence the name Antonius. Felix was appointed procurator of Judaea by Claudius, in what year is uncertain. From Ann. xiii. 54 it appears that he and Ventidius Cumanus exercised joint authority, both being distinguished for violent and corrupt methods. St. Paul preached before Felix 'of righteousness, temperance, and judgment to come,' so that Felix 'trembled' and dismissed him for 'a convenient season' (Acts xxiv. 25). He was recalled by Nero, and succeeded by Porcius Festus.

⁵ He had carried off Drusilla, daughter of Agrippa I., from her husband; her mother (Cyprus, says Godley) must have been a daughter of Antony and Cleopatra. But this is not consistent with what Josephus says of the parentage of Cyprus (Ant. xviii. 5. 4).

⁶ Antonia, the mother of Claudius,

10 The Jews, however, endured with patience until Gessius Florus¹ became Procurator, under whom war broke out. Cestius Gallus, Legate of Syria, attempted to crush the rising; after fighting many battles, of which the majority were defeats, he died: whether it was from vexation or by a natural death. Nero then sent out Vespasian, who, helped by fame, fortune, and able officers, subdued all the open country within two² summers, and occupied every city except Jerusalem with his victorious troops. The year following was taken up with the Civil War, and passed in quiet so far as Judaea was concerned; but when peace had been established in Italy, and foreign affairs again received attention, it seemed intolerable that the Jews alone should have withheld submission. At the same time it was thought expedient that Titus

Defeat of
Cestius
Gallus.

Vespasian
appointed
for the war
by Nero.

11 Having then, as above related, pitched his camp before the walls of Jerusalem, Titus drew out his Legions in battle order; the Jews formed up close to their walls, ready to venture further out should fortune favour, with a refuge secured to them in case of defeat. A body of horse with some light auxiliary cohorts was sent out against them; a doubtful engagement took place, and in the end the Jews retired. During the days following, they fought several actions before the gates, until at last, after continual losses, they were driven within the walls.

Titus en-
camps
outside the
walls,

The Romans now prepared for an assault. It

and pre-
pares for an
assault.

being the daughter of Antony and Octavia.

¹ This man was a native of Clazomenae, succeeding Albinus (the successor of Festus) as procurator in A.D. 64. His extortion, cruelty, and tyranny ex-

ceeded anything that had been experienced before, and finally drove the whole people into rebellion.

² The two summers were those of A.D. 67 and 68.

seemed a poor thing to wait till the enemy should be starved out, and the men clamoured for the more perilous course, some moved by valour, the majority out of mere savagery and a lust for plunder. Titus himself had the vision of Rome before his eyes, with all its pleasures and glories, which seemed likely to be postponed if Jerusalem did not fall at once. But the city occupied a commanding site, and it had been strengthened by massive works which would have sufficed to protect a city on level ground. Two hills¹ of great height were enclosed within walls skilfully constructed with projecting and retreating angles, so that an attacking force would have its flanks exposed.² The summit was precipitous. The towers that had the benefit of the hill were only 60 feet high, while those on the slopes below rose to 120 feet, so that from a distance they presented the strange appearance of being all of the same height. The palace within was surrounded by other walls; and conspicuous over everything was the lofty tower which Herod had called 'Antonia'³ in honour of Mark Antony.

Formidable
character
of the for-
tifications.

¹ There is considerable doubt as to which are the two hills here meant by Tac. It is generally recognized that there were four separate heights included within the walls of Agrippa: (1) *Bezetha*, to the N. of the Temple height; (2) *The Temple height* itself (the so-called Mount Moriah); (3) the so-called *Sion*, on which was the palace of Herod, to the W. of the Temple height; (4) *Akra*, the position of which is disputed. Dr. G. A. Smith holds that it was to the S. of the Temple height, 'occupying the same site as the ancient Sion, above Gihon, or the Virgin's spring' (*Jerusalem*, vol. ii. p. 451). Spooner and other edd. follow those who place *Akra* to the N. of the Temple height; and as Titus was approaching Jerusalem from the N., they suppose *Bezetha* and *Akra* to be the two heights referred to. But I agree with Godley's view that the words *duos colles* give a general description of the city as a whole, of which

the two commanding heights of the Temple height itself, and the so-called Sion to the W. of it, are the two prominent features.

² Jerusalem at this period was fortified by three walls in all those parts where it was not surrounded by abrupt and impassable ravines: there it had but one. Not that these walls stood one within the other, each in a narrower circle running round the whole city, but each of the inner walls defended one of the several quarters into which the city was divided—or it might almost be said one of the separate cities. Milman, *History of the Jews*, ii. p. 327.

³ This tower, built by Herod on the site of the fortress *Baris*, which had been the Acropolis of the Hasmonean princes, stood on a precipitous rock some 90 feet high, at the north-west corner of the Temple. Herod had called it *Antonia* in honour of Mark

12 The Temple itself was a kind of citadel,¹ with walls of its own more colossal than the rest; the very porticoes which surrounded it formed an admirable defensive outwork. There was a spring² which never ran dry; the hill was perforated with underground passages; there were tanks and reservoirs for storing rain-water. The singularity of their manners had led the founders to provide against constant wars; hence they had made every preparation for sieges, however long, and had learnt much from the terrible experience gained when the city was captured by Pompey.

The Temple itself a citadel, strongly fortified.

During the sordid³ Claudian era, the Jews had purchased the right of fortifying their city, and had constructed, in time of peace, walls suitable for war. Within was congregated a vast rabble, swollen by refugees from other cities that were captured, these being mostly men of desperate character, and conducting themselves in the most unruly manner.⁴

Antony. According to Josephus, it rose to a height of 40 cubits; and though itself in the form of a tower, it carried four other towers, three of them 50 cubits high, while one at the SE. corner, dominating the Temple, was 70 cubits high. The walls and towers defending Jerusalem itself were of the most formidable character. If Josephus is to be relied on—and little confidence as a rule can be placed in his estimates of numbers—there were no fewer than 164 towers in the walls of Jerusalem.

¹ The Temple itself was a fortress of immense strength. According to Josephus, it covered a square of a furlong on each side; there were walls within walls; some of them he puts at 300 cubits high. The surrounding porticoes and cloisters formed one set of defences, the Temple within another, and both could be held independently of each other, each having massive walls and gates of its own.

² The existence of a real spring inside the Temple area was certified by tradition or by prophecy; but there seem to have been no real foundations for the tradition. No such spring or well has

been discovered by modern exploration; and the fact that a complicated system of cisterns has been found beneath the Temple area seems to disprove it. There is also the fact that in case of failure of the cisterns, water was brought into the Temple by aqueduct (*Jerusalem*, vol. i, p. 85). A confusion has probably arisen from the existence of the remarkable intermittent spring called 'the Virgin's fountain,' in the Kidron valley. Hezekiah is said to have diverted the water of the Virgin's spring by a tunnel into a pool within the city (*Jerusalem*, vol. i, p. 81).

³ Alluding to the general system of corruption carried on during the reign of Claudius by the freedmen who controlled him. It was at that time that Agrippa had been allowed to extend the walls.

⁴ No words could more accurately describe the manner in which Jerusalem at the time preceding the siege had been filled up by desperate refugees from the cities which Vespasian's army had destroyed during the two previous years. The so-called 'Zealots' from

Three parties, and three leaders, inside the city.

There were three leaders, each with a force of his own. The outermost and largest circuit was defended by Simo; the middle city by John [also called Bargioras]: the Temple was firmly held by Eleazar. The larger numbers, and the better armed, were with John and Simo; Eleazar had the strongest position. But battle, treachery, and fires raged within; and a large quantity of corn was burnt. Soon afterwards, under the pretence of offering sacrifice, John sent men to slay Eleazar and his followers, and so gained possession of the Temple. Thus the city was divided between two hostile factions until the approach of the Romans and foreign war created peace between them.

Various prodigies.

Many prodigies had occurred, which this nation— 13
so prone to superstition,¹ so hostile to religious observances—will not permit to be expiated by either vows or victims. Hosts joining battle, with arms flashing, had been seen in the sky;² the Temple had been lighted up by flames bursting out of a cloud; the doors³ of the inner shrine had suddenly been

Galilee, the band of robbers and assassins from Idumaea, and men of reckless and marauding habits from every part of Judaea, passed into the unhappy Jerusalem at the very time when the Roman armies were approaching it, and made it a scene of faction, of robberies, of inhuman bigotry, of bloodthirsty violence and assassination, such as can hardly be paralleled in history. Simo of Gerasa, after some success against the Roman general Cestius, had established himself at the head of a band of brigand-patriots on the Dead Sea. Admitted into Jerusalem, he now occupied the outer city, the quarters of Acra (?) and Bezetha. He carried on an unflinching war against the infamous John of Gischala, head of the furious Zealots who occupied the Antonian tower and the outer portion of the hill of Moriah, not including the Inner Courts of the Temple. Eleazar, who was at the head of the true

patriotic war party, held the Inner Court of the Temple, including the Holy of Holies.

Tac's account of the situation is admirably correct. The only mistake he makes is in saying that John was the son of Gioras, and that probably is due to a mistake in the text. Josephus says that Simon, not John, was the son of Gioras.

¹ By *superstitio* Tac. seems to mean any form of religion not Roman, as in the phrase *externae superstitiones* (Ann. xl. 15), while *religiones* means religious observances in general. Hence the Jews, who would regard no observances but their own, are a race *religionibus adversa*.

² Josephus also mentions a great number of prodigies, B. Jud. vi. 5. 3.

³ This was the East gate of the Inner Temple, 70 feet high, which according to Josephus required ordinarily twenty men to move it.

thrown open, and a voice louder than the human was heard to say:—'*The Gods are departing*'; and then came a mighty stir as they departed.¹

Some few regarded these things as betokening disaster; but the greater number put their faith in a prophecy of their ancient priestly writings, that at that very time the East would rise to power, and that men issuing from Judaea would become masters of the world.² These dark sayings had reference to Vespasian and Titus;³ but the multitude, led in true human fashion by their desires, took these mighty prognostications to themselves, nor did even their calamities open their eyes to the truth.

Ominous
ancient
prophecy.

The total number of the besieged, we are told, of all ages and both sexes, was six hundred thousand.⁴ All bore arms that were able to carry them, the number offering themselves being out of all proportion to the whole; and the women were as determined as the men. If they were to be compelled to leave their country, death had fewer terrors for them than life.

Number of
the be-
sieged.

Such was the nation, and such the city, which Titus now resolved to attack by earthworks and covered approaches, seeing that against so strong a position assaults and surprises were impracticable. Each

¹ This story is also given by Josephus. The idea would naturally be taken up by Romans, as it was an early Roman custom in besieging a city to invite the Gods to come out, promising that they would receive due attention in their adopted city. See Liv. v. 22.

² It is interesting to find the general expectation of a Messiah, to arise in the East as a ruler of the world, mentioned alike by Tac., Suet., and Josephus. The Roman writers naturally interpret it as applying to Vespasian; Josephus, who after the sparing of his life at Jotapata had become an enthusiastic and subservient adherent of Vespasian, does the same. Yet he declares that the oracle, as he calls it, was one of the

chief incitements which drove the Jews to war.

³ It is to be noted that Tac. states positively that the prodigies mentioned at the beginning of the chapter had actually occurred; while here he states no less positively that the prophecies about a ruler coming from the East had actually foretold the reign of Vespasian and Titus.

⁴ Tac. does not apparently feel very sure as to the number. Josephus gives the number of those slain during the siege at 1,100,000; but, as we have seen above, his numbers throughout are grossly exaggerated and indeed quite incredible.

Legion had its task allotted to it; and there was a cessation of fighting until all the devices for the siege of cities, whether in use among the ancients, or invented by modern ingenuity, could be got together.

Civilis at
Vetera.

To return now to Civilis. Having recruited his army in Germany¹ after his defeat in the country of the Treveri, he established himself at Vetera, both as a place of safety, and because he wished to raise the spirit of the barbarians by a recollection of the success which they had gained there. Cerialis followed him thither, with a force doubled by the arrival of the 2nd, 6th, and 14th Legions;² the auxiliary cohorts and cavalry, which had been sent for long before, had hurried up after the victory.

14

Both
generals
anxious for
battle.

Neither leader was inclined for delay, but they were kept apart by a level expanse of naturally marshy ground; besides which Civilis had constructed a dam projecting slantwise across the Rhine, so as to throw back the water and pour it upon the adjacent fields. Ground of this kind, under water of uncertain depth, was treacherous and unfavourable to our men; for the Roman soldier, with his heavy arms, was afraid to swim, while the Germans, being used to rivers, lightly³ armed, and of great stature, could keep themselves above water.

¹ By 'Germany' here Tac. means Germany as a whole, the Germany beyond the Rhine; not merely the two Roman provinces, for which the Plural *Germaniæ* is used.

² Five legions, as we have seen, had been sent from Italy over the Alpine passes to quell the revolt; but of these only the 21st (*Rapax*) was under Cerialis, the remainder were given to Annius Gallus for the reduction of the Upper Province. But Tac. tells us practically nothing of the successful operations in that quarter.

In addition to the 21st, Cerialis had

under him the remains of the four legions which he was relieving (the 1st, the 4th, the 16th, and 22nd); but as these last were mere skeletons, the addition of the 2nd (*Adiutrix*) from Italy, the 6th (*Victrix*) from Spain, and the 14th (*Gemina*) from Britain, would at least double his fighting force. Various auxiliary troops, of horse and foot, were added to the legionaries. M in this passage reads *decima tertia* instead of *sexta*. The 13th was certainly one of the legions which had been sent over the Alps (iv. 68).

³ This is explained by Ann. ii. 14,

ANEXO C – MOORE (1931)

TACITUS. The Histories 5.1-13 (on Judeans). In: MOORE, Clifford H. *Tacitus: The Histories*. London: Heinemann, v. 2, 1931. p. 177-199.

Tacitus, *The Histories* 5.1-13 (on Judeans)

From Clifford H. Moore, *Tacitus: The Histories* (London: Heinemann, 1931), vol. 2.

No copyright notice; in the public domain.

Full text with Latin available online at: <http://www.archive.org/details/histories02taciuft>

BOOK V

I. At the beginning of this same year¹ Titus Caesar, who had been selected by his father to complete the subjugation of Judea,² and who had already won distinction as a soldier while both were still private citizens, began to enjoy greater power and reputation, for provinces and armies now vied with one another in enthusiasm for him. Moreover, in his own conduct, wishing to be thought greater than his fortune, he always showed himself dignified and energetic in the field; by his affable address he called forth devotion, and he often mingled with the common soldiers both at work or on the march without impairing his position as general. He found awaiting him in Judea three legions, Vespasian's old troops, the Fifth, the Tenth, and the Fifteenth. He reinforced these with the Twelfth from Syria and with some soldiers from the Twenty-second and the Third which he brought from Alexandria; these troops were accompanied by twenty cohorts of allied infantry, eight squadrons of cavalry, as well as by the princes Agrippa and Sohaemus, the auxiliaries sent by King Antiochus,³ and by a strong contingent of Arabs, who hated the Jews with all that hatred that is common among neighbours; there were besides many Romans who had been prompted to leave the capital and Italy by the hope that each entertained of securing the prince's favour while he was yet free from engagements. With these forces Titus entered

the enemy's land: his troops advanced in strict order, he reconnoitred at every step and was always ready for battle; not far from Jerusalem he pitched camp.

II. However, as I am about to describe the last days of a famous city, it seems proper for me to give some account of its origin.¹

It is said that the Jews were originally exiles from the island of Crete who settled in the farthest parts of Libya at the time when Saturn had been deposed and expelled by Jove. An argument in favour of this is derived from the name: there is a famous mountain in Crete called Ida, and hence the inhabitants were called the Idaei, which was later lengthened into the barbarous form Iudaei. Some hold that in the reign of Isis the superfluous population of Egypt, under the leadership of Hierosolymus and Iuda, discharged itself on the neighbouring lands; many others think that they were an Egyptian stock, which in the reign of Cepheus was forced to migrate by fear and hatred. Still others report that they were Assyrian refugees, a landless people, who first got control of a part of Egypt, then later they had their own cities and lived in the Hebrew territory and the nearer parts of Syria. Still others say that the Jews are of illustrious origin, being the Solymi, a people celebrated in Homer's poems,² who founded a city and gave it the name Hierosolyma, formed from their own.

III. Most authors agree that once during a plague in Egypt which caused bodily disfigurement, King Bocchoris³ approached the oracle of Ammon⁴ and

¹ The famous Egyptian oracle in the oasis Siwah, in the Libyan desert.

asked for a remedy, whereupon he was told to purge his kingdom and to transport this race into other lands, since it was hateful to the gods. So the Hebrews were searched out and gathered together; then, being abandoned in the desert, while all others lay idle and weeping, one only of the exiles, Moses by name, warned them not to hope for help from gods or men, for they were deserted by both, but to trust to themselves, regarding as a guide sent from heaven the one whose assistance should first give them escape from their present distress. They agreed, and then set out on their journey in utter ignorance, but trusting to chance. Nothing caused them so much distress as scarcity of water, and in fact they had already fallen exhausted over the plain nigh unto death, when a herd of wild asses moved from their pasturage to a rock that was shaded by a grove of trees. Moses followed them, and, conjecturing the truth from the grassy ground, discovered abundant streams of water. This relieved them, and they then marched six days continuously, and on the seventh seized a country, expelling the former inhabitants; there they founded a city and dedicated a temple.¹

IV. To establish his influence over this people for all time, Moses introduced new religious practices, quite opposed to those of all other religions. The Jews regard as profane all that we hold sacred; on the other hand, they permit all that we abhor. They dedicated, in a shrine, a statue of that creature whose guidance enabled them to put an end to their wandering and thirst,² sacrificing a ram, apparently in derision of Ammon.³ They likewise offer the ox, because the Egyptians worship Apis. They abstain

from pork, in recollection of a plague, for the scab to which this animal is subject once afflicted them. By frequent fasts even now they bear witness to the long hunger with which they were once distressed, and the unleavened Jewish bread is still employed in memory of the haste with which they seized the grain.¹ They say that they first chose to rest on the seventh day because that day ended their toils; but after a time they were led by the charms of indolence to give over the seventh year as well to inactivity.² Others say that this is done in honour of Saturn,³ whether it be that the primitive elements of their religion were given by the Idaeans, who, according to tradition, were expelled with Saturn and became the founders of the Jewish race, or is due to the fact that, of the seven planets that rule the fortunes of mankind, Saturn moves in the highest orbit and has the greatest potency; and that many of the heavenly bodies traverse their paths and courses in multiples of seven.⁴

V. Whatever their origin, these rites are maintained by their antiquity: the other customs of the Jews are base and abominable, and owe their persistence to their depravity. For the worst rascals among other peoples,⁵ renouncing their ancestral religions, always kept sending tribute and contributions to Jerusalem, thereby increasing the wealth of the Jews; again, the Jews are extremely loyal toward one another, and always ready to show compassion, but toward every other people they

⁵ The proselytes, whose contributions were important. The tribute amounted to two drachmas a head each year, according to Josephus, *Bell. Iud.* vii. 218 (Niese).

BOOK V. v.

feel only hate and enmity. They sit apart at meals, and they sleep apart, and although as a race, they are prone to lust, they abstain from intercourse with foreign women; yet among themselves nothing is unlawful. They adopted circumcision to distinguish themselves from other peoples by this difference. Those who are converted to their ways follow the same practice, and the earliest lesson they receive is to despise the gods, to disown their country, and to regard their parents, children, and brothers as of little account. However, they take thought to increase their numbers; for they regard it as a crime to kill any late-born child,¹ and they believe that the souls of those who are killed in battle or by the executioner are immortal: hence comes their passion for begetting children, and their scorn of death. They bury the body rather than burn it, thus following the Egyptians' custom; they likewise bestow the same care on the dead, and hold the same belief about the world below; but their ideas of heavenly things are quite the opposite. The Egyptians worship many animals and monstrous images; the Jews conceive of one god only, and that with the mind alone: they regard as impious those who make from perishable materials representations of gods in man's image; that supreme and eternal being is to them incapable of representation and without end. Therefore they set up no statues in their cities, still less in their temples; this flattery is not paid their kings, nor this honour given to the Caesars. But since their priests used to chant to the accompaniment of pipes and cymbals and to wear garlands of ivy, and because a golden vine was found in their temple, some have thought that they were devotees

of Father Liber, the conqueror of the East, in spite of the incongruity of their customs. For Liber established festive rites of a joyous nature, while the ways of the Jews are preposterous and mean.

VI. Their land is bounded by Arabia on the east, Egypt lies on the south, on the west are Phoenicia and the sea, and toward the north the people enjoy a wide prospect over Syria.¹ The inhabitants are healthy and hardy. Rains are rare; the soil is fertile: its products are like ours, save that the balsam and the palm also grow there. The palm is a tall and handsome tree; the balsam² a mere shrub: if a branch, when swollen with sap, is pierced with steel, the veins shrivel up; so a piece of stone or a potsherd is used to open them; the juice is employed by physicians. Of the mountains, Lebanon rises to the greatest height, and is in fact a marvel, for in the midst of the excessive heat its summit is shaded by trees and covered with snow; it likewise is the source and supply of the river Jordan.³ This river does not empty into the sea, but after flowing with volume undiminished through two lakes is lost in the third.⁴ The last is a lake of great size: it is like the sea, but its water has a nauseous taste, and its offensive odour is injurious to those who live near it. Its waters are not moved by the wind, and neither fish nor water-fowl can live there. Its lifeless waves bear up whatever is thrown upon them as on a solid surface; all swimmers, whether skilled or not, are buoyed up by them. At a certain season of the year the sea throws up bitumen, and experience has taught the natives how to collect this, as she teaches

* The marshy Lake Merom, then Gennesareth, and finally the Dead Sea.

all arts. Bitumen is by nature a dark fluid which coagulates when sprinkled with vinegar, and swims on the surface. Those whose business it is, catch hold of it with their hands and haul it on shipboard: then with no artificial aid the bitumen flows in and loads the ship until the stream is cut off. Yet you cannot use bronze or iron to cut the bituminous stream; it shrinks from blood or from a cloth stained with a woman's menses. Such is the story told by ancient writers, but those who are acquainted with the country aver that the floating masses of bitumen are driven by the winds or drawn by hand to shore, where later, after they have been dried by vapours from the earth or by the heat of the sun, they are split like timber or stone with axes and wedges.

VII. Not far from this lake is a plain which, according to report, was once fertile and the site of great cities, but which was later devastated by lightning; and it is said that traces of this disaster still exist there, and that the very ground looks burnt and has lost its fertility. In fact, all the plants there, whether wild or cultivated, turn black, become sterile, and seem to wither into dust, either in leaf or in flower or after they have reached their usual mature form. Now for my part, although I should grant that famous cities were once destroyed by fire from heaven, I still think that it is the exhalations from the lake that infect the ground and poison the atmosphere about this district, and that this is the reason that crops and fruits decay, since both soil and climate are deleterious.¹ The river Belus also

¹ With this description compare that of Josephus, *Bell. Jud.* iv. 8, 4; Strabo xvi. 763 f.; and Pliny, *N.H.* v. 71 f., vii. 65.

BOOK V. VII.—VIII.

empties into the Jewish Sea; around its mouth a kind of sand is gathered, which when mixed with soda is fused into glass. The beach is of moderate size, but it furnishes an inexhaustible supply.¹

VIII. A great part of Judea is covered with scattered villages, but there are some towns also; Jerusalem is the capital of the Jews. In it was a temple possessing enormous riches.² The first line of fortifications protected the city, the next the palace, and the innermost wall the temple.³ Only a Jew might approach its doors, and all save the priests were forbidden to cross the threshold. While the East was under the dominion of the Assyrians, Medes, and Persians, the Jews were regarded as the meanest of their subjects; but after the Macedonians gained supremacy,⁴ King Antiochus endeavoured to abolish Jewish superstition and to introduce Greek civilization; the war with the Parthians, however, prevented his improving this basest of peoples; for it was exactly at that time that Arsaces had revolted.⁵ Later on, since the power of Macedon had waned, the Parthians were not yet come to their strength, and the Romans were far away, the Jews selected their own kings.⁶ These in turn were expelled by the fickle mob; but recovering their throne by force of arms,⁷ they banished citizens, destroyed towns, killed brothers, wives, and parents, and dared essay every other kind of royal crime without hesitation; but they fostered the national super-

¹ The Hasmonean line.

² This may refer to the war between King Alexander and the Pharisees that began in 92 B.C. and lasted for six years; or to the struggle for the throne that followed on the death of Alexander's widow, Salome, in 70 B.C.

stitution, for they had assumed the priesthood to support their civil authority.

IX. The first Roman to subdue the Jews and set foot in their temple by right of conquest was Gnaeus Pompey :¹ thereafter it was a matter of common knowledge that there were no representations of the gods within, but that the place was empty and the secret shrine contained nothing. The walls of Jerusalem were razed, but the temple remained standing. Later, in the time of our civil wars, when these eastern provinces had fallen into the hands of Mark Antony, the Parthian prince, Pacorus, seized Judea, but he was slain by Publius Ventidius, and the Parthians were thrown back across the Euphrates :² the Jews were subdued by Gaius Sosius.³ Antony gave the throne to Herod, and Augustus, after his victory, increased his power. After Herod's death, a certain Simon⁴ assumed the name of king without waiting for Caesar's decision. He, however, was put to death by Quintilius Varus, governor of Syria; the Jews were repressed; and the kingdom was divided into three parts and given to Herod's sons.⁵ Under Tiberius all was quiet. Then, when Caligula ordered the Jews to set up his statue in their temple, they chose rather to resort to arms, but the emperor's death put an end to their uprising. The princes now being dead or reduced to insignificance, Claudius made Judea a province and entrusted it to Roman knights or to freedmen; one of the latter, Antonius Felix, practised every kind of cruelty and

⁵ Archilaus, as Ethnarch, ruled Judea, southern Idumea and northern Samaria; Herod Antipas, as Tetrarch, had Galilee and Perea; while Philip, as Tetrarch, received the district east of the Jordan.

lust, wielding the power of king with all the instincts of a slave;¹ he had married Drusilla, the granddaughter of Cleopatra and Antony, and so was Antony's grandson-in-law, while Claudius was Antony's grandson.

X. Still the Jews' patience lasted until Gessius Florus became procurator:² in his time war began. When Cestius Gallus, governor of Syria, tried to stop it, he suffered varied fortunes and met defeat more often than he gained victory. On his death, whether in the course of nature or from vexation, Nero sent out Vespasian, who, aided by his good fortune and reputation as well as by his excellent subordinates, within two summers occupied with his victorious army the whole of the level country and all the cities except Jerusalem. The next year was taken up with civil war, and thus was passed in inactivity so far as the Jews were concerned. When peace had been secured throughout Italy, foreign troubles began again; and the fact that the Jews alone had failed to surrender increased our resentment; at the same time, having regard to all the possibilities and hazards of a new reign, it seemed expedient for Titus to remain with the army.

XI. Therefore, as I have said above,³ Titus pitched his camp before the walls of Jerusalem and displayed his legions in battle array: the Jews formed their line close beneath their walls, being thus ready to advance if successful, and having a refuge at hand in case they were driven back. Some horse and light-armed foot were sent against them, but fought indecisively; later the enemy retired, and during the following days they engaged in many skirmishes

¹ In chap. i.

before their gates until at last their continual defeats drove them within their walls. The Romans now turned to preparations for an assault; for the soldiers thought it beneath their dignity to wait for the enemy to be starved out, and so they began to clamour for danger, part being prompted by bravery, but many were moved by their savage natures and their desire for booty. Titus himself had before his eyes a vision of Rome, its wealth and its pleasures, and he felt that if Jerusalem did not fall at once, his enjoyment of them was delayed. But the city stands on an eminence, and the Jews had defended it with works and fortifications sufficient to protect even level ground; for the two hills that rise to a great height had been included within walls that had been skillfully built, projecting out or bending in so as to put the flanks of an assailing body under fire.¹ The rocks terminated in sheer cliffs, and towers rose to a height of sixty feet where the hill assisted the fortifications, and in the valleys they reached one hundred and twenty; they presented a wonderful sight, and appeared of equal height when viewed from a distance.² An inner line of walls had been built around the palace, and on a conspicuous height stands Antony's Tower, so named by Herod in honour of Mark Antony.³

XII. The temple was built like a citadel, with walls of its own, which were constructed with more care and effort than any of the rest; the very colonnades about the temple made a splendid defence. Within the enclosure is an ever-flowing spring;⁴ in the hills are subterraneous excavations, with pools and cisterns for holding rain-water. The founders of the city had foreseen that there would be many wars because the ways of their people differed so from those

of the neighbours: therefore they had built at every point as if they expected a long siege; and after the city had been stormed by Pompey, their fears and experience taught them much. Moreover, profiting by the greed displayed during the reign of Claudius, they had bought the privilege of fortifying their city, and in time of peace had built walls as if for war. The population at this time had been increased by streams of rabble that flowed in from the other captured cities,¹ for the most desperate rebels had taken refuge here, and consequently sedition was the more rife. There were three generals, three armies: the outermost and largest circuit of the walls was held by Simon, the middle of the city by John, and the temple was guarded by Eleazar.² John and Simon were strong in numbers and equipment, Eleazar had the advantage of position: between these three there was constant fighting, treachery, and arson, and a great store of grain was consumed. Then John got possession of the temple by sending a party, under pretence of offering sacrifice, to slay Eleazar and his troops. So the citizens were divided into two factions until, at the approach of the Romans, foreign war produced concord.

XIII. Prodigies had indeed occurred, but to avert them either by victims or by vows is held unlawful by a people which, though prone to superstition, is opposed to all propitiatory rites.³ Contending hosts were seen meeting in the skies, arms flashed, and suddenly the temple was illumined with fire from the clouds. Of a sudden the doors of the shrine opened and a superhuman voice cried: "The gods are departing": at the same moment the by which the Romans warded off (*procurare*) the evil effect of prodigies; but it may have a wider connotation here.

mighty stir of their going was heard.¹ Few interpreted these omens as fearful; the majority firmly believed that their ancient priestly writings contained the prophecy that this was the very time when the East should grow strong and that men starting from Judea should possess the world.² This mysterious prophecy had in reality pointed to Vespasian and Titus, but the common people, as is the way of human ambition, interpreted these great destinies in their own favour, and could not be turned to the truth even by adversity. We have heard that the total number of the besieged of every age and both sexes was six hundred thousand: there were arms for all who could use them, and the number ready to fight was larger than could have been anticipated from the total population. Both men and women showed the same determination; and if they were to be forced to change their home, they feared life more than death.

Such was the city and people against which Titus Caesar now proceeded; since the nature of the ground did not allow him to assault or employ any sudden operations, he decided to use earthworks and mantlets: the legions were assigned to their several tasks, and there was a respite of fighting until they made ready every device for storming a town that the ancients had ever employed or modern ingenuity invented.

XIV. But meantime Civilis,³ after his reverse among the Treviri, recruited his army in Germany and encamped at Vetera, where he was protected by his position, and he also wished to inspire his barbarian troops with new courage from the memory of their former successes there. Cerialis followed

ANEXO D – VER. ITALIANA

TACITO. *Historiae Libro V* – Il popolo ebraico nelle *Historiae* di Tacito. Tradução do *Livro V* para italiano.

Testo italiano

1. Al principio dello stesso anno, Cesare Tito, che il padre aveva incaricato di portare a termine la sottomissione della Giudea e che già si era reso illustre quando entrambi erano ancora dei privati cittadini, dava una grande prova di valore, e n'acquistava la fama, mentre le province e gli eserciti facevano a gara per dimostrargli il proprio accanimento. Nel desiderio che lo si considerasse superiore alla fortuna, si mostrava elegante e fiero in armi, cordiale e sollecito, rivolgendo per primo la parola e suscitando l'emulazione; spesso prendeva parte alle fatiche e alle marce, assieme ai semplici soldati, pur mantenendo intatto il proprio prestigio di comandante. Tre legioni lo accolsero in Giudea: la quinta, la decima, la quindicesima, i vecchi soldati di Vespasiano. Vi aggiunse la dodicesima, chiamata dalla Siria, e i legionari della ventiduesima e della terza, fatti venire da Alessandria. Gli facevano scorta venti coorti alleate e otto ali di cavalleria, con i re Agrippa e Soemo e le truppe ausiliarie di re Antioco, nonché una valorosa banda di arabi, che odiavano gli ebrei per le solite rivalità di confine. C'erano anche molte persone che la speranza di accaparrarsi l'animo del principe, finché fosse ancora libero da altre influenze, aveva richiamato dall'Italia e dall'Urbe. Entrato in territorio nemico, con tutte queste truppe in formazione perfetta, pronto a dare battaglia, dopo aver rastrellato completamente il terreno, pose il campo non lontano da Gerusalemme.

2. Ma a questo punto, poiché stiamo per raccontare l'ultimo giorno di quella città famosa, ci sembra opportuno illustrarne le origini. Dicono che i giudei, banditi dall'isola di Creta, si fossero insediati nella parte estrema della Libia, al tempo in cui Saturno cedette il regno, scacciato dalla potenza di Giove. Se ne adduce a prova il nome: a Creta si innalza il celebre monte Ida e gli abitanti idej, barbarizzando quella parola, ebbero nome giudei. Alcuni dicono che, sotto il regno di Iside, la popolazione sovrabbondante dell'Egitto fu scaricata nei territori vicini, sotto la guida di Gerosolimo e di Giuda. La maggior parte li dice discendenti degli etiopi che la paura e l'odio avevano costretto a cambiare paese, sotto il regno di Cefeo. C'è anche chi afferma che fossero degli immigrati assiri, un popolo povero di terre che, impadronitisi di parte dell'Egitto, avevano poi colonizzato con proprie città le terre ebraiche e le regioni confinanti con la Siria. Altri infine dicono che le origini degli ebrei siano illustri e che una gente celebrata nei canti di Omero, i solimi, dal proprio nome abbia chiamato Gerosolima la città che aveva fondato.

3. La maggior parte degli autori concorda che in Egitto, essendo sorta una pestilenza che deturpava i corpi, il re Boccori, consultato l'oracolo di Ammone per chiedere un rimedio, ebbe l'ordine di purificare il regno e di trasferire in altre terre questa razza invisa agli dei. Furono quindi ricercati, radunati in folla, ed abbandonati nel deserto. Mentre gli altri se ne stavano inerti a piangere, uno degli esuli, Mosè, li ammonì a non aspettarsi nessun bene, né dagli uomini né dagli dei, perché entrambi li avevano abbandonati. Dovevano confidare in se

stessi e affidarsi, come una guida celeste, a colui che li aveva aiutati per primo nelle angustie presenti. Tutti furono d'accordo e, poiché non avevano nessuna conoscenza dei luoghi, si misero in marcia in una direzione qualsiasi. Ma nulla li faceva tanto soffrire quanto la mancanza d'acqua e, dappertutto, cadevano a terra, già vicini alla morte, quando una mandria di asini selvatici, che tornava dal pascolo, si mise a fuggire verso una montagna ombreggiata da un bosco. Mosè, avendoli seguiti e constatato che il terreno era erboso, scoprì delle vene d'acqua abbondanti. Fu un sollievo e, dopo sei giorni di marcia, il settimo occupano la terra dove fu eretta la città e consacrato il Tempio, scacciandone gli abitanti.

4. Mosè, per assicurarsi per sempre la fedeltà di quella gente, le diede dei riti nuovi e contrari a quelli degli altri mortali. Presso di loro son profane tutte le cose per noi sacre e, per contro, considerano lecite tutte quelle illecite per noi. Fu consacrata in un santuario la statua di quell'animale che aveva indicato loro il modo di por fine alla sete e all'errare senza meta, sacrificando un ariete, per fare oltraggio ad Ammone. Immolarono anche il bue, perché gli egiziani venerano Api. Da allora, in ricordo dell'epidemia, si astengono dal maiale, perché in passato li aveva deturpati la scabbia, cui l'animale è soggetto. Ricordano ancora oggi la lunga fame di un tempo con frequenti digiuni, e il pane degli ebrei non viene impastato con lievito, in ricordo delle messi rubate. Affermano di doversi riposare il settimo giorno, perché aveva posto fine alle loro fatiche. Ma, attratti dall'ozio, consacrano al riposo anche il settimo anno. Altri dicono che lo facciano per rendere onore a Saturno, sia che abbiano ricevuto le basi della loro religione dagli ideai che, scacciati assieme a Saturno, si ricordano quali progenitori di quella gente, sia perché, tra i sette astri che reggono il destino degli uomini, il pianeta Saturno ha l'orbita più elevata e la potenza più grande, ed anche perché la maggior parte degli astri compie la propria corsa e la propria rivoluzione secondo dei numeri multipli del sette.

5. Questi riti, in qualsiasi modo siano stati introdotti, si difendono con la loro vetustà: le altre usanze, sinistre e turpi, prevalsero perché malvagie. Infatti tutti i peggiori, disprezzando la religione avita, ammassarono tributi e offerte, d'onde si accrebbe la potenza dei giudei, anche perché tra loro la fede è ostinata e la solidarietà immediata, mentre nutrono un odio ostile contro tutti gli altri. Non mangiano e non dormono assieme a non ebrei; è una gente che, pur essendo incline alla libidine, si astiene dalle unioni con donne straniere, mentre tra loro non c'è nulla di illecito. Istituirono l'usanza di circoncidersi per riconoscersi. Chi si converte alle loro usanze, si comporta allo stesso modo e, prima di ogni altra cosa, gli insegnano a disprezzare gli dei, a rinnegare la patria, e a non tenere in nessuna considerazione né i figli, né i genitori, né i fratelli. Si preoccupano però di incrementare la popolazione e non è consentito loro di uccidere nessuno dei figli nati dopo il primo. Credono che le anime dei morti in guerra e nei supplizi siano eterne, e quindi amano avere dei figli e disprezzano la morte. All'uso egizio, preferiscono seppellire che cremare i corpi e hanno lo stesso modo di curare i cadaveri e le stesse credenze sull'oltretomba, ma contrarie sul cielo. Gli egiziani venerano un gran numero di animali nelle loro effigi; gli ebrei concepiscono, e soltanto nel pensiero, un solo dio. Considerano empì coloro che modellano gli dei a immagine degli uomini, con materiali destinati a perire; credono in un Essere Supremo, eterno e imperituro, che non si può

rappresentare. Nelle loro città non elevano quindi statue, nemmeno nei templi, e rifiutano questa adulazione ai re, questo onore ai Cesari. Ma, poiché i loro sacerdoti, cantando, si accompagnavano col flauto e i timpani e si adornavano di edera, e nell'interno del Tempio fu trovata una vite d'oro, alcuni credettero che venerassero il Padre Libero, domatore dell'Oriente, benché i riti non abbiano nessun rapporto, perché Libero istituì delle cerimonie allegre e festose, mentre la tradizione dei giudei è assurda e sordida.

6. La loro terra a Oriente confina con l'Arabia, a meridione con l'Egitto, a occidente con il mare e i fenici, e, per lungo tratto, a settentrione, con la Siria. Gli abitanti sono sani e sopportano le fatiche; le piogge sono rare e il terreno ubertoso. Coltivano le messi secondo le nostre usanze e, in più, le palme e il balsamo. I palmizi sono alti ed eleganti, il balsamo invece è un arboscello; quando il ramo si inturgidisce, le sue vene temono il ferro e si devono incidere con una scheggia di pietra o di coccio. La sua linfa si usa come medicinale. Sugli altri monti si erge fiero il Libano che - cosa incredibile in un paese così caldo - è coperto di alberi e di nevi perenni; da esso nasce anche e prende alimento il fiume Giordano, il quale non sfocia in mare, ma fluisce intatto attraverso un primo e un secondo lago, per essere infine trattenuto dal terzo. Questo lago, di un perimetro immenso, simile a un mare ma di un sapore più disgustoso, pestilenziale ai vicini, per il suo fetore, non è mai mosso dal vento e non ha pesci né i soliti uccelli acquatici. Onde inerti sorreggono, come se fossero solide, gli oggetti che vi vengono buttati dentro, e quindi chi sa nuotare e chi non sa nuotare vi galleggia allo stesso modo. A una certa epoca dell'anno butta fuori il bitume e l'esperienza - maestra di ogni arte - insegnò il modo di raccogliarlo. È un liquido nero che, sparso di aceto, si coagula e galleggia. Gli incaricati lo afferrano con le mani e lo tirano sul bordo delle barche; da lì, senza bisogno di intervenire, continua a colare nell'imbarcazione e riempie la nave, finché non se ne interrompe il flusso. Non c'è ferro o bronzo che possa tagliarlo; rifugge soltanto dal sangue mestruale e delle vesti che ne siano infette. Questo riferiscono gli autori antichi, ma la gente pratica del luogo dice che le masse galleggianti vengono spinte a braccia e trascinate sulla spiaggia e che poi, quando il calore del terreno e la violenza del sole le hanno asciugate, vengono fatte a pezzi con scuri e cunei, come se fossero travi o macigni.

7. Non lontano ci sono dei campi e si dice che, un tempo, fossero fertili e coperti di grandi città, ma che in seguito siano stati bruciati dal fulmine. Ne rimasero le rovine e la terra stessa, quasi riarsa, ha perso la facoltà di generare. Infatti, tutti i prodotti del suolo, sia spontanei che coltivati, appena sbocciano in forma di stelo o di fiore, o si sviluppano assumendo l'aspetto consueto, diventano neri, vuoti e svaniscono in cenere. In quanto a me, voglio ammettere che delle città un tempo illustri siano state distrutte dal fuoco del cielo, ma credo anche che la terra sia infetta per le emanazioni del lago, che corrompe l'aria sovrastante, e che quindi tutti i frutti dei seminati e dell'autunno imputridiscano, perché sia il cielo che la terra sono ammorbati. Nel mare di Giudea si scarica anche il fiume Belio, attorno alla cui foce si trovano quelle sabbie che, miste a nitro, si fondono per fabbricare il vetro. È una spiaggia piccola, ma inesauribile per chi ne asporta la sabbia.

8. Gran parte della Giudea è divisa in villaggi, ma hanno anche delle città. Gerusalemme ne è la capitale. Ivi c'era un tempio di ricchezza immensa; la città era chiusa da una prima cinta di mura, poi c'era la reggia e quindi il Tempio, chiuso da una cinta interna. Soltanto i giudei erano ammessi alle porte, ma non potevano oltrepassarne la soglia, eccetto i sacerdoti. Finché l'Oriente fu dominato dagli assiri, dai medi e dai persiani, i giudei furono la parte più disprezzata dei loro schiavi. Dopo che i macedoni ebbero conquistato il potere, re Antioco fece un tentativo per cancellare quella superstizione e dar loro delle usanze greche, allo scopo di migliorare quella gente estremamente cupa. Ne fu impedito dalla rivolta dei parti, perché in quell'epoca Arsace si era ribellato. Allora, di fronte alla debolezza dei macedoni e al fatto che i parti non erano ancora nel pieno vigore delle proprie forze - i romani poi erano ben lontani - i giudei si nominarono dei propri re. Ora scacciati a furor di popolo ed ora riprendendo il potere con le armi, commisero tutti i delitti abituali dei re, esiliando i cittadini, distruggendo le città, uccidendo i fratelli, le mogli e i genitori. Favorivano però quella superstizione, perché assumendo anche la dignità sacerdotale cercavano di consolidare il proprio potere.

9. Gneo Pompeo fu il primo dei romani che domò i giudei ed entrò nel Tempio, col diritto del vincitore. Allora si divulgò la fama che nell'interno non c'era nessuna effigie divina e che il sacrario era vuoto, ed inesistente il mistero. Rase al suolo le mura di Gerusalemme, il Tempio rimase in piedi. In seguito, durante la nostra guerra civile, dopo che Marco Antonio si era impadronito di quelle province, il re dei parti Pacoro occupò la Giudea e fu ucciso da Publio Ventidio, che ricacciò i parti oltre l'Eufrate. Gaio Sosio soggiogò i giudei. Augusto, dopo la vittoria, ampliò il regno che Antonio aveva dato a Erode. Un certo Simone, dopo la morte di Erode, usurpò il regno, senza affatto aspettare il consenso di Cesare. Fu punito dal governatore della Siria, Quintilio Varo, e i tre figli di Erode regnarono collegialmente su quella gente dopo averla ridotta all'obbedienza. Sotto Tiberio ci fu pace. Ma poi, avendo Caligola dato l'ordine di porre la sua statua dentro il Tempio, presero piuttosto le armi. La morte di Cesare fece cessare quella sollevazione. Claudio, vedendo che i re erano morti e la loro autorità ridotta a ben poca cosa, consentì che la Giudea, ridotta in provincia, fosse governata da cavalieri romani e da liberti imperiali. Uno di questi, Antonio Felice, esercitò in modo crudele e sfrenato il potere di un re con la mentalità di uno schiavo. Avendo sposato Drusilla, la nipote di Cleopatra e di Antonio, era il progenero di Antonio, come Claudio ne era il nipote.

10. I giudei rimasero pazienti fino al procuratore Gessio Floro. La rivolta divampò sotto di lui. Con vario esito ma il più spesso a lui contrario, affrontarono il legato di Siria, Cestio Gallo, che tentava di reprimerla. Quando questi morì, di malattia o di crepacuore, Vespasiano, mandato da Nerone, avendo con sé la fortuna, la gloria e degli ottimi ufficiali, occupò saldamente la maggior parte del paese e tutte le città, eccetto Gerusalemme, nel corso di due estati. L'anno seguente, tutto preso dalla guerra civile, passò inoperoso per quanto concerne i giudei. Tornata la pace in Italia, si tornò anche a pensare alla politica estera. Il risentimento contro i giudei era aumentato, perché erano i soli a non essersi arresi. E sembrava anche

opportuno che Tito rimanesse a capo dell'esercito, pronto a ogni intervento e a ogni nuova necessità della nuova dinastia.

11. Dunque, dopo aver posto il campo, come abbiamo già detto, davanti ai bastioni di Gerusalemme, presentò le legioni schierate a battaglia. I giudei si schierarono proprio sotto le mura, pronti a lanciarsi oltre in caso di vittoria e con un rifugio già predisposto, nel caso in cui fossero respinti. I cavalieri mandati contro di loro, con l'appoggio di coorti leggere, ebbero uno scontro indeciso, ma poi i nemici si ritirarono e, nei giorni seguenti, si attardarono spesso a combattere davanti alla porte, finché furono ricacciati dentro dalle continue perdite. I romani volevano prendere la città d'assalto, ché non sembrava onorevole aspettare che il nemico fosse affamato, e chiedevano di essere portati al pericolo, in parte per coraggio e in parte per iattanza e per desiderio di premi. Anche Tito aveva davanti agli occhi Roma, le sue ricchezze e i suoi piaceri, e se Gerusalemme non fosse caduta immediatamente, avrebbe dovuto rinviarli. Ma grandi opere in muratura, tali da fortificare a sufficienza anche una città di pianura, avevano reso ancor più forte quella città, già difficile da espugnare per la sua posizione naturale. Infatti, le mura, oblique ad arte e con gli angoli rivolti verso l'interno, in modo da lasciare esposti ai colpi i fianchi degli assalitori, chiudevano due colli altissimi. In cima alla roccia scoscesa, dove la montagna costituiva già un appoggio, la torri si innalzavano già per settanta piedi, e fino a centoventi negli avvallamenti, molto spettacolari, dando, a chi le guardava da lontano, la sensazione che fossero tutte uguali. Nell'interno, un'altra cerchia di mura attorniava la reggia e la torre Antonia, così chiamata da Erode in onore di Marco Antonio, spiccava per la sua altezza.

12. Il Tempio era costruito come una cittadella e aveva delle proprie mura, erette con fatica e arte maggiore, e persino i portici che circondavano il Tempio erano un notevole caposaldo. Dentro c'era una fonte d'acqua perenne, e per di più i giudei avevano scavato nella montagna delle piscine sotterranee e delle cisterne, per conservare le acque piovane. I fondatori avevano previsto che le guerre sarebbero state frequenti, data la diversità dei costumi, e avevano quindi predisposto tutto per un assedio, anche lunghissimo. In seguito poi, il timore e l'esperienza avevano insegnato parecchi accorgimenti, dopo che Pompeo li aveva presi d'assalto. Avendo quindi comperato il diritto di fortificarsi, per l'avarizia dei tempi di Claudio, avevano costruito in tempo di pace delle mura, come se già fossero in guerra, e in quel momento erano diventati ancor più numerosi, per la gran folla che vi si era precipitata dalle altre città. Tutti i più fanatici, infatti, si erano rifugiati là dentro, comportandosi in modo sempre più turbolento. Tre erano i comandanti ed altrettanti gli eserciti: Simone presidiava la cerchia più ampia delle mura esterne, Giovanni, detto anche Bar Giora, il centro cittadino, Eleazaro il Tempio. Giovanni e Simone erano forti per numero di seguaci e per armi, Eleazaro per la posizione: ma, tra di loro, scontri, tradimenti e incendi erano continui, e una grande quantità di frumento era stata data alle fiamme. Giovanni ben presto si impadronì del Tempio, avendo mandato degli uomini a scannare Eleazaro e la sua squadra, con la scusa di offrire un sacrificio. La città si divise così in due fazioni, fino a quando, con l'avvicinarsi dei romani, la guerra esterna generò la concordia.

13. Erano avvenuti dei prodigi che quella razza, incallita nella superstizione e avversa alla religione, non credeva lecito espiare, né con voti né con sacrifici. Furono visti eserciti combattersi in cielo, armi scintillare e il Tempio fu illuminato da lampi improvvisi. Le porte del santuario si spalancarono, a un tratto, e si udì una voce sovrumana esclamare: "Gli dei se ne vanno!" e allo stesso tempo il movimento degli dei che si allontanavano. Pochi davano a questi prodigi un significato sinistro. I più erano convinti che fosse scritto, negli antichi testi dei sacerdoti, che, in quell'epoca, l'Oriente avrebbe dimostrato la propria forza e che degli uomini partiti dalla Giudea sarebbero diventati i padroni del mondo. Quella profezia oscura aveva predetto Vespasiano e Tito, ma la folla, come al solito gli uomini quando desiderano qualcosa, riferiva a se stessa il grande destino e nemmeno le avversità li spingevano a cambiare parere e a credere alla verità. E' stato riferito che gli assediati fossero più di seicentomila di tutte le età, uomini e donne. Furono date armi a tutti quelli che erano in grado di portarle ed essi ardivano combattere in numero maggiore di quanto si potrebbe credere, in rapporto alla popolazione, dimostrando uomini e donne la stessa ostinazione e temendo più la vita che la morte, nel caso in cui fossero costretti a cambiare sede. Contro questa gente e questa città, Cesare Tito decise di combattere con trincee e camminamenti, quando fu costretto dalla natura del terreno a rinunciare alla sorpresa e all'attacco improvviso. Le legioni si divisero i compiti e i combattimenti ebbero una sosta, finché fossero messi in opera tutti i mezzi che le vecchie e le nuove generazioni hanno escogitato per espugnare la città.

Note

1. **Eiusdem anni:** è il 70 d. C.; Tacito, dopo aver esposto nel IV libro gli avvenimenti successivi a Roma e in Germania, torna ora all'inizio dell'anno. - **Caesar Titus:** Tito portava il titolo imperiale, come erede del padre Vespasiano, proclamato imperatore nel 69 d. C.. - **perdomandae Iudaeae:** Vespasiano, nonostante avesse già portato guerra alla Giudea, non era però riuscito a espugnare Gerusalemme. - **privatis utrisque rebus:** da intendere come non appartenente alla famiglia imperiale. Tito si era già distinto come ufficiale, dapprima come tribuno militare in Germania e in Bitinia, poi, dopo la questura, come legato della XV legione, l'*Apollinaris*, in Giudea. - **super fortunam:** la precisazione intende puntualizzare il fatto che i meriti di Tito fossero già stati riconosciuti prima che il padre diventasse imperatore. - **tres eum... legiones:** sono la *V Macedonica*, trasferita in Giudea dall'Armenia; la *X Fretensis*, stanziata a Gerico, nota per essere stata una delle legioni di Cesare, e la *XV Apollinaris*, ex legione di Ottaviano, prima stanziata nell'Ilirico e successivamente in Oriente. La posizione del complemento oggetto tra il numerale e il soggetto sembra voglia esprimere visivamente l'accoglienza riservata a Tito dalle legioni. - **excepere:** sta per *exceperunt*. - **duodecimam:** la XII legione, la *Fulminata*, era stanziata in Siria; a questa si aggiungono duemila *vexillarii* della *XXII Deiotariana* e della *III Cyrenaica*, venti coorti fornite da popolazioni alleate, otto reparti di cavalleria, e ancora i contingenti, circa novemila uomini tra fanti e cavalieri, forniti dai tre regoli Soemo, Antioco e Agrippa, e l'*Arabum manus* inviata da Malco II, Re dei nabatei. I dettagli che mancano in Tacito si integrano con le notizie fornite per l'anno 67 d. C.

da Flavio Giuseppe, *Bellum Iudaicum*, III 65-69. In totale si tratta di una forza di circa 60.000 uomini. - **Agrippa**: si tratta di Marco Giulio Agrippa II, figlio di Marco Giulio Agrippa I, l'Erode degli *Atti degli Apostoli*. Ereditò dallo zio la corona di Calcide nell'Iturea, sotto l'imperatore Claudio; Nerone ampliò ulteriormente i suoi possedimenti. Nella guerra giudaica collaborò con i romani contro i suoi stessi sudditi, spinto anche dalla sorella Berenice, che ebbe con Tito una famosa storia d'amore, cfr. Il 2 e 81. - **Sohaemus**: cognato di Agrippa II, signore di Emesa, nella Siria Apamene e sovrano, dal 54 d. C., della regione armena della Sofene, concessagli da Nerone. - **regis Antiochi**: Antioco IV Epifane, ricchissimo re della Commagene, nella Siria settentrionale, era cugino di Soemo. Insediato sul trono e poi deposto da Caligola, fu poi reintegrato da Claudio nel 41 d. C.. - **infensa Iudaeis**: l'inimicizia tra ebrei e arabi ha il suo inizio mitico nel diverso destino dei due figli di Abramo, Ismaele e Isacco, cfr. *Genesi*, 25, 9 sgg.. - **finis**: equivale a *finēs* (acc. plu.). - **haud procul**: Tito si accampò a circa trenta stadi da Gerusalemme, cioè a una cinquantina di km.

2. Sed quoniam... congruens videtur: analogo avvio di un excursus in Sallustio, *Iug.*, 79: *Sed quoniam... non indignum videntur*; Cesare, *Bell. Gall.*, VI 11: *Quoniam... non alienum esse videtur*, ecc. "E' difficile identificare le fonti che sono alla base di Tacito. Forse non è azzardato pensare con Gutshmid che in larga parte le notizie di Tacito derivino da Apione" (L. Troiani, *Commento storico al "Contro Apione" di Giuseppe*, Pisa 1977, p. 51). Apione, un grammatico vissuto fino al tempo di Claudio, aveva scritto una *Storia d'Egitto*, una sezione della quale è talvolta chiamata dagli autori cristiani *Contro i giudei*. Giuseppe è Giuseppe Flavio. Un'equilibrata valutazione dell'*Archeologia giudaica* di Tacito si legge in B. Wardy: questi capitoli sono "un attacco contro il popolo ebraico, il più violento nella letteratura pagana". E' difficile distinguere tra le opinioni personali di Tacito e quelle della cultura romana del suo tempo, ma si può ritenere che il testo rispecchi l'opinione della classe dirigente e in particolare di un ex console romano che valuta le risorse materiali e spirituali di un nemico, concludendo con un giudizio negativo: gli ebrei non hanno mai avuto qualità militari e non sono capaci di formare un governo stabile. - **famosae urbis**: si tratta della città di Gerusalemme. - **Creta insula profugos**: è una delle fantasiose ipotesi che accompagnavano l'origine del popolo ebraico. Tacito mostra di credere in una possibile similarità tra il nome del monte Ida e il nome *Iudaei*; da qui deriverebbe un'origine cretese. - **qua tempestate**: sta per *eo tempore quo*. - **Saturnos**: il nome di Saturno veniva messo in relazione con la ricorrenza del sabato ebraico Sabbath. Tali assimilazioni errate erano diffuse nella società romana: il sabato, per esempio, è ricordato in termini non rispettosi come giorno sacro ai giudei da Orazio nella satira 9 del libro I. - **Idam montem**: è il soggetto dell'infinitiva con *esse* sottinteso; in questo modo è spiegata la formazione del nome *Iudaei*. - **aucto in barbarum cognomento**: il nome avrebbe subito un allungamento, assumendo una forma "barbara" (*Idaei* > *Iudaei*). In verità il nome *Iudaei* non significa altro che abitante della città di Giuda, come spiega Giuseppe Flavio nel *Bellum Iudaicum*. - **regnante Iside**: come in ogni religione antica, è presente un periodo di regno da parte delle divinità; in Egitto avrebbe esercitato il potere la dea Iside, il cui culto si diffuse in età storica anche nell'impero romano.

- **exundantem... multitudinem**: il participio trasmette l'immagine di un fiume in piene che attraversa l'Egitto. - **Hierosolymo ac Iuda**: il primo nome è evidentemente inventato, forse ricalcato sul nome della città di Gerusalemme; il secondo è il quarto figlio di Giacobbe, figura biblica. - **sunt qui... Syriae coluisse**: questa tradizione riassume con imprecisioni e salti cronologici la storia biblica del popolo ebraico da Adamo al ritorno nella terra promessa dall'Egitto. - **Solymos**: sono un popolo della Licia citato da Omero che secondo questa tradizione avrebbe dato il proprio nome a Gerusalemme, antepoendo a esso il prefisso greco *iero-* (sacro). - **Hierosolyma**: nella *Bibbia* la città santa è chiamata anche Solem e Gebus. Il nome non ha nella a che fare con il greco ed è infondata una derivazione da shalom, secondo la quale il nome varrebbe la "città della pace"; sembrerebbe invece significare "fondata da Salem", dal nome di una divinità predavidica.

3. Orta... corpora foedarent: Tacito riporta una tradizione sfavorevole agli ebrei, che sarebbero stati cacciati dall'Egitto a causa di una pestilenza il cui contagio veniva loro attribuito. La pestilenza a cui si fa riferimento potrebbe essere la sesta piaga, che aveva effetti deturpanti sui corpi. - **regem Bocchorim**: il re Bocchori, appartenente alla XXIV dinastia e vissuto nell'VIII secolo a. C., non ha niente a che fare con l'esodo ebraico, avvenuto sotto Ramses II o sotto il suo successore Menept. - **Hammonis oraculo**: Zeus Ammon per i greci, è il dio profetico dell'oasi di Siwa, dal quale Alessandro Magno si fece dichiarare prole divina durante la spedizione in Egitto. - **monuisse... pepulissent**: *deorum* va riferito alle divinità egiziane, venerate, si credeva, anche dagli ebrei fino al momento dell'esodo. *Pepulissent* potrebbe riferirsi sia al passato ("avevano superato"), che al futuro ("avrebbero superato"). *Praesentis* sta per *praesentes*. - **sed sibimet... crederent**: il passo è controverso e probabilmente lacunoso, tanto da essere sottoposto a continue emendazioni. - **adsensere**: sta per *adsenserunt*. Da notare che il perfetto è subito seguito da un presente. - **cum... concessit**: la proposizione temporale è introdotta dal *cum* inverso, che esprime un fatto inaspettato contemporaneo o immediatamente successivo a quello espresso dalla reggente. - **grex asinorum agrestium**: l'asino figura anche nel folclore indoeuropeo e semitico come un animale particolarmente dotato per individuare vene d'acqua e sorgenti. Si è pensato anche al motivo favolistico dell'animale aiutante. L'episodio non trova paralleli nella *Bibbia*. - **sex dierum iter**: ben diversa è la versione biblica, che parla di una peregrinazione durata quaranta giorni; forse Tacito confonde questo episodio con l'assedio, durato sei giorni, della città di Gerico, di cui, cacciati i cananei (*pulsis cultoribus*), gli ebrei si impadronirono nel settimo giorno. - **in quis**: sta per *in quibus*. - **urbs et templum dicata**: è uno zeugma; *urbs* richiederebbe un verbo diverso, *dicata* va riferito sia a *urbs* che a *templum*. Tacito dà l'impressione che la fondazione della città e la costruzione del Tempio risalgano all'epoca mosaica. In realtà Gerusalemme, conquistata da David nel 996 a. C., divenne centro culturale di Israele solo dopo che vi fu trasferita l'Arca dell'Alleanza, sistemata dapprima in una tenda eretta con dei tappeti, come vuole la tradizione del nomadismo nel deserto. Il Tempio fu eretto al tempo di re Salomone (970-931 a. C.). Mosè, secondo la tradizione biblica, morì sul monte Nebo, prima di entrare nella terra promessa.

4. Quo sibi... firmaret: in questo caso il *quo* sostituisce l'*ut*, sebbene la proposizione finale non contenga comparative. - **contrariosque ceteris mortalibus:** brachilogia per *contrarios ritibus ceterorum mortalium*. Tacito valuta la religione ebraica alla stregua di quella romana, privilegiandone cioè gli aspetti politico-sociali. Mosè è presentato come un capopopolo che sfrutta le credenze religiose per guadagnarsi il consenso, secondo il modello liviano di Numa Pompilio. Isolamento nazionalistico e chiusura verso l'esterno sono i tratti che risaltano dal quadro tacitano. - **effigiem animalis:** l'antisemitismo antico aveva propagato la diceria che gli ebrei adorassero l'immagine di un asino; la notizia è smentita dallo stesso Tacito nel capitolo IX. nei primi secoli del cristianesimo, a causa di una certa assimilazione tra ebrei e cristiani, anche certe immagini sacre cristiane venivano rappresentate con la testa d'asino, in segno di disprezzo. Dalla scuola pretoriana del Palatino proviene un famoso graffito nel quale si vede un uomo che adora un crocifisso con la testa di questo animale; la scritta dice: "Alexamenos venera dio". - **caeso ariete... Hammonis:** Tacito mostra di credere a un'altra diceria che voleva che gli ebrei disprezzassero, con gesti sacrileghi, le altre religioni, come quella egiziana, che raffigurava Ammone con la testa di ariete o riteneva sacrilega l'uccisione del bue, simbolo del dio Api. Il sacrificio di animali sacri agli egizi costituirebbe una sorta di vendetta contro il lungo periodo di schiavitù che gli ebrei trascorsero sulle rive del Nilo. - **sue abstinent:** cfr. *Levitico*, 11, 2 sgg.: "Questi sono gli animali che è lecito mangiare. Dei quadrupedi, quelli che hanno l'unghia fessa e ruminano... non mangerete... il porco, che ha l'unghia fessa ma non rumina". Il maiale è il più noto tabù della cultura ebraica, ben noto anche al mondo pagano. - **scabies... cui id animal obnoxium:** cfr. Plutarco, *De Iside*, 8: "Gli egizi stimano immondo il porco, perché i corpi di coloro che bevono il latte si coprono di lebbra e di ruvida scabbia". - **longam olim... detinetur:** Tacito sembra collegare il digiuno agli stenti patiti nel deserto: la pratica è invece contemplata nella *Bibbia* come semplice gesto di penitenza. Il pane azzimo veniva e viene consumato dagli ebrei durante gli otto giorni delle feste pasquali. Esso ricorda quello mangiato con l'agnello arrostito e le erbe amare alla vigilia della partenza dall'Egitto; simbolicamente rappresenta i dolori e le privazioni della schiavitù e la volontà di rompere con le usanze egiziane. - **septimo die... ugnaviae datum:** Tacito collega il riposo sabbatico, prescritto nell'*Esodo* (23, 10-12) all'ignavia degli ebrei. L'anno sabbatico prevedeva, oltre al riposo della terra, un condono dei debiti realizzato attraverso la liberazione dei debitori insolventi divenuti schiavi: l'istituzione fungeva così anche da ammortizzatore sociale. - **Saturno:** Cronos Saturno, padre di Zeus, confuso spesso con Chronos, il dio del tempo, diventò uno degli dei della settimana planetaria (cfr. l'inglese Saturday), il dio del *dies ater*, il giorno nefasto.

5. Hi ritus: per i non ebrei si trattava di riti e prescrizioni assurde ma che imponevano rispetto per la loro antichità. La religione di Israele rimase sempre per le autorità romane *religio licita*. Solo con Giustiniano (527-565 d. C.) gli ebrei furono esclusi dall'esercito, dall'amministrazione e dalle scuole, e le distruzioni di sinagoghe non furono più proibite. Incomprensibile ai romani appariva invece il formalismo del codice etico ebraico. - **cetera... pravitate valere:** lo storico, usando termini come *foeda* e *pravitata*, avvalsa un sospetto di

turpitudine e di degradazione morale; mostra di credere alle peggiori voci circolanti nel mondo antico sugli usi e i costumi degli ebrei. La riservatezza e la conservazione della propria identità culturale e religiosa hanno spesso creato ostilità nei loro confronti. - **tributa... congrerabant**: in età ellenistica il Tempio di Gerusalemme godeva di larga fama, tanto che personaggi ufficiali e privati cittadini, non necessariamente filogiudei, lo onoravano con visite e offerte. Il Tempio viveva comunque essenzialmente di contributi provenienti dalla comunità palestinese e dalla diaspora: veniva infatti versato un contributo annuale fino al 70 d. C.. - **in promptu**: la locuzione corrisponde sostanzialmente all'aggettivo *promptus*, e rappresenta l'unico impiego del sostantivo, non usato negli altri casi. - **alienarum concubitu abstinent**: la legge mosaica, a parte alcuni casi, non proibiva in modo assoluto i matrimoni con donne straniere, ma sposarsi con un appartenente a religioni idolatrie comportava il rischio di lasciarsi indurre a trasgredire il monoteismo ebraico. - **circumcidere... noscantur**: l'affermazione trova un certo riscontro nel concetto rabbinico della circoncisione come sigillo dell'elezione. Oggetto di derisione nel mondo romano, la circoncisione era praticata in Oriente anche al di fuori di Israele. - **transgressi... usurpant**: non infrequenti erano le conversioni all'ebraismo: i proseliti erano circoncisi e tenuti a rispettare tutte le leggi mosaiche e rabbiniche, mentre i semiproseliti si limitavano a frequentare la sinagoga e a rispettare i comandamenti noachici (divieto dell'idolatria, dell'omicidio, del furti, ecc.). - **augendae... consulitur**: il verbo *consulere* è costruito con il dativo del gerundivo, anziché con il più consueto *ut* e congiuntivo. - **necare... nefas**: *agnati* indica qui i figli nati dopo che il padre ha fatto testamento, che a Roma diveniva nullo con la nascita di un nuovo figlio. - **corpora... cremare**: *condere* e *cremare* sono infiniti narrativi. - **pleraque animalia... numen intellegunt**: l'immortalità dell'anima è garantita nel mondo ebraico a tutti i figli di Israele, non solo ai martiri o ai caduti in battaglia. Inoltre non c'è nessuna corrispondenza tra la concezione dell'al di là del mondo ebraico, lo Sceol, e l'immagine del mondo dei morti propria della cultura egizia. - **non regibus... honor**: significativa a proposito è la vicenda di Caligola: nel 38 d. C. gli ebrei di Alessandria si rifiutarono di accogliere le sue statue nelle loro sinagoghe. Ne seguirono disordini e pogroms, e una deputazione chiese udienza all'imperatore che li accolse a Roma, folle di rabbia (l'avvenimento è narrato da Filone nell'*Ambasceria a Gaio*). Altri incidenti simili si verificarono anche in Palestina. - **sed quia sacerdotes... Liberum patrem coli**: flauti e tamburelli sono strumenti tipici dei riti orgiastici di Dioniso. Gli ebrei facevano uso di strumenti solo in parte simili, e di corone, nelle ricorrenze di Hannukà e di Sukkot. Quanto alla vite, si sa da Giuseppe Flavio (*Bell. Iud.*, V 210) che sopra la porta del Tempio "vi erano viti d'oro da cui pendevano grappoli della grandezza di un uomo". Questo particolare indusse i greci a pensare che il Tempio fosse dedicato a Dioniso.

6. Qua ad Orientem... terminantur: *qua* è avverbio di luogo derivato dall'espressione *qua via* o *qua parte*. - [**exuberant**] : la lezione viene ritenuta superflua e come tale solitamente espunta dagli editori a cominciare dal filologo tedesco Giusto Lipsio. - **balsamum**: il balsamo cresceva quasi esclusivamente in Siria e in Palestina. Se ne ricava un umore latteo, usato in

medicina, per le malattie degli occhi e per i dolori della testa; viene utilizzato anche come cosmetico. - **praecipuum montium... erigit**: la catena si estende da nord a sud per circa 160 km, correndo parallela ai monti dell'Antilibano, con l'Hermon (m 2800), detto oggi monte delle nevi. Il Libano si innalza per 3100 m, ed era famoso per i suoi cedri. - **Iordanes**: il Giordano nasce non dal Libano, ma dal versante sud occidentale dell'Hermon, attraversa i laghi Genazareth e Merom e sbocca nel Mar Morto. - **lacus immenso ambitu**: è il Mar Morto, che si estende per circa 1000 kmq. Al sapore disgustoso delle acque contribuiscono la forte salinità (circa 23%), dovuta alla grande evaporazione e alla mancanza di un emissario, e la presenza di macchie bituminose in superficie; la qualità delle sue acque rende impossibile qualsiasi forma vitale. La pesantezza delle acque, dovuta alla grande quantità di sali minerali disciolti, consente di stare a galla facilmente. A questo proposito Giuseppe Flavio racconta che Vespasiano, avendo fatto gettare nel mare alcuni uomini che non sapevano nuotare con le mani legate dietro la schiena, li vide ritornare in superficie, come spinti verso l'alto da un potente soffio (*Bell. Iud.*, IV 447). Gli egizi si servivano del bitume per la mummificazione; nella *Bibbia* il Mar Morto è "il mare di sale" (*Genesi*, 14, 3). - **sapore corruptior**: sapore è qui da intendere come ablativo di limitazione. - **periti imperitique... perinde attolluntur**: da notare la forte allitterazione che rende l'idea del galleggiamento dovuto alla spinta salina.

7. Haud procul... frugiferam perdidisse: le stesse notizie sulla desolazione della zona che avrebbe visto la distruzione di Sodoma e Gomorra in Diodoro Siculo, Strabone e Giuseppe Flavio (*Bell. Iud.*, IV 484: "Si dice che per l'empietà dei suoi abitanti fu incenerita da fulmini, e infatti sono ancora visibili le tracce del fuoco divino e i resti di cinque città; inoltre la cenere si riforma dentro i frutti, che esteriormente assomigliano a quelli che si mangiano, ma quando una mano li coglie si disfano in cenere"). - **Belius**: oggi Nahal Na'aman. La sua sabbia, unita al nitro, veniva utilizzata per la fabbricazione del vetro.

8. Magna pars... oppida: le grandi città sulla costa erano abitate da una popolazione sirofenicia che parlava il greco; all'interno, a parte Gerusalemme, vi erano due soli centri urbani, Tiberiade e Seforis. Il resto della popolazione viveva disperso in villaggi e centri minori. Il termine *oppidum* indica la città fortificata e in effetti già le più antiche città abitate dai cananei erano caratterizzate dalla presenza di imponenti mura, costruite secondo la tecnica cosiddetta ciclopica. - **Hierosolyma... caput**: Gerusalemme era la capitale ebraica, mentre i procuratori romani risiedevano a Cesarea, città fondata da Erode nel 10 a. C.. - **illic... templum**: è il Tempio di Salomone, costruito con grande profusione di oro da artigiani fenici. Distrutto e saccheggiato da Nabucodonosor nel 586 a. C., venne ricostruito dopo l'esilio babilonese in una forma meno splendida dal precedente. Gli attuali resti, comprendenti il Muro del pianto, appartengono al terzo Tempio, voluto da Erode il Grande e definitivamente crollato sotto i colpi delle armate di Tito. *Immensae opulentiae* è complemento di qualità. - **et primis... clausum**: la struttura delle tre cinta murarie non è stata ancora definita dalla ricerca moderna. Si sa con certezza soltanto che la costruzione delle cosiddette terze mura ebbe luogo sotto Erode Agrippa, e che nella parte settentrionale la città era difesa da tre linee di mura, mentre negli altri tre lati l'esistenza di ripidi strapiombi rendeva sufficiente l'esistenza di un

solo muro. La reggia citata è il Palazzo di Erode, posto nell'angolo nord occidentale della città, difeso da poderose torri, i resti delle quali sono ancora oggi visibili in quella che viene nominata Torre di David. - **ad fores... acerbantur**: i fedeli dovevano stare nell'atrio antistante il Tempio, mentre ai sacerdoti era permesso l'ingresso nell'edificio, diviso in due parti, il Santo e il Santo dei Santi. Quest'ultimo era accessibile solo al sommo sacerdote, il quale vi entrava una volta all'anno. - **Assyros penes**: finita l'epoca di re Salomone (960-922 a. C.), lo stato di Israele si era diviso in due regni indipendenti, il regno di Israele a nord e il regno di Giuda a sud. Il primo fu conquistato dal re assiro Salmanassar V nel 772 a. C., il secondo invece cade sotto il dominio del re babilonese Nabucodonosor II nel 587 a. C.. La città di Gerusalemme venne distrutta e la popolazione deportata in Babilonia. L'Assiria era la parte settentrionale della Mesopotamia, tra il Tigri e l'Eufrate; la Media era la parte orientale, a nord dell'attuale Iran. - **Persas**: con la conquista da parte del re di Persia Ciro il Grande nel 539 a. C. finì l'egemonia babilonese, e fu consentito ai giudei di far ritorno a Gerusalemme. - **Macedones**: nel 333 a. C. Alessandro Magno vinse il re persiano Dario III a Issa ed ebbe inizio la conquista dell'Asia Minore e della Siria-Palestina. - **rex Antiochus**: è Antioco IV Epifane, divenuto re nel 175 a. C., scavalcando il legittimo erede Demetrio. Il suo tentativo di ellenizzare i giudei incontrò la fiera resistenza della famiglia dei Maccabei, che guidò l'insurrezione nazionale e religiosa contro il re. - **superstitionem... gentem**: con queste parole Tacito ribadisce la sua posizione fortemente ostile all'ebraismo. - **Quo minus... mutaret**: la subordinata dipende dal successivo *prohibitus est* e presenta la tipica costruzione dei *verba impediendi*. - **Parthorum bello**: Antioco IV morì in una spedizione contro i parti, che erano allora governati da Mitridate I e non da Arsace. L'accento alla sua ribellione è un errore di Tacito: l'autore confonde le imprese di Antioco IV con quelle di altri sovrani seleucidi. - **sibi... imposuere**: è l'epoca successiva al regno di Antioco IV, con la rivolta dei Maccabei e l'inizio della dinastia asmonea, da Giovanni Ircano I ad Antigono, sommi sacerdoti e re a un tempo. Furono decenni caratterizzati da spietate lotte dinastiche, rivolte, tumulti, e una vera e propria guerra civile verso l'inizio del I secolo a. C.. *Imposuere* sta per *imposuerunt*.

9. Cn. Pompeius: nel 63 a. C. Pompeo, chiamato dagli ultimi sovrani asmonei, entrò in Giudea; prese Gerusalemme, anche se la regione non fu immediatamente pacificata. Entrato nel Santo dei Santi del Tempio non trovò nulla: l'Arca dell'Alleanza era stata sottratta ai tempi di Nabucodonosor (587 a. C.). - **inde vulgatum**: è sottinteso *est*. - **Redacti**: è sottinteso *sunt*. - **Herodi**: si tratta di Erode il Grande, famoso per il suo ruolo di rilievo nei *Vangeli*, che regnò dal 37 al 4 a. C.. Dopo la morte di Cesare emerge in Giudea la famiglia di Erode che gode, dopo Filippi (42 a. C.), dell'appoggio del triumviro Marco Antonio, arbitro della politica orientale di Roma. Dopo Azio, Erode incontrò Ottaviano a Rodi (30 a. C.), ottenne la riconferma del suo titolo, un ingrandimento del territorio e il titolo di *socius et amicus populi Romani*, la tipica denominazione dei re clienti di Roma. Quest'ultima infatti ebbe grande capacità nello stabilire rapporti con le classi dirigenti locali per meglio opprimerne i popoli. In Palestina, come dappertutto, Roma proteggeva i grandi proprietari terrieri, che rinunciavano al

proprio sentimento nazionale in cambio dei vantaggi derivati dal protettorato romano. Ma questo aumentava l'odio e il disprezzo delle classi popolari verso i governanti amici dei gentili. - **is... punitus**: in *punitus* è sottinteso *est*. - **Tiberio**: Tiberio fu al potere dal 14 al 37 d. C.. La tranquillità in Giudea non fu peraltro tale, specialmente sotto la prefettura di Ponzio Pilato (26-36 d. C.). - **iussi**: il soggetto è un sottinteso *Iudaei*. - **Claudius**: dopo la morte di Erode Agrippa (44 d. C.), che con l'appoggio di Caligola e di Claudio era riuscito a ricostruire per un breve periodo l'antico regno di Giuda, Claudio dispose che la Giudea fosse nuovamente amministrata da *procuratores*, mentre si accentuava l'autonomia della regione rispetto al legato della Siria. - **e quibus**: da riferire a *libertis*. - **Antonius Felix**: era un liberto della madre di Claudio ed era fratello di Pallante, il favorito di Agrippina. Davanti al suo tribunale comparve nel 58 l'apostolo Paolo (*Atti*, 23, 24) e negli anni della sua procuratela (52-60 d. C.) vi furono gravi episodi di repressione contro il terrorismo fanatico dei sicari. La Drusilla nominata da Tacito non era nipote di Antonio e Cleopatra, bensì sorella di Agrippa II.

10. Patientia Iudaeis: *Iudaeis* è da intendere come un complemento di specificazione, nonostante Tacito ricorra a un dativo di interesse e non a un genitivo. - **Gessium Florum**: grazie al matrimonio con Cleopatra, un'amica dell'imperatrice Poppea, Gessio Floro ottenne il favore di Nerone che, nel 64 d. C., lo inviò in Giudea come procuratore. Succeduto a Luceio Albino, ne superò la ribalderia, facendo precipitare la situazione della provincia in un aperto conflitto. Nel maggio del 66 il procuratore fece prelevare diciassette talenti dal tesoro del Tempio; questo sopruso fu la scintilla che provocò lo scoppio della guerra. - **Cestium Gallum**: Cestio Gallo venne nominato governatore della Siria nel 63, con poteri civili; il comando militare fu invece affidato a Corbulone, nel frattempo impegnato in Armenia e in Partia. Investito della mediazione prima e della repressione poi, fallì in ambedue i compiti. - **Vespasianus**: uno dei più abili generali di Nerone, fu nominato da quest'ultimo responsabile delle operazioni in Giudea, subito dopo i fallimenti di Gallo. Iniziati i suoi preparativi nell'inverno tra il 66 e il 67, in primavera raggiunse Tolemaide, la città in cui dovevano riunirsi le armate romane. - **cuncta camporum**: *camporum* è un genitivo partitivo. - **proximus annus**: si allude al 69, visto che Vespasiano, conclusa la prima parte delle operazioni, aveva condotto le sue truppe negli accampamenti per trascorrere l'inverno. In procinto di attaccare Gerusalemme, era giunta la notizia della morte di Nerone (9 giugno 68) e quindi rinviato l'attacco. A Nerone successe Galba, che venne assassinato nel gennaio del 69; la contesa che ne seguì vide coinvolti Otone, Vitellio e lo stesso Vespasiano. Vitellio, l'ultimo avversario di Vespasiano, venne ucciso nel dicembre del 69. - **Titum**: la presenza di Tito presso un concentramento notevole di truppe avrebbe garantito il controllo della fedeltà nei confronti dell'imperatore, il quale desiderava inoltre portare a termine la repressione giudaica senza lasciare Roma in un momento tanto delicato.

11. Uti diximus: con queste parole Tacito si ricollega alla fine del capitolo 1; è l'aprile del 70. *Uti* sta per *ut*. - **sub ipsos muros**: le mura erano imponenti e rendevano imponente la città, già favorita dalla posizione naturale. Tito diede l'ordine di schierare le legioni a battaglia per impressionare i nemici. - **rebus secundis... perfugio**: da osservare l'insistita *variatio*,

ottenuta mediante l'uso degli ablativi assoluti, del congiuntivo e del participio futuro. - **missus... eques**: *eques* è singolare collettivo. - **cessere**: sta per *cesserunt*. - **ad oppugnandum**: l'*oppugnatio* prevedeva la presa diretta della città, senza assedio (*obsidio*). - **versi**: è sottinteso *sunt*. - **ipsi Tito... videbantur**: i tre desideri di Tito fanno da *pedant* a quelli della truppa; soldati e comandante desideravano la caduta di Gerusalemme, che si ergeva imponente davanti a tanta concitazione. - **quis...monirentur**: *quis* sta per *quibus*. - **duos collis**: sono il Sion a occidente e il Moira a oriente. I due colli erano stati edificati da Erode il Grande, che aveva anche ingrandito e trasformato una vecchia fortezza asmonea chiamandola Antonia, in onore del triumviro suo protettore. - **extrema rupis... pares**: lo scopo precipuo di tali fortificazioni era quello di costringere gli attaccanti ad avanzare, lasciando scoperti i fianchi, in modo tale che i difensori potessero bersagliarli da più lati. Le cifre sono molto probabilmente approssimative. *Mira specie* è un complemento di qualità, come il seguente *conspicuoque fastigio; intuentibus* è un dativo di relazione.

12. Templum: Erode aveva trasformato il Tempio e le adiacenze in un palazzo-fortezza cinto da mura gigantesche, di cui rimane la parte ovest (il Muro del pianto). - **quis ambibatur**: *quis* sta per *quibus*. - **servandis imbribus**: dativo di fine del gerundivo - **a Pompeio expugnantis**: il participio neutro plurale sostituisce l'astratto *expugnatio*. - **per avaritiam... struxere muros**: nel 41 Agrippa I iniziò ulteriori lavori di fortificazione, che dovevano rendere Gerusalemme praticamente imprendibile. Alla morte di Agrippa nel 44 l'opera non era stata completata, sembra anche per un intervento di Claudio che temeva una possibile rivolta. - **conluvie**: il termine, il cui senso proprio è quello di "acque di scarico" (da *conluere*, "sciacquare", "lavare"), è uno dei tanti indizi lessicali che fanno trasparire l'ostilità di Tacito nei confronti degli ebrei. - **pervicacissimus... agebant**: la situazione della città assediata e traboccante di rifugiati era resa più grave dalla presenza di nazionalisti e di terroristi in contrasto con le autorità politiche e religiose, che davano alla resistenza una dimensione religiosa ed escatologica, alimentata da fanatico desiderio di distruzione e da un'ideologia del suicidio. - **Simo**: Simone, figlio di Ghiora, era uno degli esponenti dell'ala più radicale degli zeloti, sostenitore di un'autentica rivoluzione che si spingeva fino all'abolizione della schiavitù. - **Ioannes**: si tratta del comandante degli zeloti di Giscola, località della Galilea superiore, fuggito a Gerusalemme la notte prima che la sua città si consegnasse a Tito. - [**quem... vocabant**] : il relativo non può riferirsi a Ioannes, quindi l'intera frase viene solitamente espunta; alcuni la collocano dopo Simo, al quale l'indicazione si adatta (*bar*, in aramaico, significa "figlio"). - **Eleazarus**: figlio di un certo Simone, si era staccato dagli altri zeloti, non sopportando di sottostare all'autorità di Giovanni, e aveva preso possesso della parte più interna del Tempio. - **sed proelia... ambusta**: le continue lotte tra le fazioni portavano alla distruzione di risorse preziose per sostenere l'assedio; Flavio Giuseppe (*Bell. Iud.*, V 26) non manca di sottolineare che la capitolazione per fame della città non sarebbe stata possibile senza premesse di questo genere. Dopo il trionfo di Tito Simone fu giustiziato nel carcere Tulliano, dove erano avvenute in passato le esecuzioni di Giugurta e dei complici di Catilina, mentre Giovanni fu condannato all'ergastolo.

13. Evenerant prodigia: Tacito ricorre a un'intensa drammatizzazione. L'episodio narrato di seguito, evidentemente immaginario, appartiene alla tradizione romana, non certamente ebraica. Il diritto sacrale romano prevedeva un'azione culturale, il rito della *evocatio*, con cui la divinità protettrice della città prossima a cadere veniva invitata a lasciare la città nemica e a trasferirsi a Roma, dove le si prometteva un culto uguale e più augusto. La formula della *evocatio* è tramandata da Macrobio, *Saturnalia*, III 9. - **fore ut... potirentur:** Tacito ricorda qui una delle tante idee messianiche, legate alle attese soteriologiche di cui i libri profetici della *Bibbia* rappresentano un noto esempio. La costruzione *fore ut* e congiuntivo si spiega con il fatto che *valescere*, incoativo di *valere*, manca di supino e quindi di participio futuro. - **quae ambages... praedixerat:** le profezie potevano essere interpretata in vari modi; qui Tacito indica in Vespasiano e Tito "gli uomini partiti dalla Giudea" per diventare i padroni del mondo, volendo dire che entrambi, lasciate quelle terre, ritornarono a Roma e assunsero il titolo imperiale, Vespasiano prima della conquista di Gerusalemme, Tito dopo la presa della città, essendo stato quasi subito associato al trono dal padre, al quale succedette nel 79 d. C.. - **adversis:** equivale a *rebus adversis*. - **virile... secus:** *secus* è propriamente un sostantivo neutro indeclinabile che significa "sesso"; qui è apposizione di *multitudinem*, in *variatio* rispetto al precedente genitivo di qualità *omnis aetatis*. - **sexcenta milia:** la cifra è indubbiamente fantastica. Gli studiosi moderni danno valutazioni molto divergenti sulla consistenza della popolazione al momento dell'assedio, da 25.000 a 300.000 abitanti. - **arma cunctis:** dativo di possesso con *erant* sottinteso. - **qui ferre possent:** il congiuntivo è dovuto al valore consecutivo della proposizione relativa in cui si trova. - **transferre sedis:** *sedis* sta per *sedes*. - **hanc adversus urbem:** anastrofe per *adversus hanc urbem*; nell'*hanc* in posizione forte sembra di cogliere una sfumatura di disprezzo. - **struerentur:** qui si interrompe il racconto delle operazioni contro Gerusalemme. La perdita del testo delle *Historiae* dopo V 26 ha sottratto le pagine in cui lo storico descriveva la fine della città, che fu spaventosa. Contro Gerusalemme fu utilizzato un potenziale bellico eccezionale e la raffinata tecnica d'assedio dei romani mostrò tutta la sua efficacia. Tra l'aprile e il maggio del 70 furono sicuramente superate la terza e la seconda cinta muraria e i romani penetrarono nella città con rabbiosi combattimenti stradali. Ritenendo difficile prendere d'assalto anche il primo muro, Tito fece costruire un *vallum* di pietra, bloccando totalmente ogni possibilità di rifornimento: a Gerusalemme si verificarono episodi di cannibalismo (una madre avrebbe arrostito e mangiato il proprio figlio, secondo un episodio raccontato da Giuseppe Flavio nel *Bell. Iud.*, VI 201-213). In luglio i romani assalirono il primo muro, si impadronirono della torre Antonia, in agosto il Tempio andò in fiamme e in poco tempo la resistenza cessò, nel trionfo che Tito celebrò nel 71 con il padre e il fratello furono portati anche il candelabro a sette bracci e la tavola d'oro dei pani di proposizione, che rimasero a Roma e figurarono nei rilievi dell'Arco di Tito. Gli abitanti che non morirono nel conflitto furono inviati nelle miniere d'Egitto o destinati ai giochi del circo.

ANEXO E – CAP. 2-5 PORTUGUÊS

ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. *A Águia e a Cruz: Identificação Cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C.* 2003. 222 f. Dissertação – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2003.

TÁCITO, *Histórias*, V, 2-5.

ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. *A Águia e a Cruz: Identificação Cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C.* 2003. 222 f. Dissertação – Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2003. p. 194-197.

Tradução

2. Como agora vou narrar os últimos momentos dessa famosa cidade, parece conveniente revelar suas origens. Os judeus, conta-se, banidos da Ilha de Creta, se estabeleceram nas extremidades da Líbia na época em que Saturno, vencido e expulso por Júpiter, abandonou o seu reino. A prova é tirada do seu nome: existe em Creta um monte célebre, o Ida, cujos vizinhos, os ideus, foram denominados judeus pela adição bárbara de uma sílaba. Alguns pensam que no reinado de Ísis a população excedente do Egito tenha sido transportada, sob a condução de Hierosólimo de Judá, e descarregada nas terras vizinhas; muitos dizem que eles são uma raça de etíopes que o temor e o ódio teriam forçado, sob o rei Cefeu⁴³⁶, a mudar de pátria. Outros referem que eram aventureiros assírios que na falta de terras cultiváveis se apossaram de parte do Egito, depois habitaram as cidades construídas por eles e cultivaram as terras dos hebreus⁴³⁷, bem como as regiões próximas da Síria. Finalmente, ainda segundo alguns, as origens dos judeus são bem claras: eles descenderiam dos solimas⁴³⁸, nação cantada por Homero, os quais teriam fundado uma cidade, dando-lhe um nome tirado do seu: Hierosólima.

3. A maior parte dos autores concorda em dizer que tinha aparecido no Egito uma doença contagiosa que manchava o corpo; então o rei Bocoris⁴³⁹ foi consultar o oráculo de Hamon e lhe pediu remédio; recebeu ordem de purificar o seu reino e transportar para outras terras essa raça de homens, odiada pelos deuses. Saíram então à procura deles e, depois de reunidos, os abandonaram no deserto. Estando abatidos e chorando, Moisés, um dos exilados, disse-lhes que não deviam esperar socorro nem dos deuses nem dos homens, pelos quais tinham sido abandonados; deviam confiar somente em si mesmos e teriam por guia celeste aquele que fosse o primeiro a ajudá-los a expulsar suas misérias. Eles acreditaram e, sem nada conhecer do país, caminharam ao acaso. Nada os atormentava tanto como a falta de água e, próximos da morte, já tinham caído por toda parte na planície quando uma tropa de asnos selvagens, de volta do pasto, retirou-se para o lado de uma rocha sombreada por um pequeno bosque. Moisés os seguiu e, pela erva que cobria o solo, adivinhou e abriu abundantes veios de água.

⁴³⁶ Pai de Andrômeda.

⁴³⁷ Tácito trata judeus e hebreus como grupos distintos.

⁴³⁸ Tácito usa a designação de Sólima para referir-se a Jerusalém.

⁴³⁹ Rei e legislador lendário, ora apresentado como justo e esclarecido, ora como ímpio.

Foi um alívio, e depois de seis dias de marcha ininterrupta, no sétimo dia tomaram terras, das quais expulsaram os habitantes e ali construíram uma cidade e consagraram um templo.

4. Procurando assim assegurar-se para sempre o domínio sobre essa nação, Moisés lhe deu novos ritos, em contraste total com os dos outros homens. Lá é profano tudo o que para nós é sagrado; em contrapartida, entre eles é permitido tudo o que para nós é abominação. Erigiram num santuário, para lhe prestarem honra, a efígie do animal que os guiara e livrara da sede, mostrando-lhes que se tinham extraviado; imolam o carneiro como que para fazer ultraje a Hamon; sacrificam também o boi, porque os egípcios cultuam Ápis. Abstêm-se da carne de porco em memória do flagelo da lepra com a qual seus corpos estiveram outrora manchados e à qual esse animal está sujeito. Jejuns freqüentes são uma confissão de sua longa fome de antigamente e, para se lembrarem com quanta avidez ajuntaram o trigo, agora o pão judaico é sem fermento. Como dia de repouso escolheram, conta-se, o sétimo, porque ele lhes trouxe o fim dos seus sofrimentos; e, como sentiam atração pela preguiça, consagraram também o sétimo ano a não fazer nada. Outros pretendem que é para honrarem Saturno, seja que tenham recebido os princípios da sua religião dos ideus, que, narra-se, foram expulsos ao mesmo tempo em que Saturno e fundaram a nação judaica, seja porque, dos sete astros que regem os mortais, o planeta Saturno é o que descreve no céu o círculo mais elevado e exerce influência preponderante; sabese, de resto, que, da maior parte dos corpos celestes, cada qual completa o seu percurso e a sua revolução por números setenários.

5. Tais ritos, seja qual for a forma pela qual foram introduzidos, podem ser justificados pela sua antigüidade; as outras observâncias são sinistras e infames e foram mantidas pela depravação. Porque qualquer desprezador que renegava o culto de seus pais levava aos judeus suas contribuições e peças de moeda, e isso foi uma fonte do crescimento do seu poder, devido também a que entre esse povo reinam uma honestidade obstinada e uma compaixão sempre pronta; mas em relação a tudo o que não é judeu devotam hostilidade rancorosa. Separados à mesa e segregados no leito, esses homens, apesar de desenfreados em seus costumes, não têm comércio com mulheres estrangeiras; entre eles tudo é permitido. Circuncidam a genitália para se reconhecerem por esse sinal distintivo. Os que adotam a sua religião⁴⁴⁰ seguem a mesma prática, e os princípios que lhes são inculcados são o desprezo aos deuses, a renegação à sua pátria e a idéia de que pais, filhos, irmãos e irmãs são coisas sem valor. Entretanto, o aumento da população é um dos seus cuidados; de fato, entre eles é um sacrilégio matar uma criança⁴⁴¹ excedente e acreditam na imortalidade das almas dos que morrem no campo de batalha ou supliciados; daí a sua paixão pela procriação e o seu desprezo pela morte. Em lugar de queimar os corpos, preferem colocá-los em túmulos, à

⁴⁴⁰ O sentido literal é “aqueles que se transformam em judeus; aqueles que adotam suas práticas; aqueles que se transferem para o seu grupo”.

⁴⁴¹ Agnatio: Nascimento após o testamento ou morte do pai; Agnatus: criança nascida quando já está estabelecidos os herdeiros naturais.

moda egípcia, e com os mesmos cuidados; sobre os infernos têm as mesmas idéias que esse povo, mas totalmente contrárias a respeito do céu. Os egípcios adoram quase todos os animais e as imagens esculpidas que fazem deles; os judeus concebem a divindade só em pensamento e admitem uma só. Para eles é uma profanação fazer imagens de deuses de materiais perecíveis e à semelhança do homem; aos seus olhos, o ser supremo é eterno, inimitável e impossível de ser destruído. Por isso não têm representação alguma da divindade em suas cidades, menos ainda em seus templos; recusam a adulação aos seus reis e essa honra aos Césares. Mas como seus sacerdotes cantavam acompanhados de flautas e tambores e cingiam a fronte com hera, e como foi encontrada em seu templo uma videira de ouro, alguns pensaram que eles adorassem Baco, o vencedor do Oriente; mas esses ritos não têm relação alguma. Com efeito, os que Liber instituiu são risonhos e alegres; as práticas judaicas são estranhas e sórdidas.